



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RAUL VICTOR VIEIRA ÁVILA DE AGRELA

“EU CONSPIREI COM POETAS E FINGI SER UM DELES”:
A EXPERIÊNCIA POÉTICA DE E. P. THOMPSON

FORTALEZA
2019

RAUL VICTOR VIEIRA ÁVILA DE AGRELA

“EU CONSPIREI COM POETAS E FINGI SER UM DELES”:
A EXPERIÊNCIA POÉTICA DE E. P. THOMPSON

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal Ceará como requisito à obtenção do Título de Mestre em História.
Área de Concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho

FORTALEZA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D32“ de Agrela, Raul Victor Vieira Ávila.
“Eu conspirarei com poetas e fingi ser um deles”: : A experiência poética de E. P. Thompson / Raul
Victor Vieira Ávila de Agrela. – 2019.
242 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, , Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho.

1. história. 2. poesia. 3. E. P. Thompson. I. Título.

CDD

RAUL VICTOR VIEIRA ÁVILA DE AGRELA

“EU CONSPIREI COM POETAS E FINGI SER UM DELES”:
A EXPERIÊNCIA POÉTICA DE E. P. THOMPSON

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal Ceará como requisito à obtenção do Título de Mestre em História.
Área de Concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof.^a Dr.^a Irenísia Torres de Oliveira
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Frederico de Castro Neves
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Manoel Carlos Fonseca de Alencar
Universidade Estadual do Ceará - UECE

*Dedico este escrito
à minha avó Cleomar*

*Que me foi tudo
Que me levou
Que parte de mim
Que me ensinou
Que as coisas mudam*

AGRADECIMENTOS

Ao Carlos Emílio Corrêa Lima, aqui, ali, em qualquer lugar, *ad inifitum*.

À Karolyne Duarte, por sempre ter-me emprestado livros na escola e pelo apoio e força moral para eu decidir entrar no curso de História desta universidade. Te amo, *kfoxy lady*, fomos um desastre, mas fomos sagrados.

Às Professoras Kênia Sousa Rios e Afonsina Maria por me terem feito criar o gosto para continuar no curso de História e tornar a profissão de historiador e professor uma possibilidade e uma felicidade; além de terem sido as primeiras historiadoras pelas quais ouvi sobre Edward Palmer Thompson;

Ao Professor João Ernani Furtado Filho pela presença e sentimento, eu agradeço pela orientação acurada, pelas conversas, as sessões fora e na sala-de-aula, os encontros, as recomendações, os avisos, os *insights*; gratidão pela disponibilidade de referências bibliográficas e documentos, pelo acolhimento, força e colaboração imprescindíveis para esta pesquisa iniciar e finalizar;

Aos meus amigos e amigas da graduação Taynara, Volgan, Lucas, Cláudio, Caio Ícaro por toda a trajetória, pela decência da amizade, pelas noites e pelos dias, pelas conversas, os livros, as músicas e os discos, pela comida, pela bebida e etc, pelas eternas e espiraladas divergências e convergências e etc;

Às ‘Mel’: Jéssica Guedes, por ser uma menina-mulher; à Tayná por ser força e *roots*; ao Felipe Martins, confessorário e amor; à Mayara, por ser perspicaz e impressiona; ao Williem, cabeçudo-cabeludo; sou grato pela alegria, pelas lamentações, conversas, puxação-de-orelha e etc e etc;

Agradeço também a Amanda Guimarães, *la gran pequenita*, Cynthia Corvello, por ser potência; ao Victor Emanuel, pela sensatez; a Joana Borges, sempre certa e farol; a “Pri”, ao Marcelo Lima; Jessiquinha; a Manuelle Araújo; ao Diego Belfante; ao Carlão Brasil, Juliana Basílio, Micharles, Adeliana, Liz, Natazin, Luaninha do Uruaru, Grande Ravenna, Lucas Assis, a Beatriz Barros; a Sara Benício, Laisinha; Carol Maciel e também a outra Karol, a Queiroz; ao Saulo, ao João Estrela, galera do Pé Sujo, Stephanie Pessoa, Helton Filho, Antônio Ferreira, Taci, ao Emanuel Rodolpho, ao Professor Leonardo Belarmino; aos meus colegas do Mestrado 2017 da História pela sua diversidade de pensar e ser.

Ao Professor Jailson Silva e à Professora Ana Carla por terem sido meus tutores no Programa de Educação Tutorial e com os quais aprendi muito e muito e muito;

A todos os meus professores da graduação e pós-graduação;

À Dona Joana, ao Paulo e à Luciana, fundamentais para as coisas acontecerem;

A todos os funcionários da administração da Universidade Federal do Ceará;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À tia Valéria, Euclides e Bruna, pelo acolhimento no tempo do *deusdará* e mais;

Aos meus irmãos Nicholas e Rodrigo: meus eternos. À Himara, menina. À Thales.

Ao meu pai Matusalém e minha mãe Verusa Maria: palavras e impossíveis.

RESUMO

O exercício que esse trabalho se propõe é o de ler historicamente os poemas do historiador inglês Edward Palmer Thompson reunidos em *Collected Poems* (1999). O objetivo é analisar a experiência poética de Thompson, problematizando sua literatura poética e levantar as questões históricas que seus poemas propõem. Como o desenvolvimento da noção de agência humana na história em Thompson, a partir dos poemas escritos na década de 1940. Outro ponto é como Thompson lê o escritor William Morris e dialoga com outros escritores, como Auden e Orwell, para responder questões que aparecem explicitamente nos poemas escritos na década de 1950 (*In Praise of Hangmen* e *Homage to Tibor Dery*). Num terceiro momento, a pesquisa trata da relação de Thompson com o marxismo e a história a partir de dois poemas escritos em 1973 (*Homage to Salvador Allende* e *My Study*) para chegar à sequência temática de poemas sobre o Natal, *Infant and Emperor*, pela qual serão apresentados seus elementos de resistência e rebeldia diante da guinada apocalíptica da corrida armamentista

Palavras-chaves: E. P. Thompson. Poesia. História.

ABSTRACT

The exercise this research offers is to read historically the poems of English written E. P. Thompson reunied at *Collected Poems* (1999). The objective is to examine the Thompson's poetic experience, interrogating your poetic literature and all questions that his poems make it possible, as the development of ideas that human agency in history at Thompson's thought, throughout poems written at 1940's. Another point is to show Thompson read the writer William Morris and dialogue with other writers, like Auden and Orwell, to answer the questions that appears explicitly in poems written at 1950's (*In Praise of Hangmen* and *Homege to Tibor Dery*). At third moment, the research treats the relations of Thompson with marxism and history through of two poems written in 1973 (*Homage to Salvador Hallende* and *My Study*) to understand his thematic esqeuce of poems about Christmas, *Infant and Emperor*, whereby will present his resistance and rebel's points in front of apocalitic turning of arms running.

Keywords: E. P. Thompson. Poetry. History.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
1.1	“ <i>Eu conspirei com poetas e fingi ser um deles</i> ”	11
1.2	A tradução dos poemas e o versejador intraduzível	14
1.3	Problemas: da poesia e da história	18
2.	ESTUDO DE UM JOVEM POETA: ANOS DE AMADURECIMENTO	22
2.1	Os poemas em guerra	22
2.2 <i>to his brother....</i> : Frank Thompson (1920-1944)	37
2.3	A luta continua: a ferrovia e a Iugoslávia	52
3.	“ <i>WHAT SHOULD POET SAY?</i> ”: O PESADELO DA HISTÓRIA ABSORVE O POETA	65
3.1	O lugar chamado escolha	65
3.2	Pausa: O amor	95
3.3	William Morris, o indivíduo, Orwell e os anticomunistas	103
4.	“ <i>PORQUE NÃO JOGAR SOBRE OS ANJOS UM POUCO DE SAL?</i> ”: O MENINO JESUS E O FIM DO MUNDO	121
4.1	Antes do fim do mundo, o marxismo e a história /--	121
4.2	Menino Jesus Crucificado: comentários sobre a ártica lenda	130
4.3	Literatura para Thompson	163
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
	BIBLIOGRAFIA	176
	FONTES	179
	ANEXOS	180

1. INTRODUÇÃO

1.1 *Eu conspirai com poetas e fingi ser um deles*

Eu não sei o que é ser poeta. Jamais saberei. Falar de poesia é balela, é o blá-blá-blá do éter, é o bafo inebriado da divindade. Fica ali, à espreita, te ataca e te mastiga, reflui um verso, dois versos, três versos e tu não entende o porquê de tudo aquilo acontecendo. Certa vez, nos corredores, como quem atija poeta com verso curto, me perguntaram o que eu faria “se tivesse 10 minutos com Thompson”. Depois do assombro, claro, eu não falaria de nada, não falaria do tempo, da morte, da vida, só perguntaria a ele qual o poema mais belo do mundo.

Meu encontro com Edward Palmer Thompson aconteceu há mais ou menos sete anos, em meados de 2012. Todo mundo falava dele, nas salas, nos corredores... De fato, ele é um historiador bastante lido e discutido no curso de História da Universidade Federal do Ceará. Então, aos poucos eu fui percebendo que Thompson é um historiador inglês de relevância seja para o escrever, para o ensinar ou para o fazer história. Ele é uma inspiração. Uma potência. Tornou-se recorrente nos estudos históricos como um historiador que desenvolveu reflexões de teoria e de metodologia expressivas para a história como ciência e também porque pensou a história como ação, agência. Seu nome passou a ser mais popularizado para além da ilha britânica a partir da publicação de *A formação da classe operária inglesa*, em 1963. Thompson tinha trinta e nove anos.

E foi assim, de primeiro encontro, que conheci Thompson: o historiador de *A formação da classe operária* e um militante presente nas atividades em prol do desarmamento nuclear, seja na década de 1950 ou na de 1980. A sensação era de que ele era um mundo em expansão. Uma obra quilométrica. Um legado, gigante. Nos primeiros semestres, tinha a sensação de que a viagem seria longa. Foi através das palavras das Professoras Kênia e Afonsina que vi o rosto marcado, os olhos petrificados e a cabeleira simpática e grisalha de Thompson.

Na minha cabeça, ele surgia como uma alegoria: era um território a ser transpassado, com imensas zonas obscuras a ser conhecidas. Assim, aos poucos, suas outras obras me foram aparecendo, durante o período da graduação. Através da Professora Adelaide, encontrei seu estudo *Os Românticos* e a leitura foi um prazer só. Nela pude perceber que Thompson, ademais de ser um intelectual atento às pesquisas históricas, era um sujeito ligado à poesia e

aos poetas contemporâneos seus e não somente aos poetas da ‘era revolucionária’ na Inglaterra da década de 1790.

Nessa obra, estudando sobre o Desencanto e a Apostasia, por exemplo, Thompson acusava o poeta Auden de já não expressar tanta confiança (no futuro) como fizera anteriormente, em 1939, quando escrevera o magistral poema *Spain*. Em 1969, ele aponta Auden como um poeta da apostasia e, para contrapó-lo em seu posicionamento, é através do poeta norte-americano Thomas McGrath, aquele “que ainda não desceu a ladeira do bispo”¹, que Thompson expressa à época sobre a precisão de resistir ao desencanto: “É o encanto que tem o potencial/que é a própria aura do poema...”, escreve McGrath. Dois poetas, portanto, com posições diferentes acerca do agir humano na história e sobre o futuro.

Mas, logo, o meu interesse por Thompson diluiu. Passei a pesquisar outra coisa e não cheguei a ter E. P. Thompson como um problema de pesquisa histórica, havia somente o interesse de aprofundar-se no historiador, como obrigação do ofício mesmo. Tentei Mestrado em 2015 e não obtive aprovação. 2016 seria um ano sabático: não estava na pós-graduação, mas sim no após graduação. Fuçando a Internet e as revistas de história, encontro um artigo do Professor João Ernani na revista *História da historiografia* chamado “Fragmentos da literatura de Edward P. Thompson: a prosa de The Sykaos Papers e os versos de ‘My Study’” (2015). Falei, de súbito, “Êpa! Prosa? Poesia? De Thompson?”. A partir daí tudo mudou: Thompson, poeta? O ano inteiro de 2016 passei a ficar lendo os poemas do Thompson, os quais tive acesso através do Professor João Ernani.

O interesse inicial era somente ler. No entanto, enquanto os lia e o ano passava, fui percebendo que para fazer uma leitura não-superficial dos poemas de Thompson eu tinha que realizar a tradução dos mesmos. E nesse percurso fui indo (lendo um poema e o traduzindo) ao ponto de, em outubro de 2016, ter a maioria dos poemas de Thompson traduzidos. Talvez tenha sido o trabalho mais prazeroso que tive na vida.

Assim, nesse caminho, fui deixando de ver os poemas a partir de uma leitura desinteressada para realizar uma leitura como historiador: foi aí que o projeto foi surgindo: Thompson, poeta? Quais são esses poemas, que mal chamaram atenção dos estudiosos de Thompson desde que foram publicados, em 1999? E onde eles estão localizados no tempo e no espaço da vida de E. P. Thompson? Do que tratam esses poemas e quais suas possibilidades para o conhecimento histórico? São essas e várias as perguntas que incessantemente foram e continuam surgindo.

¹ THOMPSON, E. P. *Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Trad. Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 100.

Todos os seus poemas são de difícil acesso para os leitores do Brasil, mas eles estão no volume *Collected Poems*, que foi editado por Fred Inglis em 1999 e publicado pela Bloodaxe Books². São 42 (quarenta e dois) poemas. Ainda não se sabe como foi produzida essa coletânea, como Fred Inglis coletou todos eles... talvez com a viúva de Edward, Dorothy Thompson, e também sua filha, Kate.

Na “Introduction: tribute and memoir” da coletânea, Fred Inglis sugere algo central para o desenvolvimento desta pesquisa, pois afirma que “os poemas mostram sinais de circunstancialidade”³. O primeiro entendimento é que a escrita poética para Thompson se altera durante sua vida. O segundo é que essa condição de “circunstancialidade” dos poemas, que Inglis destaca, é uma inevitabilidade e propõe uma reflexão: as distintas características dos poemas.

Seu primeiro poema é chamado “Redshank” e possivelmente foi escrito por saudades de seu irmão Frank Thompson que, em 1940, estava em campanha de guerra desde o ano anterior. Já em outro poema, “Song for 1945”, Thompson traz uma injeção de ânimo ao leitor. Há também um poema para sua mãe, Theodosia Jessup. Uma “Declaração de Amor” (1952) para Dorothy Thompson, em que há duas concepções de *amor*. Um poema “Homenagem para Tibor Dery”, em 1959. Etc.

Assim, os poemas ocupam tempos e espaços na vida de Thompson, de forma que identificar essas alterações contribui para a construção e desenvolvimento das problemáticas históricas que os poemas possibilitam, em suas historicidades. Antes de qualquer coisa, é agradável fazer um percurso poético através da coletânea.

Em 19 anos, de 1940 até 1959, Thompson escreveu 18 poemas: do poema “Redshank” até o “Homage to Tibor Dery”. Depois, Thompson não escreve ou não se sabe se escreveu poemas na década de 1960. 14 anos depois, em 1973 quando do golpe no Chile e da morte do presidente chileno, ele escreve “Homage to Salvador Allende” no qual usa como epígrafe uma fala de Brutus para Felipe da peça shakespeariana “Júlio Cesar” e começa o verso inicial de seu poema com: “*Bom, camarada presidente, o que temos a dizer?*”, num claro tom de consolo e de introspecção. Introspecção essa encontrada também no poema escrito nesse mesmo mês de setembro, “My Study”.

Dez anos depois, quando Thompson retorna ativo ao movimento antinuclear e, ao mesmo tempo, ocasião de seu afastamento das atividades como historiador, e até mesmo do

² Criada em 1978 por Neil Astley, a Bloodaxe Books é uma ditora britânica especializada na publicação de poesia.

³ “the poems show signs of this occasionality” INGLIS, Fred (Ed). *E. P. Thompson: collected poems*. Newcastle: Bloodaxe Books, 1999, p. 20.

marxismo, Thompson entrega na noite de Natal do ano de 1983 para seus familiares e amigos um opúsculo dourado com poemas intitulado *Infant and Emperor: poems for Christmas 1983 (for Dorothy)*. Os seletos e diletos leitores encontram 11 poemas que percorrem a já tão conhecida trajetória do nascimento de Jesus Cristo: a Anunciação à Maria, o nascimento do menino Jesus, o massacre dos inocentes por Herodes, a fuga de Maria, José e o menino Jesus para o Egito...

E, três anos depois, ele retorna e finaliza uma sequência de 11 poemas chamada *Powers and Names (with apologies to Szuma Chien)*, escritos quando viajara à China e lá visitara o mausoléu do imperador Qin com seus guerreiros de terracota. Deste modo, a “ocasionalidade” que Inglis aponta diz respeito possivelmente à ausência de intenção de Thompson de reunir em uma obra seus poemas. E mesmo quando fizera isso, o raio de leitores era pequeno.

Assim, sentado numa madrugada qualquer à frente do *Collected Poems*, a pergunta ‘como dividir uma dissertação diante de 42 poemas aparentemente dispersos em sua “casualidade” é um fantasma recorrente, caseiro’. Foi com o recurso à tradução dos poemas, assim como com as leituras de estudos sobre Thompson, além de suas próprias obras, que o conhecimento da dimensão do veio poética de Thompson apareceu e, por sua vez, as possibilidades de problemas históricos que serão desenvolvidos nesta dissertação foram despontando, aos poucos.

1.2 A tradução dos poemas e o verserjador intraduzível

Sobre o verbo Traduzir há dois significados gerais que são encontrados no Dicionário: i) “transpor, transladar, de uma língua para outra”; ii) “revelar, explicar, manifestar, explanar”⁴. Ambos os significados indicam duas reflexões neste trabalho: a da tradução dos poemas e a do verserjador intraduzível. A preocupação de realizar uma tradução dos poemas do Thompson é forte neste trabalho. Mistura de responsabilidade e compromisso com a pesquisa e, também, por ser prazeroso, com meus pares de ofício.

Para sair dessa preocupação, é Paul Ricoeur quem contribui e auxilia pensar o ato de traduzir. Certa vez, Ricoeur realizou uma fala no Instituto Histórico Alemão, em 15 de abril de 1997, sobre “*o desafio e a felicidade da tradução*”, na qual dissertando “sobre as dificuldades ligadas à tradução como aposta difícil, por vezes impossível de se manter”, ele

⁴ HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1 ed. 9ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 1394.

destaca que o trabalho de traduzir sugere tanto “uma certa salvação” quanto “um certo consentimento de perda”, como se os sentimentos de fidelidade e traição jogassem simultaneamente no ato de traduzir, produzindo uma ambiguidade paradoxal que Ricoeur identifica em duas frases de Schleiermacher: “levar o leitor ao autor” e “levar o autor ao leitor”⁵.

O pronunciamento de Ricoeur sobre o ato de traduzir é lido por mim como adubo para as possibilidades de análises dos poemas de Thompson; segundo ele, as obras poéticas são as que mais ocuparam os gênios, autores poetas do romantismo alemão, Novalis, Goethe, Herder, Schiller, pois a “poesia oferecia efetivamente a dificuldade maior da união inseparável do sentido e da sonoridade, do significado e do significante”⁶.

O que quero destacar é que para analisar os poemas do Thompson e, por sua vez, construir e desenvolver os problemas históricos neles identificados, eu teria que lê-los da melhor forma possível e a melhor forma possível de fazê-lo foi realizar a tradução dos mesmos. Não somente uma e única tradução, pois o retorno é uma constante e incontornável. Rever a tradução realizada meses atrás. Modificar. Retocar. Alterar. Não é presente, claro, o desejo de realizar uma tradução perfeita: minando, portanto, a angústia de procurar traduzir o poema perfeitamente, mas constantemente desejando fazer isso da melhor forma possível e, para tal, a minha inserção gradual na discussão teórica e metodológica de como realizar uma tradução.

Um outro autor que me acompanhou na feitura deste trabalho foi Eduardo Ferreira com sua coluna mensal “Translato” no jornal *Rascunho* (de Curitiba para o Brasil) e tem contribuído para a realização das traduções. De modo indireto, ele se afasta do conceito de *fidelidade* que Ricoeur trabalha em sua conferência acima citada:

O ato tradutório (...) não se consuma sem dor e sem perda. O preço talvez seja a própria identidade do texto como original. Algo que se esfuma, a originalidade, para salvar a escritura da dissolução e da corrosão do tempo. E nem evoquemos aqui a fidelidade ao original, que esse conceito desfalece face ao imperativo da sobrevivência. O primeiro animal a sacrificar, ante a urgência de persistir como texto interpretável, é o conceito estativo de fidelidade⁷.

Como afirmado acima, reler um poema tempos depois de seu ato de tradução tem sido um ato correspondentemente positivo. O interregno entre o início e o retorno traz nova visão sobre o mesmo texto e nesse caminho a sensibilidade (aqui, inerente) já se encontra diferente

⁵ RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Trad.e prefácio Patrícia Lavelle. BH: Editora UFMG, 2011, p. 22.

⁶ *Ibidem.*, p. 24.

⁷ FERREIRA, Eduardo. A tradução e o tempo. *Rascunho*. Curitiba, junho de 2017a, p.2.

para a reescrita do poema a ser traduzido. O início, aqui entendido como o momento dos primeiros esboços, dos primeiros versos sendo escritos, das opções pela escolha de determinadas palavras e não outras (mesmo que sinônimas), encontra-se, assim, com o retorno ao poema, tempos depois, no qual os versos são revistos e reescritos, o poema passa a ser mais bem compreendido e, portanto, a tradução completada. Todo esse processo, portanto, à procura de atravessar a ponte: o lado-inglês para o lado-português. Eduardo Ferreira escreve⁸: “A tradução. A vontade de conquista, de chegar ao outro lado do rio, de tornar sua a outra margem. A tradução como instrumento de invasão”. E, mais adiante, acrescenta: “Horas a olhar o rio, de uma margem. Da outra margem. De cima da ponte. O rio é também a língua em cada margem. O autor oculto que dominar as duas”⁹.

Desse modo, o recurso à tradução é um procedimento metodológico importante neste trabalho, pois foi através dele que consegui fazer uma leitura mais detida das minhas fontes poéticas, de maneira que ao traduzir, simultaneamente lia historicamente os poemas ou: para traduzí-los se fez inevitável historicizá-los – e, nesse movimento, percebendo que as palavras de Ricoeur faziam absoluto sentido quando ele escreve que “não somente os campos semânticos não se superpõem, mas as sintaxes não são equivalentes; as formas de construção das frases não veiculam as mesmas heranças culturais”¹⁰.

Ademais da concepção e importância da tradução neste trabalho, cabe ressaltar que todas as traduções desta pesquisa foram realizadas de uma forma poeticamente livre. As preocupações sobre rima e métrica não estão presentes neste trabalho porque o próprio Thompson não possuía essa preocupação na sua poesia especificamente. Isso não quer dizer que a forma poeticamente livre aqui realizada foi feita de qualquer modo. A obstinação para compreender o que o poeta quis expressar ao usar tal palavra e não outra é central e, ao mesmo tempo, é o que dá bastante prazer ao traduzir. Os dicionários que foram usados para assentar a tradução e o significado das palavras dos versos foram: 1. O dicionário inglês-inglês *The American Heritage Dictionary of the English Language*¹¹; 2. outro dicionário inglês-inglês que foi usado foi *Oxford Dictionary*¹² que a própria Universidade de Oxford disponibiliza virtualmente; 3. O dicionário inglês-português usado foi *The New Barsa*

⁸ FERREIRA, 2017b, p. 2.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ RICOEUR, *op. cit.*, p. 25.

¹¹ *The American Heritage Dictionary of the English Language*. MORRIS, William (Ed). Boston: Houghton Mifflin Company, 1981 [1969].

¹² www.lexico.com/en?search_filter=dictionary

*Dictionary of the English and Portuguese Languages*¹³, assim como o 3. *Word Reference*¹⁴ 4. *Linguee*¹⁵. Algumas vezes foi preciso o uso do dicionário português-português Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1980)¹⁶.

Compreendendo que de nenhum modo a tradução dos poemas leva, inevitavelmente, à tradução do poeta, essa precedência sugere, por outro lado, pensar sobre a dimensão da história de vida de E. P. Thompson para esta pesquisa, definindo os limites e as liberdades dos elementos biográficos para a mesma. Aparecendo como uma reflexão incontornável para esta pesquisa, visto que as fontes históricas trabalhadas aqui são os poemas de um único poeta, é importante destacar que não é objetivo desta pesquisa dar conta de elementos biográficos, como se desvendasse essa dimensão “obscura” do historiador Thompson. As fontes não são inquiridas sob o objetivo de realizar uma biografia de Thompson. Ao mesmo tempo, as incursões biográficas que estão presentes no trabalho aparecem porque os poemas são de Thompson e não são pensadas somente como contextos dos poemas. Elas estão, nesse sentido, imbricadas inerentemente na inquirição documental e na intenção de compreensão da produção dos poemas como documentos históricos.

Em suma, é um ponto de partida e, ao mesmo tempo, é a agulha que se movimenta na costura-histórica da pesquisa acontecendo. Portanto, não se trata de realizar uma tradução do poeta, como se fosse trazer uma transposição do que venha a ser o poeta para os estudos históricos, pois não é o objetivo desta pesquisa pensar unicamente o poeta, o sujeito; não se trata de realizar, portanto, um inventário das “casualidades” dos poemas e descrevê-los sistematizados. Ademais, os poemas não são analisados de forma atomizada. Procurou-se realizar um diálogo entre os mesmos. E, assim, aos poucos, o inicialmente enevoado *Collected Poems* sobre o birô foi tomando e dando forma, cor, profundidade, cheiro, ódio, amor.

1.3 Problemas: da poesia e da história

E colocar os poemas de Thompson sobre o birô de estudo não é algo que se inicia aqui. Há historiadores que já colocaram poemas de Thompson sobre seus birôs de estudos. No

¹³ The New Barsa Dictionary of the English and Portuguese Languages. HOUAISS, Antônia e AVERY, Catherine B. (Eds.) New York: Appleton-Century-Crofts, 1970 [1964].

¹⁴ www.wordreference.com/

¹⁵ www.linguee.com.br/

¹⁶ HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1 ed. 9º reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

entanto, o que se inicia aqui é procurar dar conta de toda a obra poética de Thompson reunida por Fred Inglis. Outrora, outros autores trataram de pensar a poética de Thompson. Cito e comento agora os historiadores que estudaram a literatura de Thompson. Quando é feita a leitura de todos esses autores, é perceptível uma característica que é necessário deixar evidente, pois, na medida em que os autores não dialogam entre si, é fácil observar que há um autor que não teve acesso a toda a obra poética de Thompson e, portanto, estabeleceu sua análise com aquilo que possuía, como acontece com Jonh Goode e, por outro lado, os outros autores trataram de estudar somente parte da poética de Thompson, como Roland Boer estudando os poemas sobre Natal, Luke Spencer, João Ernani Furtado Filho estudando o poema *My Study*, naquilo em que as análises desses poemas se inseriam no objetivo que seus estudos empreendiam.

Todos os autores são unânimes em considerar a literatura como parte importante do trabalho historiográfico de Thompson. Tendo em vista que o objetivo aqui é estudar o trabalho poético de Thompson (e a inevitabilidade de relacioná-lo com sua trajetória intelectual-militante), a pesquisa segue uma ordem cronológica sem receios de que essa opção possa ser considerada um desforecimento ou desvalorização deste trabalho. Desta forma, a pesquisa respeita a ordem da leitura dos poemas que, por sua vez, é a forma que Fred Inglis optou por editar *Collected Poems* em 1999, tornando público grande maioria dos poemas. Mas não é só isso que sustenta essa opção. Os capítulos (e seus tópicos) abarcam um período da vida de Thompson. Os poemas escritos durante esses períodos levantam questões que são consideradas relevantes dentro do espectro e legado do trabalho historiográfico de Thompson, ou seja, desenvolver a pesquisa nessa cronologia favorece e torna instigante perceber como suas inquietações aparecem na sua poesia e como elas dialogam com suas principais preocupações teóricas.

Assim, no primeiro capítulo chamado de “Estudos de um jovem poeta: anos de amadurecimento”, percebe-se uma preocupação acerca do sujeito (histórico) e também sobre a ação humana na história. Iniciando a análise a partir do poema “Song for 1945” são discutidos os motivos e as motivações para compreender o como e o porquê a apologia à ação surgia em Thompson e como e porquê ela se desenvolvia e transformava. Luke Spencer considera “Song for 1945” um “vibrante chamado ao compromisso radical da guerra”¹⁷, assim como um apelo à mudança na Europa. Nesse objetivo geral, no primeiro tópico “Os poemas

¹⁷ “(...) a rousing call to radical commitment as war”. SPENCER, Luke. The uses of literature: Thompson as writer, reader and critic. In. *E. P. Thompson and English radicalism* (ed). FIELDHOUSE, Roger and TAYLOR, Richard. Manchester: Manchester University Press, 2013, p.98.

em guerra” é observando sua percepção acerca da experiência em guerra em poemas como “Pedimonte” (1944), “Casola Valsenio: The Cat” e “Approach March” – ambos de 1945 –, de forma que no segundo tópico (“...to his brother...”) o estudo se centra na influência de seu irmão Frank na definição de seus posicionamentos políticos no antes, durante e após guerra e a dedicação de Thompson à luta, através dos poemas “Redshank” (1940), e “Untitled” (1945), finalizando a análise com “Yugoslav Partisan: To the Western World” (1948) no terceiro tópico chamado “A luta continua: a ferrovia e a Jugoslávia”.

Os autores que pensam Thompson nesse período são unânimes em ressaltar essa relevância da sua defesa das liberdades e compromisso à luta que se tornaram uma preocupação de Thompson permanente desde sua experiência na guerra, como é destacado por José Ángel Ruiz Jimenez¹⁸, Bryan Palmer¹⁹, Scott Hamilton²⁰. Assim, no segundo capítulo chamado de “*What should poet say?*”: o pesadelo da história absorve o poeta” é analisado o poema “The Place Called Choice” e, a partir daí os desdobramentos históricos da década de 1950, é ressaltada a centralidade de sua preocupação acerca dos valores, da moral e do indivíduo. Dando continuidade a essa questão, o tópico segundo “Pausa: O amor” discute a polissemia da palavra *amor* mas prioriza a relação de Thompson com Dorothy. Em cruzamento com sua particular leitura de William Morris que, segundo Bryan Palmer, foi muito importante para o pensamento de Thompson, o tópico três “William Morris, o indivíduo, Orwell e os anticomunistas” analisa o poema “In Praise of Hammen”, desenvolvendo a continuidade de seu interesse acerca do lugar do indivíduo na prática marxista e que, por sua vez, cruza-se inevitavelmente com a querela de Thompson com escritores (principalmente W. Auden e G. Orwell) sobre compromisso intelectual, a partir de um diálogo possível com o poema “Homage to Tibor Dery” – a discussão central desse momento é o stalinismo e, portanto, trata da visão e das ações de Thompson na construção de um socialismo humanista.

O terceiro capítulo “*Porque não jogar sobre os anjos um pouco de sal: o menino Jesus e o fim do mundo*” inicia com uma discussão sobre o lugar de Thompson no marxismo e na história, na década de 1970, através dos poemas “Homage do Salvador Allende” e “My Study” – ambos de 1973. Os poemas deste tópico (“Antes do fim do mundo, o marxismo e a história”) estão dialogando com as querelas que Thompson travou nesse período, sobretudo aquela em “Open Letter to Leszek Kolakowski” e aprofundada com uma discussão acalorada

¹⁸ RUIZ JIMENEZ, José Ángel. *Contra el reino de la Bestia*: E. P. Thompson, la conciencia crítica de la Guerra Fría. Espanha: Granada, 2009.

¹⁹ PALMER, Bryan D. *E. P. Thompson: Objeções e Oposições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994

²⁰ HAMILTON, Scott. *The crisis of theory*. Manchester University Press, 2011

dentro da esquerda britânica que resultou em *A miséria da Teoria* (1977). Após isso, o tópico dois “Menino Jesus Crucificado: comentários sobre a ártica lenda” trata substancialmente dos 11 poemas que abordam a trajetória da Natividade de Jesus Cristo publicadas no opúsculo intitulado de *Infant and Emperor: poems for Christmas* (1983), no contexto histórico em que Thompson retorna completamente dedicado à luta pela paz e pelo desarme nuclear. Roland Boer²¹ afirma que os poemas de Thompson dão às estórias cristãs, o Natal, “um lado político radical”, e ainda acrescenta que ele está interessado “no humano e em elementos terrestres das estórias”²². Fica nítido que Thompson põe elementos de (r)existência no interior dos poemas à tradição natalina, *Infant and Emperor* versa sobre as mesmas questões que Thompson trata na rua ou em artigos de jornais, de tal forma que ao cruzar os poemas com os artigos (da coletânea *Zero Opcion*, sobretudo) percebe-se a clara relação entre opressão e rebeldia no contexto da “segunda Guerra Fria”.

O tópico três, por fim, possui um tópico e um objetivo: desenvolver como Thompson tratou a literatura por toda sua vida. Claro que, aqui e acolá, nos capítulos anteriores os poemas já sugerem pensar sobre essa questão: a reflexão entre “The Place Called Choice” e William Morris ou entre “Homage to Tibor Dery” e Auden-Orwell, são exemplos. Deste modo, neste item final a proposta é procurar dar uma visão amplificada da literatura para Thompson. Assim, esse item só é possível porque a dimensão da literatura em Thompson é vasta e está presente em vários momentos de sua vida. Andy Croft²³ tem um trabalho interessante cujo objetivo é desenvolver como Thompson foi professor de literatura quando ministrava aulas para adultos em Leeds (de 1948 a 1965). Já Luke Spencer, discutindo sobretudo a literatura em *The Making...*, afirma da insistência de Thompson na *literatura como agência*, de forma que “sua firme crença na intenção autoral e a autonomia moral dos escritos imaginativos (...)”²⁴. No período após a escrita do seu clássico *A formação da classe operária inglesa*, ele se dedica aos estudos dos poetas ingleses durante a Revolução Francesa, o que se constituiria na obra *Os Românticos*. No finalzinho da década ele escreve “Commitment in Poetry”, no qual ponderava: “Poesia em nosso tempo falhou para afirmar valores relevantes, ou para revelar e definir compromissos sociais: pensadores, artistas, e

²¹ *Ibidem*, p. 40-41.

²² “(...) in the human and earthly elements of the stories”. BOER, Roland. Apocalyptic and Apocalypticism in the Poetry of E. P. Thompson. *Spaces of Utopia: An Eletronic Journal*, nº 7, 2009, p. 40 *et seq.*. Disponível em ler.letras.up.pt. Acesso em agosto de 2016.

²³ CROFT, Andy. Walthmstow, Little Gidding and Middlesbrough: Edward Thompson as Literature Tutor. In. RICHARD, Taylo (Ed). *Beyond the Wall. 50 years of adult and continuing education and the University of Leeds (1946-1996)*. Leeds: University of Ledds, 1996.

²⁴“(...) his firm belief in authorial intention and the moral autonomy of imaginative”. SPENCER, Luke. *op. cit.* 2013, p.96.

moralistas falharam também”²⁵.. No fim da vida, dedicou-se a estudo de William Blake publicado como *Witness against the Beast* (1993) e estava interessado e organizando um estudo sobre o poeta Tagore. Esse panorama dá a ideia da plural discussão que a *literatura para Thompson* possibilita o terceiro ponto do último capítulo deste trabalho.

²⁵ “Poetry in our time has failed to state relevant values, or to disclose and define social commitments: thinkers, artists, and moralists have failed also.” THOMPSON, E.P. *Making history: writings on history and culture*. New York: The New Press, 1994, p. 333.

2. ESTUDOS DE UM JOVEM POETA: ANOS DE AMADURECIMENTO

2.1 Os poemas em guerra

Comecemos com um poema – será inserido o original e, logo após, a tradução. O título do poema já é uma sugestão: “Song for 1945”:

Come, make your mind up, friend, make up your mind.
The fiery Earth is turning once again
And fires are kindling in the bones of men.
Make up your mind, man, or get left behind.

Get up, man, stand up, stand, you Englishman!
Oh yes, I know once more the juggler sun
Will toss about the star we stand upon;
Earth will behave as it has always done, -

And yet whatever the huge heavens do,
Whether the night runs white or day drains black,
Never an age of turning will bring back
This time which history has brought us to.

So make your mind up, man, go shake your head.
We have less time to spend while you decide
Than the moon spends in gathering the tide.
For men are marching, men are laying dead

About us, brother, lying dead tonight.
And while the rich sit diceing for the poor
A Wind from Europe batters at the door.
Get up, man, stand up, rouse yourself to fight,

For if you join us now we'll never stop.
Have done with talking. It is getting late, -
The sun drags time around and will not wait.
Get into step, friend, get yourself in step!

(Tradução)

Canção para o ano 1945

Vamos, decida-se, amigo, tome uma decisão.
Flamejante a Terra novamente dá voltas
E nos ossos dos homens arde o fogo em ascensão.
Tome uma decisão, cara, ou ficarás para trás a ver navios.

Erga-se, você, levanta-te, resista, Inglês!
Oh sim, mais uma vez conheci o sol malabarista
Que lançará a estrela, aqui onde estamos;
A Terra se comportará como sempre se comportou, -

E já não importa o que os vastos céus façam,
Se a noite caminha pálida ou o dia desagua escurecido
Jamais uma época de transformação retornará
Esse tempo que a história nos trouxe.

Então decida-se, amigo, decida-se mesmo.
Temos pouco tempo a perder enquanto você decide
Menos tempo que a própria lua, na recolhida de sua maré.
Pelos homens marchando, homens que jazem mortos

Sobre nós, irmão, jazem mortos esta noite.
E enquanto os ricos tomam vantagem dos pobres
Da Europa um vento golpeia a porta.
Erga-se, irmão, levante-se, desperte-se para lutar,

Pois se a nós te unes agora, nunca pararemos.
É o que se pode falar, está ficando demorado, -
O sol arrasta-se desta vez e não esperará.
Caminhe, amigo, dê seus próprios passos.

O verso “*Menos tempo que a lua, na recolhida da maré*” relaciona o tempo da natureza com o tempo das coisas humanas, Thompson os dimensiona e a partir daí cria argumento. Consequência de outro, “*Temos pouco tempo a perder enquanto você decide*”, ambos os versos levam o leitor a pensar: “então, decide sobre o quê e para quê? Mas o poema, não sendo hermético, responde essa pergunta em seguida, quando Thompson fala e proclama decisão à inação: “*erga-se, você, levanta-te...*”. E abre um leque de inquietações na medida em que Thompson evoca ao leitor tanto decisão quanto ação. Em “Canção para 1945”, nesse sentido, Thompson aparece ativo e com força. Ele defende a poesia como caminho de mobilização. A partir deste poema, é possível questionar quais as implicações para Thompson fazer apologia à ação.

Os poemas de Thompson sugerem não somente comunicação destas práticas, mas suas sensibilidades e seus (des)prazeres, eles indicam divergências, são poemas que seguem firmes no leme, diante de uma reta que é, inevitavelmente, torta. “*Jamais uma época de transformação retornará/Esse tempo que a história nos trouxe*”. O verbo ‘retornar/á’ aí na tradução aparece desconfortavelmente. O verbo *retornar* no verso aponta para uma força mobilizatória. Ele está localizado entre uma “época de transformação” e “esse tempo”. Ambas são colocações temporais, pois se trata de um ‘época’ que é projetada nesse ‘tempo’.

Em “Canção para 1945”, a *história* torna-se caminho de percepção que mobiliza à mudança. Mudança essa que o poeta quer que o leitor perceba premente, ou seja, no poema a palavra *história* está colocada como um lugar onde a *mobilização* e a *mudança* podem coexistir, a *história* enquanto possibilidade. Não há uma percepção da *história* como uma

força autônoma, que age por si só, sem a ação humana. Esse poema é, então, uma canção para o ano de 1945 com um forte tom de apologia à ação.

Escrito no Ano Novo de 1944 para 1945, o poema possui um sentimento de renovação ao trabalhar um otimismo nos termos de perceber que já existe no espectro do projeto nazista o sabor da derrota na guerra ou mesmo que Thompson escrevesse somente sobre o fim do conflito, àquela altura os desdobramentos finais da guerra prometiam tanto um enfurecimento descontrolado daqueles que sentem a derrota vir em aproximação, quanto prenunciavam um soerguimento de forças para o golpe final na ameaça e na desgraça nazifascista.

O tom otimista do poema, no entanto, não pode ser lido apenas como uma apologia à ação para convergência de forças que derrotarão, enfim, essa ameaça e desgraça nazifascista. Ele mira, portanto, para o além-guerra. E, evidentemente, para os problemas históricos que o pós-guerra iam claramente definir, sobretudo o conflito ideológico e prático entre capitalismo e comunismo. Nesse sentido, pode-se pensar que o verso, “*Jamais uma época de transformação retornará/Esse tempo que a história nos trouxe*”, sugere tanto uma percepção da mudança do tempo quanto a concepção de que o mundo não se configuraria jamais do mesmo modo que anteriormente à guerra. Em seu capítulo “Between Zhdanov and Bloomsbury: The poetry and poetics of E. P. Thompson”, Scott Hamilton também afirma:

Em seu poema de Ano Novo, “Song for 1945”, Thompson mira uma chamada à ação – política mas também uma ação militar – para seus conterrâneos homens e mulheres. Embora a guerra estivesse próxima de acabar, a ampla luta pela transformação do mundo deve continuar. O tom do poema de Thompson é tanto otimista quanto urgente²⁶

Nesse sentido, o tom do poema fala sobre o tempo de sua escrita. Para validar e transferir aquilo que procura expressar, ou seja, a precisão da mudança do tempo e a necessidade de uma ação transformadora, o autor do poema procura aproximação com aquele para quem fala, “*Erga-se, irmão, levante-se, desperte para lutar*”. Uma aproximação que chama o leitor à luta. No poema, a ideia de *luta* age feito uma *ação* que procura uma *vitória*. Ela funciona tanto para a luta bélica quanto para o conflito ideológico, ou seja, não necessariamente trata-se de um poema que convoca sujeitos para a luta da guerra, mesmo que para isso funcione, mas também sugere pensar no confronto ideológico que se inclina sobre os escombros temporais que a guerra, ironicamente, constrói.

²⁶ “In his New Year’s poem “Song for 1945” Thompson aims a call to action – political, as much as military action – at this countrymen and women. Although the war is nearly over, the wider struggle for the transformaton of the world must continue. The tone of Thompson’s poem is both optimistic and urgent”. HAMILTON, *op. cit.*, p. 229.

De forma que a guerra finalizada não determina de modo algum que as coisas estão resolvidas. Pode-se, portanto, até sugerir que ao elaborar uma ‘canção para 1945’, poeticamente, Thompson pensara que o fim da guerra significaria o recrudescimento de objetivos que não foram resolvidos na guerra e que retornarão mais complexos e latentes depois dela. É justamente quando a luta da guerra acaba que surgem implicações pelas quais a virgília deve permanecer; no entanto, agora, trata-se de uma luta outra: uma luta que configura a gênese do que depois fora chamado de *guerra fria*. Por isso, o tom de convocatória e otimismo no qual o poema é escrito. “Song for 1945” é o sexto que Thompson escreveu e é o sexto poema escrito no período da guerra.

A adoção dessa divisão, antes e depois da guerra, como se perceberá, só contribui no sentido de pensar o como e o porquê esses poemas foram escritos e como problemas antigos aparecem repaginados depois do conflito bélico. Para isso, a guerra é concebida como temática, experiência e contexto. Sempre é válido ressaltar que o interesse deste trabalho não é o de escrever a história da II Guerra Mundial a partir dos poemas do Thompson.

No poema “Timepiece” é possível observar o tempo da guerra e o tempo do poema se confundindo.

Timepiece

Old Father Time, my darling, sows; he does not reap,-
and from his sack of grain only a fingerful of seed
was spared for us. No, we've not had much time
together, dear, not the full bushel and load that lovers need.

This war we've been too busy, love, though certainly
what richness we have had would take a century to reap,
and you have left a quickness and a laugh in me,
and a great steadiness we found together as we fell asleep.

But Time is action, movement, Time is what we do,
and what we do is out of what old Time has done to us,
and there's no seed of time for us to grudge our loss
if fiercer knowing, larger love will follow what our fighting does.

Yet you'll forgive me if a passing sadness falls
like river mist; it is our place in history makes us this,
and I am glad of it; but if I'm ever back and if we meet
we'll gently touch each other, darling, we will very gently kiss,

and we will claim from Time a brimming thimble-weight,
and Time will stop for us, and history can wait.

(Tradução)

Relógio

Velho Pai Tempo, meu querido, semeie; ele não colhe, -
e de seu saco de grão apenas uma pequena quantidade de semente
a nós fora separada. Não, não tivemos muito tempo
juntos, querida, nem os alqueire e carga cheios que os amantes precisam.

Esta guerra nos tem sido tão agitada, amor, mesmo que
a riqueza que possuíamos tomará um século para ser colhida
e você deixou uma sagacidade e uma risada em mim
e uma profunda obstinação que juntos encontramos
[uma vez que caímos adormecidos.

Contudo, Tempo é ação, movimento, Tempo é o que fazemos,
e o que fazemos está fora do que o velho Tempo fez por nós,
e para nós não há semente do tempo que ofenda nossa derrota
se formos sábios, e o grande amor seguirá o que nossa luta realiza.

Mas você me esquecerá, se uma tristeza passa geira desabar
como a nevéa do rio; esse nosso lugar na história que nos faz assim,
e eu sou feliz por isso; mas se eu estou de volta e nos encontrarmos
suavemente nos tocaríamos um ao outro, querida, muito docemente nos
beijaríamos,

e invocariamos do Tempo uma satisfação
e o Tempo pararia por nós, e a história pode esperar.

Thompson viajava para o serviço ativo na África quando compôs este poema. Foi escrito no barco durante o percurso. Era 1943 e aqui Thompson fala para o Tempo: “*Velho Pai Tempo, meu querido, semeie*”, como quem deseja que o Tempo seja o responsável por acabar com toda essa circunstância bélica, com essa ocasião de escassez de perspectiva (“*de seu saco de grão uma pequena quantidade de semente/a nós for separada*”). Mas, logo Thompson fala do tempo: *Tempo é ação, movimento, Tempo é o que fazemos...* para logo depois o tom do poema recair num novo desejo de luta, o Tempo se confundido com a luta que se realiza para a vitória.

Parece que o Tempo somente funciona como meio de aproximar o autor do poema com alguém ou algo com quem possui muito apreço e amor. O desejo do fim do conflito bélico aparece como o momento de retorno a esse amor longínquo “*que seguirá o que nossa luta realiza*”. Mesmo que uma “*tristeza passageira desabar/como névoa fluvial*”, ele está ali, lutando, “*é o nosso lugar na história que nos faz assim*”. Ao ponto que esse retorno a algo ou alguém que se ama provoque o Tempo e a História: “*o Tempo nos pararia por nós, e a história pode esperar*”.

Aqui, há novamente o desejo de retorno, mas com outro significado. Se o tempo há de passar, ele passa para trazer o fim tanto do conflito, quanto para trazer o reencontro do poeta e

soldado à sua amada, “*suavemente nos tocaríamos um ao outro, querida, muito docemente nos beijaríamos*”.

O poema não diz da guerra em si, mas fala do Tempo e da História como inevitáveis para o reestabelecimento de uma ligação que deve permanecer depois que esse momento de suspensão anormal, que é a guerra, passar. É possível perceber que as colocações temporais são aproximadas, mas possuem um sentido diferenciado entre esse poema e o poema que fora escrito meses depois, “Song for 1945”. Em síntese, percebe-se que o poema trabalha com os mesmos termos, mas que expressam vontades e ideias que se desenvolvem de um poema para o outro. Em “Timepiece” ele trabalha a partir de uma convocação de si, uma introspecção a suportar e desejar que tudo fique bem e passe, já em “Song for 1945”, ele se retira do poema enquanto desejo e externaliza sua vontade como convocação do “nós”. Essa ida para o serviço ativo na África, no mais, destaca um outro ponto de questionamento/estranhamento no jovem Thompson, que é quando, no ano de 1944, ainda na África ele escreve um poema chamado “Untitled”:

Untitled

I used to think I didn't like this country, - eucalyptus and cork
don't seem so friendly to an Englishman who's used to oak
and beech; and I'd not take a mile of sand for one good foot of chalk.
But all last night it rained, flooding my tent, and after all
dawns was a well-washed cyclamen in a land of waterfalls
and the brooks spoke the same language that the beckes of England
spoke

And I thought I didn't like the people here, - brushwood and mud
will not keep out malaria nor even flies, and farming shifting sand
makes shiftless men, as does the stench of towns where dogs run mad.
But then today I saw the Arab boy patiently build his shed,
torn down by last night's rain; and, later, when the orange-seller made
a hard bargain with me, he smiled at me and also made a friend.

And I could see no promise in this country, but I've changed my mind;
I know they'll tell you rain and smiling aren't the stuff of politics,
and I'll agree, but such things answer me that even in this land
you'll not set back man's will to win, nothing will cancel out, not
plague or sand
the laws of history and matter or, if you like, of Marx,
and any place that men can live they'll someday make a home that's
pretty grand.

(Tradução)

Sem-título

Costumava pensar que não gostaria desse país, - eucaliptos e cortiça
não pareciam tão familiares a um inglês que está acostumado ao carvalho
e faia; e eu não tomo uma milha de areia por um bom pé de giz.
Choveu a noite toda, alagando minha tenda, mas
no romper da aurora, um cíclame orvalhado na terra das cachoeiras
e os ribeiros falam a mesma linguagem que os riachos da Inglaterra
falam.

E eu pensei que o povo daqui não me agradaria, - matagal e lama
não poupam a malária nem mesmo os mosquitos, e a instável lavoura
deixaria preguiçosos os homens, como os deixa o fedor das cidades
[onde percorrem os cães raivosos.

Mas, hoje eu vejo que o menino árabe constrói pacientemente
seu celeiro, dilacerado pela chuva da noite anterior; e, mais tarde, quando os
vendedores de laranjas fazem um difícil negócio comigo, ele a mim
[sorri e torna-se um amigo também.

Eu poderia desacreditar desse país, mas mudei meu pensamento;
sei que te dirão da chuva e não sorrirão das coisas políticas,
e eu concordarei, tudo isso me desloca pois mesmo neste país
não lesarás a vontade do homem por vencer, nada eliminará, nem
epidemia ou instantes de tempo
as leis da história e matéria ou, se gostas, de Marx

e em qualquer lugar no qual os homens possam viver eles algum dia farão
um lar bastante imponente.

Thompson, acostumado com o carvalho e a faia inglesas, estranha os eucaliptos e cortiças. Faia é uma árvore que só cresce pelo norte do globo e é incomum no Brasil. O carvalho também, mas ambos fazem também parte do nosso imaginário justamente por isso, por sabermos o que é e identificar que são arbustos estranhos – normalmente são vistos no cinema. Foram os “eucaliptos e cortiças” que estranharam Thompson. Estranho agradável em uma situação desagradável. A conexão entre o tempo dele com o tempo do local é o cíclame, uma plantinha pequena cor de rosa.

A natureza estranhada é logo transformada em um sentimento comum quando percebe que *“os ribeirinhos daqui falam a mesma linguagem que os ribeirinhos da Inglaterra/falam”*. Do estranho na natureza ao estranhamento das pessoas, *“e eu pensei que o do povo daqui não me agradaria”*, até perceber-se com um outro sentimento de comunhão quando *“hoje vejo que o menino árabe constrói pacientemente seu celeiro/dilacerado pela chuva da noite anterior; e, mais tarde, (...) ele sorri e torna-se um amigo para mim”*. O poema vai finalizando com um sentimento comum que talvez seja a parte mais interessante. Ele escreve que não é porque há pessoas que dizem e explicam o mundo por algum princípio, ou ordem, seja pelas *“leis da história e matéria ou, se gostas, de Marx”*, há ali, naquele povo, uma

“vontade do homem por vencer” que se confunde e expande para “qualquer lugar no qual os homens possam viver eles”, pois “algum dia farão um lar/bastante imponente”.

Quando viajava para África (naquele outubro de 1943, num barco), Thompson recebe uma carta do seu irmão Frank Thompson, que se encontrava em serviço no Oriente Médio desde 1941. Enviava uma carta para Thompson em 06 de outubro (“to his brother”²⁷) na qual ele recomenda a leitura para Thompson da novela *The fall of Paris*, do escritor ucraniano (soviético, na época) Ilya Ehrenburg, na qual é narrado o declínio francês de 1935 até a ocupação nazista em 1940 (a capa do livro é aquela tão conhecida foto de Hitler e mais dois homens em frente à torre Eiffel); Frank também recomenda as poesias do poeta francês Louis Aragon, sobretudo o livro “Le Creve Coeur”. Ambos os escritores receberam na década de 1950 o Prêmio Lênin da Paz.

Há o que dizer de ambos os escritos, distintamente. A personalidade de Ilya Ehrenburg foi e permanece bem controversa pelas suas proposições políticas soviéticas extremamente anti-germânicas, visto que propunha o extermínio alemão. Essa controvérsia foi constituída após a guerra e não nos interessa tanto, até então, mas importa dizer que Frank não tinha conhecido essa faceta de Ilya, até aquele momento. Segundo uma resenha do jornal *Chicago Sunday Tribune*, de 06 de junho de 1943, a novela de Ilya fez muito sucesso tanto na Rússia quanto na Inglaterra. Segundo a resenhista Fanny Butcher, “as pessoas nesse livro são reais e vivas. Suas vidas seguem os padrões gerais do amor, ódio, idealismo, cinismo, uma luta pelo pão de cada dia pelo corpo e pela alma que a vidas de outros homens”²⁸.

Difícilmente alguma afirmação será suficiente para supor porque Frank recomendaria esse livro para Thompson, mas a citação acima da resenhista Fanny no *Chicago Sunday Tribune* possibilita alguma ilação. Frank talvez tenha visto no livro de Ehrenburg duas questões pelas quais ele e seu irmão lutavam: no livro, a resenhista Fanny diz que o grande interesse da Inglaterra pelo livro foi porque o autor consegue demonstrar “toda triste história dos últimos anos de corrupção política na França, de traição nos altos escalões, do suborno alemão (...)”²⁹. Ademais do fato de Ilya ser um autor bastante conhecido nos circuitos marxistas, pelo menos, pode-se dizer que Frank viu aí um anti-capitalismo e um antifascismo.

²⁷ THOMPSON, Edward. Palmer; TEODOSIA Jessup. *There is a spirit in Europe... A memoir of Frank Thompson*. Victor Gollancz, London: 1947, p.139.

²⁸ “the people in his book are real and living. Their lives follow the general patterns of love, hate, idealism, cynicism, a struggle for bread for the body and the soul that the lives of other men”. Disponível em: archives.chicagotribune.com/1943/06/06/page/166/article/fall-of-paris-is-one-of-this-wars-great-historical-novels. Acesso em outubro de 2017.

²⁹ “the whole sad story of France’s last years of political corruption, of treachery in high places, of German bribery (...)”. *Ibidem.*, p. 11.;

Ou seja, a queda de Paris acontece pelos vícios dos capitalistas franceses e, por conta disso, a tomada alemã em 1940 foi responsabilidade desses desmandos capitalistas – uma decadência em duas frentes, uma interna que abriu caminho para derrocada francesa sob domínio alemão, e a outra externa concretizada pela própria necessidade política de expansão nazista.

Porém, é fácil perceber uma força e visão ideológica na construção do pensamento e argumento do autor sobre a queda de Paris e suas causas. Sempre bom afirmar que não se trata de um romance, mas sim um estudo que procura explicar os motivos da dominação alemã sobre Paris a partir da análise de um processo relativamente considerável de tempo, ele não passa da década de 1930. Supõe-se que para Frank, nesse sentido, a leitura da obra de Ilya é saudável e engrandecedora em sua formação intelectual militante.

Mesmo que não seja foco deste trabalho analisar os argumentos de Ilya, quando cruzamos com um documento contemporâneo a *The fall of Paris*, é possível ver uma outra explicação para a mesma causa. Em *A estranha derrota*, o historiador judeu francês Marc Bloch faz uma impressionante e instigante leitura sobre aquilo que ele nomeia como *derrota* e não propriamente *queda*. Ao traçar um testemunho sobre sua experiência na guerra mundial, testemunho, aliás, de extrema riqueza em detalhes, pois ele fazia questão de anotar tudo que fora possível (“Um historiador não costuma se entender com facilidade: é sempre possível recordar, observar, escrever”³⁰) e mesmo porque suas funções na guerra viabilizavam essa condição, Bloch em seu texto-capítulo “*O depoimento de um vencido*” se pergunta: “Tínhamos acabado de sofrer uma derrota inacreditável. Culpa de quem?”³¹.

Bloch não falaria sobre corrupção como Ilya argumentara. Bloch, na verdade, aponta que a vitória dos alemães sobre os franceses foi uma associação muito bem feita de técnica com inteligência: “Os alemães fizeram uma guerra de hoje, sob o signo da velocidade”³², escreveria ele para falar da rapidez dos tanques alemães e da capacidade de rápida mobilização dos exércitos. Somado a isso, Bloch acrescenta o que ele denomina de “*estranha forma de esclerose mental*”³³ para classificar a incapacidade estratégica, tanto das autoridades superiores francesas quanto de seus subordinados, além da falta de material tecnológico apto e suficiente para bater de frente com o potencial alemão.

É sugerível, por fim, que tal explicação não chamaria a atenção de Frank como a de Ilya chamou. Mas isso não é tanto uma questão, pois Frank poderia se aproximar da explicação de Bloch pelas informações particulares sobre a guerra e derrota de Paris vistas a

³⁰ BLOCH, Marc. *A Estranha Derrota*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 16

³¹ *Ibidem*, p. 32.

³² *Ibidem*, p. 42.

³³ *Ibidem*, p. 47.

partir de um oficial; ao mesmo tempo Ilya deve ter chegado às suas mãos devido a aproximação que esse possuía dentro do circuito comunista nesse período. No entanto, convém escrarecer que havia naquele momento outra visão para explicar a *derrota* ou *queda* de Paris. O poeta e romancista francês Louis Aragon foi um sujeito conhecido entre os marxistas. Participante da luta na guerra civil espanhola, o poeta também foi da Resistência francesa quando da ocupação nazista e publicara em 1941 o livro *Le Crève-cœur*.

A “*vontade do homem por vencer*” que Thompson viu no árabe e, ao mesmo tempo, a “*struggle for bread*” que possivelmente Frank viu no povo francês, através de Ilya, dizem muito respeito aos esforços e à comunhão ideológica que ambos possuíam. A ideia de sentimento comum, após o estranhamento, de Thompson no poema “Untitled”, identificando-se seja à natureza, seja ao povo, seja à promessa de continuar vivendo, podem ser percebidos como anúncios de um valor que Thompson compartilha, sobretudo nos anos vindouros: o *internacionalismo*. Os poemas também demonstram que, mesmo produzidos durante a guerra, não falam dela no sentido descritivo. Por serem justamente poemas, não crônica, não análise política, não diário, não uma grande quantidade de tipologias possíveis, é que há uma abertura mais livre de dizer o não-dito a partir da liberdade que o poema propõe.

Os poemas acima possibilitam observar e compreender, portanto, a temporalidade, digamos assim, que ficou mais evidente e inscrita no poema “Song for 1945”. Esse poema foi publicado numa revista chamada *Our Time* em fevereiro de 1945. Mesma revista em que Thompson contribuirá com resenhas pouco tempo depois. Escrito no Ano Novo, quando meses atrás, o pai de Thompson, Edward John Thompson, havia lançado sua última obra *100 poems* e, logo depois, Thompson serviria como sargento de uma tripulação de tanques na Itália. Não deu tempo nem de Thompson ver o lançamento de *Our time* em fevereiro, porque ele já se encontrava na Itália. E lá escreveu dois poemas: um é sobre uma gata que apareceu no meio dos soldados; outro é sobre a última ofensiva de guerra – de abril de 1945.

Casola Valensio: The Cat

I'm sure no love of ours had kept her there
After her máster left. She hid herself from sight
By day. She seemed to know that men had ceased to care
For company. So she patrollerd, like us, at night,
And often in the dark we started up in fright,
Thinking she was the enemy inside our wire.
But still we let her be, until she tripped a flare,
And spent its light, and shows the Germans where we were.

I ordered that the cat be shot. ‘There is no time

In war to exhaust one's heart on animals,' I said,
'What is a shell-torn forest to one shattered home?
This wretched car before a human life?' I said.
'The longer that she lives the sooner we'll be dead.
Besides, she'll serve to give your markmanship a check.'
So we waited. And the next time that she came
A man fired, wounding the creature in the neck.

She cried and all night wandered crying in the snow.
Her blood thawed crimson patches in the bitter white.
And still we heard her weakening below
Until the soldiers' faces wasted into white
And misting pity misinformed the sentries' sight,
Because of her complaint who wandered to and fro
And was distressed by forces which she could not know
And in her time of dying had no place to go.

War, when a soldier dies, his comrades turn away
Their eyes and shut their hearts. There is no man who'd dare
Consider on the thing and still maintain the day.
It is set by for remembering in a future year.
And so it was this sorrow entered unaware
And vanquished us. And we were half-ashamed to show
Such pity for a creature we set out to slay.
She was the waste of Europe, crying in the snow.

(Tradução)

Casola Valensio: A Gata

Eu estava certo de que não era nosso amor que a mantinha ali
Depois que seu dono a largou. Ela escondeu-se ao sinal
Do dia. Parecia saber que os homens já não se importavam
Pela civilidade. Então ela patrulhava, como nós, à noite,
E frequentemente na escuridão caíamos em pavor,
Pensando que ela era o inimigo dentro de nossas cercas.
Mas, ainda assim, livre a deixamos, até que tropeçara num lampejo
E sua luz consumira e mostrara aos Alemães onde estávamos.

Ordenei que a gata fosse alvejada. 'Não há momento
Na guerra que o coração de alguém se esgote pelos animais,' disse,
'Diante de um lar destruindo, o que é uma floresta despedaçada?
Esta gata desventurada ante uma vida humana?' acrescentei.
'Quanto mais ela vive, mais cedo será para estarmos mortos.
Além do mais, ela servirá para você checar sua pontaria.'
E então, aguardamos. E no momento que ela veio
Um homem disparara, acertando a criatura no pescoço.

Ela chorou e por toda noite vagava chorando na neve.
Suas manchas púrpuras de sangue descongelado no frio cruel
E ainda ouvimos seu fraquejar gradual
Até as faces embriagadas dos soldados ficarem pálidas
E uma enevoadada misericórdia desorientar os olhos dos sentinelas,
Por conta de suas lamúrias de quem vagueia por aí

E por forças as quais não poderia conhecer, ficara angustiada
E na hora de sua morte não possuía lugar algum para ir.

Guerra, quando um soldado morre, seus camaradas desviam
Seus olhos e cerram seus corações. Não há homem algum que ousaria
Considerar tudo isso e ainda manter rotina.
Esse é um fato pelo qual recordaríamos em futuro próximo.
Foi este, então, o infortúnio inserido inesperadamente
E derrotou-nos. Estávamos um pouco desconcertados por mostrar
Tanta piedade por uma criatura que pretendíamos matar.
Ela era a devastação da Europa, chorando na neve.

Thompson tinha 21 anos. O poema fala de um incidente: uma gata diante de uma tripulação inglesa em campanha na Itália. A gata, no poema, põe em cheque a sensibilidade instaurada nos homens em guerra. O poema diz de um furacão de sensibilidades o batalhão recebe quando toma a decisão de alvejá-la, o que era inelutável, pois os passos e miados da gatinha entregariam aos alemães a localidade do pelotão inglês. Por isso, o soldado que a alvejou, *“acertando a criatura no pescoço”* e vendo o animal cambaleiar débil, deixando escorrer *“manchas vermelhas de sangue descongelado no frio cruel”*, juntamente com os outros soldados, têm suas *“faces embriagadas”* empalidecidas. O mínimo incidente de um animal que aparece para uma tripulação de tanques comandada por E. P. Thompson, tornar-se um caso de grande valor moral. A gatinha é a reflexão da própria morte.

Matar a gatinha para não morrer, o dilema posto é esse. E um pouco mais. Thompson dizia à tripulação: *“Quanto mais ela vive, mais cedo será para estarmos mortos”*. No fim, tomando a perspectiva de todos, na terceira pessoa do plural, o poeta diz que *“estávamos desconcertados por mostrar/tanta piedade por uma criatura que pretendíamos matar”*. Não se espera combater um animal na guerra, só homens. Homens que representam nações. O animal poderia passar despercebido, ele não é o inimigo, mas sim inocente. Mas não. Pela guerra, a gata deveria morrer, pois sua aparição fora um *“infortúnio alheamente inserido”*. Se não fosse morta, talvez seria toda a tripulação inglesa que estaria morta pelos alemães em solo italiano.

Os soldados souberam que isso era infeliz, porém, inevitável, como a própria circunstância de desdobramento da guerra. Ela, a guerra, fora infeliz e fora se tornando mais infeliz, mas a sensação era de que é preciso continuar, a morrer e a matar, para acabá-la. Matar para findar. Matar a gata para findar a guerra. Deixar o seu sangue correr no *“frio cruel”*. O seu sangue era a própria Europa: *“Ela era a devastação da Europa, chorando na neve”*. Tanto nesse poema, quanto na sua memória sobre a liberação de Perúgia, os jogos mentais entre a consciência e obediência às leis que imperam na guerra estão fortemente

apresentados. Em seu estudo “*Clio ante el espejo: un socioanálisis de E. P. Thompson*”, o historiador espanhol Alejandro Estrella González, ao defender que Thompson herdou disposição à *disciplina* da tradição metodista, afirma:

Disciplina que não anularia essas disposições primárias, senão que as readaptaria ao enfrentá-las – em ocasiões de forma conflitivas – em novas circunstâncias. Um caso claro de conflito se apresenta no relato que Thompson nos narra sobre sua experiência na liberação de Perúgia, onde morreram três companheiros sob suas ordens. Mas além da dramaticidade da prosa thompsoniana, o interesse desde episódio radica em sua capacidade para transmitir a tensão vivida entre consciência (moral) e regra (militar) em um momento de máxima urgência³⁴.

Essa devastação foi a permanente revolta de Thompson que, até então não tinha notícias de seu irmão, que já havia sido fuzilado em Litakovo, na Bulgária. A devastação da Europa era o esclarecimento crescente da precisão de lutar no pós-guerra, haja vista que Thompson, como Frank e muitos outros, lutava não somente contra o nazifacismo, mas já apontavam a necessidade de pôr em cheque a relação conflitiva do capitalismo e do comunismo (que fica mais evidente pouco tempo depois).

E, claro, ambos possuíam posição muito bem definida nesse conflito. Em abril de 1945 escreveu seu último poema em guerra.

Approach March, Last Offensive

May this offensive mean some end at last!
Time and again the fascists have been beaten back
And our avenging armies, growing in might,
Have battled down converging roads, until it seems
The end has grown remote with our civilian dreams
And we'll be everlastingly condemned to fight.
And yet this evening, watching my division spreading past –
A vast armoured city moving on tracks –

I triumph in our strenght. The convoy lights
Outstare the stars, and like a never-ending stream
Of evidence for final victory, the bragging tanks
Make powder of the road. Burnt fumes and dust
Become a fragrance to us, and we give our thanks
For these abundant means since end they must.

(Tradução)

³⁴ “Disciplina que no anularían essas disposiciones primarias, sino que las readaptaría al enfretarlas – em ocasiones de forma conflitiva – a las nuevas circunstancias. Um caso claro de conflito se recoge en el relato que Thompson nos narra sobre su experiencia em la liberación de Perúgia, donde murieron tres compañeros bajo sus órdenes. Más allá de la dramaticidade de la prosa thompsoniana, lo interesante de este episodio radica en su capacidade para transmitir la tensión vivida entre conciencia (moral) y regla (militar) em un momento de máxima urgencia”. GONZALÉN, Alejandro E. *Clio ante el espejo: un socioanálisis de E. P. Thompson*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2011, p. 62-63.

Marcha de aproximação, última ofensiva

Esta ofensiva talvez signifique um desfecho, finalmente!
Por hora, novamente, os fascistas foram repelidos
E nossos exércitos em vingança, cada vez mais poderosos,
Combatem por estradas convergentes, até parecer-lhes
Que o final cresce remoto com nossas aspirações civis
E que estaríamos eternamente condenados a lutar.
E já nesta manhã, observando minha divisão espalhar-se –
Uma grande cidade blindada avança através de seus rastros –

Eu triunfo em nossa resistência. Os comboios iluminados
Desafiam as estrelas, e como uma corrente sem-fim
De vestígios para um final vitorioso, a falsa-glória dos tanques
Fazem das estradas, pó. Gases e poeiras queimam
Tornando-se fragrâncias para nós, e entregamos nossos agradecimentos
A tudo isso, uma vez que trazem o aguardado desfecho.

Esse poema foi escrito no vilarejo italiano de Cesana e pode ser como uma continuidade daquilo que mais acima foi dito sobre os motivos, sobre os percursos motivacionais que constituíram uma temporalidade que se definia por uma apologia à ação – ou seja, de uma intenção de aprofundar não a guerra, evidentemente, pois “*os comboios iluminados/desafiam as estrelas*”, e visto que o fim da guerra é obviamente o que se deseja, “*gases e poeiras queimam/tornando-se fragrâncias para nós*, mas sim a intenção de aprofundar os desdobramentos de uma luta outra e que no caso de ambos os irmãos Thompson, poetas e soldados, a luta outra era pelo socialismo.

Como o nome do poema sugere, “Approach March, Last Offensive”, e diferentemente da leitura feita do poema “Song for 1945”, o anúncio do fim de guerra era questão de pouquíssimo tempo, a sensação da vitória era real, o reconhecimento da coletividade em resistência já era motivo de declaração. Antes de escrever “Song for 1945”, Thompson começaria a escrever um texto que ele nunca finalizaria. O trecho foi publicado décadas depois na coletânea *The heavy dancers* (1985) e chama-se *Overture to Cassino*. As observações de Thompson nesse texto são interessantes, pois são observações de guerra, de quem a viveu. A reflexão que perpassa o texto é sobre a vida humana, o valor da vida humana, são observações sobre a moral da guerra.

Se, um pouco depois na Itália, quando mandara matar uma gata numa noite de guerra, Thompson ficara abalado e escrevera *Casola Valsenio: The Cat* (1945), em *Overture to Cassino* (1944) ele comenta, no entanto, sobre a lógica da guerra enquanto mobilização de sujeitos e inteligências a partir do “nós” e “eles” para vencer a batalhar, pois numa batalha ou seremos “nós” ou serão “eles” e no meio de ambos há sempre a morte: “*Nós destruiremos o*

inimigo”, disse um comandante militar³⁵, que arrastando seus dedos sobre um mapa indica decisões e aponta a vida ou a morte de milhares de sujeitos que saíram de suas casas para lutar, seja pelo país, seja contra o fascismo, seja pelo dois, etc. Assim, esse texto fala mais sobre a organização do exército e suas hierarquias. Pensamentos. Atitudes. Certezas que custaram vidas.

Overture to Cassino, portanto, é um texto permeado de detalhes sobre a sua experiência na guerra e sobre o funcionamento dessa, especificamente da batalha na cidade de Cassino que perdurou por alguns meses. A batalha é vencida sob os custos de muito sangue derramado, ao fim desta batalha (por sinal, vencida pelos Aliados), ele escreve um poema no alto do Monte Grande, o poema é chamado de *Coda* (1944)³⁶:

Coda

He lies by star-of-bethlehem and rose
Beside the track, among the terraced hills,
Where broom in flower flings a yellow sash.

Save some in England all of Europe knows
So I'll not tell you how a dead man smells
Nor what five days of sun can do to flesh.

Come, gentle officers of burial,
And do not leave him here where strangers roam:
Sweet diesel, solemnise his funeral,
Grave bulldozer, dig deep his resting-room

(Tradução)

Coda

Ele se mantém entre a estrela de Belém e a rosa-dos-ventos
Ao lado da trilha, entre tantas colinas, onde as
Flores de giestas se expandem, como um cinturão amarelado.

Salvo alguns na Inglaterra, toda a Europa sabe e
Não te direi do odor de um homem morto
Nem o que cinco dias de sol pode fazer na carne.

Venham, gentis homens de sepultura.
Não o abandone onde vagam os estranhos:
Doce diesel, solene é o teu funeral,
Escavadora de túmulos, cave profundo tua sala de descanso.

³⁵ THOMPSON E. P. *Overture to Cassino*. In: _____ *The heavy dancers*. London: Merli Preess, 1985, p. 209.

³⁶ *Ibidem*. p. 225.

Coda: o que é ‘coda’? Na teoria musical, *coda* trata-se do “fragmento musical acrescentado como apêndice conclusivo de uma peça em que há repetições”³⁷. Pode ser traduzido como “cauda”. Palavra italiana. Mas também significa “a parte final de um pas de deux”³⁸. Como no próprio texto de Thompson, o poema vem no final. O título sugere fim. E, ademais, fora escrito no final da batalha de Cassino.

A narrativa de *Overture to Cassino* vai aos poucos saindo da logística de estratégia e ação do exercito até ficar completamente um texto em primeira pessoa, numa narrativa de incessante ação: “Se a história é feita por assassinato, que grandes histórias estão sendo feitas hoje à noite.”³⁹ É Thompson em movimento. Através do poema, ele sugere que por trás de toda glória de uma batalha vitoriosa há sempre o cheiro de carne se decompondo e sangue, muito sangue. É o corpo de um soldado qualquer, morto, desfigurado, como o território em batalha. Os sentidos de uma guerra são cruéis.

Por fim, atrelado a isso, a forma como Frank morreu resultou numa profunda significância para Thompson e sua visão de mundo, pois fundamentou sua formação, um poeta que estava sendo oficial em uma grande guerra, um sujeito que olhava para o futuro como um campo de possibilidades.

2.2to his brother....: Frank Thompson (1920-1944)

Enquanto findava a guerra em 1945, seu irmão Frank Thompson já havia sido assassinado em meados de 1944. Até então a família Thompson não tinha nenhuma informação de Frank; a ausência perdurava mais ou menos desde Abril de 1944, quando Frank escreveu seu último texto. Ele estava no serviço de guerra desde setembro de 1939 e foi grande influência para Thompson se inserir nos quadros da luta antifascista e aderir ao Partido Comunista britânico – ambos impulsos se retroalimentam no início do conflito bélico em 1939. O primeiro poema de Thompson que temos aqui coletado supõe-se que foi escrito pensando em Frank.

Redshank

Reeling from the reedbanks, you cry your outcast cry, like three curls
on a girl’s forehead or a lonely spiral of peat smoke

³⁷ HOLANDA FERREIRA, *op. cit.*, 1980, p 341.

³⁸ “The closing part of a pas de deux”. The American Heritage Dictionary of the English Language. MORRIS, William (Ed). Boston: Houghton Mifflin Company, 1981 [1969], p. 257.

³⁹ “If history is made by murder, what great histories are being made tonight”. THOMPSON, 1985, p. 224.

and beating fish-silver, flashing fins, you scatter tokens
like feathers of weather-worn wildernesses, the wide-wind skirl

and whirl of the plover, the wailing of waders on water-wastes
through dark, castaway dawns and lands like the ends of the world,
where the sea-sand wall welcomes no man. Warden
of the marshes they call you, and your call when you have ceased

waits in the air, - no warning, but na unanswered question, of lost
lover

of war, and women weeping, and the wonder of wet valleys,
that wanders with geese, firm in formation, to the haunt of heron
and black-coated duck and brigand gull the whole world over.

This most in winter, when mud-flats form platforms for legs,
like pink pencils printing stars, or, later, feet hammer near nest;
but in summer, when life is no longer a question,
and the snipe spins a soft-sounding switchback over his eggs,

sailing along silente estuaries, you are seen among sedges,
the geese are forgotten, and grebes grace the shallow lakes,
and your call becomes confidente, in down-drooping love-dance, -
a token
with wings like ploughshares, of dash and freedom, of heights
without hedges.

(Tradução)

Cacongo ou Perna-vermelha

Cambaleando entre bancos de juncos, você lamenta seu triste desterro,
[como três cachos
na face da menina ou na solitária espiral da turfeira,
o pulsante salmão, nadadeiras reluzentes, você espalha sinais
como plumas de ermos desgastadas, o agudo assobio do vento

que o rodopiar dos borrelhos, na escuridão dos esgostos o soar
dos pernaltas, territórios e madrugadas náufragas como os fins do mundo,
onde o quebra-mar acolhe homem algum. Sentinelas
dos pântanos te chamam, e seu apelo quando você já tem cessado

expecta no ar, - sem alerta, mas uma pergunta sem resposta, do perdido
amante

da guerra, e mulheres chorando, e o encanto dos vales úmidos,
que vagueia com gansos, firmes na formação, ao refúgio das garças
e patos negros e saltitantes gaivotas do mundo inteiro.

Isso é maior no inverno, quando o lodaçal marítimo forma
[planura para pernas,
como pinceis rosa pintando estrelas, ou, mais tarde, pés fincados
[próximo ao ninho;
mas no verão, quando a vida não é tanto um problema,
e a narceja fia um ziguezague sonante ao redor de seus ovos,

singrando ao largo dos silenciosos estuários,
[você era visto entre as junças,
os gansos são esquecidos e os mergulhões adornam os lagos rasos,
e seu clamor torna-se confidente, gotas aspergidas na dança-de-amor -
um sinal
com asas como relhas, de vigor e liberdade, de cumes
sem cercanias.

Esse primeiro poema, *Redshank*, foi escrito quando Thompson contava com 17 anos em 1940 e ele não tinha ainda ido para o serviço ativo da guerra; o poema inicia com alguém “vagueando entre o rio e as árvores, você lamenta seu triste desterro” e esse alguém permanece “vagueando” e observando os elementos da fauna e da flora ao redor; ele segue “vagueando” e interagindo com esses elementos e seu “triste desterro” é comparado aos “cachinhos encaracolados no rosto da menina” e, ao mesmo tempo, com a “espiral solitária da turfeira”... e nesse vagar, vê “o pulsante salmão, nadadeiras reluzentes,” de forma que “você espalha sinais,/como plumas de lugares inóspitos e longínquos”.

O ‘*redshank*’ do poema é um passarinho que vulgarmente é chamado de “cacongo” ou “perna-vermelha” – alegoricamente, numa rápida ligação do elemento da cor, o vermelho, ele pode indicar alguém que pratica e ideologicamente segue o comunismo e, ao mesmo tempo, sendo um passarinho, um animal que voa. A referência, assim, sugere alguém próximo àquele sujeito do poema que, ademais de ser comunista, saiu em campanha para lutar na guerra que já se desenrolava: um passarinho firme de sua convicção política e convencido de sua ação.

Até que, na segunda estrofe, a coloração do poema vai ficando mais sombria, pois após ouvir tudo isso ele se depara com “*territórios e madrugadas náufragas como fossem os fins do mundo,/onde o quebra-mar não acolhe ninguém*”. Essa parte fica ambígua pois essa situação tanto vale para aquele desterrado, quanto àquele que sente o desterro do outro como seu. Mas a ambiguidade aqui é aceita e não fere a proposta. Se bem que no verso seguinte onde “*sentinelas dos pântanos te chamam, e quando já por fim o teu chamado/paira no ar, -calmo mas com uma questão sem resposta, do perdido/amor/da guerra/e as mulheres choram*” indica que o desterrado é alguém próximo daquele que continua vagando “*entre o rio e as árvores*”, até que, por fim, ele consegue ver alguns pássaros, “*os mergulhões no raso do lago*” expelindo gotículas d’água “*na dança-de-amor,-/um sinal*”, que são as “*asas laminadas, de vigor e liberdade, dos cumes/sem cercanias*”.

Supõe-se que esse *Redshank* é o irmão de Thompson, Frank, que havia aderido ao Partido Comunista um ano antes (1939) e, como está escrito na introdução de *There is a spirit in Europe... A memoir of Frank Thompson* (1947), “seus motivos na época eram compostos

igualmente de convicção intelectual e frustração pela ineficácia de outros partidos diante da guerra que se aproximava”⁴⁰. Frank passara o ano de 1940 na Royal Artillery, servindo por um curto tempo na defesa do litoral sul bretão e, logo depois, foi nomeado para treinamento no Regimento Phantom, partindo no ano seguinte para servir no Oriente Médio até 1943.

A adesão e prontidão de Frank à luta na guerra foram marcantes para o irmão mais novo, seu patriotismo e obstinação foram notáveis. O historiador neozelandês Scott Hamilton em seu capítulo “The making of E. P. Thompson: Family, anti-facism and 1930’s” contribui para a compreensão das formações ideológicas e visões de mundo que mobilizaram o jovem Frank em sua incisiva vontade de lutar. Ele entende que é através da história familiar que se entende a adesão e prontidão à luta de Frank à guerra. Segundo Scott, a relação entre o pai, o irmão e Edward é de continuidade e não simplesmente de identidade. Ele retorna ao contexto político e intelectual inglês do início do século XX para entender a formação do pai Edward John Thompson.

Nascido em 1886, E. J. Thompson foi de família metodista⁴¹. A partir de 1909, vive na Índia, como missionário metodista, para ensinar literatura inglesa. Fora poeta, romancista, tradutor e historiador. Após todas suas experiências na Índia, John Thompson revê e altera suas noções políticas. O Massacre de Amritsar⁴² foi o evento mais marcante, negativamente, para ele. Depois do evento, retorna para Oxford, em 1923, e passa a ser o docente responsável pelos Estudos Orientais nesta universidade, mas logo percebe pouco apoio da instituição para esse campo de estudo. A partir da década de 1930, John Thompson vai grangeando seu reconhecimento intelectual e, em 1934, obtém “um posto como Professor Investigador, especialista em cultura e história hindu”⁴³. Falece em 1944.

Assim como Scott, o historiador espanhol Alejandro Estrella González também trabalha com a história familiar dos Thompson. Escrevendo sobre o período de John Thompson na Índia, ele é sucinto e direto:

A Índia não só havia forjado o capital intelectual de E. J. Thompson. Sua crescente politização à causa nacionalista e à crítica ao imperialismo

⁴⁰ “his motives at the time were composed equally of intellectual conviction and frustration at the ineffectiveness of other parties in the face of the approaching war”. THOMPSON,; TEODOSIA, *op. cit.*, p. 11.

⁴¹ A pesquisadora Mary Lago da Universidade de Missouri escreveu uma biografia intelectual chamada *India's Prisoner A Biography of Edward John Thompson, 1886 – 1946*. Columbia: University of Missouri Press, 2001. Até então, não foi possível leitura desta obra.

⁴² Como o nome explicitamente aponta, trata-se de um massacre profundamente marcante para os intelectuais britânicos na Índia. Ocorrido em 1919, o evento influenciou diretamente a alteração da noção que esses intelectuais possuíam acerca da relação Inglaterra-Índia. A questão basilar aí era a questão da independência indiana do domínio britânico.

⁴³ GONZÁLEZ, *op. cit.*, p. 34.

britânico se realizou a partir de alguns redes sociais nas quais concorriam grandes poetas e literatos, como Tagore, ou ativistas políticos como Nehru. Sua definitiva instalação em Oxford não foi óbice para que estas redes se mantivessem mediante constantes visitas e intercâmbios⁴⁴.

Essas visitas e intercâmbios se tornaram memórias vivas e significativas em Edward Thompson e sempre são lembradas para reforçar que ele possuía um ambiente familiar diferenciado e rico culturalmente. Os irmãos Thompson possuíam consciência da trajetória intelectual do pai, ao mesmo tempo em que mantinham uma “desilusão desfocada com a sociedade e políticos britânicos”⁴⁵.

Observa-se que as duas referências familiares mais próximas para Edward Thompson possuem formação intelectual díspar, justamente porque são de diferentes gerações. Isso fica evidente quando se observa como o pensamento marxista vai se aproximando ou não de cada um deles. Seu pai, por exemplo, nunca esteve profundamente envolvido no marxismo e isso não é por acaso. A história da penetração do marxismo entre os intelectuais ocidentais, por um lado, e a história intelectual britânica, por outro, podem explicar esse caso. O historiador inglês Eric Hobsbawm conta que a difusão do marxismo pelo mundo ocidental foi paradoxal.

Hobsbawm localiza a condição paradoxal da reverberação do marxismo no Ocidente nas primeiras décadas do século XX. O fluxo relocionário pós-1917, por exemplo, não atrai os intelectuais ocidentais, tendo em vista que os partidos comunistas ocidentais eram predominantemente formados por operários. Além do mais, afirmando alguns fatores que contribuíram para a diminuição da influência marxista no Ocidente, Hobsbawm cita, por exemplo, o problema da língua, tendo em vista que os debates iniciais do marxismo aconteceram em alemão e russo, idiomas pouco conhecidos no Ocidente, assim como cita o esvaziamento do influxo, nos circuitos intelectuais, de emigrados marxistas ou marxizantes⁴⁶, depois de um período de grande penetração desses emigrados, inclusive na Inglaterra. Esse período de afluência, ademais, foi responsável por uma leitura marxista ou marxizante de caráter nacional, no sentido de uma “teorização independente marxista”⁴⁷. Para ele, só houve um autêntico internacionalismo de esquerda: o da literatura e o da arte.

⁴⁴ “La India no sólo había forjado el capital intelectual de E.J. Thompson. Su creciente politización hacia la causa nacionalista y la crítica al imperialismo británico se realizó desde unas redes sociales em las que concurrían grandes poetas y literatos, como Tagore, o activistas políticos como Nehru. Su definitiva intalación em Oxford no fue óbice para que estas redes se mantuvieran mediante constantes visitas e intercambios. GONZÁLEZ, *op.cit.*, p. 34.

⁴⁵ “(...) unfocused disillusionment with British society and politics”. *Ibidem*, p. 22.

⁴⁶ HOBBSAWM, Eric. “Os intelectuais e o antifascismo”. SOCHOR, Lubomír *et al.* *O Marxismo na época da Terceira Internacional: problemas de cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 9v, p. 257 em diante.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 261.

Scott Hamilton, pensando o mesmo contexto intelectual que Hobsbawm, defende que havia no começo do século XX uma ausência de autonomia da inteligência cultural e acadêmica britânica, o que possibilitou a produção de uma inteligência integrada à política e às elites econômicas do país. Essa condição intelectual, por sua vez, consistia em uma especificidade inglesa comparada às realidades de outros países continentais. É possível afirmar, tanto por seu período na Índia, assim como pela sua formação liberal e metodista, as razões de John Thompson para não ter sido um adepto explícito da teoria e prática marxista.

Até a década de 1930, por um lado, não havia uma tendência intelectual hegemônica na Inglaterra e, por outro lado, é somente a partir daí que aparece “um interesse maior dos intelectuais pelo marxismo e pelo Partido Comunista”⁴⁸. Vale ressaltar que, até início da década de 1930, na região onde a família Thompson morava, “Oxfordbridge”, o Partido Comunista Britânico não possuía tanta influência. Frequentemente esses partidos (comunistas ocidentais) “tinham insistido deliberadamente na função de dirigentes dos operários”⁴⁹. A composição da família Thompson, assim, de clara tendência liberal e metodista, à primeira vista, não era de conformação ao Partido Comunista Britânico.

Nesse ponto, cabe destacar que o contexto político inglês da década de 1930 estava profundamente marcado pelo colapso do capitalismo em 1929. Os partidos Trabalhista e Liberal declinam em seus quadros que, por sua vez, migram para o que foi denominado de Governo Nacional, simbolizado por Neville Chamberlain. Em 1929, o Partido Trabalhista estava pela primeira vez no governo e, segundo o italiano Mauro Ceruti, “(...) se revelou completamente incapaz de enfrentar a crise econômica e o desemprego crescente, (...)”⁵⁰. Com a eclosão da guerra civil na Espanha, a situação contraditória do governo Chamberlain é exposta quando foi informado que o mesmo governo vendia armas para o governo de Franco e, ao mesmo tempo, não possibilitava declaradamente aos britânicos lutar contra o fascismo naquela guerra civil espanhola⁵¹.

A partir dos argumentos de Scott e de Hobsbawm, é possível entender a não aproximação de John Thompson ao debate marxista ou marxizante. Tratava-se de algo mais amplo. As condições para Frank Thompson, no entanto, estavam abertas. Ele bebe da fonte intelectual familiar-escolar dos Thompson e, seguindo suas próprias convicções, se insere na

⁴⁸ *Ibidem*, p. 263.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 258.

⁵⁰ CERUTI, Mauro. “O materialismo dialético e a ciência dos anos 30”. In. SOCHOR, Lubomír *et al.* HOBBSAWM, Eric (Org.). *O Marxismo na época da Terceira Internacional: problemas de cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 9v, p.321

⁵¹ Segundo Scott, Frank perdera um grande amigo nessa mesma guerra.

luta antifascista, possibilitada tanto pelo contexto político da Inglaterra quanto pela mobilização promovida pelas “frentes populares”, já membro do Partido Comunista Britânico em 1939. Ao contar sobre radicalização dos intelectuais nesse decênio como “uma resposta à crise que tinha abalado o capitalismo”, Hobsbawm completa:

Na Inglaterra, por exemplo, os primeiros sinais concretos de um interesse maior dos intelectuais pelo marxismo e pelo Partido Comunista se notam em 1931, quando o materialismo histórico e dialético se torna tema de debate entre uns poucos acadêmicos e alguns grupos de estudantes comunistas, que se constituem aqui e ali — por exemplo, na Universidade de Cambridge —, depois de um silêncio de vários anos. O que surpreendia não só os círculos restritos de intelectuais potencialmente ou efetivamente comunistas, mas também estratos muito mais amplos da população, não era somente a catástrofe global da economia capitalista (...) mas também o fato de que a União Soviética estivesse aparentemente imune a ela⁵².

Diretamente influenciado pela política de Stálin a partir de 1934, o Partido Comunista Britânico passa a adotar, com objetivo de união de forças contra o fascismo, a prática das Frentes Populares⁵³ e, assim, a aceitar “(...) acadêmicos, escritores e artistas que podem ser simpáticos ao chamado do partido para uma ampla aliança antifascista (...)”⁵⁴. A partir daí é possível entender as condições históricas para Frank passar a observar o comunismo como um caminho onde convergiam as forças que lutavam contra o fascismo e todo o obscurantismo que o envolve.

Com 18 anos, em 1942, Thompson se filia ao Partido Comunista Britânico, três anos depois que seu irmão. Para González, as condições para a filiação de ambos ao PCB são díspares, não somente por conta da idade, o que seria mais evidente:

O ativismo da intelectualidade esquerdista dos anos 30 se forjou em meio às frustração das expectativas revolucionárias com as que havia começado a década – devido aos expurgos soviéticos, a claudicância de Munique, a luta pelo poder dentro das forças republicanas espanholas ou o pacto germânico-soviético. A dos anos 40 (...) conheceu a derrota do fascismo, o triunfo das lutas populares e uma eclosão dos movimentos revolucionários.

Possivelmente González considerou condições que não podiam ser ponderadas e niveladas ainda em 1942, tendo em vista que a ameaça era ainda forte e real. Em seu artigo citado acima, Hobsbawm, por exemplo, caracteriza a dimensão cada vez mais crescente (se comparadas aos anos de adesão ao Partido dos irmãos Thompson) da ameaça do fascismo.

⁵² HOBBSWAM, *op. cit.*, p. 263.

⁵³ Ver mais sobre as Frentes Populares em DASSÚ, Marta. “Frente única e frente popular: O VII Congresso da Internacional Comunista”. In: JOHNSTONE, Monty *et al.* HOBBSAWM, Eric (Org.). *O Marxismo na época da Terceira Internacional: da internacional comunista de 1919 às frentes populares*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 6v.

⁵⁴ “(...) academics, writers and artists who might be sympathetic to the party’s call for a broad anti-facist alliance(...)”. HAMILTON, *op. cit.*, p. 26.

Mesmo assim, é correto afirmar que Frank influenciou diretamente Edward na aproximação ao Partido Comunista Britânico.

Redshank termina sob o ensejo da liberdade e de lugares sem fronteiras. Talvez, aqueles que estiveram obstinados e em prontidão em 1939, como Frank, para a guerra, nem imaginassem o tamanho do desafio que teriam *todos*, não somente em lutar, não somente contra a ameaça e a desgraça do nazifascismo, o que não é pouca coisa, mas também contra a ameaça capitalista. E quando se pensa em *todos*, a referência é em direção àqueles que lutaram no sentido de derrotar o nazifascismo e prenunciar e anunciar o conflito entre capitalismo e comunismo. É importante lembrar que a ameaça do fascismo era real e oficial, era uma ameaça à civilização: “Rejeitava o liberalismo em todas as suas formas com a mesma decisão implacável com que recusava o socialismo e o comunismo”⁵⁵.

Quando escrevera o poema *Redshank* Thompson tinha 17 anos. Somente dois anos depois é que ele iria para a guerra. E durante o conflito comunicou-se com o irmão, periodicamente, mas nunca mais o veria vivo. Antes de partir para a guerra, o jovem Edward escreve um poema chamado “*For a Friend of Childhood, Killed in the Air*”⁵⁶, no qual Thompson lamenta a tragédia de um amigo que foi morto em guerra, no ar. Aqui o céu é lugar, também, da morte. O uso dos aviões é característica desse conflito tendo em vista seu enorme uso e desenvolvimento bélicos. Aliás, os ataques de bombardeiros aéreos e chuvas de gases tóxicos são aterrorizantes. A possibilidade de qualquer lugar poder ser atacado é assustadora. Em um dos últimos textos antes do suicídio, Virginia Woolf escolhe um título bem sugestivo: “*Pensamento de paz durante um ataque aéreo*”⁵⁷. Completamente aflitivo e escrito sob o medo de morrer a qualquer momento, o texto de Woolf escancara angústia: “Lá no alto do céu jovens ingleses e jovens alemães estão lutando uns contra os outros”⁵⁸, e mais à frente, escreve:

A corrente flui furiosa e rápida. Transmite-se num jorro de palavras pelos políticos e alto-falantes. Todos os dias eles nos dizem que somos um povo livre, lutando para defender a liberdade. Foi essa corrente que arrastou o jovem aviador lá para o alto do céu e o mantém circulando em meio às nuvens. Cá embaixo, com um telhado a nos cobrir e a máscara contra gases à mão, o que nos compete é furar balões de gás e descobrir sementes de verdade. Não é verdade que somos livres⁵⁹.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 265.

⁵⁶ Ver em Anexo, p. 181.

⁵⁷ WOOLF, Virginia. “Pensamentos de paz durante um ataque aéreo”. In: _____. O valor do riso e outros ensaios: Virginia Woolf. Tradução e organização: Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

⁵⁸ *Ibidem*, p.465.

⁵⁹ *Ibidem*, p.466.

No poema de Thompson há uma preocupação aproximada a essa de Woolf, no sentido de toda uma vida familiar ser destituída por conta da guerra. Ao mesmo tempo, há uma sensação de que eles estão a lutar porque não há outra opção, visto que a ameaça era, de fato, real. O lamento, portanto, é por perder uma vida que teria todo o caminho pela frente como um campo aberto de possibilidades, “(...) *Mas hoje o tempo é curto/para a poesia ou morte*”⁶⁰. A luta contra o inimigo real era consenso entre pessoas com tendências políticas díspares. Comunistas e liberais, por exemplo, lutavam próximos, no mesmo lado. O chamado à juventude inglesa foi reforçado após o cerco e derrota da França, em 1940. Winston Churchill montou uma “nova administração que mirou unir todo o país contra o Nazi...”⁶¹. Inclusive, o próprio PC inglês “propugna a aliança com Winston Churchill, símbolo igualmente representativo de tudo o que era reacionário e avesso ao movimento operário”⁶². Essa postura de sujeitos e instituições que entendia o mundo de formas diferentes unidos durante a guerra representa bem sobre a vivência numa guerra (diretamente para os que iam para o conflito, mas também para aqueles que, como Woolf, não iam para o fogo cruzado), e também diz bastante sobre a preocupação com o futuro de populações e países que o conflito mundial acendeu.

É por isso que as reflexões no após guerra feitas por quem participou são tão eloquentes. Para Thompson, a notícia da morte de Frank (sobretudo, da forma como ele morreu) foi uma forte inquietação teórica e prática que funcionou como mobilização para Thompson. A morte no sentido de fazer sentir o significado da pessoa de Frank naquilo em que ele estava convicto, ao ponto de lutar (até a morte) por um ideal. Lutar pelo socialismo estava inerentemente imbuído na luta pela democracia e, claro, não mobilizou somente Thompson. Assim, a morte se inscreve em Thompson e ele escreve um poema para sua mãe, no qual a morte do irmão é central. O poema é “Untitled” (2) e foi escrito talvez um pouco depois da chegada da notícia da morte de Frank.

Untitled (2)

Mother, why do you wear that disaffected look?
Such grief is quite extremists, when you consider
Your first-born son was always a rank outsider
And hardly worth the expense of the rusty hook

We hung him from. Now consider instead
The terms of my duty, which is hardly pleasant

⁶⁰ “(...) But time is short today/ for poetry or parting”. INGLINS, Fred (Ed). *E. P. Thompson: collected poems*. Newcastle: Bloodaxe Books, 1999, p. 33.

⁶¹ “(...) new administration that aimed to unite the whole country against the Nazi...”. SCOTT, *op. cit.*, p. 37.

⁶² HOBBSAWN, *op. cit.*, p. 269.

With prices what they are – one penny a peasant,
Tuppence a worker – and, since the severing of heads

Has been forbidden by the Liberal Minister
In deference to western practice, we must take
Each prisoner alive for questioning. So we can't fake
Some unoffending and make it sinistre

And save our trouble (all heads are much alike,
Lawyer or fisherman or cook, once they are severed,
Black from travel, dust in the eye-sockets, covered
In blood and spittle), sticking like the shrike

Does on his thorns our larder in the villages.
Why be distressed? One brigand, as I said,
In much like any other. This one, being dead,
Is twice a brigand, since he brutally pillages

Your cracking heart. Order must be preserved.
The rope was twitching only for your good.
And even (lest we should be misunderstood
In certain quarters) all forms have been observed

Perfectly. The process of prosecution
Accorded with that which Western Democracy follows.
A priest with a hymnbook stood beside the gallows.
A British Observer attended the execution.

The Senate authorised a loan for the purchase of rope
And an accredited hangman cut him down.

Now, lest by a miracle your withered womb
Should nourish more extremists, your reviving hope
Of progeny be granted (can we overlook
You were accomplice in the crime?) I'll trouble you
To pack and follow me.

*Smile, mother, damn you,
Or I'll gouge out that disaffected look.*

(Tradução)

Sem-título

Mamãe, porque traz esse desalentado olhar?
É tão extremista a dor de perceber que
Seu primogênito sempre fora um forasteiro
E dificilmente é benéfico suportar desse gancho enferrujado

No qual fomos dependurados. Pondere isso agora e não
Os termos do meu alistamento, que pouco são agradáveis
Com os valores que possuem – migalhas ao camponês,
Violência ao trabalhador – e, desde então os responsáveis

Foram esquecidos pelos ministros liberais

Em respeito às práticas ocidentais, tomaremos
Para interrogatório cada prisioneiro vivo. Não podemos falsificar
Algo inofensivo e nem fazer disso algo sinistro ou

Salvar nosso problema (todas cabeças são semelhantes,
Seja a do advogado ou a do pescador ou cozinheiro, uma vez já tolhidas,
Obscuros percursos, poeira nas orbitais, cobertas
De sangue e saliva), picando qual o pica-pau

Faz em seus espinhos nossas despesas na aldeis.
Porque afligir-se? Um bandido, como disse,
Como qualquer outro. Este, morto,
É duplamente um bandido, desde que ele brutalmente pilhou

Seu coração fendido. A ordem deve ser mantida.
A corda contorcia-se somente pelo seu bem.
E mesmo assim (a fim de não sermos mal compreendidos
Em alguns bairros) todas as formas foram observadas

Perfeitamente. O processo de acusação
Em harmonia aos seguidores da Democracia Ocidental.
Ao lado da força, um padre com um livro de hinos.
Um Observador Britânico assistiu à execução.

O Senado autorizou financiamento para a aquisição de corda
E, designado, um carrasco cortou-lhe.

Agora, nem por um milagre seu útero ressecado
Haverá de nutrir mais extremistas, tua esperança renascendo
Da propiciatória descendência (como podemos ignorar
Que fostes cúmplice no crime?) te afligirei
Para fazer você se recompor e seguir-me

*Sorria, mãe, perceba-se
Ou de ti eu arrancarei aquele desalentado olhar*

Após a guerra, Thompson e sua mãe, Theodosia Jessup, passam a preparar uma edição com os textos do irmão e do filho, Frank Thompson, *There is a spirit in Europe... A memoir of Frank Thompson* (1947). O livro e sua organização – processo de coleta de informação e reorganização dos textos (poemas, diários, pequenos escritos) – podem ser tomados como ato de fazer justiça e, ao mesmo tempo, um livramento à família Thompson dos "*custos desse gancho enferrujado/no qual fomos dependurados*". As palavras 'justiça' e 'livramento' são pertinentes e indicam o sentido que foi a construção da memória de Frank Thompson. John Thompson, o pai e esposo, mesmo adoentado, chegou a escrever em *There is a spirit in Europe* sobre o filho morto.

Uma memória diferente dentre as que a guerra produziu, pois as circunstâncias e os motivos foram rapidamente explicitados. Não por acaso, no poema, há nitidamente um

ressentimento com alguns sujeitos, "um observador britânico assinou a execução", e aos ministros liberais ingleses que esqueceram, em nome das "práticas ocidentais", os responsáveis pela execução de Frank. É um retrato da tristeza de Thompson e Theodosia – visto que o pai e esposo, respectivamente, tinha falecido, ironicamente, no mesmo ano que o filho, Frank, em 1944, por motivos outros e não bélicos. Um ano antes, no Egito em julho de 1943, Frank escreve um poema depois de ler uma carta de sua mãe.

Will it be like that? Will the train pull into the halt
Below the Barleycorn, wait while I dump my kit,
Then chug away to Chinnor? Will all of you be there?
Can you fix it like that? Gods of the Chiltern Woods!
Will it ever be like that? I doubt it

Shall we climb the hill together, the four of us,
Between the hawthorn-hedges, not breathing a word of war
Or dreary desert, discussing important things,
A name for our new cat, the apple-crop,
Bee-orchids growing on the Coneygar?
Will it really be like that? God Wotan grant it!

Tea with lemon by the lavender bed.
To be at peace, not trying to be a soldier!
The cornfield rippling in the evening light.
Among known walks, not feeling myself a stranger!
In that cool haven of my yearning
To rest with eyes half-closed and savour,
Along with millions Europe over,
The still strong joy of four returning!⁶³

O verso, "*The still strong joy of your returning!*", não é dele, mas foi extraído de um trecho da carta de sua mãe. O retorno não houve e a dúvida que Frank expressa era pura verdade. Daí imaginar a própria Theodosia Jessup lendo a carta e poema do filho após a guerra quando a mesma foi organizar o volume de *There is a spirit in Europe*. O ressentimento a essas pessoas (cargos, instituições) aparece em primeira instância para Thompson e só corroborou para o "desalentado olhar" da mãe.

No último verso em itálico do poema *Untitled (2)*, o "*perceba-se*" que ele solicita à mãe remete indiscutivelmente a uma particular característica da família Thompson, de tradição metodista. É preciso observar isso com mais cuidado, mas pode-se afirmar que quando Thompson a pede que "*perceba-se*" no sentido metodista, acontece no sentido de

⁶³ THOMPSON; TEODOSIA (ed.). *op. cit.*, p. 135.

"auto-exame"/"auto-percepção" como mecanismo comum de autoavaliação por conta da noção de "liberdade de consciência", marcadamente metodista.

Nesse sentido, isso pode muito bem significar uma tentativa que Thompson solicita à sua mãe de não recair em desgostos – mesmo que a dor, indiscutivelmente, tenha sido muito grande –, mas de fazê-la permanecer firme e, por sua vez, dar continuidade aos ideais que o filho, agora morto, passou a significar. Mesmo que no após guerra Thompson não tenha aproximação com a tradição metodista firmemente, ele a invoca para o conforto sentimental e espiritual da mãe. Por outro lado, González aponta que foi através dessa circunstância familiar, a tradição metodista, que Thompson passou a desenvolver disposições que levará pelo resto da vida, como abnegação, eleição, paciência, meticulosidade, etc. Ademais, citando Bryan Palmer, o historiador espanhol afirma que “a tradição familiar metodista e a educação wesleyana podem ter sido uma fonte de conflitos internos para um jovem que se politizava na mesma medida em que crescia sua hostilidade à ortodoxia metodista”⁶⁴.

No poema, o evidente ressentimento a sujeitos (institucionais) e, sobretudo a insatisfação com aquilo que chama de "*democracia ocidental*", aponta para uma passagem que Bryan Palmer⁶⁵ faz: "Havia um novo cenário para o simbolismo democrático, socialista e simbolista, que fez os poderosos assumir uma posição defensiva (...)". O Partido Trabalhista ganhava as eleições britânicas em 1945, e até onde é possível ver a forma como se configurou a contradição da "*democracia ocidental*", faz com que Thompson rejeitasse essa postura “defensiva” do Partido Trabalhista, ao mesmo tempo em que vai percebendo o "novo cenário para o simbolismo democrático", estabelecido, por sua vez, em outros termos. Pode-se incorrer em erro, mas é possível ver a "*democracia ocidental*" bastante próxima dos "*ministros liberais*", esses que coonestaram talvez involuntariamente com a morte de Frank, os quais, no que lhes concerne, estão nas mesmas fileiras que Thompson rejeitava teoricamente e lutava contra: o capitalismo. De forma que o cenário novo para "*o simbolismo democrático, socialista*" aparece como impulso à luta antiimperialista, que cada vez fica mais claro. Bryan Palmer, mais uma vez acrescenta:

Quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim, a própria árvore genealógica de Thompson havia sido assolada impiedosamente pela morte, mas sua consciência e capacidade de conscientização, enquanto árvore da liberdade, deitara raízes profundas. Thompson decantou a experiência de

⁶⁴ PALMER, 2004, p. 47 *apud* GONZALÉZ, 2011, P. 58.

⁶⁵ PALMER, *op. cit.*, p. 50

seus pais em uma narrativa pessoal de antiimperialismo descompromissado, e o martírio do irmão em uma postura terminantemente antifascista.⁶⁶

Essa preocupação retorna nosso problema inicial quando se analisava o poema "Song for 1945" e que diz respeito aos motivos e às motivações para compreender o como e o porquê a apologia à ação surgia em Thompson e como e porquê ela se desenvolvia e transformava. O sentimento de estranhamento que a guerra propunha, tornava mais claro o lado em que se luta e, sobretudo, o lado em que se ia lutar após o conflito findar. Afirmando que Thompson incorporaria a vivência na guerra na sua formação litero-poética, González também sustenta que a "guerra havia dado forma prematura à noção de Thompson da ação humana como produto da tensão entre necessidade e desejo"⁶⁷.

Simultaneamente, enquanto junto com sua mãe, Thompson prepara o livro-homenagem a Frank Thompson, *There is a spirit in Europe*, ele – como já dito – começa a escrever um "romance de guerra" que nunca acabaria (pelos trechos que foi possível ler através do livro de Bryan Palmer, é possível ver uma grande semelhança estilística com o *Lutando na Espanha*, de George Orwell). E nesse romance Thompson escreve que, entendendo a necessidade política da guerra (de "abranger nossas próprias mortes"), há um espírito democrático em atividade pela Europa e também:

Havia uma submissão do indivíduo ao bem comum. Exatamente como agora havia uma aliança de resistência ao poder com propósitos definidos, uma "frente popular" ainda não desfigurada pela má fé. E também havia um clima autêntico de internacionalismo que tomou conta dos camponeses das aldeias da Úmbria e das nossas tropas em seus tanques⁶⁸.

Esse é Thompson rememorando uma "estrutura de sensibilidade" que encontrou durante a guerra e que, por sua vez, permanece e diz respeito à convicção teórica e o interesse prático de agir e lutar, de forma que no percurso derradeiro da guerra passa a perceber que realizar uma apologia à ação, combinada ao otimismo e internacionalismo que o conflito trazia, condizia com a permanência do ímpeto antiimperialista (ou seja, contrária à noção de democracia ocidental) como objetivo a ser traçado daí para frente. Isso não era um segredo para Thompson, pois ele tinha "um comprometimento cego com os que tombaram pela liberdade e pela derrota do fascismo"⁶⁹. É importante, ademais, perceber que a "*democracia ocidental*" dos "*ministros liberais*" do poema anterior não parece nada alinhada à noção de democracia para Thompson quando escreve o seu esboço de "romance de guerra".

⁶⁶ PALMER, *op. cit.*, p. 53-54.

⁶⁷ GONZALÉZ, *op.cit.*, p. 63.

⁶⁸ THOMPSON *apud* PALMER, *op. cit.*, p. 50.

⁶⁹ PALMER, *op. cit.*, p. 51.

Deste modo, a sensação de mudança era algo premente, e isso solicitava atenção à ação e ao compromisso. Quando o pai vai escrever sobre o filho Frank, ele prefere usar um trecho de uma carta de Edward, na qual fica mais que evidente o significado da guerra para Frank como uma “cruzada para a totalidade da vida de todos os seres humanos, e ele sempre tinha (...) a convicção de que a guerra era uma guerra certa e que o porvir será bom”⁷⁰. Essa postura é confirmada pelo próprio Frank, numa carta para Edward, de 2 de junho de 1943, escrita às margens do Mar Vermelho:

Esse não de mil novecentos e quarenta e três da graça será um grande ano para se viver ou morrer. Só pode ser comparado ao fim da última Idade do Gelo, quando as geleiras retrocederam e restauraram à Europa a liberdade. Isso levou milênios e isso pode ser uma questão de meses.⁷¹

Certamente é exagero a comparação com a Idade do Gelo, mas a oportunidade de mudança e, por sua vez, o estabelecimento de uma Europa livre, não somente dizia respeito à destruição do nazifacismo (“... *liberdade e fascismo não podem viver no mesmo mundo, e que o homem livre, percebendo isso, sempre ganhará*”⁷²), mas às promessas de um mundo socialista. O ímpeto, portanto, da destruição concreta da desgraça do nazifascismo por todos que lutaram e que foi simbolizada pela retirada da bandeira nazista e o hasteamento da bandeira soviética sobre o parlamento alemão, Reichstag, enfim, a entrada do Exército Vermelho dos Operários e dos Camponeses em Berlim, foi transformado para alguns na luta pelo comunismo e, simultaneamente, na derrocada do capitalismo.

Assim, após a guerra, e em contato com os escritos do seu irmão, o ímpeto à luta ficava mais evidente. Já ciente das posturas do Partido Trabalhista inglês, a preocupação com o *internacionalismo* fora algo presente em Thompson desde a guerra. No *There is a spirit in Europe*, Frank possuía diversos contatos com ‘camaradas’ de várias nacionalidades. Aprendeu mais de oito línguas. Possuía uma grande paixão pela vida e pela vida humana, pelas pessoas. Frank estava completamente imbuído de convicções por melhorar o mundo – na carta em que há o poema acima citado, ele escreve que “nós devemos ter empregos decentes e ser tratados como seres humanos”⁷³). Entregou-se, totalmente, pelo que defendia – custasse o que

⁷⁰ “(...) crusade for the fullest life for all human beings, and the always had (...) the conviction that the war is a right war and the outcome will be good”. Cf: THOMPSON, Edward Palmer e Theodosia Jessup. *op. cit.*, p 190.

⁷¹ “This nineteen hundred and forty-third year of grace is going to be a great year to live or die in. It can only be compared to the end the last Ice Age, when the glaciers receded and restored to Europe her freedom. That took millennia and this may be a matter of months”. *Ibidem*, p 102.

⁷² “(...) *that freedom and Fascism can't live in the same world, and that the free man, once he realises this, will always win*”. Carta de Frank Thompson escrita em Malta em 26 de julho de 1943 Cf: *Ibidem.*, p. 134.

⁷³ “We shall have decente jobs and be treated like a human beings”. Carta de 29 de julho de 1943. : *Ibidem*, p. 135.

custasse, onde fosse, em qualquer lugar. Passou por vários lugares durante a guerra e, a partir dessas experiências, não deixou de registrar suas percepções. O livro aborda isso: seus textos, trata-se de um diário de guerra. Mas há também poemas e cartas. A maioria das cartas é para Iris Murdoch e *to his brother*, Edward Thompson. Enfim, no fim, custou-lhe a vida. Mas sua memória, latente, perdurou, como já dito, naquilo que o irmão, Edward, passou a desenvolver, como ser humano, como historiador, como militante.

2.3 A luta continua: a ferrovia e a Iugoslávia

O *internacionalismo* foi um valor muito presente em Thompson e seu circuito – em 1946 e 1947, ele retorna os estudos de história e de literatura no Corpus Christi College em Cambridge e se junta ao grupo de historiadores comunistas. Os desafios são enormes no pós-guerra. Como afirma Luke Spencer, foi a guerra que lhe trouxe algo de uma moral colossal e de uma importância histórica para escrever⁷⁴. Nas palavras de Dorothy Thompson havia, no pós-guerra, “um círculo de camaradas” – Bryan Palmer cita a importância maior de Dona Torr para o incentivo do casal, Edward e Dorothy, pela pesquisa em História, o que à época se resumia numa atividade mínima, sobretudo para Thompson que se dedicava quase integralmente seja às atividades do Partido, seja na composição da obra em memória ao irmão. Para González, Thompson também passa a interpretar e trazer do conflito a solidariedade internacional. Mesmo desde pequeno tendo um circuito familiar internacionalista, “o internacionalismo de Edward parece haver se forjado mais diretamente através da militância comunista e da intervenção no próprio conflito armado⁷⁵”

Pensando em Thompson no tempo depois da guerra, Bryan Palmer diz que ele carregou muitas cicatrizes e que as carregava na mente. Uma delas era a morte: “a eterna batalha para ludibriá-la; sua presença constante; sem qualquer lógica ou aviso prévio⁷⁶”, escreve Bryan Palmer. No final de 1945, Thompson escreve para *Our Time* um texto chamado *Dava Bridge*. Diferentemente de *Overture to Cassino*, esse texto trata dele refletindo sobre a guerra após essa ter finalizado há poucos meses (para alguns, em maio; para outros, em agosto – afinal, as comemorações acerca do *fim* da guerra variam dependendo do país). O texto discorre sobre uma confusão entre dois batalhões aliados que não se decidem o que fazer com

⁷⁴ “(...) was the war that gave him something of colossal moral and historical importance to write about”. *Ibidem*, p. 97.

⁷⁵ “el internacionalismo de Edward parece haberse forjado más diretamente a través de la militancia comunista y de la intervención en el próprio conflicto armado”. GONZALÉZ, *op. cit.* p. 62.

⁷⁶ PALMER, Bryan D. *E. P. Thompson: Objeções e Oposições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 49.

um prisioneiro. De um lado do batalho, a rendição do prisioneiro bastava; do outro lado do batalhão a rendição deveria ser complementada pela execução, visto que o prisioneiro era um fascista.

Antes de verificar sobre as estratégias e as decisões (os dedos que percorrem mapas e decidem vidas), ele pensa naqueles sujeitos anônimos: “(...) nenhum deles sabiam para onde as estradas que eles marchavam os levariam (...)”⁷⁷. E, pior que essa alienação, seus legados estão fraturados: “Você não encontrará seus nomes na história, apesar de eles serem o solo que foi cultivado e atormentado e no qual grandes facções cresceram. Você nunca encontrará seus túmulos”⁷⁸. Ao mesmo tempo em que lamenta sobre o derradeiro fim do sujeito anônimo, partícipe da guerra, Thompson identifica uma força nesses mesmos sujeitos, e isso o marcará positivamente. Assim, Thompson percebera um sentimento de comunhão quando escreveu *Dava Bridge*: “Como podemos entender esses camponeses irados, que caminham no alvorecer de um novo mundo como se cada passo que davam fosse um juramento da afirmação humana?”⁷⁹.

A partir disso, não cabe afirmar que o *internacionalismo* de Thompson no pós-guerra necessariamente o punha à época como seguidor da IV Internacional, visto que o *internacionalismo* pode ser reivindicado como valor por qualquer organização. A aproximação ao *internacionalismo* não pode ser vista de forma alguma como um caminho para realização de críticas ao stalinismo (dentro do marxismo), até porque nesse momento do pós guerra, a liderança de Stálin era quase incontornável como chefe de uma superpotência que até pouco tempo foi responsável pela vitória sobre os nazistas, e mesmo em havendo críticas ao stalinismo, elas resultavam diminutas. Nesse sentido, o *internacionalismo* pode ser visto como uma forma de Thompson reivindicar, talvez, a autonomia de luta perante o Partido Comunista Inglês e seus funcionários, assim como para permanecer na luta pela democracia, pelo comunismo, pela ação e organização de uma luta anticapitalista. O *internacionalismo* como um valor que mobiliza forças e converge práticas em defesa dos trabalhadores. De modo algum, portanto, Thompson estava próximo aos ideais trotskistas.

Sabe-se que Frank Thompson conhecia a obra de Trotsky. Por volta de 1943 numa carta que envia a Edward Thompson em 02 de junho, escreve que sua “*magnum opus* vai ser o

⁷⁷ “None of them knew where the roads they were marching ended, (...)”. THOMPSON E. P. *Dava Bridge*. In: _____ *The heavy dancers*. London: Merli Preess, 1985, p. 231.

⁷⁸ “You not find their names in history, although they were the soil that was tilled and harrowed and in which great factions grew. You will never find their graves”. *Ibidem*.

⁷⁹ “How could we understand these ragged peasants, who walked in the dawn of a new world as if each step they too was na oath affirming human victory? How could we return their generous salutatio?”. *Ibidem*, p. 234.

meu “Vida de Trotsky”, para o qual já escrevi o prefácio e o parágrafo de conclusão”⁸⁰. Essa informação é relevante porque já aí sabe-se que E. P. Thompson teve conhecimento de Trotsky e, possivelmente, da sua obra, mas ao mesmo tempo é constatável a pouca atenção que ele dedica a Trotsky, pelo menos nos documentos que se tem acesso e suas obras em geral.

Entendendo, portanto, que parte das críticas ao stalinismo era estabelecida pelos marxistas da IV Internacional, cabe aqui apontar um exemplo de como essa incursão crítica dos trotskystas aparece nesse período. Tony Cliff, trotskysta, judeu nascido na Palestina e que ficara preso até o fim da guerra, escreveu um livro em 1947 chamado *The Nature of Stalinist Russia*⁸¹ e no primeiro parágrafo do livro ele já aponta os perigos para o marxismo do que ele chama de “frozen orthodoxy” do stalinismo e, por sua vez, alerta para as contradições dessa “frozen orthodoxy” quando confrontadas pelos princípios de “self-mobilisation and self-conscious action of the masses as a necessary element for the socialist revolution”. Frequentemente é apontada a burocracia stalinista como responsável por essa “frozen orthodoxy” e, conseqüentemente, pela inibição da ação dos operários na construção revolucionária permanente. Assim diz Cliff:

A Quarta Internacional repetiu constantemente que a burocracia stalinista não poderia resistir ao julgamento de uma guerra imperialista ou uma revolução proletária. A Segunda Guerra Mundial lançou golpes metálicos no regime stalinista; e em seu trem, com a destruição da máquina de matar alemã, uma vasta onda revolucionária varreu a Europa. A burocracia stalinista triunfante resistiu ao julgamento da guerra, e logo não só venceu a onda revolucionária, mas conseguiu, com a ajuda de seus agentes do Exército Vermelho e partidos ‘Comunistas’, reprimi-la⁸².

Nesse sentido, mesmo que a reflexão do por que Thompson permaneceu no Partido até 1956 seja superficial, mesmo que fazendo as críticas internas a esse Partido, se era possível alinhar-se aos marxistas da IV Internacional, não seja o ponto aqui... Ou mesmo se perguntar qual seria a sua relação com a IV Internacional ou porque nunca se aproximara dessa..., mesmo que todas essas questões permaneçam secundárias, é preciso delimitar que suas primicias críticas às dirigências do Partido Comunista Britânico resultam diminutas frente toda a

⁸⁰ “*magnum opus* is going to be my Life of Trotsky, for which I have already written the preface and the concluding paragraph” THOMPSON; THEODOSIA; *op. cit.* p. 101.

⁸¹ CLIFF, Tony. *The Nature of Stalinist Russia*. 1947. Disponível em: www.marxists.org/archive/cliff/works/1948/stalruss/index.htm. Acesso em outubro de 2017.

⁸² The Fourth International has constantly repeated that the Stalinist bureaucracy could not stand the trial of an imperialist war or a proletarian revolution. The Second World War rained hammer blows at the Stalinist regime; and in its train, with the destruction of the German military machine, a vast revolutionary wave swept over Europe. The Stalinist bureaucracy triumphantly stood the trial of war, and then not only withstood the revolutionary wave, but succeeded, with the aid of its agents the Red Army and the ‘Communist’ parties, in suppressing it. *Ibidem*.

atuação intensa que esse PCGB representou para a sua formação; o próprio contexto do movimento comunista internacional explica essa condição ambígua a nossos olhos. Bryan Palmer, por exemplo, atenta para essa questão:

Se ele permaneceu atado, em parte, a uma noção de marxismo explicitamente reverente enquanto ortodoxia adquirida e específica, e vinculado, em parte, ao Partido Comunista de Stalin, foi porque o endurecimento das relações da Guerra Fria e a lealdade à memória e ao significado do ano de 1944 o mantiveram ali. Caberia a William Morris o início do processo de sua libertação⁸³.

No Partido, Thompson possuía contato com Maurice Dobb, Eric Hobsbawm, Victor Kierman, Rodney Hilton, Bridget Hill, Raymond Williams, etc. Durou por 10 anos, de 1946 até 1956, um circuito de fluxo de informação, proliferação de debate. Após voltar da Iugoslávia, em 1947, Thompson se instalara em Halifax (localidade operária de Yorkshire) e em simultâneo às atividades partidárias, ele passa a lecionar para adultos no projeto de extensão da Universidade de Leeds até o começo da década de 1960. Sobre Thompson e o PCGB, González afirma:

(...) o partido e seu entorno constituíam uma autêntica forma de vida, um centro formativo e um espaço de sociabilidade a todos os níveis: laboral, intelectual e afetivo. (...) Foi através das redes do partido que chegaram a se arraigar e consolidar amizades chamadas a durar toda a vida⁸⁴.

Por conseguinte, é importante destacar que esse período tratava-se de um momento de grande mudança no movimento comunista. Paolo Spriano, em seu artigo “O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1938-1947” contribui a pensar o lugar de Thompson no Partido, especificamente, e no movimento comunista, de modo geral. Spriano considera esse decênio importante para as alterações no movimento comunista, no sentido de indicar seus futuros caminhos. É nesse momento que as contradições e as forças em jogos estão operando, portanto, para definir esses caminhos:

(...) tanto em 1939 quanto em 1944-46, e a constituição do Komiform, explodem crises e antinomias que repetem em escala mais ampla os contrastes dos anos 20 e, ao mesmo tempo, antecipam divergências históricas que serão evidentes nos anos 60 e 70, seja no Ocidente seja no Oriente⁸⁵.

⁸³ PALMER, *op. cit.*, p. 73.

⁸⁴ “(...) el partido y su entorno constituía una auténtica forma de vida, un centro formativo y un espacio de sociabilidade a todos los niveles: laboral, intelectual y afectivo. (...) Fue a través de las redes del partido como llegaron a arraigar y consolidarse amistades llamadas a durar toda la vida” GONZALÉN, *op. cit.*, p. 66.

⁸⁵ SPRIANO, Paolo. “O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1938-1947”. In: BADALONI *et al.*, *História do Marxismo: o marxismo na época da Terceira Internacional: de Gramsci à crise do stalinismo*. Tradução Carlos N. Coutinho e Luiz Sergio Henriques Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. 10, p. 132.

Sabe-se que URSS passa a ser uma grande potência tanto no decorrer da guerra quanto posteriormente a ela. O número de partidos comunistas no mundo cresce vertiginosamente. A contribuição das Frentes Populares para esse crescimento é destacável, seja por sua profunda convicção e sentimento antifascista seja por toda a socialibilidade proporcionada.

Ou seja, a partir da vivência na guerra os povos de várias nacionalidades se convergem sob um nítido sentimento antifascista e, a partir dessa vivência, esses sujeitos tornam-se ativos na vida nacional, ao mesmo tempo em que as diretrizes da Internacional Comunista⁸⁶ se diluem para situar diretamente, como referencial, a União Soviética e, sobretudo, Stálin que se torna “a figura que simboliza não somente a causa da libertação do jugo nazifascista, mas também a garantia de uma emancipação socialista para o amanhã vitorioso”⁸⁷.

Sem necessidade de aprofundar mais as questões que envolvem o mundo comunista neste período, visto que isso levaria páginas e páginas, e desviaria o foco do problema, é conveniente afirmar, no entanto, a partir das considerações de Spriano, que o posicionamento de Thompson em permanecer no Partido é super justificado pelo contexto do avanço do comunismo em vários países da Europa e do mundo, pois mesmo que uma determinante centralidade de Moscou permanecesse, esse crescimento de partidos pelo mundo proporciona, por assim dizer, uma teorização e uma visão do comunismo soviético a partir das óticas locais.

Pode-se falar, portanto, numa ambiguidade básica que reflete os matizes de posições e questões no mundo comunista que foi sendo desenvolvidos nas décadas seguintes. Spriano e outros não deixam de indicar que havia ali problemas teóricos e práticos no que diz respeito à URSS e que crescentemente foi ficando evidentes. Essa ambiguidade, ademais, também está presente em Thompson e seu desenvolvimento intelectual a partir daí. Em 1948, por exemplo, ele escreve um poema acerca da circunstância de ruptura Belgrado-Moscou/Tito-Stálin:

Yugoslav Partisan: To the Western World

- How many times we stood
Against the clammy wall of dawn/ claimed
Death among knocking bullets death
And freedom
 curse on curse
In the last cough o four hearts, clutching
Hate like a thumb in our hands. Philosophers
Of action/dung

⁸⁶ A III Internacioanl (Komintern) criada em 1919 após a Revolução Russa. Seu objetivo era fundamentalmente emitir diretrizes que seriam seguidas pelos partidos filiados do mundo inteiro. Foi dissolvida em 1943.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 159.

maldição sobre maldição
Na última tosse de nossos corações, agarrar
O ódio como o polegar cerra as mãos.
Filósofos
Da ação/ esterco
Sobre nossas roupas/ mudar quem somos
Com armas. E esfomeados
Fincamos nossos punhos cerrados em nossos estômagos
Sugar nossa vontade/ seguir até a morte
(Cômico como pedaço de carne suspenso num anzol ou vil
Infecção/ danificado/ inchado na lama)
Consagrar a dialética de nossa dignidade.
Ver a branca sensatez de nossa própria neve
Tão lamaçada e banal/ rubra com sangue antifascista
Sociedade poderia não ser mais iletrada.
Nós aprendemos a ler e agir.

Vai e convoque conferências
Golpeie a urna /escreva livros
Elabore inferências de suas próprias enfermidades.
Explore as livrarias em busca da definição de liberdade.
Pergunte aos astrólogos.
Construa seu próprio ninho e grite e vibre
Sua plumagem salpicada como se fosse um guerreiro.
Escreva notas de protesto. Teste
Suas bombas-átomos sobre atóis de coral.
Faça o que releva o teu melhor.

Rastejando sobre os vermes/povoando qualquer vazio entre nós
Quase constrangido por observar/que nós
Formamos um novo conceito de homem carnal
De nossa gélida ferida/nascida
No confinamento de nossa camaradagem.

Nós nos envolvemos
Na história, cujo crânio de granito
Nenhuma rocha pode esmagar, cujos olhos
O fogo não pode apagar/nem pode o torturador
Com toda sua competência clínica
 esfolando suas unhas
Ocultar alguma coisa sobre nós.

Mais uma vez
Morte aos fascistas, liberdade ao povo!
Conquistamos tudo o que quisermos.
Viemos da uma época de consciência/ganhamos
Domínio/provamos ser mais fortes que
Pedra fogo tiro geada cânhamo granizo aço
 e
Hoje construímos
 um homem mais forte que o homem.

Coube à historiografia durante a segunda metade do século XX estabelecer uma visão maniqueísta no sentido de defender positivamente a Iugoslávia pela ruptura e, de forma contrária, a URSS stalinista (visto que essa não coonestava com um país comunista "autônomo" ou, mais comum nos anos seguintes, países *não-alinhados*). Mas as definições dessas tensões e conflitos certamente foram endossadas sob o pressuposto de balizar (implicitamente ou não) críticas ao regime stalinista – visto que se tornou lugar comum obscurecer e criticar o stalinismo pelos seus crimes contra os direitos humanos, sobretudo, a partir de uma crítica marxista e após o Congresso de 1956. Além do mais, é preciso que fique claro que mesmo tendo críticas desde a década de 1920, o teor das críticas à URSS é múltiplo e, assim mesmo, não é substancialmente poderoso no sentido de retirar a influência que Moscou possuía para todos os comunistas.

Coerente é perceber a complexidade do contexto de constituição da ruptura entre Belgrado e Moscou de forma que se apontem algumas circunstâncias históricas para pensar tal ruptura. Três anos antes, ainda na guerra, com exceção a Belgrado, os iugoslavos 'se livraram' da ameaça nazista sem auxílio do Exército Vermelho. Com o fim da guerra e as disputas ideológicas pululando pela Europa, Belgrado e Moscou conflituavam acerca da situação grega, pois a primeira apoiava os comunistas gregos e, ao mesmo tempo, criticava Moscou por conta da sua falta de apoio a esses comunistas que lutavam na Grécia.

Ambos possuíam interesses aí: para Moscou era compatível não se imiscuir na Grécia, visto que desde a conferência entre Churchill e Stálin, em 09 de outubro de 1944, essa seria uma área de influência inglesa e não soviética; por outro lado, para a configuração da "Federação Balcânica", Tito entendia que apoiando os comunistas gregos poderia angariar a Macedônia, que era seu interesse, junto com a Albânia e Bulgária, para a feitura da "Federação Balcânica". No entanto, seguir nesse interesse era, inevitavelmente, um descompasso para Moscou e seu tratado de áreas de influência com os ingleses.

Até a ruptura, todos os esforços iugoslavos de se tornar um país comunista e de suas proximidades com a URSS eram algo aplaudido por Stálin e seu regime. Entretanto, supõe-se que o interesse pela configuração da "Federação Balcânica" fez, aos olhos soviéticos, que Belgrado ultrapassasse a barreira entre permanecer o filho obediente atrelado à nave-mãe soviética para tornar-se um país comunista forte e independente. O satélite saindo da nave-mãe de forma autônoma era exatamente isso que URSS relutava em aceitar, até que em junho de 1948 o satélite foi, na verdade, expulso pela nave central quando a Liga dos Comunistas da

Iugoslávia boicotou a reunião do Kominform na Romênia e, a partir disso, Moscou lança uma Resolução escrita.

Os trechos da Resolução são bastante interessantes, pois Moscou atenta em acusar a Liga dos Comunistas da Iugoslávia de “nacionalismo burguês, comportamento antissoviético e dissidência esquerdista”⁸⁸. A Resolução ainda aponta que “a tarefa das forças saudáveis da Liga dos Comunistas da Iugoslávia consiste em admitir aberta e sinceramente seus erros”,⁸⁹ como se o interesse em se tornar autônomo de Moscou fosse uma ofensa para o projeto soviético. Isso sinaliza que mesmo após a guerra, a URSS se via numa encruzilhada de permanecer forte frente ao “mundo ocidental” (capitalista), realizando para isso o sufocamento das críticas internas ao próprio regime. De forma que a reação a tal atitude era concebida como “dissidência esquerdista”. Ao mesmo tempo, entende-se a não aceitação soviética acerca do alçar voo iugoslavo, visto que os conflitos e as tensões iniciais da “guerra fria” já começaram a esquentar.

A Resolução continua: “caso a atual direção da LCI seja incapaz de fazer isso” cumpre “derrubá-la e substituí-la por uma direção internacionalista.”⁹⁰ A Resolução do Kominform fala de *internacionalismo* no sentido oposto ao nacionalismo que, por sua vez, só pode se constituir como buguês, portanto, não comunista. Por isso, a “dissidência” da Liga é “esquerdista”, pois contrária ao *internacionalismo* defendido pelos soviéticos, que é um *internacionalismo* com o centro em Moscou e não fora dele, de forma que o satélite inevitavelmente deveria estar atrelado à nave-mãe soviética e não outra. E, atentos a esse conflito interno na URSS, os falcões do “mundo ocidental” já sobrevoavam com interesses por Belgrado.

Em 3 de junho de 1948 o *Tanjug* (jornal iugoslavo) afirma que "a crítica feita na Resolução baseia-se em afirmações imprecisas e infundadas e é uma tentativa de destruir a imagem do Partido Comunista da Iugoslávia no exterior e no país, de gerar confusão junto às massas nacionais e ao movimento operário internacional"⁹¹. A resposta iugoslava procura expressar sua interpretação sobre as acusações e a ação soviética apresentada na Resolução. A resposta indica, também, um interesse em controlar as informações e as interpretações sobre a questão da ruptura Moscou-Belgrado a partir unicamente da ótica soviética.

⁸⁸ SPASSOVKA, Verica. *1948: Iugoslávia é expulsa do Kominform*. Deutsche Welle Brasil, 2017. Disponível em: <https://p.dw.com/p/1FUR>. Acesso em agosto de 2017.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ *Ibidem*.

Talvez isso explique a tendência, que se tornou mais comum *a posteriori*, de definir como positiva e talvez até correta a postura iugoslava de procurar autonomia frente a Moscou (mesmo que os iugoslavos dependessem em grande medida dos soviéticos no que diz respeito à economia) e como negativa e controladora a atitude soviética de expulsão. É claro que em determinados circuitos marxistas a crítica à URSS e ao regime stalinista já vinha acontecendo, mesmo que diminuta, vide a obra do Cliff e sua ideia de “frozen orthodoxy”, de 1947. Mas a questão aqui não é diretamente essa. Em 1946 a Iugoslávia foi o lugar de uma importante movimentação por conta da construção da ferrovia que liga Samac na Eslovênia até Sarajevo na Iugoslávia. E é desta experiência que se pode identificar, de algum modo, a continuidade de um valor bastante poderoso e compartilhado pelas organizações marxistas desse período: a ideia de *internacionalismo*, que vinha sendo operante desde a Guerra Civil Espanhola e da constituição das Frentes Populares.

O significado da experiência de construir as cento e cinquenta milhas foi algumas vezes retornado por Thompson posteriormente, no sentido de percebê-la como uma força para a luta socialista, de ter florescido de um sentimento comum de orgulho de todo homem e mulher de tomar sob suas mãos o destino e a riqueza de seus respectivos lugares e países. Os versos iniciais de *Yugoslav Partisan: To the Western World* indicam o sentimento e o impulso de luta. A palavra *liberdade* encontra-se próxima da palavra *morte*. Quase todos os verbos ativos dos poemas são conjugados na primeira pessoa do plural: nós. Alguns aqui e acolá estão no imperativo. Há uma força sendo inflamada. Há um impulso renovado – a guerra acabara há pouco mais de dois anos e Thompson não parara: após a luta na guerra, voltou aos estudos e, logo depois, embarcou para a construção da ferrovia. Três situações, portanto, nas quais a palavra liberdade e, sobretudo, o amadurecimento dele no marxismo e na luta pelo socialismo foram se desenvolvendo. A palavra *fascista* ainda permanece no vocabulário de luta. E a liberdade como uma luta e uma construção coletiva direcionada em direção *ao povo*.

O poema indica uma coletividade necessária para a luta socialista, pois *os vermes* que estão *entre nós* devem, antes de morrer, *observar/que nós/formamos um novo conceito de homem* que não fora tão fácil assim, mas que deve continuar, porque a luta só começara, visto que os ‘paredões’ dos dois blocos (comunista e capitalista) já estavam sendo constituídos. Nesse sentido, entendendo que a construção da ferrovia aconteceu um ano antes da escrita do poema, não é errado afirmar que o tom e as palavras dos versos de *Yugoslav Partisan: To the Western World* aconteceram sob uma força de confirmação. Pode-se dizer também que pelo fato de a Iugoslávia ser o palco dessa ruptura com o regime estalinista, o poema foi uma

escrita que aconteceu para Thompson de forma intensa, o evento deu-lhe significância enquanto militante e intelectual. Novamente, o poema não possui nenhuma indicação para afirmar que ele está em posição de crítico ao mundo soviético, trata-se mais de uma reflexão sobre o comunismo no Ocidente e na Inglaterra, como sugere o título, que outra coisa. É como se as atividades de construção da ferrovia não tivessem sido em vão. Mas com os desdobramentos de 1948, ela torna-se mais significativa.

Dorothy Thompson, anos mais tarde, relembra desse momento e indica que ali “havia um senso aguçado de cooperação internacional e naturalmente um enorme sentimento de esperança”, assim como também, após a labuta diária do trabalho físico, “à noite, ficávamos ao redor da fogueira, ouvíamos discursos políticos, cantávamos e dançávamos”.⁹² Assim, ficam compreendidos os últimos versos do poema (Thompson, na terceira pessoa do plural): *Conquistamos tudo o que quisemos./Viemos da época em consciência/ganhamos/Domínio/provado ser mais fortes que/Pedra fogo tiro geada cânhamo granizo aço”*.

Ademais, no poema, a *liberdade* também aparece como algo a ser alcançado, através da leitura e do conhecimento, das livrarias. Se por um lado, ele evoca a ação humana como imprescindível para conquistar a *liberdade*, Thompson também evoca a sociabilidade intelectual para a conquista da *liberdade*. Baseado nisso e percebendo que há versos que sugerem afirmativas acerca da história, cabe lembrar que o estudo da história aparece diretamente para Thompson a partir do ambiente formativo do Partido. A inserção, portanto, de Thompson no trabalho intelectual aparece pela primeira vez nesse poema. No entanto, no poema, a *história* é identificada como um corpo, com rosto e olhos invioláveis, e não propriamente como uma atividade do conhecimento. Decerto, a referência à inviolabilidade diz respeito à vitória sobre o nazifascismo e também à vivência da construção da ferrovia na Iugoslávia. Nesse sentido, a *história* é concebida enquanto domínio e apuração.

Yugoslav Partisan: To the Western World também levanta outros pontos de discussão que são importantes. Quando Thompson convoca explicitamente “*Morte aos fascistas e liberdade ao povo*” é nítido que a palavra *fascista* permanece no vocabulário político dele ainda feito existência e ameaça. Ela não aparece como recordação da guerra. O poema tem claramente o tom de aclamação e reunião de forças. Ele mantém a ação humana como centralidade. E o imperativo e a coletividade expressos nos verbos indicam a postura recorrente para quem participa dessa ala do Partido e a sociabilidade que a mesma possibilita.

⁹² Impossível saber qual data da recordação de Dorothy Thompson. Bryan Palmer apenas deixa claro que foi uma recordação e não quando. PALMER, *op cit.*, p. 52 *et seq.*

González, quando escreve sobre o “Professor, padre y comunista en el Yorkshire”, sobre essa disposição à causa coletiva e, por conseguinte, a implicação dessa disposição na vida familiar de Thompson e Dorothy, afirma:

“(...) o interesse pessoal se filtra através do que se considera um projeto político coletivo, pondo os próprios recursos a disposição do que considera uma causa que transcende as exigências individuais mais mudanas e cotidianas”⁹³.

E, de fato, havia uma preocupação em Thompson acerca dos *fascistas*, mas como se dava essa preocupação e como ele diferenciava essa ameaça *fascista* daquela de poucos anos atrás, a qual ajudou a destruir? Em 1947, ele escreve um texto com um título bastante sugestivo: *Fascist threat to Britain*.

O panfleto inicia com Thompson alertando que “uma outra gang de pessoas tem também sido muito ativa – os facistas britânicos”⁹⁴. O jovem Thompson procura justificar a escrita do panfleto aos seus leitores a partir do alerta que é ver pelas ruas do país pessoas como Sir Oswald Mosley e também aponta a preocupação dessas movimentações fascistas para a própria política. O apelo de Thompson torna-se uma constatação e impulso quando escreve que “o povo” começa a compreender que pode ter o controle da história e, por conseguinte, do futuro em mãos. Thompson vê o futuro com otimismo, mas faz isso para constatar com o que ele observa como perigo civilizacional: os fascistas que, para ele, são e atuam sempre do mesmo jeito, em qualquer lugar que brotem.

Nesse sentido, começa a elencar formas de expressões do fascismo: 1. fascismo não é um termo de abuso: possui significado exato e é um termo político; 2. fascismo é anti-democrático: contrário à liberdade; aqui, Thompson afirma aproximação do fascismo com o capitalismo, especificamente quando afirma que industriais e grandes proprietários financiam grupos...; 3. fascismo sempre está inclinado ao povo: isso no discurso, pois na prática, o regime fascista não favorece a classe trabalhadora; 4. fascismo nunca chegou ao poder por meios democráticos: Thompson cita casos da Alemanha, Itália, Espanha...; 5. fascismo alcança e mantém o poder através do crime e da violência; 6. fascismo mira a guerra; 7. fascismo é criminoso em qualquer lugar do mundo.

A partir disso, Thompson esclarece como opera a propaganda fascista, sob o objetivo de dividir o movimento progressista, assim como desviar o foco da crise que o país passava

⁹³ “(...) el interés personal se filtra a través de lo que se considera un proyecto político colectivo, poniendo los propios recursos a disposición de lo que se considera una causa que trasciende las exigencias individuales más mundanas y cotidianas”. GONZALÉZ, *op.cit.*, p. 66.

⁹⁴ (...) another gang of people have also been very active – the British fascists”. THOMPSON, Edward Palmer. *Fascist threat to Britain*. 1947, p. 03.

àquele momento. Além do mais, ele procura reafirmar que a luta contra o fascismo não é exclusividade dos comunistas e, já finalizando seu texto, lista coisas que todos devem fazer para combatê-los (criação de leis, atividades, exclusão de meios fascistas, etc). E, por fim, solicita uma eterna vigilância de todos para os elementos fascistas. Thompson relembra ao leitor que “para todo fascista que se mostra em uma esquina, há três ou cinco que estão esperando o momento certo para sair detrás das cenas”⁹⁵. Thompson, portanto, não vê tanta diferença nos modos fascistas que aparecem em seu país, em 1947, comparado a qualquer outro. Os modos de operar sempre são os mesmos. Sua preocupação permanece como uma preocupação civilizacional e em defesa da *liberdade* e dos princípios democráticos.

⁹⁵ (...) for every fascist who show himself on a street corner, there were three or five who are waiting time behind the scenes”. *Ibidem*, p. 15.

3. “WHAT SHOULD A POET SAY?”: QUANDO O PESADELO DA HISTÓRIA ABSORVE O POETA

3.1 O lugar chamado escolha

As paisagens da Inglaterra estavam mudando. O século passava, chegava-se à década de 1950, sua metade. Thompson amadurecia. Em Halifax, ele permanecia centralizado em duas atividades: intelectual e militante – no grupo do Partido e, ao mesmo tempo, lecionando para adultos operários através do projeto de extensão da Universidade de Leeds. Ambas experiências, sem dúvidas, foram relevantes para sua formação. Mas não somente as paisagens da Inglaterra estavam mudavam, como se tais alterações fossem isoladas. Elas mudavam porque o mundo mudava. As pessoas mudavam. A configuração das forças políticas inglesas e ocidentais também estava em alteração. Essas mudanças são percebidas pelos intelectuais e militantes do Partido Comunista Britânico, elas se tornavam, assim, uma preocupação e ocupação.

No percurso intelectual de Thompson, a década de 1950 é importante pois trata-se de seu amadurecimento intelectual e seu *encontro* com a história. Como o próprio Thompson afirmava, ele não possuía nenhum interesse apriorístico de tornar-se historiador, as coisas simplesmente foram acontecendo, sem nada projetado. Anos mais tarde, refletindo sobre esse período, ele localizava a data de 1947

como o momento em que fica definitivamente sufocada a etapa da Frente Popular, dando um passo a um novo contexto histórico que adquire para o caso britânico uma coloração especial. O pós-guerra e o novo equilíbrio político e social que emerge das ruínas dilue velhas relações de forças e deixa obsoletas as categorias que haviam organizado o espaço simbólico do Entreguerra⁹⁶.

Entre outubro e dezembro de 1950, Thompson passa parte de seu tempo na escrita de seu poema mais longo. Um poema complexo e cheio de possibilidades de análises. São 518 versos, divididos em quatro partes. Sua leitura é uma verdadeira *viagem* sensual: sons, cheiros, paisagens, imersões psicológicas, profundidades, revolta, ódio, incredulidade, sensatez... o poema é *The place called choice*.

The place called choice

I.

⁹⁶ como el momento em el que queda definitivamente clausurada la etapa de Frente Populare, dando passo a un nuevo contexto histórico que adquiriría para el caso británico una coloración especial. La Posguerra y el nuevo equilibrio político y social que emerge de las ruinas diluye viejas relaciones de fuerzas y deja obsoletas las categorías que habían organizao el espacio simbólico de Entreguerra. GONZALÉZ, *op.cit*, p. 120.

Crime and compassion, then, statistics, ecstasy,
Struck like a match from chãos. It's all an accident:
This town beneath me meaning no more than stonecrop,
Lichen of banks and offices: fungus on a stone wall,
Spawning into the night pretty stritchwork of lights
Like swarming midget spiders, bringing someone money.
Widows and acrobats, clowns, suicides:
It's all in the luck of the draw. Man makes what he can get.
The kinds play at bandits. Blood issues on the speedway.
The gunnen point from the hoardings, indicating manhood:
Virility slouching in a soft hat and na oil-stained raincoat,
Getting girls at a bargain, going loaded to the cash-tills,
Educating the Young in the ethics of business.
The weak get craacked like grapeseed, chewed into digits.
On the corner by the Palace
Without malice or logic
Death Waits in a slumped indiferente posture,
Sticking his knuckles in the eyes os all comers.

The applewood is black, bearing fruit at the back of mills.
At Manchester you can find a forgotten half-acre of gravestones,
The grey light blocked by the utilitarian chapel,
The Mechanics Institute, the condemned back-to-back terraces.
Soot settles on the cemetery, assuaging its chemical hunger,
Adjusting the stone accounts, writing off our grandparent's losses.
A good plot lost to the dairyman, the jerry-builder, now to all memory
Except of the local antiquaries , muffled in Sunday's habit,
Pacint between tilted crosses, tracing some local worthy:

Or once in a leap-year some American returning
To hunt up his acenstors, hoots into the dark passage-way,
Enters the wrought-iron cheking gates. Rain on the headstones
Where Jones the Chartist is buried.

Wind crosses the marshes,
Fowey, the Cinque Ports, a sand-bar across na estuary:
Silt, mudflats, wormcasts, black posts, rushes, saltings,
Nets rotting in a brackish inlet, a Viking war-way:
The neglected sea-groyne, cork-floating, tar, corrupting bladder wrack.
The scavening gull and the shag lime the clipper's keel
Where picnic-makers throw refuse, sucked half under in sand.

Or buried in a bookshop in na unfrequented quarter –
Bristol, perhaps, or Nottingham – the stack marked down to sixpence,
The dust rarely disturbed: Cobbett's paper, yellow at the edges;
The *New Moral World*; the *Black Dwarf*; Cooper; Bradlaugh;
A find for some collector, more stuffing for a thesis.
Or in the reference library, entombed in the White card-index,
Paine's *Rights of Man* which once in some high Pennine valley
The weaver at his handloom, straining by rushlight, read.

Wind crosses the moors. The valley of the last Wolf.
Old iron working. Micre. Quartz. The monotonous peatbog –
Black roots, ling, harebell, the wet relics of a forest.

The gutted stannary. Scrub oak on the old encampment,
Brambles and st-jogh's-wort. Among the chalk-bits and pellets,
The droppings of rabbits, a shred of pottery, a flint, a coin.

Or with more grace at Burford, integral with Cotswold stone,
Entering the ceremony of cottages, sweet williams and crown imperial,
Buried among neighbours and labourers, the Leveller corporals.
Riding by night the Roundheads forded the river –
Fifty miles since dawn, Fairfax and Cromwell –
Rested in water-meadows among frog-cup and loddon lily:
Found them and rode them down, their doublets still unbelted,
Drowsy at midnight, damp cramping their hips, fatigue
Of freedom's parturition, of hidden understanding
Nudging their dreams. Damage of horses
Sundering the darkness – sudden clamour of orders –
Tinder-box – odour of burned powder, garlic.
Then on the leads time enough for meditation.
Later, in the churchyard –
The round-dance come to an end, the children hailed indoors –
Hard determination was needed for that death in full daylight,
Looking at the muskets marking their target,
The soldiers torn in their duty...

Wind crosses the cities,
Driving the rain under door, sweeping the housing estates,
Kicking with tem-league boots at the evening racing special,
The pools slip, the Woodbine carton, the plain cover for contraceptives,
Clapping the corrugated sheets on the roof of the garage,
Sluicing the wrecker's yard, the back-axles, the sodden cardboard:
Rusted nails, brake-lining, tyres, half-bricks, oddments.

- And now squats in the knotted core of this town
Among the keening smokestacks, the megalithic condensers,
The engines shunting in the yards, the dark bulk
And lighted swarm of the mills. And the wide-eyed child.
Listens to the wail in the guttering, watches the street-lamp
Spill and people the walls with shadows, guardsmen, badits:
The cocked stance of the gunman, the slouched shape on the corner –
Sensing enemies as human – the spy and the hunched-backed miser –
Never thinking for a moment of the wind at the door, the wolf...

Wind that is geological time, eraser of familiar landmarks,
Opposing the gait and strike of strata, scouring the faults:
Incessant commentator, stalking the peaks and hursts,
Scanning the smoke of valley and the straddled cities...

Across the alluvial gravel,
Over the Swanscombe skull, crunched among ammonites and shells:
Over the tiny crustacea, the bric-a-brac of chalk –
First cousins to our father
Who lies crouched in the abandoned road of memory
Clutching in his stone fist a charm against the centuries:
Trawling the turfs of Fosberry with a net of shadows,
Vaulting the Countless Stones, the barrows, the temple to Mithras,
Bursting the hinges of Stonehenge and entering on Halifax,

Howling in the eyeteeth of a boar, through the saurian's crutch:
Harrowing our bonés now and whatever bonés went before us:
Crying in pylons,
Questioning the conscience of this island.,
Struck like a White fishbone in the chops of the Atlantic –

If you had suffered

In your own person the pain of the spine's erection:
The brain stretching within the skull, ache of the widening eyes:
Pressed South by that tonnage of ice, had your white hide
Sliced into blood by the sabre of the biting tiger,
And now, stooping top ut out the bottles on your doorstep,
Or dropping the sports page for a moment to stir the fire,
Suddenly heard that question in the wheel of your ear –
The wash of the sea in the shell, the wet acres, the wind...

Would you recall for a moment your figure on the earthwork,
Sweating in brown firelight, hacking with shaped antlers,
Throwing up a wall against tal oncoming strangers:
And the late watch on the dyke while the infernal nightjar
Kept scarring the silence and startling the sentries:
That night on the Sangro.
Waiting with corked face and vine-leaves in your helmet
For the canvas boat to be launched among hanging flares?

Would you pause and consider

Whether anything was lacking, wheter all was in order,
Or some importante engagement might have slipped yout memory –
Some dues outstanding to a half-remembered union?
Sensing within that interthreading of workshops;
In the intricate by-ways and slips between the Palace,
The speedway, the Lyric, and the accountant's offices
Some human bond more strict than the bonds of Money,
Warmer, it may be supposed, bur more exacting?

England in the grip of suave, competente killers;
Her will weakened by an ethic of money-spiders
And all the cant and claptrap of vicious individualismo,
Masking the lurking coshboys, the slouching gunmen,
Letting in the agentes of the acient anagonist.
Sand silts the narrow roads,
The couch-grass and the plantain obscure the white landmarks
Of culture down on its luck, of a nation of hawkers.
The wind knocks for na entry, the waste encroaches,
And on the Pennine uplands
The Chartits march no more with their pinks and torches.
England, buried, somewhere under bricks, oddments, worn tyres:
Under the shady transctions clinched in the flashy roadhouse:
Buried with Arnald and Lockyer: with Holberry: with Linell
With the victims of anthrax: in the back courtyards of Bradford
Where the applewood is black, bearing fruit by the oldest mills:
Stupefied in the smoke of Sheffield, sullen in Derbysire,
Raking up old grivances and grouching in East London –
Recall the old challenge

Which each generation has no choice but to máster:
Flint, bronze, and iron, and the human union –

Or you, on your doorstep,
Turning back to mumble your private solutions,
You will not avoid the slumped figure on the corner:
On the moors of space from the tree of your skeleton
Noosed in your timid and unrealised existence
You will swing in the winds of your death for ever.

II.

The night was full of heaving, matter in labour,
Sucking the vaccuum in, expeling at last
With anxious love the tiny identical Spawn:
Then vegetables with feelers, climbing toadstools,
Long-haired arachnids, egg-laying creatures
The size of a bank. Beneath the accountant's office
We found the tusks and grills, the horny clashing scales,
And reconstructed the slope and swarm of its carriage –
The brain in the base of the tail and the skull like a teacup.
At every window was the breath of clawed beasts.

At dawn the noise diminished. Give thanks for that.
We did give thans, with thirty children's blood,
And their bright heads when dried might keep the demons out,
Two men must carry the carved bug of esmerald
Which brought our crops fruition, with due sacrifice..
The first light shamed the creatures to the woods.
But still we could see little through the mist
Except for those stone imagens with beaks
And the terrible tem-armed and helmeted godas.

At nine the Greeks went out, helmeted and cruel.
They came back cruel and helmeted, but radiante.
The place (they said) was good. More sacrifice.
And so, shortly before tem, the men of business
Issued our from the house to set the place in order.

A lot needed attention. Those heathen idols
Were quite unsuited to a man with his professions.
The carved bug want, the cannon did much more.
The created from his rib a well-organised god
With regular office-hours and remarkable files.
It was quite safe to go out now. At half-last tem
The maid banged the gong and we gathered in the drawing-room.
We held a brief servisse of prayer and thanksgiving.
We had all got around the table for elevenses
When – quite suddenly – matter opened its jaws and retched,
Fetching up a great belch in the shape of a mushroom
With curly rootstrings off ire eye-sockets pus
Ricestraw red with abortions cots full of scabs.

Nothing quite so big as this had happened before.
The doorstep was crowded. The distress was painful;

The headline blew its nose and shuffled uneasily.
The concepts of dignity coughed in their hands discreetly.
The treatise on ethics cried 'ah love oh pity'
And went out to bed. The well-adjusted god
Came down in person, flatulent with forgiveness.
For minutes afterwards the sermons were in mourning.

But no one had done it. The alibis were perfect.
All were indoors – no one had left the house.
Some suspicion, it is true, fell upon the scientist
Who was rumoured to keep something secret in his lab,
But those who had seen it said the story was nonsense:
He kept it as a pet. The bug was innocent.

The matter stood here. The issue was undecided.
It was not my line of business. I went back to my room.
But I felt, somehow, uneasy. I kept looking at the clock...
At five to twelve there bloke in at my door
That sandalled runner wet from Marathon,
Leaping the aluvial gravel, skirting the chalk-pit,
Fording the centuries, fresh-scarred from Stalingrad,
Shaking me by the pulse, crying to Wake the house:
'Stand to your life! About you, brother, look!'

I looked and the ethics crawled beneath the skirting:
The concepts fell apart and swarmed with goals:
The emerald headlines bulged with sacrificial blood,
The statemen wore bright heads to keep the fiend at bay.
Not once or twice only, but everywhere I looked
The prutrescence of ideology suppurating its pious pus.

Defilement of life! From each denial,
From the timid evasions and privacies of the good,
From the saurian's crutch, the successful mano of business,
The pointed tool of the gunman,
From the lusting speedway, from each sale to the bank
Of the bonds of human choice, there issues this Spawn,
Swarming the yard of the world like midget spiders,
Spawn of that fungus settling on every city,
On the walls, the cathedrals, climbing the keening smokestacks,
Drifting on every sill, waiting there to geminate:
To fetch out house up in one belch.

Already the windows are shut, the children hailed indoors.
We wait together in the unnatural darkness
While that god forms outside in the shape of a mushroom
With vast blood-wrinkled spoor on the windswept snow.

And now it leans over us, misting the panes with its breath,
Sucking out house back into vacuous matter,
Helmeted and beaked, clashing its great scales,
Claws scratching on the slates, looking in with bleak stone eyes.

III.

What should a poet say?
Poet, a pretty thing.
Philatelist of words,
Playing with sets oh rhyme,
Sticking in kings and birds,

Sensing behind the wall
And the technicolour murals
The silerrfishes crawl
Nests of digits mate,
Throughout the state
A stench of blocked morals
And at the topo of all
The wittol and the stall?

Say fist we stand upon
A tributary star,
Issue of chãos, one
In a swarming universe.
Say next that life began
As acidental Spawn
Of some atomic war
Within the chaging sun,
And last declare that man
(All changing matter alone)
Grew taller than his nurse –
Air, water, stone –
Arose and challenged change,
Chaining the atoms down

But found within his soul
A civil war begun
And felt within his heart
The seeds of fission span
Till matter broke apart
Flaming from pole to pole
The star fell in the sun
And while the poeta sat
Turning the álbum of time
Stickin in this and that
To make a set of rhyme
Swarming chãos took
The poet and his book.

We are each way defined –
We stand on the crust of a star
Turning about a coal,
Eternity's moors before.
Man is what he has made,
Carving himself a soul
With bone and cutting blade.
The flint and teaching spade
Revealing what we are.
From each encouter with matter

Man and his needs have grown?
Air, stone, and water
Thought to limit his needs,
But out of the water came wisdom
And song came out of the stone.
First of all I declare
That man is changed by his deeds,
And all within his kingdom
In stone, water, air

Transformed into a fire
Lighting the moors and blown
By every tempest higher
Until air, water, and stone
In the furnace of the mind
Are changed into desire
And all things are defined.
I stand upon his hearth
Above the straddled town,
Considering water and air
And fire at the core of stone,
Calling to mind the first
Flint arrowhead, shaped antler –
Clumsily fashioned stuff
To master wolf or bear,
And yet it was matter enough
To make man come aware
Of desire and knowledge vast
As the megalithic altar
Cast from the stuff of his thought:
I stand amazed at the past –
All flint, bone, have taught?
Considering how the steel,
Oil and teaching steam
Reveal unknown desires,
New ways to act and feel –
The fractured stones seem
In their creating fires
Already to meet and plan
A megalithic man.

It's time to speak one's mind.
I'm sick of this 'anxious age'.
I am fed to the teeth with the cant
Of 'guilt' and original sin.
From all the fires that raged
In England's youth I find
A grocer's timid candle
Is all that is left behind?
And life being unassuaged
By the fuel of cant and cash
Consumes us in the flames
Or unfulfilled desire
Down to sarcastic ash

And threatens to disown
Fire with terrible fire,
Air, water, and stone
Resumo what was their own.
Whatever evil there is
I declare was first let in
By timid men with candles
And abstract talk of sin.
Man is what he has made,
Chipping bone with bone,
Shaping the teaching spade:
Urged by his human needs
Changes the world, and then
Transfigured by his deeds,
Changes necessity,
Becoming whole and free.

I stand upon the Earth
And watch the hursts of space,
And at last I raise my voice
In the teeth of the swarming wind?
I declare that man has choice
Discovered in that place
Of human action where
Necessity meets desire,
And moors and questioning wind,
Water, stone, and air,
Transfigured in the soul,
Can be changed to human fire
Which man, becoming whole,
Will order and control.

IV.
Crime and compassion, then, statistics, ecstasy,
But mostly crime. At first the fat Cistercians
Engrossing the farms with love. Rascals like Hawkins,
Their sloops steaming with slaves, trading in bibles –
But valiant men in their way, men to encounter the wind.
Then Cromwell with his chaplain, slaying at Burford
Buff-coated passion, was still a fit antagonist,
Swearing by Property and Christ, an honest hypocrite.

Next came the jolly vicar with his sensitive daughters.
The weaves starved in their looms. Silicosis, anthrax?
The hunch-backed children, the pieceners charred in the mills?
Black mud and standing water, the craters of Passchendaele,
Men making good with guns. And all those accidents
Fetched up by benevolent progress. Last, that race
Of well-adjusted masters, victims of every wind,
The bloody spoor in the snow, the monster of stone.

Stading above the lamplit town I watch this crime,
Cruel and beaked, crushing all comprehension,
Killing whole streets of men, sticking his horny knuckles

In the eyes of whoever comes. Man, who is changed by his hands.
Evolved the mano f business, within whose mind
The clawed beast of possession gnawrrd all bonds until
Man fell apart, and Split from self to self,
The acquisitive brain cutting off the creative hands.

Now crime, compassion, have reached the place called choice
I hear at last the voice of resolution, loud
From the flagstones and setts, the commons engrossed for sheep,
From the mullioned Windows, the lighted bulk of the mills,
And the living killed in their streets. In the frost-blue flames
Of the handloom weaver's rushlight the heroic shadows leap:
Mellor ar Cartwright's mil: Jones on the husting: names
That merge with anonymous shadows, shaping that man who crowds.

Every room of the human house, opens the windoes, stands
Warming the winds of space at his compassionate hands.

(Tradução)

O lugar chamado escolha

I.

Crime e compaixão, depois, estatísticas, estase,
Como labareda no caos, golpeiam incólumes. E tudo isso é um acidente:
Sobre meus pés, há essa cidade com atrativos ínfimos,
[exceto as suculentas coloridinhas,
Líquens úmidos e escritórios: fungos num muro de pedra
Desovam, como um bordado luzidio, no interior da noite,
Parecem aranhazinhas saltitantes, trazendo grana para mão de alguém:
Viúvas e acrobatas, palhaços, suicidas:
Tudo na base da pressão. O homem faz o que consegue.
Crianças brincam de bandidos. O sangue esquenta e impulsiona à estrada da
vida por vencer.
Sobre os outdoors, másculos atiradores apontam suas armas:
Virilidade descansada numa leve chapéu e capa-de-chuva manchada de óleo,
Garotas como prêmios de negócios ganhos, trôpego e ébrio diante dos caixas
eletrônicos,
Educando o jovem na ética do negócio.
A semana fendida qual as sementes de uva, dígitos moídos e mastigados todos
os dias.
Na esquina do Palácio.
Sem malícia ou lógica
A morte espreita, indiferente, em uma postura decaída,
Esmurrando os olhos e os olhares de todos que chegam.
Os frutos rolam no voltar dos moinhos e a macieira está escura.
Em Manchester você pode encontrar o acre desbotado e esquecido das lápides,
A luz turva e pálida impedida pela capela,
O Instituto dos Mecânicos, os condomínios habitacionais ingleses condenados
à sorte.
A fuligem das fábricas aterrisa sobre o cemitério, satisfazendo sua fome
química,

Organizando os valores das lápides e quitando os gastos com os funerais dos nossos avós.

Uma boa trama perdida aoleiteiro, o pedreiro, agora e para sempre
Exceto dos antiquários locais, agasalhados num domingo comum,
Caminhando entre cruzeiras caídas ou curvas, seguindo para algum lugar digno:

Talvez, outrora e bissexto, algum americano retorne em
Caça por seus ancestrais, gritos e arruaças no sombrio corredor,
Adentra às pontas rangentes de ferro-forjado. Chuva sobre lápides
Onde Jones, o Cartista, está enterrado.

Vento cruza o brejo,
Fowey, o Cinque Ports, um banco-de-areia através de um estuário:
Limo, salsugem, caminho de larvas, *black posts*, juncos, *saltings*,
Redes estragadas em uma enseada escura, uma trincheira Vinking:
O espigão abandonado, madeira podre, alcatrão, favas-do-mar já de muito
tempo.
Limpeza da alma, gaivota no ar, a penugem glauca, relva aparada
Onde quem participa de piqueniques lança restos a serem tragados pela terra.

Ou enterrado na poltrona de alguma livraria num trimestre infrequente –
Bristol, talvez, ou Nottingham – o montante desvalorizado a 6 pence
Raramente, a poeira agitada: artigo de Cobbett, bordas amareladas,
A New Moral World; o *Black Dwarf*; Cooper; Bradlaugh.
Um achado para colecionador, mais recheio para uma tese.
Ou na biblioteca de referência, sepultado no fichário branco,
Rights of Man de Paine qual uma vez nalgum elevando vale Pennine
O tecelão em seu tear, esforçando-se frente à vela, ler.

Vento cruza as charnecas. O vale do último lobo.
Ferros e metais em movimento. Micre. Quartzos. A turfeira monótona –
Raízes negras, campânula, as úmidas relíquias de uma floresta.
Uma desentranhada mina de estanho e no antigo acampamento o verde-
marromdos carvalhos,
Arbustos e erva-de-são-joão. Entre pedaços de giz e pelotas,
Os excrementos dos coelhos, um pedaço de cerâmica, uma pedrinha, uma
moeda.

Ou mais gracioso em Burford, ornamentada com as pedras Cotswold,
Entrando nas cerimônias dos chalés: cravos e coral imperial,
Enterrados entre vizinhos e trabalhadores: os cabos dos Levellers.
Cavalgando através da noite, os Roundheads atravessaram o rio –
Cinquenta milhas desde o amanhecer, Fairfax and Cromwell –
Descansam nos prados d'água entre *frog-cup* e leucojum:
Domou e montou, mesmo que suas parças ainda estejam soltas,
À meia-noite, sonolento, câimbras e as ancas doloridas, a fadiga
De grandes sacrifícios pela liberdade, de um conhecimento velado
A revelar seus sonhos. Perigo e infortúnio, cavalos em multidão
A despedaçar a escuridão sob ferraduras – súbito clamor de ordens –
Caixas de pólvora – odor da poeira ardente, alho.
Aos líderes, tempo necessário para meditação.
Mais tarde, no pátio da Igreja –
A dança de roda chega ao fim e as crianças brincam em suas casas –
Àquela morte sob sol à pino, foi preciso uma difícil decisão

Foram vistos os mosquetes acertando em cheio seus alvos,
E os soldados estão assolados em seus serviços árduos...

Vento cruza as cidades,
Levando as águas da chuva às portas, lavando a moradia das estátuas,
Botas para chutar na especial corrida do fim do dia,
Poças de lama, o cartum Woodbine, os duvidosos planos para contraceptivos,
Através do telhado da garagem, ondulados à ventania, estalam os lençóis
Alagando um ferro-velho, sucatas, o papelão encharcado:
Unhas enferrujadas, ligas de freios, pneus, tijolo, retalhos.

No coração enlaçado desta cidade, agachado
Entre o lamento da chaminé, os condensadores megalíticos,
As locomotivas em movimento no estaleiro, a massa obscurecida
E o clarão fervilhante das fábricas. A criança de olhos esbugalhados
Ouve o lamento na sarjeta enquanto olha as lâmpadas da rua
Reluzirem as pessoas nos muros, sombras vagas, soldados de guarda,
bandidos:
A postura sisuda do pistoleiro, distraído e relaxado na esquina
Identificando o humano como inimigo – o espião e o avarento corcunda –
Sem nunca (por um momento) pensar do vento na porta, o lobo...

Ventania que é tempo geológico, apagador de referências familiares,
Opositor das marchas e greves das classes sociais, à procura de erros:
O comentarista de sempre, seguindo cumes e colinas
Explorando a fumaça dos vales e a abrangência das cidades...

Através dos cascalhos aluviais

Sobre o crânio de Swanscombe, entre amonites e conchas
No minúsculo crustáceos, a bugiganga de giz –
Primo legítimo do nosso pai
Que repousa numa estrada abandonada da memória
Guardando em seu punho de pedra um amuleto contrário aos séculos:
Arrastando as relvas de Fosberry com uma rede de sombras
Saltando sobre as Countless Stones, as colinas, o templo de Mithras,
Rebentando as trancas de Stonehenge e entrando em Halifax
Uivando nos olhos de um javali, pela muleta de *saurian*:
Desterrando ossos: seja os nossos, agora, seja de outros, outrora:
Ventania, cruzando promontórios repletos de turfas,
Lamentando diante das torres de transmissões
Questionando a consciência desta ilha e
Como uma esbranquiçada espinha de peixe nas ondas do Atlântico,

[imóvel –

Se você sofreu

Em si mesmo a dor aguda do espinhaço ereto:
O cérebro esticando-se no crânio, a visão ampliando-se, dolorosamente:
Sul pressionado pelo gelo pesado, sua pele branca
Cortada pelo sabre do tigre mordaz, sangue e mais sangue
E então se inclina frente à soleira depositando garrafas vazias
Ou larga as páginas de esportes (por um momento) para abanar o fogo,
Subitamente, no pé do ouvido, ouviu sussurrando-lhe aquela questão –
O banho de mar na concha, a terra úmida, o vento...

Recordaria (por um momento) sua imagem sobre as escavações,

Tocha às mãos, suando sem fim e picando o caminho com galhas de cervo,
E contrário a chegada de estranha, levanta-se um muro:
E o olhar entardecido sobre a represa enquanto o infernal noitibó
Deixa cicatrizes no silêncio e mantém os sentinelas atentos:
Aquele noite em Sangro
Com a face vedada e folhas de videira em seu capacete, aguardando
Pelas velas do barco ser lançado entre flores suspensas em quenda?

Pausaria e consideraria

Se alguma coisa faltava, se tudo estava em ordem,
Ou alguma batalha importante poderia ter sumido da memória –
Alguns direitos impensáveis para uma união quase esquecida?
Sentindo-se parte e partícipe de um entrelaçamento de oficinas;
Nos difíceis caminhos e deslizos entre o Palácio,
A ascensão social, o Lyric, e os escritórios
Alguns laços humanos mais estreitos que os laços financeiros,
Caloroso, pode-se supor, mas...mais exigente?

Inglaterra nas garras dos delicados e competentes assassinos;
Estará débil e decaída pela ética das aranhas-sanguessugas-financeiras
E toda uma hipocrisia e blábláblá de um individualismo vicioso.
Coshboys à espreita, às escondidas, e os pistoleiros de bobeira, à toa,
Deixando passar os agentes do antigo inimigo.

As estradas, estreitas, abarrotadas de areia e lodo,
Os gráficos heroicos ultrapassados, os criadores de

[sensibilidades de outrora.

A grama e as gramíneas obscurecem os pontos de referencias
De uma cultura lançada à sua própria sorte, de uma nação de camelos e
mascotes

O vento golpeia forte a porta, os desperdícios são exorbitantes,
E pelos planaltos de Pennine
Os Cartistas já não marcham com suas tochas e lanças.

Inglaterra: enterrada em algum lugar sob tijolos, retalhos, pneus gastos:
Sob transações obscuras disputadas em bares e estalagens luzentes:
Enterrada com Arnald e Lockyer: com Holberry: com Linell: com crianças
Operárias de corpos carbonizados, queimados no galpão da tecelagem:
Com as vítimas de anthrax: nos jardins dos fundos de Bradford, onde
As macieiras estão escuras e as frutas rodam ao redor de antigos moinhos:
Perpeflos na fumaça de Sheffield e em Derbshire, taciturno,
Revivendo antigas injustiças e lamentos na Londres Oriental
Retorna o antigo desafio
Que cada geração não tem escolha senão dominar:
Sílex, bronze, e ferro, e a união humana –

Ou você, sobre o degrau da porta,
Aos sussurros remoendo suas soluções pessoais
Não vai evitar aquele sujeito à esquina, curvado:
No pântano do lugar, a árvore de seu esqueleto
Enlaçado em sua existência tímida e irrealizada
Para sempre nadará nos ventos de sua morte.

II.

A noite estava completa de gente, matéria em movimento,

Sugar o vácuo e, finalmente, expelir as ovas
De peixe, diminutas e idênticas, com um aflito sentimento de amor:
Depois os vegetais com insetos e os cogumelos pelos troncos das árvores,
Aranhas cabeludas e, pondo ovos, criaturas do
Tamanho da barranca. Encontramos, sob os escritórios do contabilista,
Presas e guelas, as escalas em desordens,
E refazemos a encosta e enxame de seu transporte –
Os miolos na base da carroça e o crânio como uma xícara de chá.
Isso foi na manhã seguinte. Mas naquela noite em
Toda janela a respiração das bestas se espalhava, garras afiadas.

Ao amanhecer o burburinho diminui, *ainda bem*.
E dizemos *ainda bem* com o sangue de trinta crianças nas mãos,
E, quando secam, suas cabeças luz-luzentes podem expurgar demônios,
Dois homens devem transportar o besouro de esmeralda esculpido
Quem traz nossas colheitas a tempo, com o sacrifício devido.
A luz primeira maculou as criaturas da floresta,
Mas ainda podemos ver através da névoa, mesmo que pouco,
Exceto aquelas imagens pétreas com bicos
E os terríveis deuses: mil-braços e elmo.

Às 9 horas os gregos saíram, de elmo e cruéis.
Eles voltam cruéis e com elmos, mas radiantes.
O lugar (falam) era bom. Mais sacrifícios.
E então, pouco antes das 10, os homens de negócios saem
De casa para colocar o lugar em ordem.

Necessária, muita atenção necessária. Aqueles ídolos pagãos
Deixaram de ser impróprios para um homem com suas profissões.
O besouro talhado se foi e o canhão fez muito mais.
Com sua sonda, ele criou um deus organizado
Com horas regulares de trabalho e documentos importantes.
Era muito seguro para dar o fora agora. Às 10:30 a
Empregada bateu no gongo e nós nos reunimos na sala-de-visitas.
Brevemente, realizamos um serviço de oração e de ação-de-graças.
No café-da-manhã, tínhamos todos em volta da mesa
Quando – bruscamente –, de mandíbulas abertas, vomitou
Lançado no ar e no alto um grande arrotto na forma de cogumelo
**With curly roostrings of fire eye-sockets pus
Ricestraw red with abortions cots full of scrabs.**

Nada tão grande assim aconteceu antes.
A soleira da porta amontoada. A angústia era dolorida.
Torcer o seu nariz à manchete que lhe incomodou e inquietou.
O conceito de dignidade expelido discretamente em suas mãos.
O tratado sobre ética criou ‘ah o amor, oh a misericórdia’
E foi deitar-se. O deus organizado e centrado
Desceu pessoalmente, empanzinado com perdão.
Mais tarde, os sermões estavam em luto.

Mas ninguém tinha feito isso. O álibi era perfeito.
Todos em seus aposentos – ninguém tinha saído de casa.
Algo supersticioso, é verdade, caiu sobre o cientista
Que espalhava boatos para manter algo em segredo em seu laboratório,

Mas aqueles que viram tudo isso, disseram que a história era absurda:
Ele manteve o como um bicho de estimação. O besouro era inocente.

O assunto ficou aqui. O problema não estava resolvido.
Não era minha linha de negócio. Voltei para meu quarto.
Mas, de alguma forma, me senti desconfortável. Continuei a ver as horas...
Foi às 5 para as 12, minha porta aberta subitamente e
O mensageiro de sandália úmida da Maratona
Saltando intrépido o pedregulho trazido pelas águas, contornando o poço-de-
giz,
Atravessando os séculos, cicatrizes de Stalingrado
Sacudindo-me pelo braço, acordando a casa pelos lamentos e choros
“Mantenha-se firme, por você! Por você, irmão, veja!”

Eu olhei e a ética rastejava por baixo, próximo ao rodapé:
Os conceitos desmoronaram e neles fervilharam as metas para atingir:
De esmeralda, as manchetes estão realçadas com sangue de sacrifícios,
Os estadistas usavam cabeças brilhantes para manter os demônios na baía.
Não uma ou duas vezes, mas todas as vezes que eu olhei
A putrescência da ideologia expelira pus piedoso.

Mácula da vida! A cada negação!
Das evasões tímidas e privacidades do bom,
Pela força de *saurian*, o sucesso do homem de negócio,
O instrumento pontiagudo do atirador,
Da luxúria da estrada-da-vida a ser vencida, de cada venda ao banco
Dos títulos da escolha humana, lá emitem essa desova,
Fervilhando pelo quintal do mundo como aranhazinhas saltitantes,
Desova desse fungo que contamina toda cidade,
Impregnado nos muros, nas catedrais, subindo pelas chaminés de luto
À deriva, espalhando-se por cada soleira, ali aguardando germinar:
Para, com um arrote, buscar nossa casa.

As janelas já estão fechadas, as crianças seguras.
Aguardamos juntos na escuridão inatural
Enquanto lá fora deuses têm formas de cogumelos
E deixam rastros de sangue enrugado pela nevasca.

E agora inclina-se sobre nós, enevoando os *outdoors* com sua respiração,
Sugando nossa casa de volta à matéria vazia,
De elmo e bicudo, batendo suas grandes escalas,
Garras arranhando ardósias, olhando com sombrios olhos pétreos.

III.

O que deveria o poeta dizer?
Poeta, uma coisa bonita.
Filatelista das palavras,
Jogando com as rimas,
Mirando reis e pássaros,

Sente por trás da parede
E dos murais tecnicolores
As traças rastejarem
Entres ninho de dígitos, amontoados,

E por todo o estado um
Fedor de moral bloqueada
E no topo de tudo
O corno e a barraca?

Logo de cara, diga que estamos sobre
Uma estrela tributária,
Filhos do caos, alguém no
Universo em expansão.
Depois diga que a vida começa por
Uma desova acidental
De alguma guerra atômica
No interior do sol cambiante.
E por fim declare que o homem
(toda matéria sozinha e mutante)
Cresceu mais alto que sua enfermeira –
Ar, água, pedra –
Apareceu e desafiou a mudança,
Interligando e encadeando átomos

Mas encontrando dentro de sua alma
O princípio de uma guerra civil
E sente dentro do seu coração
As sementes da desova fendida
Até a matéria partir e
De polo a polo a estrela flamejante
Tomba sobre o sol
E enquanto o poeta sentou
Virando o álbum do tempo
Escolhendo este ou aquele
Para fazer um jogo de rimas
O enxame de caos pegou
O poeta e seu livro.

Somos cada maneira precisa e estamos
Em pé sobre a crosta de uma estrela
Às voltas em brasa e por trás
O vento da eternidade e diante
A infinidade dos brejos.
O homem é o que ele fez.
Esculpindo sua própria alma
Com osso e lâmina cortante.
O sílex e o treinamento de espadas
Revelam o que somos.
Para cada encontro com a matéria
O homem e suas necessidades cresceram
Ar, pedra, e água
Imaginados para limitar suas necessidades,
Mas longe da água a sabedoria chega
E da pedra, a canção.
Primeiro de tudo eu declaro que
O homem muda pelos seus atos,
E tudo neste reino
É pedra, água, ar.

Transformado em fogo
Iluminando os brejos e despertado por
Toda mais alta tempestade
Até o ar, água, e pedra
Na fornalha da mente serem
Transformados em desejo e...
Todas as coisas estarem definidas.
Estou de pé sobre esta colina
Sobre a cidade indecisa,
Considerando água e ar
E fogo, no âmago da pedra,
Chamando à mente a primeira
Flecha de sílex, galhadas em formas –
Coisas sem jeito para
Dominar o lobo e urso,
E também foi suficiente para
Fazer o homem consciente
Do desejo e conhecimento, amplo como
Altar megalítico projetando
As coisas da sua cabeça:
Eu fico espantado com o passado –
Toda pedra, osso, têm ensinado:
Considerando como o aço,
O óleo e toda maquinaria energética
Revelam desejos desconhecidos,
Novas maneiras de agir e sentir –
Os átomos fraturados parecem em
Seus fogos em combustão
Já conhecer e projetar um
Megalítico homem.

É a hora de falar a alguém.
Eu estou enfermo de uma ‘época ansiosa’.
E farto pela hipocrisia
Da ‘culpa’ e do pecado original.
De todo fogo que fervilha na
Juventude inglesa eu encontro
Uma vela tímida de mercearia é
Tudo o que é deixado para trás:
E a vida sendo desagregada
Pelo combustível da hipocrisia e dinheiro que
Nos consomem nas chamas do
Desejo insaciado e nos
Rebaixa à cinza sarcástica e
Ameaça negar o
Fogo com fogo,
Ar, água e pedra terríveis
Resumem o que era seu.
Seja qual for o mal que há,
Declaro que foi admitido pelos
Homens tímidos com lamparinas às mãos
E de conversa abstrata do pecado.
Homem é o que ele fez,

Lascando osso com osso,
Afeiçoando os treinamentos de espada:
Instado por suas necessidades humanas
Altera o mundo, e então
Transfigurado por seus atos,
Mudanças necessárias,
Tornando-se total e livre.

Sobre a terra e vendo
As colinas do lugar e, por fim,
Levanto minha voz nos
Dentes do vento expandido:
Declaro que o homem tem escolha
Encontrada naquele lugar da
Ação humana... onde a
Necessidade encontra o desejo,
E o pântanos e vento,
Água, pedra, e ar de dúvidas,
Transfigurados na alma,
Podem ser transformados pelo fogo
Humano qual o homem, tornando-se total,
Terá a seu dispor e controle.

IV.

Crime e compaixão, depois, estatísticas, estase,
Sobretudo crime. Logo de início, os cirteceanos gordos
Lavrando as fazendas com amor. Malandro como Hawkins,
Suas chalupas à vapor com escravos, negociando sobre bíblias –
Mas homens valiosos em seus modos, homens para encontrar o vento.
Então Cromwell com seu capelão, destruindo em Burford
Paixão amarelada, ainda era um antagonista de ajuste,
Jurando à Profecia e Cristo, um hipócrita honesto.

Depois aparece o vicário alegre com suas filhas, sensíveis.
Em seus teares, os tecelões famintos. Silicose, antraz:
A criança corcunda (de repetitivos gestos), já carbonizada nas fábricas:
Lama preta e água parada, as crateras do Passchendaele,
Os homens fazendo coisas boas com armas nas mãos. E todos aqueles
acidentes
Aparecendo pelo bondoso progresso. Derradeira corrida dos
Patrões organizados, vítimas de todo vento,
O rastro sangrento na neve, o monstro de pedra.

De pé sobre a cidade e suas luzes eu vejo esse crime,
Cruel e bicudo, esmagando toda compreensão,
Matando todas as estradas dos homens, esmurrando no
Olhos de quem for. Homem, aquele que é transformado por suas mãos,
Envolvem os homens de negócios, dentro daquela cabeça
As garras da besta da possessão corroem todo os elos até
O homem decair, e ficar dividido sobre si mesmo,
A mente aquisitiva corta as mãos criativas.

Agora, crime e compaixão têm alcançados o lugar chamado escolha.
Por fim, eu escuto a voz da decisão, alto

Das lajes e calçamentos de paralelepípedos, os comuns absorvidos por ovelhas,
Das janelas gradeadas, a multidão iluminada das fábricas,
E os mortos vivos em suas ruas. Nas chamas
Da vela do tecelão saltam as heroicas sombras:
Mellor na fábrica de Cartwright: Jones no palanque eleitoral: nomes
Mesclados às sombras anônimas, a conformar aquele homem às multidões

Abertas as janelas, todo quarto do lar humano mantém
Aquecendo os ventos do lugar em suas mãos compassivas.

Grande fôlego. E tradução também, mais ou menos dois meses para sair o esqueleto do poema inicial. Mas as modificações de retorno ao poema permaneceram até o fim deste trabalho. Autores e autoras, inevitavelmente, retornam várias vezes para o escrito-gênese e reformulam sua criação: acréscimos e omissões são as atitudes mais comuns – afinal, ambas são condições indiossincráticas à escrita. Como fora escrito para um concurso, que certamente Thompson não ganhou, não por conta da qualidade do poema.

The place called choice, o título do poema é sugestão, base e o problema histórico que agora se procura desenvolver e entender: há um *lugar* que podemos chamar de *escolha*. Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar com outra dimensão: histórica e política. A proposição à *escolha*, em 1950, abre um debate. Na verdade, continua o debate anterior acerca da *apologia à ação* como mote central para continuação da luta de Thompson, anticapitalista e em prol do socialismo após a guerra. A proposição da *escolha* traz, também, à reflexão o lugar do *indivíduo* na sociedade ocidental. Nesse sentido, não cabe separação quando se pensa nas dúvidas e inquietações de Thompson durante esse período, mas trata-se de continuidade e desenvolvimento, de amadurecimento intelectual – o próprio Thompson recordaria anos depois que só começara a pensar com 33 anos de idade; de todo modo, são nesses anos que são constituídas questões que ele levaria por toda sua vida e, efetivamente, elas estão presentes na sua escrita poética.

A todo o momento os versos de Thompson possuem uma revolta muito declarada ao estado e *status* da sociedade ocidental capitalista em que ele vive. É evidente que muitas das paisagens e grande parte das alusões que faz são britânicas. É o território onde ele pisa (“*Sobre meus pés...*”) e, portanto, conhece.

O tom de denúncia também é frequente em *The place called choice*. São as bricadeiras de crianças. A ética educacional carcomida pela ética capitalista. A virilidade para o enfrentamento das adversidades sociais, o que muito remete à visão da sociedade como uma *selva de pedra*, na qual somente a força viril é o antídoto para “*se chegar lá*”...mas

onde? Aí (e não somente aí) a sociabilidade masculina está relacionada sempre ao mundo dos negócios. A cidade de Manchester acinzentada, não por nuvens nubladas: a cidade é imaginada paralela às imagens de cemitério e fábricas que lançam fuligem para todo o redor. E não por acaso, as fábricas lançam fuligem em direção ao cemitério.

Essas são algumas imagens-sugestões iniciais do poema. Mas há outras. A percepção é que uma questão que *The place called choice* sugere se costura em outra questão. Quando se fala em questões que o poema sugere, pensa-se em pontos de discussões possíveis a partir do próprio (con)texto do poeta, aquilo que escapa ou não, aquilo que é dito, subentendido ou não-dito. Possibilidades. De modo bastante geral, pode-se sintetizar a mensagem do poema assim: Thompson acusa uma alteração na vida da classe operária, aponta as causas para essa alteração e as expressões e consequências para a classe operária.

O vento cruza o brejo, as charnecas e a cidade. Quando o vento cruza o brejo, há algumas referências intelectuais, como Cobbett, Paine..., sugerindo que naquele momento Thompson estava se familiarizando com tais leituras. Essas, por sinal, são fontes que ele vai trabalhar para escrita, anos depois, da história do seu livro *A formação da classe operária inglesa*. Aqui, trata-se de Thompson em seu trabalho intelectual que, por sua vez, foi levado para sua poesia. É ele se percebendo historiador através da poesia.

A referência ao brejo não é por acaso. Ela remete a um outro tempo. Um outro tempo que se liga ao tempo de Thompson, diretamente, através dessas leituras. No poema, por sinal, Thompson se compara ao tecelão anônimo: a leitura que ele faz de Cobbett ou Paine, em 1950, é comparada de forma paralela à realizada na época em que ele analisa em *A formação...*: “O tecelão em seu tear, esforçando-se frente à vela, ler.” Evidentemente, uma inclinação poética de Thompson ao imaginar tal situação. Ou seja, Thompson e algum tecelão anônimo do *tempo do brejo* fazem as mesmas leituras. Mas se é a leitura dos escritos de Paine e de Cobbett que os liga, a intensão e o porquê da leitura os separa, pois se para Thompson a leitura desses autores é fonte de estudo sobre o passado inglês, para o tecelão trata-se de fonte de conhecimento contemporâneo.

Ao mesmo tempo, o *tecelão* do poema também pode ser observado como uma alegoria para os trabalhadores e trabalhadoras, para a classe operária, com os quais Thompson desenvolvia suas atividades de ensino na Universidade de Leeds. Ele levava esses autores para suas aulas e, assim, esses trabalhadores estavam tendo acesso a várias leituras sobre a história operária inglesa. Da mesma forma, Thompson tinha acesso a depoimentos e

experiências que esses mesmos trabalhadores e trabalhadoras traziam sobre a história do operariado inglês.

Em *The place called choice* há outro ponto que Thompson sugere e que diz respeito às relações entre as pessoas diante das exigências contemporâneas da “*ética dos negócios*”. Atento e preocupado com seu país de origem, questiona-se o que vai ser da Inglaterra como quem se pergunta o que vai ser dos indivíduos ingleses diante da “*ética das aranhas-sanguessugas-financeiras*”. A metáfora referente à relação entre o capital e o trabalho e suas consequências tem seu combustível diário repetido em toda esquina inglesa:

A semana fendida qual as sementes de uva, dígitos moídos e mastigados todos os dias.
Na esquina do Palácio.
Sem malícia ou lógica
A morte espreita, indiferente, em uma postura decaída,
Esmurrando os olhos e os olhares de todos que chegam.
Os frutos rolam no voltar dos moinhos e a macieira está escura

E não há dúvidas sobre os resultados da contradição entre capital e trabalho nas relações sociais: “*toda uma hipocrisia e blábláblá de um individualismo vicioso*”. Esse tom de denúncia é recorrente no poema. O perigo da ética dos negócios está concomitantemente combinado com o alerta que Thompson identifica como ameaça externa e seus cúmplices internos. Assim, sua postura de salvaguarda à Inglaterra não surge por acaso, mas, sim, de uma observação aguçada do momento.

Alguns versos, antes destes citados acima, tratam sobre algum ano ou tempo hipotético em que “*Talvez (...) algum americano retorne em/Caça por seus ancestrais (...)*”. Esse versos, possivelmente, podem indicar uma linha de argumentação se cruzarmos eles com um artigo que Thompson escreveria um ano depois, em 1951, de título “*William Morris and the Moral Issues Today*”⁹⁷. Nesse texto, conta um encontro que teve com um professor quando foi rapidamente, após a guerra, para os Estados Unidos. Falando sobre esse encontro com o professor de literatura inglesa em uma faculdade da Nova Inglaterra, Thompson comenta que ele na verdade não queria ter levado essa vida, queria mesmo ter seguido outro ramo, ligado ao abate de animais, que lhe teria dado muito mais ganhos. Para Thompson, essa seria a representação da corrosão, de valor e de moral, que o *sonho americano*, travestido de benevolente, coerente e honesto, causaria às pessoas. O professor rejeitava tudo que tinha feito e não extraía nada de engradecedor de seu trabalho. Resumiu seu ressentimento e

⁹⁷ THOMPSON. E. P. William Morris and The Moral Issues Today. 1951. Marxism Internacional Arquivo. Artigo disponível em: www.marxists.org/archive/thompson-ep/1951/william-morris.htm. Acesso desde 2016. Publicado originalmente na revista *Arena*.

arrependimento à lógica financeira. Ele só queria ser rico abatendo boi. O sonho do professor, nesse sentido, era tão degradado e terrível quanto o próprio *sonho americano*: ambos, sob véus metálicos e terríveis ares de inocência.

Acerca desse *sonho americano*, Thompson continua seu argumento na tentativa de criar possibilidades de mobilizações e reformulação de conceitos. No texto “William Morris and the Moral Issues Today”, uma conferência para o “National Cultural Committee of the Communist Party of Great Britain”, em Londres, em 29 de Abril de 1951, Thompson fala de uma ameaça (que também está no poema) à Inglaterra:

É necessário para nós compreender toda a seriedade da ameaça à nossa cultura, e que tenhamos os fatos e os dados diante da gente. Mas nós não vamos derrotar esses fatos e dados sozinhos, temos ao nosso lado nesta luta um grande recurso e esse é o sentido saudável do ridículo dentro de nosso povo. (...) Por muito tempo o americano, homem de negócio e acadêmico mesquinho, tem sido – e às vezes injustamente – um objeto do ridículo entre nosso povo. Não sugiro que possamos rir da ameaça americana, mas devemos manter a ponta afiada do humor britânico, e virarmos nessa direção⁹⁸.

A exaltação do humor como antídoto, meio de defesa. Fazendo eco à precisão de uma “ofensiva moral” contra a ameaça da cultura americana à cultura britânica, Thompson propõe ao grupo que o ouve que se fale sobre as “promessas dentro da cultura britânica” e, para isso, ele traz a postura de William Morris quando esse escreve sobre os Estados Unidos (no momento da morte de alguns anarquistas em Chicago) e seu “pequeno exército permanente” que servia para matar alguns indígenas, assim como uma sociedade marcada pela “brutalidade e ignorância cega”. Para Thompson, nesse sentido, o “pequeno exército permanente” cresceu (seria a Organização do Atlântico Norte e suas bases imperiais com as armas reluzentes da morte espalhadas por todo “mundo ocidental”?) e a “brutalidade e ignorância cega” continuavam as mesmas. Por isso, que o perigo seria maior, seja à Inglaterra, seja a qualquer outro povo. Thompson reconhece o protagonismo americano nesse sentido e seu medo é ver a “*Inglaterra: enterrada em algum lugar sob tijolos, retalhos, pneus gastos: (...)*”.

Os defensores do capitalismo não têm nada para oferecer ao povo, mas mais trabalho, mais pobreza e, no fim, morte em uma guerra desesperada e indiscriminada. Debaixo de toda boa interpretação sobre os meios e os fins, todas as coisas inteligentes que Orwell ou Koestler ou Elliot ou seus colegas

⁹⁸ It is necessary for us to understand the full seriousness of the threat to our culture, and to have the facts and the figures before us. But we will not defeat this threat with facts and figures alone, and we have on our side in this fight one great resource, and that is the healthy sense of ridicule within our people. (...) For a very long time the American, whether tourist, or business-man, or pettifogging academic, has been – and sometimes unfairly – an object for ridicule amongst our people. I do not suggest that we can laugh the American threat away: but we should keep the biting edge of British humour sharp, and turned in that direction. *Ibidem*.

americanos têm para dizer, serão encontrados as mesmas coisas: napalm, a Bomba do Inferno, e os açougueiros de Syngman Rhee⁹⁹.

A conferência (com alarme e denúncia) está ligada ao tom de grande parte do poema *The place called choice*. De modo que a exposição da guinada destrutiva do capitalismo contemporâneo, protagonizado pelo verniz acalentado dos Estados Unidos e “sonho”, é um dos pontos objetivos do poema. Evidentemente, Thompson não deixa de falar de seus núcleos filiais dentro da Inglaterra, assim como ele não relega o histórico imperialista britânico. Muito pelo contrário, ele destaca sua historicidade, não no texto da conferência nem no poema, mas em outro momento. É importante dizer isso, pois recaíram sobre Thompson algumas acusações de nacionalista.

Através do poema é compreendido que Thompson não estava apenas fazendo uma observação política sobre seu tempo. Ele observava as mudanças na sociedade britânica, sobretudo da classe trabalhadora, pelo viés físico (a cidade estava mudando) e pelo viés do valor e da moral (as pessoas estavam mudadas). O que ele procura é identificar e procurar resolver esses problemas. Em nenhum momento pode-se acusá-lo antiamericano, mas a todo o momento pode-se falar em Thompson como anticapitalista. A relação que ele empreende entre Estados Unidos e capitalismo está, nesse ponto, entendida. Thompson, por sinal, não deixa de incluir os cúmplices internos.

Após a guerra e, conseqüentemente, a partir da ajuda econômica e da invasão ideológica implementada pelo Plano Marshall – um aprofundamento da Doutrina Truman – é possível entender a dimensão da preocupação e das ações dos socialistas europeus dentro desse contexto. Entende-se que a manutenção do *status quo* não é realizada por simples vontade de desejo, da mesma forma que a luta contra esse mesmo *status quo* é vista não como um desejo dos socialistas. Não se trata de desejo, mas sim de um conflito ideológico – de projeção do social e do humano: “a nova ordem internacional articula o mundo em torno da oposição básica entre capitalismo e comunismo e sua posterior derivação militar OTAN-Pacto de Varsovia”¹⁰⁰.

É em *The place called choice* que, ao lado da palavra *escolha*, as palavras *desejo* e *necessidade* estão presentes no vocabulário de Thompson. Por sua vez, tais palavras não são usadas por Thompson no sentido corriqueiro, visto que há um processo de teorização

⁹⁹ The defenders of American capitalism have nothing whatsoever to offer to the people, but more work, and more poverty, and at the end of it, Death in a desperate and indiscriminate war. Beneath all the nice quibbles about means and ends, all the clever things which Orwell or Koestler or Eliot or their American counterparts have to say, will be found the same facts: napalm, the Hell Bomb, and the butchers of Syngman Rhee. *Ibidem*.

¹⁰⁰ “El nuevo orden internacional articula el mundo em torno a la oposición básica entre capitalismo y comunismo y su posterior deriva militar OTAN-Pacto Varsovia”. GONZALÉZ, *op.cit*, p. 120.

acontecendo. É importante, portanto e mais à frente, entendê-las em seu contexto. Ademais, vale citar um trecho do poema:

Eu olhei e a ética rastejava por baixo, próximo ao rodapé:
Os conceitos desmoronaram e neles fervilharam as metas para atingir:
De esmeralda, as manchetes estão realçadas com sangue de sacrifícios,
Os estadistas usavam cabeças brilhantes para manter os demônios na baía.

Não uma ou duas vezes, mas todas as vezes que eu olhei
A putrescência da ideologia expelira pus piedoso.

Tais conceitos dizem respeito às conversas sobre “liberdade e democracia”, “valores morais” ou o “modo de vida ocidental” que Thompson ouviu/assistia: “Você precisa somente ligar a BBC por cinco minutos para ficar de barriga cheia”¹⁰¹, como fala em sua conferência. E mais ainda, pois sob essa postura de propaganda havia também as renovadas reportagens e propagandas diariamente repetidas sobre a URSS e China e a ideia de que o socialismo não daria certo em lugar algum, como se toda experiência socialista fosse resumida à soviética. A ofensiva antissoviética como parte estruturante do capitalismo ocidental.

E Thompson identificava razões para tal, mas reagia de forma incrédula, como essa sua afirmação: “A primeira é a gradiosidade da mentira É a técnica da Grande Mentira de Goebbels novamente. A mentira é tão monstruosa que não podemos ficar incomodados com ela, viramos as costas, e desviamos o argumento para questões mais práticas”¹⁰². Assim, a partir da leitura do poema e da fala de Thompson, é possível afirmar que a cultura norte-americana (valores e moral) é confundida e experienciada com a do capitalismo do pós-guerra. No trecho de *The place called choice* acima citado, é possível perceber versos com metáforas que possuem elementos religiosos. Tais metáforas são colocadas, não obstante, ao lado da denúncia do funcionamento do capitalismo que Thompson viu e ouvia pela televisão ou nas ruas pelas quais andava.

Os elementos estão em movimentos. Outros modos de pensar e ser estão em evidência. Ameaças. Dúvidas. Futuro. A transformação do mundo cada vez mais rápida, a tela da TV, a ideia de homem, o uso dos corpos e dos tempos dos corpos como alimento a um deus faminto, o sacrifício diário, as sensibilidades transformadas em dígitos, as relações humanas (em sua conferência ele pondera: “os cânones do sentimento de companheirismo humano elementar

¹⁰¹ You need only turn on the BBC for five minutes to get a bellyful”. THOMPSON, 1951.

¹⁰² The first is in the very enormity of the lie. It is the Big Lie technique of Goebbels over again. The Lie is so monstrous that we cannot be troubled with it, we turn our backs on it, and divert the argument on to more practical questions.” *Ibidem*.

pela qual as pessoas comuns de todas as terras aprenderam a viver”¹⁰³) substituídas por relações financeiras, o pecado original todo dia renovado num rápido comercial entre uma e outra *breaking news* de uma “*época ansiosa*”: “*E a vida sendo desagregada/Pelo combustível da hipocrisia e dinheiro que/Nas chamas nos consumem de/Desejo insaciado nos/Rebaixando à cinza sarcástica (...)*”.

Não se trata de um poema religioso, mesmo que haja uma considerável presença de elementos religiosos, como a referência aos monges da ordem de Cister. A palavra “deus” é citada apenas quatro vezes no poema. Em todas, “deus” não salva ninguém, pelo contrário, é sempre uma atemorização, é a ele e em nome dele que as carnes se dividem em “horas regulares de trabalho” e dentro dos “documentos importantes” pinga incessantemente sangue: “Mais sacrifícios”. Novamente, a contradição do capital x trabalho aparece.

Assim, pode-se perceber a ligação entre o poema e a conferência sobre William Morris. São preocupações que rondavam a atmosfera intelectual, militante e poética de Thompson. A conferência acontece em um encontro do Partido Comunista Britânico cujo interesse era a organização da mobilização junto ao “povo britânico”. Pela fala é possível perceber que há objetivos comuns ali envolvidos. A ideia de levar a mensagem ao povo está presente, ao mesmo tempo em que se persiste no objetivo e receio de não deixar cair em pessimismo e derrotismos, sob o pretexto de preocupações com a “cultura britânica”. Estão presentes, também, proposições para ações mais agressivas. Thompson afirma, por exemplo, que se deve objetivar o retorno às questões socialistas que até 1945 ainda eram presentes e possíveis. Ele fala das Frentes Populares. Mas agora, as adversidades são outras, a distância é outra e o ensejo para agir requer outras atitudes.

Isso emcaminha a discussão para outra preocupação e que no poema aparece de forma implícita. A classe operária inglesa passou a desacreditar nos líderes trabalhistas seja por suas práticas mornas seja por seus cargos duvidosos – a alcunha de ‘burocratas’ não foi difícil de aparecer. A questão da moral passa, portanto, a ficar cada vez mais central nas percepções de Thompson:

No lugar dos grandes valores proletários revelados na solidariedade de classe e na militância, temos agora, mesmo entre setores de nosso movimento operário, os valores da vida privada crescendo – os medos e as neuroses

¹⁰³ “the canons of elementary human fellow feeling by which the common people of every land have learnt to live”. *Ibidem*.

privadas, o interesse próprio e o individualismo tímido fomentados pelas revistas e filmes hollywoodianos¹⁰⁴.

No artigo “A cultura é algo comum” de 1958, de Raymond Williams¹⁰⁵, há pontuações que contribuem para o entendimento de algumas questões que acima foram colocadas como, por exemplo, a relação da concepção de “cultura britânica” com a “ofensiva moral” que Thompson identificava.

O tom que Thompson alerta no texto “William Morris and the Moral Issues of Today” sobre a ameaça à “cultura britânica” das investidas norte-americanas não pode ser visto como um bairrismo ou nacionalismo sem base sucinta. Óbvio que Thompson não era xenófobo e nem conservador ao ponto de defender uma “cultura britânica”, sem mais nem menos. Suas palavras acerca da “ofensiva moral” que estava levando a classe trabalhadora a valores unicamente aquisitivos lembram bastante as palavras de Williams quando ele fala que a “eficiência técnica não substitui a referência humana positiva” e continua afirmando que:

(...) pessoas que antes estabeleciam essa referência, que queriam ser eruditos ou escritores, são hoje, e aparentemente com grande satisfação, homens da propaganda, geniozinhos da publicidade, autores de tiras de jornais. E esses homens aprenderam habilidades, desenvolveram qualidades e agora as colocam a serviço da mais descarada e gananciosa exploração da falta de experiência das pessoas comuns¹⁰⁶.

Por outro lado, Thompson não compartilhava, pode-se dizer, daquilo que Williams chama de “diagnóstico de Leavis”: a memória de uma velha Inglaterra, agrária, com uma valorosa cultura tradicional sendo substituída pela Inglaterra industrializada com relações humanas cada vez mais distanciadas. Em nenhum momento, por sua vez, Thompson traça opiniões de desprezo sobre os pontos positivos da Revolução Industrial. Isso porque ele não pode ser considerado nem apologista do passado agrário britânico e nem apologista dos pontos positivos que a Revolução Industrial trouxe. Esses ganhos, que Raymond Williams considera a partir de sua experiência pessoal, em nenhum momento são confundidos com a desproporcional consequência que o mundo industrializado impôs às relações sociais.

Nesse sentido, o que é interessante perceber aqui é que havia naquele período algo complexo quando Thompson, Williams e outros observavam as mudanças acontecendo seja na Inglaterra, seja no mundo. Trata-se de uma observação crítica e não separada da sua concepção e defesa de mundo. Thompson se refere implicitamente às Frentes Populares e,

¹⁰⁴ In place of the great proletarian values revealed in class-solidarity and militancy, we now have, even among sections of our working-class movement, the values of private living growing up – the private fears and neuroses, the self-interest and timid individualism fostered by pulp magazines and Hollywood films. *Ibidem*.

¹⁰⁵ WILLIAMS, Raymond. “A cultura é algo comum”. In: _____ *Recursos da esperança*. Trad. Nair Fonseca, João Alexandre Peschansk. São Paulo, Editora da Unesp, 2015.

¹⁰⁶ *Ibidem.*, p. 09.

mais uma vez, destaca sua importância; depois do fim da guerra elas não tiveram mais apoio e contribuição do Partido Trabalhista, que havia vencido as eleições, no sentido de continuar a mobilização, o que, de algum modo, irritou e revoltou vários intelectuais britânicos, pois os partidos comunistas de vários lugares da Europa permaneceram contribuindo conjuntamente com suas respectivas Frentes Populares, como afirma Ferran Archilés no seu artigo “*E. P. Thompson entre la necesidad y el deseo*”¹⁰⁷.

A percepção da alteração da sociedade britânica também não fora acionada no grupo dos historiadores comunistas do Partido e, por conseguinte, no trabalho historiográfico. Archilés afirma que a discussão nesse período corresponde à reflexão sobre a tradição do ‘inglês nascido livre’ e a luta anticapitalista e antifascista ou revolucionária. No final das contas, corresponde a “una reflexión histórica sobre la identidad nacional”. Mesmo Thompson afirmaria, décadas depois, que foi o retorno à cultura nacional o que permitiu sentar as bases de um prematuro “revisonismo” para o comunismo britânico.

Quando González discorre sobre o contexto universitário e também sobre os estudos da história inglesa, o autor afirma que o mundo acadêmico britânico era substancialmente aristocrático e alunos de escola pública, como Williams, eram uma minoria na universidade. Sobre o estudo da história, ele afirma que “o campo historiográfico sofre uma série de mutações tanto em sua fisionomia interna como em suas relações externas”¹⁰⁸. Segundo Christopher Hill, a situação da Inglaterra dos anos 1930 estava solicitando a reescrita da história do país.¹⁰⁹ A disciplina da História não possuía força e forma institucional definidas e desenvolvidas e, geralmente, estava próxima ao ramo da literatura inglesa. Ou seja, o pouco desenvolvimento do campo da história era compensado por sua dependência à literatura no âmbito de “Oxfordbridge”.

Constatar a circunstância intituicional do estudo da história no meio univesitário inglês é perceber que não haveria espaço para o desenvolvimento do trabalho intelectual que o grupo de historiadores do Partido Comunista Britânico empregaria. Relembrando esse contexto, Dorothy Thompson afirmava que “pessoas jovens que estavam interessadas em história

¹⁰⁷ ARCHILÉS, Ferran. *E. P. Thompson entre la necesidad y el deseo*. In. SANZ, Julián; BABIANO, José; Erice, Francisco (Eds). *E. P. Thompson: marxismo e historia social*. Tres Cantos, Madrid : Siglo XXI de España en colaboración con la Fundación de Investigaciones Marxistas, D.L. 2016.

¹⁰⁸ “(...) el campo historiográfico sufre una serie de mutaciones tanto en su fisionomía interna como em sus relaciones externas”. GONZALÉZ, *op.cit.* p. 69.

¹⁰⁹ HILL, Christopher. Christopher Hill por Christopher Hill. *Varia Historia (UFMG)*. Vol. 11, n. 14, september 1995

deixaram de lado as histórias da alta política e da diplomacia internacional e passaram à história do operariado e de sua própria ancestralidade entre o povo comum do mundo”¹¹⁰.

Dentro do circuito universitário elitizado não haveria discussão possível sobre a classe operária ou mesmo sobre o marxismo. Sobre a história tradicional que era feita, González afirma que

O campo de estudo privilegiado por este paradigma seria o estudo da etapa revolucionária 1640-1688, considerando como a origem da Constituição Britânica, da formação do Império e do *status quo* sociopolítico por qual a velha aristocracia e a nova burguesia ocupavam, com leves tensões, um rol dominante¹¹¹.

As discussões e trocas de informações que operavam no grupo estavam consideravelmente atentas às transformações sociais pelas quais a Inglaterra passava no pós guerra, tendo em vista que a noção de trabalho intelectual que era aí produzida se distanciava efetivamente do que era realizado nos principais centros universitários, pois para os historiadores do grupo do Partido a produção intelectual não estava apartada da atividade militante. C. Hill acrescenta¹¹²:

À medida que a Grã-Bretanha deixou de ser o centro do poder, a história da Inglaterra perdeu sua posição na história mundial. Começamos a olhar para a Europa, principalmente para a União Soviética, que parecia estar procurando um caminho bem diferente daquele lento arrastar-se da Inglaterra em direção à democracia. Uma combinação de horror e vergonha diante do desemprego em massa na Inglaterra, a impotência da Grã-Bretanha em face da agressão da Itália, Japão e Alemanha, e o pavor perante a ameaça da Segunda Guerra Mundial- tudo isso contribuiu para politizar a maioria de nós, e acima de tudo nos tornou céticos quanto às verdades históricas que nos haviam ensinado.

Eu e outros ficamos interessados no marxismo como uma interpretação da história, e isto nos tornou críticos com relação às versões convencionais dos eventos ocorridos na Inglaterra (...)

A perspectiva era a de que os eventos contemporâneos estavam influenciando diretamente uma geração inteira a buscar e aprofundar a compreensão da história do país. Acerca da percepção de mudança social no seu país, Thompson escreveria um poema chamado “New Fashions”¹¹³ de 1945. Um poema cheio de termos em francês. Não por acaso, visto que Thompson criticava explicitamente o surto de interesses das pessoas pela moda francesa. Quando Thompson escreve, poucos anos depois, o poema *The Place Called Choice*,

¹¹⁰ THOMPSON, Dorothy. *Outsiders. Class, Gender and Nation*. London: Verso, 1993, p. 10.

¹¹¹ “El campo de estudio privilegiado por este paradigma sería el estudio de la etapa revolucionaria 1640-1688, considerado como el origen de la Constitución Británica, de la formación del Imperio y del *status quo* sociopolítico por el que la vieja aristocracia y la nueva burguesia ocupaban, com leves tensiones, um rol dominante”. GONZALÉZ, *op.cit*, p. 74.

¹¹² HILL, Christopher. Christopher Hill por Christopher Hill. *Varia Historia* (UFMG). Vol. 11, n. 14, september 1995, p. 84.

¹¹³ Ver Anexo p. 188.

os efeitos e as críticas sobre as mudanças na sociedade britânica, especificamente na classe operária, interesse de Thompson, ficam mais evidentes. Pensando sobre esse período, Scott afirma:

No final dos anos 1940 e nos anos 1950 os efeitos de uma retomada econômica global, a substituição da racionalização com as delícias do consumismo ao estilo norte-americano, e um programa de renovação urbana, tudo isso ajudou a alterar a cultura de muitos operários¹¹⁴.

Thompson possuía nesse período relevante contanto com pessoas que marcaram sua trajetória militante e intelectual. Dona Torr foi uma delas. Raymond Williams foi outro, por “se recusar permitir que questões do conhecimento e questões de valor e escolha política fossem enclausuradas em recintos especializados”¹¹⁵. Esse contexto, portanto, foi importante pela abertura das possibilidades e interesses sobre os problemas ideológicos e intelectuais (ambos, acontecendo em simultâneo) que Thompson passaria a, daí para frente, desenvolver: pode-se citar a questão da experiência, da cultura, da moral, dos valores, do indivíduo, da revolução etc.

Nas últimas estrofes do poema, Thompson vai substituindo a constatação contemporânea acerca da contaminação cada vez maior dos valores e da moral capitalistas na sociedade britânica – talvez as mesmas que ele lia enquanto estudava William Morris, por isso, sua aguçada percepção de perigo – para uma postura apologética, mobilizatória, de futuro. Sobretudo após 1956, quando Thompson começa a dialoga mais proximamente com literatos (sobretudo) acerca do desecanto e apostasia diante da luta socialista, perceber-se-á que sua preocupação permanentemente esteve imbuída de um otimismo que (aos nossos olhos, então...) impressiona.

Para quem está, hoje, familiarizado com a atitude de denúncia, revolta e trabalho árduos de Thompson sobre o avanço da mecanização da sociedade e de suas consequências nas relações humanas (“*A mente aquisitiva corta as mãos criativas*”), atitude essa presente em toda sua vida, podem parecer até banais algumas palavras aqui e acolá nesta pesquisa. Além do mais, a palavra *desejo* é colocada no poema sempre atrelada às falcatruas do dinheiro e sua trupe ideológica como único balizador das relações humanas. Através dos elementos da industrialização da sociedade, é como se a mecanização das relações sociais criasse *desejos* que, de algum modo, não implicam nas causas *necessárias* para o

¹¹⁴ Orinal: “In the late 1940s and in the 1950s the effects of a global economic upturn, the replacement of rationing with the delights of American-style consumerism, and an urban renewal programme all helped change the culture of many workers”. SCOTT, *op.cit.*, p. 51.

¹¹⁵ Orinal: (...) refusing to permit questions and knowledge and questions of value and political choice to be segregated in specialist enclousures”. THOMPSON, E.P. *Persons and Polemics*, Merlin: London, 1994, p. 246 *apud* SCOTT, *op.cit.*, 41.

estabelecimento de relações sociais mais humanizadas e menos impessoais, as quais Thompson defendia.

Os versos “(...) *Óleo e máquinas a vapor/Revelam desejos desconhecidos,/Novas maneiras de agir e sentir (...)*” podem indicar a ligação entre o *mass media* e sua provocativa invenção de *desejos* e não seria errado afirmar que sua palavra chave é o consumismo. Porém, os mesmos versos, possivelmente, podem indicar algo mais remoto, visto que Thompson escreve em solo inglês, no país da Revolução Industrial. Destarte, a importância de perceber como essa atitude de Thompson foi aparecendo e se desenvolvendo de forma conceitual e prática é, pois, salutar para o entendimento das circunstâncias em que a *história social* foi conceitualmente construída, tendo em vista que Thompson foi e é um sujeito de relevância nesse movimento da historiografia.

Eric Hobsbawm, escrevendo em 1978¹¹⁶ sobre a década de 1950, especificamente sobre a relação entre o movimento dos *Annales* e a história britânica e seus historiadores, afirma que havia o interesse entre os marxistas ingleses pelo “desenvolvimento da economia do mundo moderno”, muito influenciados pelo debate entre Sweezy-Dobb sobre as origens do capitalismo. Esse debate também se encontrava entre os *Annales*, só que com uma abordagem diferenciada. Reveladas as importâncias estrangeiras, Hobsbawm também aponta que foi neste período que o marxismo

sublinhou a conexão absolutamente essencial entre o mundo das ideias e sentimentos e a base econômica, ou, se preferirem, o modo pelo qual as pessoas obtêm seu sustento na produção. (...) o modelo marxista da base e superestrutura, apesar do que possam pensar a seu respeito, implica, afinal de contas, uma consideração da superestrutura também como uma base, ou seja, a importância das ideias¹¹⁷.

E logo depois cita a obra de Christopher Hill. Autor cuja leitura Thompson revela de importância para sua formação de historiador. A partir da citação acima e das reflexões possíveis até aqui, pode-se dizer que o poema *The place called choice* foi produzido justamente nesse período e contexto em que as bases da *história social* foram se formando.

Nesse sentido, a preocupação de Thompson com a questão do *desejo* e da *necessidade* vista em *The place called choice* não fica reduzida à estabelecida até aqui, isso porque essa questão ficou mais complexa na medida em que Thompson se aprofundava no estudo de William Morris, assim como pelo desenvolvimento e alteração do marxismo nos anos seguintes.

¹¹⁶ HOBBSAWM, Eric J. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 254.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 256.

Defende-se que a preocupação e ocupação de Thompson na década de 1940 representada por sua constante apologia à ação, implicada diretamente na sua experiência de guerra e suas influências parentais, foram cada vez mais se complexificando, ou seja, foi cada vez mais sendo conceitualizada através da sua experiência no grupo de historiadores do Partido Comunista Britânico e, simultaneamente, na sua atividade docente para adultos. E como já destacado na Introdução desta pesquisa e também porque diz respeito à postura de Archilés, não é possível conceber que tudo anterior à obra *A formação da classe operária inglesa* foi constituído para tal.

3.2 Pausa: O amor

Além dos artigos que Thompson escreve nos fins da década de 1950, praticamente por toda década ele se dedica ao estudo do artista e socialista inglês William Morris. Nesse percurso, escreve somente 03 poemas, bem menos que na década anterior e mais que na posterior, na qual não escreve nenhum poema. Antes de entrar na discussão sobre como Thompson leu William Morris por quase toda década de 1950, é proveitoso citar o poema escrito em 1952: *Declaration of love (for Dorothy)*:

*Declaration of Love
(for Dorothy)*

I
I saw her bend over my son in the garden,
And the child turned suddenly and shouted at the snow;
That was enough to set these sensual rhythms swayinf
Till all the rooms os reason rang: and I, above,
Saw words, like dancers, in their hundred motions go
Among the patterns which the fiddlers were playing,
And one recurring word came past, which I called 'Love'.

But the word caught cold and died, becoming coin,
Clacking the disks of the clockwork-box called 'Sex'.
I could not see her for close-ups and patent lipsticks,
And the air crooned with a male choir of echoes,
Bumming their public list all over the acoustics.

Next, an at night, I took on lie a glove,
Her white and mortal beauty, till the gestures of her kind –
Neww grew so great, they could no longer be contained
Within the latched concerns of my delighting mind.
And all these years of silence stirred within my hug,
And, kicking on my tongue, cried 'Love'.

But the bright boys took away the word and cut it open.
They couldn't find its name in the indez of perversions,
So they put it in a tin with some rosaries and verses

And sent it to a brothel to comfort sinning persons.
There was bickering about it when they came to look,
But all of them agreed it were better born unspoken.

O, we broke out from there dusty places, to the world
Of human action where all notable things are done.
The sun was driven by our shadows all day long.
Because we willed it so, our hands were full of dove.
Trees grew, because we planted them. Children and songs
Climbed in the olive-trees of hope, until, in unison,
We lost all shame, and in the public fields we shouted 'Love'.
But the sun dropped off its stalk into miles of water.
The birds mobbed us like owls. The trees and children fled,
Screaming, to the deade heathlands and the howling moors.

And the word, like a foul sorcerer, was groping on our bedm
Intong false and puous spells, which, starting into wars,
Threw down its glacial shadow o nus, prophesying parting.

II.

My love, the earliest poets knew
That man was other than animal,
And woman was half man, half fire:
And, in the union of the two,
The double bridge of sex and sense
Spanning the gulf of identity
Brought the opposing capitals
Into a crowning unity.
Straddling the casm of personal death,
The social buildings, dome and spire.,
Composed a city commom to each,
Reaching the heights where both aspire.
O, is it my own incompetence,
That you, who wuicken my desire
With each inflexiono of your breath,
Confirming all I read or heard –
Find me incapable of speech.
And picking quarrels with a word?

Or has the word, through too much use
In stuffing every trivial hole
Of intelectual fear and hate –
Daubing the poster's self-abuse,
Employed among the means os state
By every butcher in a stole, –
Dissolved into its componente dust,
The calculating rational soul,
The functional urges of animal lust?
And when this special kindness still
Brushes the entrance to our hearts,
Suggesting we are human yet,
We squash the work upon the sill,
Deade as a wasp: or else must set
Ourselves to talk by diferente arts,

And fashion a silente alphaabet?

III.

Love, they said, and ordered in the armour of possession.
Love, they said, annexing their children as dependencies.
Love, they said, scuffling among Koewan crossbones.
Love, they said, love, as they cuddled in their jealous trenches.
Making incense on their souls under the dynasty of cordite,

Forgive me. I had almost said, this word is carrion.
Sold up our lyrical inheritance, gone croaking loke a crow,
Clapping with verminou swings and cawing at their crookedness,
And (if they hadn't found me meat) I would no more have spoken.

That was my road. But as I moved to go
I saw you in garden, in the summer of your senses,
And our son flushed with shouting, who, two years ago
Crawled in the grass, kicked on his back
The year before, before that was no son at all.
And then you laughed at me, and said, Com out into the snow.

Conversions fall like this, I think. Such facts as these
Grow into revolutions, so that, in crying out your name
I must cry out defiance on all trecheries,
Throw down their alphabets and purge their subtle schools of shame.
O, in the killing air, since I first learned to speak,
They've had their horsemen riding down the weak.
I think I never knew the child that did not bear some mark.
And now at last I find my voice, my singing voice of rage.
O let the old vocabularies join the bitter dance!
I am moved to declare against this unjust butchring age.
Against Wellington, Meinau, Rhodes, MacArthur – all
The licensed, decorated killers, who, like cocks
Roost with their bloody spurs within the orthodox,
And (with each dawn) flay out and crow from every fence
And cry down any air of innocence.

And I affirm that word, which, should we let it fall,
Faith or ingratitude, no other word can live
Which stakes our social world, holds back the lurching animal,
I take our son in my arms. I kiss you and plead my love.

(Tradução)

Declarações de amor
(para Dorothy)

I.

Foi no jardim que a vi, inclinada sobre meu filhinho, aos cuidados,
Trépida, a criança gira e grita na neve.
Foi o suficiente, isso foi o suficiente para tessitura de belos ritmos que oscilam
Até todos os compartimentos da razão tilintarem: e eu, quieto,
Via palavras, como dançarinas, em seus movimentos aleatórios irem

Ao
s arranjos que os violinistas anunciavam,
Ordinária era a palavra que me surgia e eu a chamei de “Amor”.

Mas a palavra congelou e morreu, tornando-se moeda,
Estalando os discos das caixas-de-jogo chamada “Sexo”.
Eu não poderia vê-la tão próxima, nem seus notórios lábios pintados,
O ar entoou com um coro de ecos masculino,
Por toda a acústica: o trottoir.

À noite, inopinado, eu aceitei tranquilamente
Sua beleza límpida e mortal, até mesmo os gestos óbvios para quem tu é –
“Ness grew so great”, já não podiam ser refreados
No interior das referências enclausuradas de minha cabeça deslumbrada.
Meu pulmão vibrou sôfrego por todos esses anos de silêncio...
Todos esses anos de silêncio agitaram dentro de meu pulmão,
E, menosprezando tudo que me é comum, chorei o “Amor”.

Mas os garotos fulgurantes levaram a palavra e cortaram, abrindo-a.
Eles não poderiam encontrar seus nomes no índice das perversões,
Então a depositaram numa lata com alguns rosários e versos
E enviaram para um bordel para consolar os pecadores.
Houve bate-bocas por isso quando eles vieram dar uma olhada,
Mas todos eles concordaram que era melhor nascer velado.

Escapamos desses lugares empoeirados e fomos ao mundo
Da ação humana onde todas as coisas notáveis são realizadas.
Ao longo de todo dia o sol foi guiado por nossas sombras
Porque queríamos tanto, nossas mãos estavam cheias de pombos.
Árvores cresceram, porque nós as plantamos. Crianças e canções
Escalam as oliveiras da esperança, até, em uníssono,
Perdemos a vergonha, e nos campos públicos gritamos “Amor”.

Vago e moroso, o astro solar abandona sua haste nas milhas negras da água.
Os pássaros, agora, nos amedrontam como as corujas. As árvores e as crianças
se refugiam,
Bradam, às charnecas mortas e aos paramos uivantes.

Como um feiticeiro desleal, essa palavra tateava sorrateira nossa cama,
Entoando falsos e pios encantamentos, quais, deflagram guerras,
Derrubam sua sombra glacial sobre nós, profetizando despedida e partida.

II.
Meu amor, os mais antigos poemas sabiam
Que o homem não era animal algum,
Ou a mulher meio homem, meio fogo:
E que na união de ambos,
Sexo e sentido como elos do sem-fim
Cruzando o abismo da identidade
Trazem os adversários primordiais
À coroação da unidade.
Transpondo vazio da morte pessoal,
As construções sociais, domo e pináculo,

Edificando uma cidade comum para cada um,
Alcançando os céus e horizontes que desejam.
Oh, essa é minha própria incompetência,
Pois tu, aquela que dá vida ao meu desejo
Com cada modulação de tua respiração,
Conferindo tudo o que eu leio e ouço –
Encontro-me incapaz de falar,
Dissolver os quiproquós com uma palavra?

Ou tem essa palavra, pelo seu desgaste
Em preencher todo e qualquer vazio banal
Do medo e ódio intelectuais –
Untando os cartazes com dizeres autoindulgentes,
Lançados entre coisa-qualquer do estado e do momento
Por alguma alma sebosa com uma estola ensanguentada, –
Dissolvida ao nada e aos farelos,
A alma racional calculista,
Os impulsos úteis da luxúria animal?
E quando a mansidão e compaixão especiais destrancam
Os portões dos nossos corações,
Logo lembramos que ainda somos humanos,
E no peito esmagamos a palavra,
Que cai morta como uma vespa: ou, então, devemos
Procurar outros artifícios para fazermos falar,
E talhar um alfabeto silencioso?

III.

Amor, eles dizem, e ordenam sob uma armadura de possessão.
Amor, eles dizem, agregando suas crianças como dependências.
Amor, eles dizem, lutando entre caveiras coreanas.
Amor, eles dizem, amor, enquanto se achegam em suas trincheiras ciosas.
Fabricando incenso com suas almas, sob a dinastia de cordite.

Perdoe-me. Eu quase tinha dito: essa palavra é carne putrefata.
Vendida nossa herança lírica, coaxando como um corvo,
Batendo palmas com asas de isentos e grasnando em sua tortuosidade,
E (se eles não tivessem me encontrado carnal) eu não teria mais falado.

Esta foi minha estrada. Mas enquanto me movia em aproximação
Eu te via no jardim, no verão dos teus sentidos,
E nosso filhinho ruborizado de tanto gritar e que, dois anos atrás,
Ainda engatinhava na relva, ou quando em teu útero ele chutava
Ou um ano antes quando, afinal, não havia filho algum.
Então você sorria para mim e dizia: “Vem ver a neve”.

Eu acho que as convenções declinam assim e fatos como esses
Crescem nos momentos de revoluções, de forma que, ao clamar teu nome
Eu devo bradar em lágrimas pelo desafio de todas as traições,
Demolir teus alfabetos e purgar tuas sutis e vergonhosas vivências.

Ah, no ar mortífero, desde que eu aprendi a falar,
Eles tiveram seus soldados eliminados. E, ouvindo no escuro,
Ouvi seus cavaleiros galopando sobre aquele que é fraco.
Acho que nunca conheci criança que não tenha suportado alguma marca.

E agora, finalmente, eu encontro minha voz, meu canto furioso.
Deixem, deixem os velhos vocabulários unirem-se à cruel dança.
Nada me impede e sou movido a declarar-me contrário a esta época injusta e
de massacre.

Contra Wellington, Meinau, Rhodes, MacArthur – todas
As licenças e todos assassinos ornamentados, quais, como galos
Empoleiram com suas esporas ensanguentadas o interior da ortodoxia,
E (a cada aurora) levantam voo e cacarejam de qualquer cercado
E desdenham qualquer ar de inocência.

E eu acho que a palavra, qual deveríamos deixar cair,
Fé ou ingratidão, nenhuma outra palavra pode viver
Com os desafios de nosso mundo social, priva o animal abandonado,
Eu pego meu filho nos braços. Beijo-te e defendo meu amor.

Thompson procura uma palavra para o que vê e sente. É como sentisse algo grande e singelo e não conseguisse chamar isso de *amor*. O sentimento precede a palavra, que não resume o sentimento. Mas, por fim, chama: *amor*. Uma homenagem à união, à família crescendo, aos trabalhos contínuos frequentemente realizados juntos, com apoio mútuo, como Thompson deixa claro em alguns momentos.

Mas o amor e o amar, substantivo e verbo, não se resumem assim. A declaração de amor para amada vai, em primeiro plano, sendo resguardada. E o poeta passa a pensar o amor e o amar de outro modo. De um estupor, a palavra *amor* foi congelada e, sem pulsão, morreu. Já morta, ela se torna moeda. Essa moeda, repulsando a noção de *amor* (que ele compartilha), passa a ser confundida com o *sexo*. O *sexo*, ainda assim, concebido além do prazer carnal. Além, porque, até chegar à consumação, muito coisa pode acontecer e muita coisa acontecendo significa maior “rendimento”. Duas palavras, portanto, são centrais aqui: amor e moeda.

Se o amor era o que deveria unir as pessoas, então o amor fora substituído pela moeda? Essa é uma pergunta feita de modo errado. A palavra talvez não seja *substituição*, mesmo que no poema *The place called choice* Thompson fale em “*mãos criativas*” cortadas pela “*mente aquisitiva*”, ou seja, as relações humanas, que para Thompson eram referências estavam sendo abaladas pelas relações econômicas que prevaleciam e eram fomentadas.

Com essa e outras intuições poéticas, Thompson sugere a reflexão sobre a relação entre o *amor* (que representaria as *sensibilidades*) e a *moeda* (que representaria as relações *econômicas*). Mesmo assim, ainda não é possível afirmar (se é preciso mesmo) que Thompson a essa altura entendia que a família era o “aparelho ideológico do Estado” e a manutenção dessa instituição era importante, pois em nenhum momento uma *declaração de*

*amor*¹¹⁸ pode ser confundida como uma apologia à instituição *família*. Essa não era sua preocupação. Entende-se, nesse sentido, que é incompatível colocar lado a lado, como reflexos mútuos, uma intuição poética com uma teorização mais complexa, marxista.

Mesmo que algumas imagens no poema estejam sugerindo algumas reflexões já destacadas, como a substituição de valores comuns por monetários e suas consequências para a classe operária inglesa, o poema traz um argumento central que, efetivamente, foi destacável no desenvolvimento intelectual do jovem Thompson – que tinha apenas 29 anos quando escreveu essa declaração de amor à Dorothy, de 28 anos – e diz respeito à sua inquietação acerca dos valores. A pessoa de Dorothy é central para Thompson desenvolver parte de seu arcabouço intelectual e militante. A declaração de amor à esposa está além de uma declaração de amor costumeiramente realizada entre os casais. O poema “*Three Love Poems*” (1946) pode ser considerado uma declaração de amor mais direta e sensual; as palavras são mais explícitas, diferente do poema “*Declaration of Love*” que possui um conflito¹¹⁹. Nesse caso de “*Declaration of Love*”, a declaração se revela como uma constatação de amizade e amor. Mas não só, o fluxo sentimental em Thompson quando ele observa seu filho e Dorothy brincando na neve tilitam sua razão. O sentimento toca o coração do homem no lugar onde a razão não compreende. Mas em qualquer âmbito do poema, é possível perceber além de uma constatação, há uma identificação de causa e, correspondentemente, de valores.

Dorothy Thompson realiza uma reflexão rica sobre sua trajetória intelectual e militante na Introdução do livro *Outsiders. Class, Gender and Nation* (1993) e é através dele que é salutar pensá-la com máxima importância para compreensão de *Declaration of love* (1952). No texto, Dorothy argumenta ricamente sobre sua vida ao lado de Thompson. Seu entendimento de que seu esposo é mais conhecido que ela – pois ambos possuíam as mesmas ocupações – é feito sem nenhuma postura de inferioridade: “isso não é somente porque ele foi mais prolífico, mas também porque ele foi o maior historiador da nossa geração”¹²⁰.

O casamento com Thompson afetou seu trabalho em vários modos, como a opção do editor de seus livros preferir usar o sobrenome Thompson tendo em vista que ele chamava mais atenção comercialmente para o produto e, conseqüentemente, para o conteúdo do livro. A parceria de ambos ia para além disso: existem pontos de vista e argumentação presente na obra de Thompson que ela provocou e há argumentos e reflexões na obra de Dorothy que ele provocou. Uma parceria, portanto, bastante frutífera.

¹¹⁸ Em 1957, Thompson escreveu “Valentine”, um poema como cartão-de-namorados. Ver Anexo, p. 198.

¹¹⁹ Ver Anexo, p. 186.

¹²⁰ “This is not only because he has been more prolific, but also because he has been one of the major historians of our generation”. THOMPSON, Dorothy. *op. cit.* 1993, p. 01.

Única filha de cinco irmãos, Dorothy morou e estudou num âmbito familiar musical. Cresceu num vilarejo: “talvez comparecer a uma escola suburbana enquanto vivia em uma aldeia rural deu-me um interesse pelos *outsiders* muito cedo na vida¹²¹”. Relembrando essa época, Dorothy escreve sobre a vasta presença feminina na sua vida e dos esforços e incentivos que fizeram as mulheres que passaram, por exemplo, por sua vida escolar em encorajar ela e outras meninas a debutarem na vida pública e política – ou seja, de se pensar como mulher fora das caixas padrões que são atribuídas às mulheres.

A trajetória de Edward e Dorothy é aproximada pela guerra. As famílias de ambos foram diretamente afetadas pela guerra. Em 1945, quando começaram a morar juntos, “tanto Edward quanto eu já estávamos fortemante compromissados à ação política. Nós éramos membros do Partido Comunista Britânico”¹²². Nesse momento já viviam juntos no norte da Inglaterra e juntos ficaram até a velhice (e quando da morte de Thompson, em 28 de agosto de 1993). Dorothy conta do caminho que trilharam, as objeções e acertos na relação entre trabalho e família. Às vezes, ambas se confundiam. Explica sobre a situação financeira deles e algumas dificuldades que atravessaram – algumas vezes recebiam ajuda de familiares e amigos, sobretudo na vestimenta e etc dos filhos. O ambiente do lar, de todo modo, era acolhedor para os amigos.

O que também se destaca no texto de Dorothy é que a todo o momento (como pano de fundo) havia entre Edward e Dorothy um imenso respeito entre si, uma correspondência de companheira, uma simbiose positiva e, de modo inquestionável, é essa a mensagem que Thompson deixa evidente em seu *Declaration of love*. Dorothy foi a mulher perfeita para ele. Ambos foram até a Jugoslavia como voluntários na construção da ferrovia Samac-Saravejo, Thompson (quando escreve uma carta a um amigo em comum chamado Fred) afirma que Dorothy também era uma Udarник na Railway¹²³.

A coincidência política entres ele tratava-se de um companheirismo amoroso em todos os sentidos, a sensação de totalidade era certamente o que Thompson trata no poema. O amor carnal de marido e esposa, mas o companheirismo militante. Ambos perderam familiares na guerra. Eles, os que sobraram, sentiriam a pressão familiar, de algum modo, no que diz respeito à procriação e, efetivamente, o nascimento dos filhos reordena e alimenta suas

¹²¹ “Perharps attending a suburban school while living in a country village gave me an interest in outsiders very early in life”. *Ibidem*, p. 03.

¹²² “both Edward and I were already strongly committed to political action”. *Ibidem*, p. 06.

¹²³ THOMPSON, Edward. (Carta) 21 de janeiro de 1948. Ross-Shire. Para Fred. Sobre a construção da estrada Samac-Saravejo e outros assuntos afetivos entre amigos. Acesso em julho de 2019. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/thompson-ep/letter.pdf>

inquietações e mobilizações políticas para construção de um mundo melhor, socialista. A potência do poema é, portanto, o valor que Thompson expressa nele.

3.3 William Morris, o indivíduo, Orwell e os anticomunistas.

In praise of Hangmen

How can we other than
Honour that man
Who undertakes this social trust
Since someone must?

How much more honour then
To all those dedicated men
Who saved society
By rope and calumny.

So giving honour we
Who moralize necessity
With slate of sophistry erect
A gibbet of the intellect

And from its foul and abstract rope
Suspend all social hope
Until with swollen tongue
Morality herself is hung.

In whose distended dedicated eyes
All honour dies.

(Tradução)

Em louvor do carrasco

Afinal... como podemos
Honrar esse homem que
Toma para si uma tal confiança social
Apenas quando alguém precisa?

Então... quanto mais honra para
Todos aqueles homens ativos
Que salvaram a sociedade
Da amarra e da calúnia.

Assim, dando honras a nós quem
Moralizamos a necessidade
Com a ardósia do sofisma ergue
Uma força do intelecto

E de sua amarra obscena e abstrata
Suspende toda esperança social

Até que, com a língua inchada,

A própria moralidade fica asfixiada.

Nos diligentes olhos, olhos dilatados
Toda honra morre.

O poema foi escrito em 1956, um ano importante não somente para Thompson e seus colegas do grupo de historiadores e escritores do Partido Comunista Britânico, mas para todo o mundo marxista que, de algum modo, foi afetado pelos eventos desse período. É quase unânime considerar essa data como divisor de águas no marxismo ocidental. As revelações de Nikita Krushev impuseram uma profunda reflexão sobre a teoria e a prática marxista. Raymond Williams diria que o ano de 1953 foi mais marcante que 1956. Ou seja, de um lado, a publicização dos crimes de Stálin que, até então, eram segredos de Estado, as tensões do Canal de Suez e a invasão soviética à Hungria. Por outro lado, a divisão da Alemanha em duas, data da construção do muro de Berlim. Ambas as considerações não são contraditórias

As críticas à “camisa de força estalinista”, como chama Bryan Palmer, já vinham acontecendo desde a década de 1940 ou mesmo antes, mas ao mesmo tempo em que elas são diferentes ao longo desse período, visto que é possível observar várias formas de críticas ao stalinismo, de modo que nem sempre uma crítica antistalinista é necessariamente antimarxista, elas também eram diminutas ou não possuíam tanta força para desconstruir o potencial que a URSS e o líder Stálin possuíam até meados da década de 1950.

Somente é a partir de 1956 que as críticas e as buscas por alternativas marxistas vão sendo pensadas e construídas. É nesse momento que Thompson escreve tanto sobre William Morris quanto seu poema *In Praise of Hangmen*, em 1956 – já dentro do contexto intelectual da década de 1950 no qual os historiadores sociais ingleses, no esforço de sair dessa “camisa de força estalinista” procuraram contruir uma possibilidade para o marxismo. É importante pontuar, ademais, que sua obra sobre William Morris (de 1955) ainda possuía bastante “beataria estalinista”, tal como ele considera quando vai escrever o prefácio para a segunda edição da obra em 1977.

Viu-se anteriormente que o constante chamado à luta e à ação de Thompson esteve simultaneamente ligado a seus estudos. Não entregue ao *desencanto* tão comum a muitos ex-comunistas ferrenhos, seja antes ou depois de 1956, vários intelectuais permaneceram acreditando na transformação do mundo e da condição de homens e de mulheres através do socialismo. Thompson foi um deles. O poema acima sugere essas questões. O poema documenta a reação de Thompson para algo que estava premente.

É claro que perder o “camarada Stálin”, como Thompson o referiria anos mais tarde, foi consideravelmente sentido. No entanto, todo esse esforço de demonstração de uma outra possibilidade de socialismo e, conseqüentemente, de uma possibilidade de escrita da história não tinha unicamente como causa a experiência stalinista, na medida em que a configuração local da classe operária inglesa, como foi visto, também teve sua relevância. Pequeno, mas com intrincada complexidade, o poema propõe, portanto, uma reflexão sobre o esforço de Thompson na construção de uma noção de marxismo não-stalinista e anticapitalista.

É por isso que a escrita desse poema pode ser concebida como resultado de um desenvolvimento intelectual e prático que vinha acontecendo desde a década anterior. Não se trata, entretanto, de uma rejeição comum ao marxismo stalinista, visto que o poema possui um notório teor de proposição. O interessante, nesse sentido, é observar como essa rejeição propositiva vai acontecendo.

A preocupação com a moral é, possivelmente, a proposição que Thompson sugere nesse *louvor* de confirmada rejeição. No poema, destacam-se duas questões. A primeira é a acusação da ausência de alguma preocupação do marxismo stalinista com a questão da moral e dos valores. A segunda é que a preocupação com a moral é central para a renovação teórica que Thompson desenvolveu nessa década. Ambas aconteceram simultaneamente e a reflexão sobre a ação criativa do indivíduo praticamente vem atrelada à questão da moral. Ou seja, Thompson passou a refletir sobre aquilo que não observava no senso comum marxista da época: uma reflexão sobre os valores. De forma que assim ele se afasta do marxismo stalinista sem deixa de ser marxista ou sem tornar-se um ex-comunista (ou até mesmo um intelectual apologético anti-comunista). Pelo contrário, seus esforços para construção de uma teoria e práxis renovadas são evidentes nessa década, seja através de suas participações em publicações de revistas seja na escrita de ensaios (principalmente a partir de 1956), seja no, não menos importante, poema *Em louvor ao carrasco*.

É possível afirmar que foi com William Morris que Thompson ouviu o estalo da conexão entre as sensibilidades e ideias com a base econômica. Morris foi o sujeito que Thompson trouxe para trabalhar suas inquietações contemporâneas. Através de William Morris, Thompson tece indiretamente críticas tanto ao mundo soviético quanto ao mundo ocidental (ou, como ele chama, de “natopolitano” – que pode ser traduzido como “otânico”, em referência explícita à OTAN). Thompson¹²⁴:

¹²⁴ THOMPSON *apud* PALMER, *op. cit.*, p. 79.

Quando em 1956, minha discordância com o marxismo ortodoxo articulou-se completamente, caí novamente em meios de percepção que aprendera durante os anos de grande proximidade com Morris, e descobri, talvez, a vontade de continuar argumentando a partir da pressão que Morris exercia sobre mim”.

Foi por conta de Frank Thompson que William Morris apareceu para ele. Nas cartas que os irmãos trocavam durante a guerra é possível perceber uma lista de leituras/autores que são recomendados. Há Christopher Caudwell. Há Carlile. Há Gorky. E há William Morris. Em 13 de janeiro de 1944, do Cairo. Frank escreve que através da leitura, seja da obra *A mãe* de Gorky, mas também de *News from nowhere*, de Morris, é possível a Thompson “(...) encontrar o idealismo mais apaixonado possível e respeito pela ‘moral realmente humana’”¹²⁵.

Como destaca seu biógrafo Bryan Palmer, nesse período “Thompson foi capaz de explorar com propriedade a estrutura de uma tradição empobrecida e dela conseguir o suporte para uma nova estética de apresentação de idéias comunistas”¹²⁶. A leitura thompsoniana de Morris, nesse sentido, foi frutífera. Estudando a vida desse sujeito e historicizando todo seu percurso como multiartista, Thompson viu aí alguém que em sua juventude tivera forte o ímpeto romântico e que foi se transformando em um socialista revolucionário, na maturidade. Dele, Thompson extraiu a possibilidade de uma inclinação moral de rejeição ao *establishment*, “isso sem dúvida originou-se de suas próprias indagações acerca do romantismo e da crítica moral desse movimento ao capitalismo”¹²⁷

Thompson entendeu que para se distanciar tanto do marxismo soviético quanto do capitalismo e, assim, continuar sua luta pelo socialismo (anticapitalista), era preciso trazer a discussão sobre as sensibilidades e ideias para dentro do marxismo. Vale lembrar que essa preocupação já estava sendo sugerida no poema *The place called choice*. E também não fora por acaso que ele trazia Morris na conferência em 1950, ao propor medidas energéticas contra a ofensiva moral capitalista representada pelos Estados Unidos. Publicado em 1955 com mais de 700 páginas, a obra sobre a vida de William Morris¹²⁸ não obteve repercussão entre o circuito de intelectuais. Bryan Palmer chega a falar de um “stifling silence” (um silêncio

¹²⁵ “to find the most passionate possible idealism and regard for ‘really human morality’”. THOMPSON, Edward. Palmer; TEODOSIA Jessup (Ed.). *op. cit.*, p. 170.

¹²⁶ PALMER, *op.cit.* p. 74.

¹²⁷ PALMER, *op. cit.*, p. 75.

¹²⁸ THOMPSON, E. P. William Morris: de romântico a revolucionário. Valencia: Institució Valenciana d'Estudis i Investigació, 1988.

sufocante). E John Goode diz que “o livro sobre William Morris não (...) encontrou seu lugar nos debates das esquerdas nos fins dos anos 1950”¹²⁹.

Propor uma discussão acerca das sensibilidades e ideias dentro do marxismo nesse período, como Thompson fazia ao se aprofundar em William Morris, dando a essas dimensões a mesma importância que era comum dar à questão da base econômica como determinante da consciência, responde de algum modo à falta de recepção da obra de Thompson sobre Morris.

Deslocar a preocupação da base para a superestrutura é focar a discussão do marxismo sobre o sujeito, ou melhor, sobre o *indivíduo*. Através de Morris, ele entendeu que não era preciso o homem ou a mulher trocarem suas vidas por rendimentos financeiros, basear suas vivências unicamente para isso. Havia algo maior do que o lucro e o lucrar. A lógica econômica deveria ser superada, dando lugar para questões acerca do *desejo* e da *moral*. Ele foi intuindo que seria um grande erro para a prática socialista não dar atenção sobre o que homens e mulheres sentem e pensam. Melhor do que desejar mais, é desejar melhor.

Além do mais, as questões sobre o *indivíduo* são compreendidas como muito importantes nesse período para o marxismo e marxistas. Escrito na década seguinte, 1965, o estudo do historiador Adam Schaff, *O marxismo e o indivíduo*, realiza um estudo nesse sentido, no qual ele afirma que a ‘descoberta’ do ‘jovem Marx’ nas décadas anteriores trouxe uma discussão central para o marxismo, mas uma ‘descoberta’ ainda não generalizada, por conta da pouca divulgação, do pouco tempo para dedicação sobre os escritos do ‘jovem Marx’, pela guerra, por Stálin.

O interesse de Schaff é discutir a relação entre o ‘jovem Marx’ e o ‘velho Marx’ no sentido de saber se ‘ambos’ se completam, se há alguma rejeição ou se há aprofundamento. O ‘jovem Marx’, humanista, contrapunha-se ao dogmático-materialista ‘velho Marx’? Schaff procura passar longe dessa ambiguidade ao preferir pensar “a primeira fase (...) geneticamente ligada às posteriores, pois nela nascem problemas para cuja solução dedica-se toda a criação posterior”¹³⁰.

Os textos do ‘jovem Marx’ são os *Manuscritos Econômico-Filosóficos Parisienses*, de 1844, a *Ideologia Alemã* que somente apareceu em língua original em 1932 e também a obra *Crítica da Filosofia Hegeliana*, que apareceu em 1927. Essa grande ausência do conhecimento de Marx afetou os teóricos marxistas anteriores. Se a discussão só iniciou depois da guerra e, mesmo assim, fracamente, é notório que houve uma lacuna no modo de

¹²⁹ “the book on William Morris did not (...) find its way to the centre of the debates on the left in the late 1950s”. GOODE, John. E. P. Thompson and ‘the Significance of Literature’. *E. P. Thompson Critical Perspectives*. (ed) KAYE, Harvey J. and MCCLELLAND, Keith. Cambridge: Polity Press, 1990, p 183.

¹³⁰ SCHAFF, Adam. *Marxismo e o indivíduo*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1967, p. 26.

pensar e agir dos marxistas das primeiras décadas do século. Schaff afirma que “Marx partiu dos problemas do indivíduo humano e concentrou toda sua atenção (...) sobre as forças e movimentos sociais”¹³¹.

Até então, o pensamento marxista esteve distante das relações entre os indivíduos e a coletividade, caso chegasse a tratar, tratava de submeter o primeiro ao império do coletivo. A preocupação com o bem-estar, a felicidade, enfim, os sentimentos e as ideias de vida e mundo dos indivíduos estiveram ausentes, estavam sujeitadas aos projetos coletivos que, por sua vez, só seriam alcançados através de projetos econômicos. Assim, no período do pós-guerra a preocupação acerca dos indivíduos surge com maior evidência. Schaff não dialoga com Thompson e outros intelectuais Mas, de um modo ou de outro, foi no pós-guerra que o problema do *indivíduo* aparece, em simultâneo, à ‘descoberta’ do ‘jovem Marx’. As questões de causa e efeito não dão conta aqui. Ele, em compensação, sugere que o frutífero ao “nosso tempo” (de Schaff) é “explicar porque ocorre exatamente hoje a modificação da perspectiva e precisamente sob as atuais condições”¹³².

A experiência de Thompson, em específico, possibilita refletir sobre o questionamento que Schaff levanta, do porquê de a preocupação sobre o *indivíduo* aparecer somente agora. A rejeição de Thompson no poema *Em louvor ao carrasco* sugere isso. Thompson não apenas rejeita o marxismo dogmático stalinista. No poema, ele traz a discussão do *indivíduo* para o conhecimento marxista, não unicamente através de Marx e seus manuscritos de juventude, como foi visto, mas também através da experiência de estudo sobre William Morris. Segundo Bryan Palmer, Morris (e também o poeta William Blake) preenche a lacuna de Marx, em Thompson,

Textos como “Agency and choice” de 1958, “Through the smoke of Budapest” e “Socialism and intellectuals”, ambos de 1957¹³³, mostram o diálogo teórico de Thompson na defesa do humanismo socialista, na defesa de inserir a discussão sobre o *indivíduo* dentro do pensamento marxista. Arnold Kettle, Harry Hanson, Charles Taylor e outros eram os críticos que tomaram as ideias de Thompson ou sob as posturas de desdém e indignação ou com a atribuição de revisionismo e a acusação de idealista ou clericalismo, enquanto o Partido Comunista Britânica não possuía nem conhecimento dessas discussões.

¹³¹ *Ibidem.*, p. 34.

¹³² *Ibidem.*, p. 03.

¹³³ Ver ambos em: WINSLOW, Carl. *E P Thompson and the making of new left: essays & polemics*. New York: Monthly Review Press, 2014.

Bom, de modo geral, Thompson acusa todos de terem lido o seu artigo em questão, “Socialist Humanism”, publicado anos antes, de modo errado. Ou terem lido outra coisa, menos o artigo. Ele retorna, portanto, algumas linhas de argumentos¹³⁴:

(a) O movimento comunista foi, em geral, a expressão de uma onda revolucionária de atividade com profundo conteúdo humanista; ou seja, sua dinâmica social tem sido composta de incontáveis atos de heroísmo, sacrifício voluntário, inumeráveis impulsos libertadores – materiais e intelectuais – que estão longe de serem esgotados. (b) que a Revolução de Outubro e suas consequências na Europa Oriental e na Revolução Chinesa efetuaram uma revolução fundamental nas relações de propriedade, e aumentaram vastamente o real potencial para o avanço intelectual, cultural e democrático dentro dessas sociedades, (c) em determinadas circunstâncias históricas e econômicas de extrema pressão, a elite revolucionária degenerou em uma burocracia cuja função era defender a propriedade socializada contra a contra-revolução interna e a agressão externa e impulsionar a industrialização. A burocracia agora representa um interesse distinto dentre desses países, e seu aparato estatal, instituições e ideologia, estão restringindo seu potencial humano. (d) o deslocamento ou a restrição progressiva da burocracia não banirá todos os problemas econômicos e sociais com um passe de mágica, nem trata algum estado de natureza socialista, onde todos estejam em concordância, intitulado “humanidade socialista”¹³⁵.

Entendia e afirmava que o conflito no pensamento comunista era entre a burocracia (suas instituições e dogmas) e as pessoas com suas novas necessidades. O ponto de distinção para Thompson era o determinismo de um lado e a *agência* de outro. Defende-se que o uso do termo *agência*, de um modo geral, parte do desenvolvimento teórico da inclinação à luta e à ação de Thompson na década anterior, no pós-gerra.

O marxismo dogmático stalinista era considerado, portanto, uma ‘heresia contra o homem’, segundo Thompson. Justificando porque chama seu artigo primeiro de “Espístola aos Filisteus”, afirma que qualquer um esta sujeito aos impulsos filisteus. No artigo “Agency

¹³⁴ Ver THOMPSON, E. P. Agency and Choice. Marxism International Archive. 1958. Disponível em www.marxists.org/archive/thompson-ep/1958/agency1.htm#n1. Acesso em agosto de 2016.

¹³⁵ (a) That the Communist movement has been, in the main, the expression of a revolutionary wave of activity with a profound humanist content; that is, its social dynamic has been made up of countless acts of heroism, voluntary sacrifice, innumerable liberating impulses – material and intellectual – that are far from being exhausted. (b) That the October Revolution and its aftermath in East Europe and the Chinese Revolution have effected a fundamental revolution in property relations, and have vastly increased the real potential for intellectual, cultural and democratic advance within, these societies, (c) That in particular historical and economic circumstances of extreme pressure, the revolutionary elite degenerated into a bureaucracy whose function was to defend socialised property against internal counter-revolution and external aggression and to drive forward industrialisation. The bureaucracy now represents a distinct interest within these countries, and its state apparatus, institutions and ideology, are restricting their human potential. (d) The displacement or progressive curbing of the bureaucracy will not banish all economic and social problems with a wave of the wand, nor will it usher in some socialist state of nature, where all are in concord, entitled “socialist humanity”. *Ibidem*.

and choice”, ele afirma que o filistinismo pode ser encontrado tanto na ideologia da social-democracia quanto no comunismo.

No mundo comunista, essa heresia contra o homem toma a forma de uma ideologia que sustenta a burocracia governante, reforçando iniciativas de vários modos, com repressão externa ou inibição interna. No pensamento social-democrata, ele se revela em uma inércia da vontade e uma miopia moral: uma incapacidade de olhar para além das formas costumeiras e remédios improvisados, para compreender o ritmo e significado da mudança neste século – o despertar colonial, o potencial humano no terceiro mundo socialista – ou, de fato, imaginar a própria precariedade da civilização em face do perigo nuclear¹³⁶.

Em qualquer um dos lados, há inúmeros fatores que criam uma sensação de impotência nos indivíduos. Impotente diante das rápidas mudanças sociais e tecnológicas. Impotente diante das instituições burocráticas. As querelas entre os intelectuais, ademais, estavam para além do papel. Após 1956, os problemas no pensamento marxista ficaram em aberto, para serem resolvidos tendo em vista que o contexto histórico, as práticas dos partidos comunistas, os posicionamentos dos intelectuais, a perspectiva de futuro estavam sendo remodelados. Em “Socialism and Intellectuals”, Thompson afirma o quão improdutiva era a postura dos intelectuais que agruparam na experiência de 1956 toda a contradição do comunismo e, nesse sentido, passaram a ter uma postura de *anti/ex-comunista*.

Homage to Tibor Dery

In that unanimous agenda of the good
If he should cough the chair would scowl
If he should smile a point-of-order would
Beat out his poems against the wall.
The seven unctuous sins had each confessed
To sinning in the interest of all.
He was too old to be self-critical.
He took his platform down and left the hall.

He could no more abide the orthodox.
The lifelike leaders melted in their wax:
Grief fringed the servile squares like grass:
The statues stood on water. Public clocks
Forged in the small hours twelve important chimes.
He beat upon his art twelve answering times
And held a mirror up, of slintered glass:

¹³⁶ In the Communist world this heresy against man takes the form of an ideology which buttresses the ruling bureaucracy, fettering initiatives in a thousand ways, by external repression or inward inhibition. In social-democratic thought it reveals itself in an inertia of the will and a moral myopia: an incapacity to look beyond the customary forms and makeshift remedies, to comprehend the pace and significance of change in this century – the colonial awakening, the human potential in the socialist third of the world – or, indeed, to imagine the precariousness of civilisation itself in the face of the nuclear peril. *Ibidem*.

He bent is pulse o pic their textual locks,

Easing the tumblers of the people's blood
Till something clicked, the formulations swung
Slowly apart, and a colloquial flood
Of common, fallible words got out.
The sweaty facts fell out of the statistics,
The active verbs ran to the brutal Young:
Shame pity, indignation, doubt
Broke protocol and stormed the city's tongue

The turret summed up sternly for the good
In syllables so big they shut the old man up.
Confessions, concrete, quotas, stronger locks –
He knows what they can do. But can
Theu formulate corretle that lewd flood
And stuf we the verbs back in the léxicon,
Replace the chimes within the fractured clocks
Or stand those statues on a plinth of blood?

(Tradução)

Homenagem a Tibor Dery

Nessa agenda unânime do bem
Se ele deveria tossir, o catedrático o olharia desconfiado
Se ele deveria sorrir, um mediador
Lançaria seus poemas contra o muro.
Escorregadios, os sete pecados confessavam
Pecar no interesse de todos.
Ele era velho demais para ser autocrítico.
Ele se recolheu e saiu.

Poderia não mais respeitar os ortodoxos.
Os líderes realistas derreteram em cera:
Como grana, a aflição e o pesar cercaram as praças:
As estátuas elevaram-se sobre as águas. Relógios públicos
Forjam, em pequeninas horas, doze solenes badaladas.
Doze vezes desalinha sua arte atrás de respostas
E segurava um espelho, de vidro estilhaçado:
Dobra seu pulso para colher suas trancas textuais,

Aliviando o som do gatilho do sangue do povo
Até algo estalar, as formulações oscilaram
Lentamente aos pedaços, e uma inundação coloquial
Do comum, falíveis palavras saíram.
Os fatos árduos caíram das estatísticas,
Os verbos ativos correm à juventude brutal:
Vergonha, misericórdia, indignação, dúvida
Quebram o protocolo quebrado e invadem a língua da cidade.

A torre selada severamente às boas práticas
E calaram o velho homem, em sílabas gigantes.

Confissões, concreto, contingentes, fechaduras fortificadas –
Ele sabe o que eles podem fazer. Mas podem eles
Expor corretamente aquela inundação obscena
E novamente recheiar os verbos ao léxico,
Repor as batidas dos sinos no interior dos relógios fraturados
Ou levantar aquelas estátuas sobre um rodapé de sangue?

A constatação que começa a se delinear é que havia um processo de rejeição ao comunismo que, por sua vez, desembocava na postura de retirada do humanismo. O poema foi escrito para o romancista húngaro Tibor Dery. Ao lado de György Lukács e Gyula Háý, Déry participou do levante rebelde na Hungria em outubro de 1956. Thompson sobrevoava Budapeste enquanto escrevia o seu texto “Through the Smoke of Budapest”. Nesse, as críticas são direcionadas ao acompanhamento da imprensa britânica, especificamente o *Daily Worker*. Na nota do poema na coletânea de Inglis, afirma-se que o romancista foi censurado até 1959, quando foi preso. A leitura do romance *Niki, a história de um cão*, mas sobretudo a prisão de um intelectual que se coadunava com o humanismo socialista possivelmente foi o mote para a escrita do poema.

O sufocamento da voz e a censura perpassam a revolta no poema. O problema da censura e da falta de oxigênio para publicações estavam presentes na atividade de Thompson desde a década anterior. De todo um modo, trata-se de uma preocupação que facilmente iria incomodar um intelectual como ele, como em 1952, quando escrevera um panfleto de título sugestivo *The struggle for a free press*¹³⁷, publicado pela Peoples Press Printing, em Londres, no qual ele constrói seu argumento sobre o lugar da imprensa (relacionando censura e liberdade) na história da Inglaterra.

Tanto nesse poema, como em *Louvor ao carrasco*, Thompson fala frequentemente para um conjunto que ele identifica por “eles”, explicitamente ou de forma indireta. É possível perceber um tom de sufocamento. Ou, de urgência. As coisas, definitivamente, estavam acontecendo de forma não planejada. Às claras, todos *aqueles* que tomaram para si a responsabilidade de mudança social através do comunismo estavam sufocando vozes dissidentes, mesmo depois de 1956. A invasão da Hungria era inaceitável. Em “Through the smoke of Budapest”, ele escreveria: “Stalinismo semeou o vento, e agora o furacão paira no centro da Hungria¹³⁸”.

¹³⁷ Esse panfleto mais o “Facism threat to Britain” (1947) foram publicados na edição brasileira THOMPSON, E. P. E. P. *Thompson: panfletário antifascista*. Tradução de João Ernani Furtado Filho. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2019.

¹³⁸ “Stalinism has sown the wind, and now the whirlwind centres on Hungary”. THOMPSON, E. P. *Through the smoke of Budapest*. In: WINSLOW, Carl. *op. cit.*, p. 37.

Tibor Dery possuía o mesmo ímpeto que Thompson. O primeiro foi calado, o segundo ainda podia falar. Para Thompson a censura sofrida por um intelectual que lutava pela causa do humanismo socialista era rígida e inexplicável. Ao direcionar o poema como homenagem ao escritor húngaro ele destaca a importância do intelectual e, por toda a década, entendia cada vez mais essa importância. Não cessou de atacar e defender-se dos intelectuais. Um ano antes, como se viu no artigo “Agency and Choice”, Thompson respondeu à réplica seja de intelectuais trokystas, seja de intelectuais ortodoxos. Um ano depois, Thompson deu continuidade no problema e na defesa do socialismo humanista, no seu artigo “Outside the Whale”. Aqui, Thompson refuta os intelectuais ex-comunistas que se tornaram anticomunistas.

O artigo, que foi publicado em 1960 na coletânea *Out of Apathy* e revisado em 1978 na edição londrina de *A miséria da teoria*, começa com Thompson lembrando as eleições britânicas de 1955 e se perguntando “Por que, em 1955, a ação do Lord Russell e foi uma exceção diante da habitual passividade intelectual? E mais à frente: “O que se tornou, em 1955, a geração socialista de 1935-45?”¹³⁹. Seu argumento é de que nessa década houve uma polarização da consciência humana correspondente à polarização do poder mundial – em suma: de um lado, o mundo soviético com sua ideologia autoritária claramente definida e, por outro lado, a cultura natopolitana e sua ilusão de que o indivíduo é livre para escolher. De ambas, considerava essa última uma ideologia peculiar.

Para o poeta, pela Europa não há somente a fronteira do poder, mas também uma “cultura fault”, que se apresenta em ambos os lados e pode ser encontrada nos pressupostos sobre como ambos os lados consideram a natureza humana e sobre o modo como os homens fazem ou não sua própria história... Mais uma vez, o ponto que subjaz a esta parte do texto é sobre pressões, presentes em ambos os lados, que induzem o indivíduo à conformidade.

Quanto à cultura natopolina, Thompson indica a existência de uma “active ideological pattern” que, para ele, põe em perigo o mundo e que cresceu por sua própria lógica em contexto favorável, de forma que seu crescimento passou por duas etapas: no primeiro estágio, Thompson aponta que “mentes responsáveis” recuaram diante de uma realidade social para eles inexplicável ou insuportável: a desilusão no comunismo – ao ponto que, tal desencanto tornou-se central na década anterior no seio da cultura natopolitana; já no segundo estágio, o autor aponta que tal recuo desiludido só incorre à submissão ao *status quo*, assim “o

¹³⁹ Original: “Why, in 1955, was Lord Russell’s action an exception to the rule of intellectual passivity? (...)What had become, in 1955, of the socialist generation of the 1935-45 decade? (...)”. Cf: THOMPSON, Edward Palmer *Outside the Whale*. 1960. Disponível em: www.marxists.org/archive/thompson-ep/1978/outside-whale.htm. Acesso em agosto de 2016.

desencantamento deixa de ser um recuo do responsável diante da difícil experiência social; torna-se uma abdicação da responsabilidade intelectual diante de toda experiência social"¹⁴⁰. Ademais, ele compara esse rápido desencanto dos intelectuais contemporâneos com a experiência mais lenta e perlongada do poeta Wordsworth. Não por acaso, Mr. Podsnap, de Charles Dickens, é o personagem literário (aquele que procura fugir de situações problemáticas) que vem à cabeça de Thompson quando pensa nos intelectuais desencantados.

E mesmo que a desilusão com o comunismo seja frequente nos intelectuais natopolitanos, mas que foram comunistas no passado, Thompson afirma que a demonstração dessa desilusão, na cultura natopolitana, deve ser renovada frequentemente, sua falha deve ser retornada – como Deus, anualmente crucificado. E Thompson vai mais longe afirmando que tal renovação do desencanto fica cada vez mais complexa, visto que o objetivo natopolitano é esvaziar qualquer potencial revolucionário dentro de qualquer sociedade, dentro do próprio indivíduo. E isso por razões de interesse bem práticas e que adubam o modo de existir da Guerra Fria, como economia de guerra alimentada pelas rivalidades geopolíticas e, também, por uma preocupação somente pela ideia e não pela realidade do comunismo. Para o mundo natopolitano, demolir o marxismo é uma constante. Por isso, os intelectuais apologistas da reação (os desencantados) são tão necessários para a constituição desse Outro, desse diferente negativado. Em suma: "é suficiente que as largas perspectivas de aspiração social sejam barradas"¹⁴¹.

Para alguns: "*Vergonha, misericórdia, indignação, dúvida (...)/Confissões, concreto, contingentes, fechaduras fortificadas.*" Para outros: nada disso, mesmo que isso esteja ali. Como mote para a escrita de seu artigo, George Orwell foi o ponto de inflexão que Thompson procura tratar para pensar as questões de seu tempo, especificamente a questão do compromisso. Em 1940, no artigo "Inside the Whale", Orwell prevê o retorno da atitude passiva. Em nenhum momento Thompson afirma algum tipo de intencionalidade linear pelo recuo e desencanto de ambos os literatos. Entretanto:

Pelo fato da forma de pessimismo de Orwell ter contribuído bastante para a forma de pessimismo generalizado que sobreviveu ao contexto que surgiu, e que se tornou dominante dentro da ideologia natopolitana, é necessário examinar as premissas¹⁴².

¹⁴⁰ "disenchantment ceases to be a recoil of the responsible in the face of difficult social experience; it becomes an abdication of intellectual responsibility in the face of all social experience". *Ibidem*.

¹⁴¹ "it is sufficient that the broad prospects of social aspiration be barred". *Ibidem*.

¹⁴² "But since the form of Orwell's pessimism has contributed a good deal to the form of a generalised pessimism which has outlasted the context in which it arose, and which has become dominant within Natopolitan ideology, it is necessary to examine the premises". *Ibidem*.

Isso diz muito de uma outra característica contra a qual Thompson se (re)volta e que diz respeito à atitude dos intelectuais de, desencantados, imputar o comunismo como motivo do problema em si. Além de omitir escolhas intelectuais, realizadas por muitos de sua geração, "dentro de um contexto objetivo da crise europeia"¹⁴³, Orwell simplifica as motivações que poderiam ser levadas em consideração e as reúne retirando suas especificidades.

De modo geral, havia um intelectual do tipo Tibor Dery e havia outro do tipo George Orwell. Ao primeiro, Thompson escrevia um poema em homenagem. Ao segundo, Thompson escreveria páginas de ensaio para estabelecer sua crítica. Ademais, foi à abdicação da responsabilidade e compromisso como intelectuais que Thompson destinou suas críticas a Orwell e Auden. Óbvio que ele não desejava que aqueles fossem apologistas anacrônicos do stalinismo em plena década de 1950, porque nem o próprio Thompson o era. Há, portanto, aqui, uma diferença entre a postura intelectual de Thompson sobre o stalinismo e a postura dos intelectuais com os quais Thompson dialoga sobre o mesmo, visto que o problema não era o stalinismo apenas, mas o que se destaca como propositivo – o que esses intelectuais propõem?

A palavra chave aqui é *apatia*. Fica compreendido porque Thompson desdobra críticas sobre os intelectuais: é notório que ele atribuía importância fundamental para o trabalho dos intelectuais e sobre o potencial que esses intelectuais poderiam estabelecer para a continuação da luta que não finalizou no pós-guerra. Como o próprio Thompson fazia e como foi possível ler no capítulo anterior através da sua veemente apologia à ação e à luta, especificamente pelo socialismo (não soviético) e contra o capitalismo e a cultura natopolitana. É compreensível o porquê ele se contrapôs, de forma clara, a atitudes representadas por Orwell, por exemplo. Thompson argumenta que, ironicamente, a guerra que poderia ter sido vencida pelo fascismo e que não foi vitoriosa para o socialismo, não foi vencida pelo *quietismo* que, agora na década de 1950, alguns intelectuais expressavam.

Nesse período, portanto, foi visível a importância do lugar social do intelectual e, por sua vez, do debate sobre o compromisso intelectual diante e por dentro das problemáticas da vida comum. Daí porque a reação de Thompson sobre a (des)atitude dos intelectuais *quietistas*, supera o mero nível da constatação. Quando o historiador neozelandês Scott Hamilton vai estudar a querela de Thompson acerca do compromisso dos intelectuais no mundo, ele considera que os “otânicos” procuravam controlar o desenvolvimento da uma

¹⁴³ “within an objective context of European crisis”. *Ibidem*

inteligência radicalizada, ou seja, havia uma intenção por parte das pessoas e instituições ocidentais e capitalistas de esvaziar a possibilidade de um debate amplo sobre os rumos sociais. Por outro lado, os

maiores grupos da Nova Esquerda queriam promover uma inteligência radical, mais eles discordavam sobre como fazer isso, e seus desacordos tornaram-se interligados com os argumentos sobre o significado e legado da inteligência radical que existiu brevemente na Grã-Bretanha nos anos 1930¹⁴⁴.

A forma como as esquerdas britânicas iam incorporar a experiência radical da década de 1930 correspondia intrinsecamente com o modo como iam conceber a relação da intelectualidade com o movimento operário. Esse questionamento se torna imperial haja vista que, como concebido em *The place called choice*, a classe operária passa a operar em adesão à cultura “natopolitana”. No final da década anterior o editor Richard Crossman reuniu textos dos escritores Arthur Koestler, Ignazio Silone, Richard Wright, André Gide, Louis Fischer e Stephen Spender na coletânea de título bastante sugestivo, *The God that Failed*. O editor introduz o leitor contando o momento em que teve a ideia para construir um livro. Estava com Koestler e esse falava sobre como entrou no partido comunista. A partir daí, Crossman tem a ideia de reunir alguns escritores para “estudar o estado da mente Comunista convertido”, suas respectivas adesões ao partido comunista e, posteriormente, seus “retornos”, tornando-os, assim, ex-comunistas. Mas Crossman deixa explicitamente claro que com essa obra não procura de modo algum se somar à propaganda comunista. *The God That Failed*, portanto, aparece como um exemplo claro do movimento de ex-comunistas. Não meramente coordenado, mas forte.

Scott considera outros dois artigos na coletânea *Out of Apathy* e não somente o “Outside the Whale”, e destaca a forma como Thompson estrutura possibilidades à esquerda britânica, no sentido de costurar estratégias para avançar – seu poeta *Em louvor ao carrasco* sugere isso. Ao lado da *impotência* como veio de sensibilidade perpetrada pelos intelectuais britânicos que caminhavam paralelamente com o *mundo* “otânico” e suas mídias e canais de expressões, Thompson aponta a *apatia* como estruturante desse modo de operar, especificamente no evento em que a atitude de Russell foi uma exceção diante da passividade intelectual. O pensamento thompsoniano em “Outside the Whalle” não possui brecha para considerar um mero conflito geracional entre ele e, nesse caso, Auden e Orwell, tendo em

¹⁴⁴ “(...) of the major factions of the New Left wanted to foster a radical intelligentsia, but they disagreed about how to do this, and their disagreements became intertwined with arguments about the meaning and legacy of the radical intelligentsia the had biefly existed in Britain inthe thirties”. SCOTT, *op.cit*, p. 62.

vista que esses dois últimos são mais velhos que ele e viram tudo aquilo no qual acreditaram e chegaram a lutar ruir, pois o envelhecimento não necessariamente leva para esse caminho.

Não há lógica para pensar a trajetória de vida em luta por um ou vários ideais (um mundo novo) a partir desse raciocínio, sobretudo para aqueles que estão intelectual e militantemente ao lado dos derrotados. As pontuações de Thompson sobre o grande investimento midiático, por exemplo, para as obras de George Orwell (rápidas traduções, grandes propagandas) dão conta em parte da força que os intelectuais, possuíam e eram considerados e, nesse caso, eram capitulados pelos *status quo*. Thompson, em determinada altura do texto, não responsabiliza direta e pessoalmente Orwell pelo movimento de propaganda anticomunista que, por sua vez, procura estabilizar e, por conseguinte, esvaziar o movimento comunista internacional. Mas, de fato, ambos não estavam na mesma trincheira.

Thompson passa os anos finais da década de 1950, escrevendo vários artigos nos quais seus objetos de pensamento podem ser resumidos em (1) entender os anticomunistas e destacar sua improdutividade para a causa socialista e (2) propor ações e estratégias de pensamento para a esquerda britânica, como o humanismo socialista. A partir do cruzamento entre os poemas *Homage a Tibor Dery* e *In Praise of Hangmen*, vê-se que Thompson permanecia atrelado às suas convicções. O fato de Tibor Dery ser silenciado e aprisionado aponta, mais uma vez, que Thompson estava atento às liberdades do indivíduo, seja de expressão, seja de locomoção.

Por um lado, dois anos antes, no artigo “Socialism and Intellectuals”, Thompson acusava o Partido Comunista de resignação; por outro lado, ele permanecia incrédulo e, por isso, batia de frente, com a postura dos intelectuais “otânicos”. Nesse artigo, ele dialoga com Kingley Amis e o critica por anacronismo ressabiado quando reduz o significado histórico da luta na Espanha, além da contraditória posição de defender a liberdade intelectual e, ao mesmo tempo, a falta de interesse para influir sócio-politicamente. Ou seja, para Thompson o trabalho intelectual não está alheio ao que acontece na sociedade, suas transformações, suas questões contemporâneas, problemas, etc.

Mais à frente, a questão da *escolha*, presente em *The Place Called Choice*, aparece como o caminho para confrontar o posicionamento de Amis em relação à sua visão sobre a Espanha:

Continuamos o nosso trabalho intelectual porque cremos que, em última análise, as ideias importam; é algo que interessa ao homem, que não seja somente vítima dos reflexos involuntários ou de um fluxo histórico

predeterminado, que lute por entender a si mesmo, a seu tempo e a fazer eleições razoáveis e corretas.¹⁴⁵

Cruzar ambos os poemas e colocá-los em perspectiva aos textos em prosa de Thompson é valer-se de uma conexão que acontece durante a década de 1950. A partir do poema *Homage a Tibor Dery*, ou mesmo durante seus estudos sobre William Morris, Thompson conectou o problema do compromisso intelectual atrelado ao desenvolvimento de uma nova esquerda e trouxe ao debate socialista considerações reestruturantes. Thompson convoca os intelectuais comunistas para que protestem contra o exílio de Lukács, parceiro de Tibor Dery. Ao mesmo tempo, ele propõe que a organização dos intelectuais não esteja mais atrelada à atmosfera dos Partidos Laborista e Comunista. Ainda aceitando o aval da União Soviética, os partidos passam a ver todas as dissidências como ofensas à disciplina ou ameaça contra o monolítico soviético. As estratégias de construção de uma nova política socialista vão sendo alteradas. A Nova Esquerda, por um tempo, mesmo com divergências claras, manteve diálogo com o Partido Laborista e as *Trade Unions*. Em fins da década, a Nova Esquerda gozava de um amplo prestígio enquanto pólo aglutinizador e representante de uma via socialista nova. Não por acaso é evocativo e não surpreende o tom otimista de Thompson quando fala para centenas de apoiadores da nova esquerda no St. Pancras Hall, em fins do ano de 1959.

Com claro sentido de aproximação com a classe trabalhadora, Thompson não pensa o trabalho de intelectual desatrelado das classes: “Nós não podemos servir à classe trabalhadora ou a nenhuma outra de maneira honesta como intelectuais, se estamos submetidos a pressões que nos convertem em sofistas ou em oportunistas.”¹⁴⁶ Se, desde *The Place Called Choice*, Thompson vem constatando uma alteração na composição da moral e dos valores da classe trabalhadora, no final da década ele ainda pensaria do mesmo modo ao afirmar que essa havia perdido de vista “sua ampla perspectiva cultural”¹⁴⁷. Na mesma linha, os intelectuais já haviam perdido a “confiança nas potencialidades da classe trabalhadora”¹⁴⁸.

Procurando pensar o que é ser um intelectual socialista, em “Socialismo e Intelectuais - uma réplica” ele afirma que um “intelectual socialista pode ser um mineiro como um

¹⁴⁵ “Continuamos nuestro trabajo intelectual porque creemos que, en el último análisis, las ideas importan; es algo que interesa al hombre, que no sea sólo la víctima de los ref lejos involuntarios o de un flujohistórico predeterminado, que luche por entenderse a sí mismo, a su tiempo y a hacer elecciones razonables y correctas”. THOMPSON, Socialismo e Intelectuais. In_____. *Democracia e Socialismo*. México: UAM, Unidad Cuajimalpa, 2017, p. 84.

¹⁴⁶ “Nosotros no podemos servir a la clase trabajadora o a ninguna otra de manera honesta como intelectuales, si estamos sometidos a presiones que nos conviertan en sofistas o en oportunistas”. *Ibidem*, p. 91.

¹⁴⁷ “su amplia perspectiva cultural”. *Ibidem*, p. 98.

¹⁴⁸ “la confianza en las potencialidades de la clase trabajadora”. *Ibidem*,

oficial sindicalista ou um catedrático”¹⁴⁹. No final do texto “Socialismo e Intelectuais”, ele escreve sobre a importância da imaginação:

Especificamente, estou pensando em livros, panfletos e periódicos; grupos de discussão e férias; poemas e novelas; um movimento estudantil reavivado e com atividades culturais (como o velho movimento de teatro sindicais) que não desanime ante a degradação dos padrões senão que comecem a contratá-los. Se pusermos em marcha um movimento de ideais com o ímpeto dos anos 30 com mais maturidade, poderíamos dar-nos conta que os massivos meios de consumo são algo assim como um dragão de papel¹⁵⁰.

Quando Thompson fala sobre caminhos para amadurecer o movimento das ideias ele pensa nos anos 1930 como um tempo e momento que deve ser lembrado como mobilização de ímpeto para os desafios da nova esquerda inglesa. Ao indicar esses caminhos como possíveis, Thompson traz informações que extraía das pesquisas históricas sobre a formação da classe operária. No início da década, em *The Place Called Choice*, Thompson traz o tecelão inglês longe no tempo lendo Paine.

Se no fim da década, ele pensa em panfletos e periódicos como caminho para desenvolver as ideias; quando ele reivindica isso como uma possibilidade, dá continuidade para resolução do problema da configuração da classe operária inglesa na década de 1950. Vale lembrar que em 1947 a partir da escrita do poema *New Fashions*, observa-se o primeiro momento em que Thompson se expressa criticamente às pessoas comuns, quando essas estão inebriadas com a moda francesa. No panfleto *The Struggle for a free Press*, ele também fala desse distanciamento da classe operária. Em *The Place Called Choice* ele precisamente expõe e expande várias metáforas sobre a Inglaterra e os ingleses dos fins da década de 1940. Não era interesse de intelectuais como Thompson a mera constatação da situação inglesa no pós guerra e suas subsequentes alterações. Esse percurso de amadurecimento de Thompson durante a década de 1950 é muito bem descrito do José Ángel Ruiz Jimenéz no seu *Contra el Reino de la Bestia*:

A cidadania parecia haver deixado de lado seu poder como agente histórico, porém Thompson manteria a fé na crença de que sobre o pessimismo daqueles anos e as divisões ocasionadas pela Guerra Fria, prevaleceria a *verdade*, que se encontra no interior de cada sociedade e de cada ser humano. Aquela verdade que Thompson e muitos de seus colegas na New Left acreditaram era a que se havia expressado nos eventos da Hungria em 1956 e no surgimento do movimento pacifista (...). O historiador

¹⁴⁹ “un intelectual socialista puede ser un mineiro como un oficial sindicalista ou un catedrático”. *Ibidem*, p.107.

¹⁵⁰ “Especificamente, estoy pensando en libros, panfletos y periódicos; grupos de discusión y foros; poemas y novelas; un movimiento estudiantil reavivado y con actividades culturales (como el viejo movimiento de teatros sindicales), que no se desanime ante la degradación de los estándares, sino que empiece a contraatacarlos. Si ponemos en marcha un movimiento de ideas con el ímpetu de los años 30 pero con más madurez, podríamos darnos cuenta de que los medios masivos de consumo son algo así como un dragón de papel.” *Ibidem*, p. 91.

qualificava de ‘humanismo rebelde’ aquele movimento contra as desesperadas circunstâncias de quietismo ante o crescente autoritarismo estatal e a proliferação de armas nucleares¹⁵¹.

Os espaços de ações de outrora começavam a ficar hostis ou distantes: saída do Partido e, conseqüentemente, a dissolução do grupo de historiadores e escritores já eram acontecimentos da década anterior. Enquanto os trabalhos e contribuições editoriais e de publicações ficariam cada vez mais raros nesta década. No fim do ano de 1959, ele iniciaria uma das querelas editoriais que travaria durante esse período; querelas essas que ficariam insustentáveis após a publicação do artigo *As Peculiaridades dos Ingleses*, a partir do qual ele vai explicitamente expor suas opiniões e críticas sobre o “novo” pessoal da “nova esquerda”. Thompson se tornaria isolado dentro da Nova Esquerda, logo mais¹⁵². Ademais disso, simultaneamente, Thompson escreveria sua obra *The Making of the English Work Class*, que logo se tornaria clássica e o nome de Thompson cada vez mais comentado. Deste modo, o fato de não ter escrito poemas nesta década não anula o desenvolvimento de algumas questões que foram pensadas e expressadas nos poemas anteriores e na sua concepção de literatura como agência desenvolvida, sobretudo, durante a década de 1950.

¹⁵¹ “La ciudadanía parecía haber dejado de lado su poder como agente histórico, Thompson mantendría la fe en la creencia de que sobre el pesimismo de aquellos años e los cismas ocasionados por la Guerra Fría, prevalecería la *verdad*, que se hallaba en el interior de cada sociedad y de cada ser humano. Aquella verdad en la que Thompson y muchos de sus colegas en New Left creían era la que había expresado en los eventos de Hungría em 1956 y en el surgimiento del movimiento pacifista (...). El historiador calificaba de ‘humanismo rebelde’ aquel movimiento contra las desesperadas circunstancias de quietismo ante el creciente autoritarismo estatal y la proliferación de armas nucleares”. RUIZ JIMENEZ, *op. cit.*, p. 44.

¹⁵² Sobre isso ver o artigo de SCOTT, “A peculiar classic”, *op. cit.*, p. 93-132.

4. “PORQUE NÃO JOGA SOBRE OS ANJOS, UM POUCO DE SAL?”: O MENINO JESUS E O FIM DO MUNDO

4.1 Antes do fim do mundo, o marxismo e a história

Antes de jogarmos sal sobre os anjos, antes de falar de Jesus, traído por Judas (essa traição estava prevista?) e entregue em sacrifício por seu pai, posto numa cruz com o corpo completamente mutilado e ensanguentado, antes de procurar aqui entender porque Thompson, de família metodista, mas não praticante, declaradamente ateu, publicaria o verso “*Nada mudará porque uma criança nasceu*” no início da década de 1980, convém retornar alguns anos antes... especificamente para o ano de 1973, especificamente para o mês de setembro, e observar a relação de Thompson com o marxismo e a história que, por sua vez, altera-se substancialmente após as declarações das instalações de bases nucleares em território inglês por parte da OTAN e bem aceitas pelos governantes britânicos em 1979.

Homage to Salvado Allende

*‘Our enemies have beat us to the pit:
It is more worthy to leap in ourselves,
Than tarry till they push us...
BRUTUS AT PHILIPPI*

Well, comrade president, what is there left to say?
Predicted all the way: and buried in the end
Without the benefit of media, before the mass
Squat in your wounds and blow them up.

Failure makes you like us, our kind of man,
Killed by our kind: petro pump patriots;
Loyal executives; most loyal constitutional ladies,
Wed to destroyers, setters-on of jets;
Our kindly patient partner, General Fabius,
Who when strikes strikes hard, getting us in the guts.
And cost them in their lives who cost your death.

Your art was Always na impossible.
Couldn't you learn, with less than half the votes,
The prose of power, the public man's inflations?
You should have been our age, trading their terms
For something less than half a treachery...

Defective realist, poor loyal sod,
Old silly doctor in a palace on your own,
Knowing the odds were up –

Why do you hurt our hearts?

Poetic, Latin man! You do not fall within
Our frames of reference. Transfixed by promises

Pledged to the poor in the high Andes pastures;
The crowd in Santiago; the clasped hand of the metal-worker;
The earnest village schoolmistress, searching your face:
These brought their treatier. You signed then with your life
Which you trade now into myth's ageless reference:
Bolivar, Guevara, Allende. Generous continent!
Accusing hemisphere! But no tour kind of men,
As we, back in prosing beds, stir in our myth,
Recalling such men once...and at Philippi one
Who, having fought and failed, took on a Roman end

(Tradução)

Homenagem a Salvador Allende

*'Nossos inimigos nos trouxeram até a beira do abismo:
É mais digno de nós saltarmos nele,
Do que esperar que venham empurrar-nos...'*
Brutus para Felipe
Julio Cesar, Ato 5, Cena 5
William
Shakespeare

Bom, camarada presidente, o que temos a dizer?
Previra todo o caminho: e, no fim, sepultado
Sem o beneplácito da mídia que, diante da multidão,
Poderia dizer das boas-novas sobre você, mas as câmeras
Preferiram focar e realçar seus erros e ferimentos.

O fracasso te faz como nós, nosso tipo de homem,
Morto por nossa espécie: patrióticas bombas de gasolinhas;
Executivos fiéis; mulheres legalistas fidelíssimas,
Unidos com *destroyers*, porta-aviões;
Nosso cúmplice paciente e gentil, General Fabius,
Aquele que quando golpeia, golpeia pra valer, encorajando-nos às vísceras.
Seu rosto era tão habitual. O dinheiro
E em suas vidas custou-lhes aquilo que lhe custou a morte.

Tua astúcia sempre foi uma impossibilidade.
Nem com menos da metade dos votos, tu poderias aprender,
Os macetes retóricos do poder ou aquela presunção dos homens públicos?
Tu deve ter sido o melhor de nossa época, convertendo seus termos
Por algo muito menor que uma traição...

Realista defeituoso, pobre fiel,
Velho e bobo médico sozinho num palácio,
Ciente das dificuldades cada vez maiores –
Porque você fere nossos corações?

Poético, homem Latino! Você não saiu de
Nosso quadro de referência. Paralisado pelas promessas
Prometidas aos pobres dos pastos dos altos Andes;
A multidão em Santiago; o apertar nas mãos do trabalhador;
As honestas professoras dos lugarejos, procurando seu rosto:

São esses que trazem suas alianças. Marcou-lhes com sua vida.

Circulas agora na referencia eterna do mito
Bolivar, Guevara, Allende. Continente guerreiro!
Hemisfério acusador! Mas não nossa espécie de homem,
Pois nós, “back in our prosing beds”, reviramos nosso mitos
Recordando esses homens outrora...e em Philipe um
Quem, tendo lutado e falhado, aceitamos uma derrota românica.

O sentimento por trás desse poema é o de uma evidente tristeza. Um choro contido, mas libertado poeticamente. Os acontecimentos no Chile foram navalhas em Thompson. Parece ter acabado de ouvir o discurso de Salvador Allende. Era desalentador ver a experiência socialista chilena, com Allende à frente ruir assim de forma tão trágica, por forças obscuras e traições conspiratórias. A morte de Allende tomava ares de heroicidade, nenhum daqueles que ‘mataram’ a experiência socialista chilena, afinal, foi capaz de matar seu principal responsável. De forma indireta, claro, todos os conspiradores e traidores foram responsáveis por sua morte e, sobretudo, pela ‘morte’ do governo de Allende e o que ele representava para todo o mundo marxista. E, mesmo o legado e as “alianças” de Allende permanecerem, após 11 de setembro, infelizmente, eles tornam-se ameaçados e passam a rastejar resistentemente sob as botas do pinochetaço.

Os versos que acusam o conluio contra Allende sugerem que Thompson possuía tanto conhecimento dos fatores de oposição internos quanto os externos, e

vitando ponderar forças entre essas oposições. O historiador Alberto Aggio escreve que “as ações norte-americanas foram, evidentemente, um fator importante para o fracasso da experiência chilena”, mas “o processo político como um todo não pode ter na intervenção externa a sua única determinação”, ao mesmo tempo afirmava que havia sido “uma conjunção bastante específica de fatores políticos e econômicos para que a estratégia de deposição do governo pudesse ter sucesso”¹⁵³. Thompson, ademais, estava atento ao processo político chileno desde a conjuntura da vitória de Allende em 1970, seus contextos específicos de crises nos anos vindouros até o golpe militar de 1973.

A permanência de Allende dentre a “referência eterna do mito”, ao lado de Bolívar e Guevara, como se tratassem de sujeitos-ideias mobilizadores, sugere que uma experiência de tal magnitude era, sem dúvidas, uma ameaça para os paladinos da liberdade capitalista e ocidental que, ironicamente, financiavam governos ditatoriais por toda a América Latina.

¹⁵³ AGGIO, Alberto. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993, p. 109.

Escrito no mesmo ano, o poema *My Study*¹⁵⁴ (1973) possui um título bastante sugestivo e os versos caminham por uma autorreflexão sobre si e seu trabalho. Thompson poderia escrever um ensaio. Ou mesmo um livro sobre Allende. Mas ele escreveu um poema para Allende e um poema para si mesmo, após muitos anos sem ter escrito verso algum. O tom de reconhecimento acerca da importância e consideração da experiência chilena no poema parece andar junto a uma sensação de recolhimento, provocado pela perda da possibilidade de governo socialista na América Latina. Assim, o reconhecimento é transformado em uma homenagem. Ao homenagear, levanta-se a relevância e a potência da heroicidade de Allende e, ao mesmo tempo, a homenagem traz o reconhecimento da derrota que logo é transformada em uma autorreflexão mais intimamente revelada em *My Study*.

Em *My Study*, as referências de Thompson são novamente Allende, mas também ele acrescenta Patrice Lumumba e Imre Nagy. Edward os considera “abecedário de nosso tempo”. Coincidência ou não, os três foram praticamente levados à morte pela oposição. Os dois primeiros foram mortos pelo conluio entre as forças “otânicas” (a presença dos EUA no Chile e da Bélgica no Congo) e seus aliados internos, já Nagy foi morto por conta da oposição comunista anti-soviética que declaradamente exercia.

My Study é um poema de desabafo. Nele, o poeta está à procura não somente de resposta, mas de conforto. A preocupação com o que será do socialismo daqui para frente parece traçada no poema. O ano de 1973 funciona para Edward Thompson como período importante. Como comum aos historiadores marxistas, sua cada vez mais intensa produção historiográfica não está desligada dos problemas contemporâneos. Dentro do debate marxista inglês, num cambaleante andar de quase rejeição a Thompson, por parte da ‘nova esquerda’ que desde década anterior atrita polêmica, sobretudo centralizada no texto *As peculiaridades dos ingleses*, Thompson se percebe como intelectual. Característica presente nos poemas *My Study* e *Homage to Salvador Allende*. Vale lembrar que sua produção de história coloca-o como sujeito afortunado na historiografia.

O diálogo entre *My Study* e *Homage to Salvador Allende* se comunica com uma carta aberta que escreveu, “Open Letter to Leszek Kolakowski”, filósofo polonês, com o qual Thompson vai propor pensar o marxismo enquanto *método*, *doutrina* e *tradição* a partir do texto. Assim como vai acontecer com *A miséria da Teoria* poucos anos depois, sua carta a Kolakowski trata, inegavelmente, sobre visões e concepções da obra de Marx e, por conseguinte, do marxismo. Thompson sinaliza para si próprio um entendimento melhor sobre

¹⁵⁴ Ver Anexo, p. 200.

Marx(ismo) quando envia a carta para o colega polonês. No entanto, ele não encerra a discussão aí, visto que a todo o momento procura defender o pensamento marxiano.

Scott Hamilton, no artigo “Getting out of the tent”, discute a relação de Thompson com o polonês Kolakowski e traz a reflexão de Tony Judt feita décadas depois. Judt ressalta a fraqueza intelectual acerca do entendimento sobre Marx(ismo) de Kolakowski, ao mesmo tempo que aponta que Thompson está sendo “paternalista e hipócrita” ao escrever uma grande carta pública para o colega polonês¹⁵⁵. O mais importante aqui é a defesa de Thompson da tradição marxista:

Trabalhar como um historiador marxista na Grã-Bretanha significa trabalhar dentro de uma tradução fundada por Marx, enriquecida por insights independentes e complementares de William Morris, ampliada em tempos recentes tanto por homens e mulheres de diferentes especialidades como V Gordon Childe, Maurice Dobb, Dona Torr, e George Thompson, e ter como colegas tantos eruditos quanto Christopher Hill, Rodney Hilton, Eric Hobsbawm (...)¹⁵⁶.

Sua defesa da tradição marxista britânica vem atrelada à procura de seu lugar nessa tradição visto que ele possuía discordâncias teóricas com os intelectuais de esquerda daquele momento. Nesse sentido, sua carta a Kolakowski finda o isolamento de Thompson na esquerda britânica. Porém, o contexto dos problemas e pautas que a esquerda britânica vinha tabalhando naquele período não possibilita a aproximação com o que Thompson pensa ao defender uma tradição esquerdista da Grã-Bretanha.

Dennis Dworkin defende que Thompson nunca viu “as formas política e cultural de resistência que emergiram nos anos sessenta e setenta – o movimento de estudante, a contracultura, a subcultura da classe operária, o movimento por direitos feministas e gays, e políticas anti-racistas”¹⁵⁷ feito formas de mobilizações adequadas para transformação social. No entanto, não cabe de modo algum afirmar que tais formas políticas e culturais foram responsáveis por Thompson deixar de lado o marxismo, mais especificamente a tradição marxista, na qual ele próprio é inserido como sujeito histórico de relevância. De algum modo, a todo momento na carta aberta a Kolakowski, Thompson procura trabalhar uma noção de

¹⁵⁵ Ver mais em HAMILTON, *op cit*, p. 133 em diante.

¹⁵⁶ “To work as a Marxist historian in Britain means to work within a tradition founded by Marx, enriched by independent and complementary insights by William Morris, enlarged in recent times in specialist ways by such men and women as V Gordon Childe, Maurice Dobb, Dona Torr, and George Thomson, and to have as colleagues such scholars as Christopher Hill, Rodney Hilton, Eric Hobsbawm (...)”. THOMPSON, E. P. “Open Letter to Leszek Kolakowski”. Disponível em: www.marxists.org/archive/thompson-ep/1973/kolakowski.htm. Acesso em dezembro de 2018.

¹⁵⁷ “the political and cultural forms of resistance that emerged in the sixties and seventies – the student movement, the couterculture, working class youth subcultures, the feminist and gay rights movements, and anti-racist politics (...)”. DWORIN, Dennis. *Cultural Marxism in Postwar Britain*, 1997, p. 216-217 *apud* SCOTT, *op.cit*, p. 147.

marxismo que traga e leve em consideração a tradição marxista britânica, sobretudo por conta do contexto do sindicalismo e organização da classe operária inglesa nos inícios da década de 1970.

Scott, diferentemente de Bryan Palmer, não considera a década de 1970 como um período de sequenciais confrontos de Thompson com a esquerda britânica. Numa rápida passagem pela Índia, trouxe uma visão de transformação social baseada na defesa das liberdades civis, algo que ele não encontraria na atuação da esquerda britânica. Deste modo, a defesa de Thompson das liberdades civis soa como um modo dele defender a tradição marxista. Diante das fragmentadas formas políticas e culturais de resistência daquele momento, a defesa pelas liberdades civis parecia reconfigurá-las. As reflexões de Ruiz Jiménez sobre a defesa de Thompson pelas liberdades democráticas nesse período são relevantes. Em “*Classe social y cultura obrera: el pulso entre sindicatos y gobierno en los 70*”, Ruiz Jiménez destaca o apoio e a defesa dele acerca dos conflitos entre os sindicatos e o governo conservador de Edward Heath (1970 – 1974): “marcaria o início do declive operário como grupo de pressão na ilha”¹⁵⁸.

A década ia findando e as palavras de Thompson iam tomando um tom de retrospectiva, como se ele olhasse para trás, como se averiguasse sua trajetória. Em 1979, Thompson beirava os cinquenta anos e já havia produzido bastante durante sua vida. O olhar retrospectivo que, por sua vez, já estava presente em *My Study*, não se configura, portanto, nem como negativo nem como desencantado, pois, como ele próprio diz¹⁵⁹

enquanto um marxista (ou um fragmento marxista) no Partido Trabalhista, eu sempre tenho tentado visar uma política que nos capacite, nesse país, a efetivar uma transição para uma sociedade socialista... sem romper a disposição humana e tolerante pela qual nossa classe operária fora notada.

Entre as vogais e consoantes do texto acima é possível ler o acúmulo de desgaste (talvez a palavra não seja essa) representado por suas querelas anteriores em defesa do materialismo histórico, da história, do sujeito, da agência humana. Escrevendo sobre sua resposta ao filósofo marxista francês Louis Althusser, o historiador brasileiro João Ernani sintetiza que¹⁶⁰

A esgrima intelec

¹⁵⁸ “marcaría el inicio de declive obrero como grupo de presión em las islas”. RUIZ JIMENEZ, *op. cit.*, p. 115.

¹⁵⁹ “As a Marxist (or a Marxist-fragment) in the Labour Party, I have always tried to envisage a politics that will enable us, in this country, to effect a transition to a socialist society... without rupturing the humane and tolerant disposition for which our working class has been noted. THOMPSON, 1980, P. 185 *apud* SCOTT, *op.cit.*, p. 165.

¹⁶⁰ FURTADO FILHO, João Ernani. *No Calor da Guerra Fria: E. P. Thompson e a luta antinuclear*, Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017, p. 38-39.

tual de Edward Thompson contra o “planetário” de Louis Althusser concernia, justamente, a uma leitura que difundia o materialismo histórico como uma teoria fechada da história (o que favorecia a influência dos que supunham antecipar situações e desdobramentos futuros). Em oposição a ditos sistemas explicativos, Thompson procurou acentuar o materialismo histórico como uma concepção de História, entendida como ação humana no tempo e com a natureza, bem como área do conhecimento.

O *Miséria da Teoria* deu o que falar entre seus pares. A acusação de exagero acerca do tom que Thompson empreende no texto foi comentada. De modo geral, visto que não é o interesse direto aqui, a preocupação naquele momento de Thompson foi extremamente válida. O debate de St. Paul desagradou muitos conterrâneos de Thompson por conta de seu desempenho durante o encontro. Exatamente no último mês do ano de 1979, Thompson reordenaria “sua militância em prol do desarme nuclear e em favor das liberdades políticas e dos direitos civis, mesmo exercendo-se desde a Guerra da Coreia”¹⁶¹.

4.2 Menino Jesus Crucificado: comentários sobre a ártica lenda

No natal de 1983 Thompson entrega um opúsculo dourado aos amigos e familiares. É *Infant and Emperor: poems for Christmas (for Dorothy)*. São 11 poemas que percorrem a já tão conhecida trajetória do nascimento de Jesus (a Anunciação à Maria, o nascimento de Jesus, o massacre dos inocentes por Herodes, a fuga de Maria, José e o menino Jesus para o Egito). O verso do primeiro poema já sugere o que se observará à frente. Os versos “*Nada se transformará porque uma criança nasceu./ Isso foi uma fábula...*” caracterizam provocação a nós, historiadores, se procurarmos entender sua visão sobre a “*artic legend*”, como escreve no poema “Natividade”.

Annunciation

Nothing will alter because a child is born.
That was a fable. Any pregnant woman would
Savour the oatmeal of her story as her time drew on.
Why not throw in some angels with the salt?
It was the other part that the poor understood –
Herod, the Roman magistrates, the cross.

And what if all of it came from a fib?
Warm nights when Mary slipped her quiet bed,
Tresspassed across a courtyard, thought up a fine tale
To father that strange love-child in the crib?
The prophets need miracles. All followed on –

¹⁶¹ *Ibidem.*

Out of her Faithlessness a world of Faith was bred:
The Holy Roman Church, cross-natured Christendom.

But would a thing as ordinary as
A sly adultery have driven Herod wild?
Her love had salt in it – savour of innocence
No Emperor could bear, no aromatic Peace
Incesing the whole State, which in its own defence
Drilled fabulous holy armies to deter a child
From being born and kill it when it was.

(Tradução)

Anunciação

Nada mudará porque uma criança nasceu
Isso foi uma fábula. Qualquer gestante degustaria
O mingau de aveia de sua perda ordinária
Com alguma estória fabulosa, talhada pelo seu tempo.
Porque não jogar sobre os anjos um pouco de sal?
Foi a outra face desse pobre entendimento –
Herodes, os magistrados de Roma, o crucifixo.

E se tudo isso veio de uma lorota?
Noites ardentes quando Maria escorrega de sua cama quieta,
Invade o pátio, medita uma afável fábula ao
Pai daquele estranho amor feito criança na manjedoura?
Aos projetas são necessários milagres. Tudo perseverou –
Por sua infidelidade um mundo de fé foi criado:
A Santa Igreja Romana, a trindade da Cristandade.

Mas haveria algo tão ordinário quanto um
Adultério maroto ter lançado Herodes à selvageria?
Sua compaixão amargurou – sabor de inocência
Que nenhum imperador suportaria, uma paz perfumada
Inflamando o estado por inteiro e que em sua própria defesa
Lendárias tropas sagradas são treinadas para deter uma recém-nascida
Criança e matá-la custe o que custar.

Nativity

After two Thousand years
The star burned out
The kings froze in history
The angels froze in bible
The mysteries in tinsel
When the shepherds heard voices
They knew was only the Wind

Out of that artic legend
Only one escaped
On the high horse of power:
Riding the centuries down

His drumming hooves have harried
All others off the roads.
Now he assumes his hour –

And everything that is
Must crawl beneath
The Herod-coloured sky.
He is the lord of all.

His guards lean on the gates
The road is barred
The bullrushes cur down:
Around the derelict fable
His soldiers tighten their net
And now they beat
Hard on the stable door
Where through the only gate
No magistrate may guard
His enemy leaps in.
He lies in a hollow of straw
Deserted by kings and gods
With only the cows and the sheep
Too silly to get out.

In despite of Herod's curfew
Lights stir in the city.
Because it is pitiful
Pity runs to the child;
Help breaks down the door
Because it has cried for help:
The poor press back the guards

Bringing whatever is needed
Because it is in need
Because the seed must grow
And the child is the seed.

(Tradução)

Natividade

Após dois mil anos
A estrela explodiu
Os reis congelaram na história
Os anjos congelaram na bíblia
Os mistérios em ouropel
Quando os pastores ouviam vozes
Perceberam que era apenas o vento.

Desta ártica lenda
Somente um escapou
Do pretencioso poder:
Marchando através dos séculos

O trotar dos seus cascos atormentando
Todos os outros afora das estradas.
Agora ele assume sua hora –

E tudo o que há
Deve rastejar por baixo
Do céu colorido de Herodes.
Ele é o senhor de todos.

Seus guardas encostados no portão
A estrada bloqueada
As taboas cortadas:
Em torno da fábula abandonada
Seus soldados apertam as rédeas
E então batem
Forte na porteira do estábulo
Onde através do único portão
Magistrado algum pode proteger
Seu inimigo salta.
Ele permanece em um buraco de palha
Abandonado por reis e deuses
Apenas com as vacas e as ovelhas
Tolos demais para fugirem.

A despeito do toque de recolher de Herodes
Luzes movem-se pela cidade.
Porque é lastimável
Misericórdia caminha à criança;
Ajuda a derrubar a porta
Porque clamou por ajuda:
Os desvalidos pressionam os guardas

Trazendo o que for necessário
Porque é preciso
Porque a semente deve crescer
E a criança é a semente.

The Inn and the Byre

The well-adjuster shiver by the fire.
The inn is shut. Outside the snowstorm rages.
Like realism in the grown-up dark.
Snow drifts about the chiliastic byre
With its familiar gold-leafed imagens
Warming gilt knuckles at a baby's breath –

Shepherds and anxious messianic kings,
The dear old codgers bringing silly gifts,
The mild0eyed mother, Mary in her blue,
The infant's radiante utopian face –
We have grown neighbourly across the ages
Through we matured in a more serious place

Than Bethlehem. What could a baby do,
Born in this world from that romantic stock?
We know the nature of Leviathan
And have got used to humouring the Beast
And all that rant of power which has put on
God's image in the swill of Holy Loch.

And yet we put this pagan symbol on.
What other emblem is there that might keep
The great disintegrator from the feast?
There's some taboo to it, something It fears
About a new-born infant in its sleeps;
Something that draws forgotten visitors –

Frost-bitten mercy, hope pulling off her gloves
Crusted with ice, benighted company
Numb from the cold. And even at the inn
They stir the failing fire, long for release –
Will no one bring the kindling of love.
A spring of innocence, a twing of peace?

(Tradução)

A estalagem e o estábulo

O calafrio confortado pelo fogo.
A estalagem está fechada. Lá fora a nevasca enfurecida
Como realismo na escuridão crescente.
Neve que se arrasta sobre o estábulo milinário
Com suas familiares imagens em ouro folheado.
Dobradiças douradas ardendo ao hálito do recém-nascido –

Pastores e aflitos reis messiânicos,
Senhores excêntricos trazem bobos presentes,
A mãe de olhar meigo, Maria em sua melancolia,
A face radiante do infante visionário –
Nós crescemos amistosamente através dos tempos
Ainda assim amadurecemos em um lugar mais sério

Que Belém. O que poderia uma criança fazer,
Nascida neste mundo daquela linhagem romântica?
Nós conhecemos a natureza de Leviatã
E nos acostumamos com o sussurro da Besta
E toda a falácia do poder que mergulha
A imagem de Deus num inebriado Lago Sagrado.

E ainda colocamos este símbolo pagão às alturas.
Há outro emblema que mantenha pujante
O grande desintegrador do banquete, a rica dádiva?
Há aí algum tabu, algo que Lhe apavora
Em torno de um recém-nascido adormecido;
Algo que atrai visitantes esquecidos.

A gélida misericórdia, a esperança despindo suas luvas

Encrostada pelo gelo, o néscio companheiro
Entorpecido pelo frio. E mesmo na estalagem
Agitam o fogo enfraquecido, ansiando por libertação –
Ninguém trará o ramo de amor,
Um renovo de inocência, um broto de paz?

Visitors at the Inn

On the feast of the banknote
Six beggars looked in at the window

Don't turn around said the dancers
Don't look said the ghosts
Draw the blinds said the darkness
One more for the road said the clock

On the feast of the banknote
Six beggars knocked at the window

Dance said the drum
Burn said the lights
Ghosts said the ghosts. Said the clock
I know when to stop

Send for the law said the banknote
Six of the unofficial meek
Are trying to break and enter the earth
Which belongs to my dancers

Oh blessed the law, holy the ghosts!
When the clock blacks out on the burning road
They shall inherit kingdom come.

(Tradução)

Visitantes na Estalagem

Sobre o baquete do câmbio bancário
Seis mendigos olham pela janela

Não contrarie disseram os dançarinos
Não observe disseram os fantasmas
Puxe as cortinas disse a escuridão
Caminhe novamente disse o relógio

Sobre o banquete do câmbio bancário
Seis mendigos olham pela janela

Baile disse o tambor
Queime disseram as luzes
Desencarne disseram os espíritos.
Eu sei quando parar disse o relógio

*Mande-os à lei disse o câmbio bancário
Seis dos insignificantes dóceis
Estão tentando deter e entrar no território
Qual pertence aos meus dançarinos e meu tambor*

Oh, abençoada a lei, sagrados os espíritos!
Quando o relógio se arrebenta nas estradas flamenjantes
Eles deverão herdar o reino vindouro.

The Infant

The ancient gods and goddesses came down
In thunder or in radiance
Impelled by mischief or pursuing lust,
To sit in judgement or to clown
A moment in the mortal dust –
Dancing as dolphins, fucking as a bull,
Assuming for an hour the transience
Of sensual existence, to relieve
The Eternals' tedium of being spiritual.

Great God, what hassle is his in the skies?
How did He fall into this trap?
Some seraph goofed, some cherub must have lost
The true co-ordinates, perhaps
Celestial terminals got crossed
And teleported Him onto a lap
Where now He lies, unable to compose
His googly out-of-focus eyes,
Fist stuck in His mouth, wetting His swaddling clothes.

Poor puny prince of peace, poor helpless sod,
Incarnate deity in agony
With trying to get up his wind –
Humiliating botch-up for a god
Conceived as saviour of mankind
Who cannot even save himself from death!
In pity for his accidental form
God's mother tiptoes to his breath
And pulls the cover up to keep god warm.

(Tradução)

O infante

Deuses e deusas antigos caíram
Sobre trovoadas e em esplendor
Incitados pela malícia ou perseguindo a lascívia
Hão de estar em julgamento ou a debochar
À hora da poeira mortal –
Dançando como golfinhos, malditos como um touro,
Imaginado por um momento a transitoriedade
Da existência sensorial e tranquilizando-se

Do tédio da Eternidade do ser espiritual.

Grande Deus, qual aborrecimento há nos céus?
Como Ele caíra nesta armadilha?
Algum abobalhado serafim, algum querubim dever ter perdido
As coordenadas verdadeiras, talvez
Os limites celestiais foram atravessados
E teleportou-O no colo onde
Agora Ele permanece, impossibilitado por recompor
Seus olhos desfocados, Sua boca
Aprisionada e Seus trapos úmidos.

Pobre príncipe da paz, frágil e imponente,
Divindade incarnada em agonia
Lutando para recuperar fôlego –
Destroçado humilhantemente por um deus
Concebido como salvador da humanidade
Impedido de salvar-se da morte!
Em misericórdia pelo caminho do inesperado
Cuidadosamente a mãe de Deus quase morto
Arrasta as cobertas para manter deus aquecido.

Lullaby

Hard was yout knocking
 Many moths before
Impetuosly
 You broke in at my door.

Contracted in my body
 Conceived in the skies
Now at my mercy
 Omnipotent lies:

Strange invader
 From inner space
With hungry mouth
 And wrinkled face!

Childbirth is a pain
 Motherhood a loss –
I shall show the godhead
 Who is the boss:

Talcum his bottom
 And forgive him his sin,
And fasten up god's nappy
 With a safety-pin.

Hush, Master Egotrip!
 Hush, Mister Big!
I will roll you over
 And dance you a jig.
Dance for your mummy

Dance for her because
God only knows
Who your daddy was.

Prince of pandemonium,
Saviour of all,
Windy boring preacher
Wrapped in a shawl –

Stop bawling your commandments,
Shut up and rest,
And sleep full of the sermon
Of your saviour's breast.

(Tradução)

Acalanto

Severa, sua captura
Muitos meses atrás
Impetuosamente
Você arrombou minha porta.

Encolhido em meu corpo
Concebido nos céus
No instante de minha graça
Onipotência permanece

Entranho invasor
Do espaço interior
Com a boca faminta
E a face enrugada

Parto é uma dor
Maternidade uma perda –
Eu mostrarei a divindade
Aquele que é, o mestre.

Talco em suas nádegas
E perdoa-lhes seus pecados,
E aperta as fraldas do deus
Com um alfinete.

Silêncio, Egotrip Maior!
Silêncio, Grande Senhor
Te renovarei
Dance você uma jig.
Dance para sua mamãe
Dance para ela pois
Deus é o único a saber
Quem teu pai era.

Príncipe do Pandemônio
Salvador de todos

Pregador ruidoso e maçante
 Envolvido em um manto
Pare de berrar seus mandamentos,
 Cale-se e sossegue,
E profundamente adormeça do sermão
 Do seio de seu Salvador.

Mother and Child

She looks down, scarcely smiling, as she has Always done.
In the road outside horses and men troop past.
A flight of birds disturbs the Emperor's rest –
In order to impound those birds, the generals set
Some murderous pomp and circumstance afoot:
The eagle-headed the reach of imperial Rome:
If she looked up the child might fret.

It is her calm that drives the Emperor mad.
Why is she looking down? Look to the all-in-one,
High up aloft ineffable, the abstract drum!
She smiles, holding within the circle of her arm
Omens of innocence, a flight of birds,
Insurgente provinces, revolt within the State.
Over the bowels of a bull the priests deliberate...
She has held the child too long to take alarm.

She warms a growing world, dependente on her mild.
Why should she vez the infant's sleep or stir herself?
She knows the Emperor was suckled by a Wolf.
Were she to turn her head and look into the street
Her child might scatter in a flight of birds:
The door would be thrown down, the cradle would be full –
Horsemen and Eagles, Emperor, Wolf and bull –
And at her breast an empty drum would beat.

(Tradução)

Mãe e Criança

Ela repara, sorrindo esmorecidamente, como sempre fez.
Lá fora através das estradas tropas de cavalos e homens passam
Um bando de pássaros incomoda o descanso do Imperador –
A fim de capturar esses pássaros, generais põem
Com pompa e cerimônia, alguns assassinos em ação:
A águia do Imperador vigia seu lar.
Ela está fora do alcance da Roma imperial:
Se ela procura a criança pode se atormentar.

Essa sua quietude enlouquece o Imperador.
Porque ela está reparando? Olha para o todo,
Inefável, suspensa no alto. O tambor abstrato!
Ela sorri, acolhendo em seus braços
Presságios de inocência, um bando de pássaros,
Províncias insurgentes, revoltas no interior do Estado.

Acima das entranhas de um touro, o sacerdote delibera...
Ela manteve-se fiel à criança, por tanto tempo, em alerta.

Ela reconforta um mundo em crescimento, dependente de seu leite materno
Porque ela deveria exasperar o sono do infante ou mover-se?
Ela sabe que o Imperador foi amamentado por uma loba.
Seu olhar passeia examinando a estrada
Sua criança pode debandar em um bando de pássaros.
A porta seria derrubada, o berço seria pleno –
Cavaleiros e águias, Imperador, loba e touro –
E em seu seio, suportaria, um rufar vazio.

The Massacre of the Innocents
(General Herod takes command)

At 02:00 hours the incarnat concept
Of dignity etc. put on its sun-goggles and
Gave the order to advance, since any Friday
Or Monday the millennium might be at hand.

Butter would not meld in that black mouth
I think. These persons were so good
Their halos rolled like hoops among the rubble
And the warm red humbug and the litter of smashed wood.

Mercy was noto f this comum, being on leve
Whiting some sepulchre, performing those ablutions
Behind the meadia's lines. But there! She will be back
In time at least to postpone the last executions.

Like the dear hygienic nurse she is, with hands
Smelling of soap, red nails, sweet sister to poor Pity,
Who got struck in the suburbs under a ram.
At 14:00 hours, anyway, they entered the city.

And Order sent its orderlies about
Lest any disaffected innocents might still be hid –
Not the Old Testament said so much grace
Before and after meat as thoses guns did.

So many souls were liberated on that day
Out of their cage of skin and freed into the airs
It is curious that a buzzard ate the speeches
And odd that flies should have blown on the prayers.
It was remarked upon. But the turnout was splendid.
'Quite like old times', the vizor and goggles said.
Now, children, hallowed be this memorable servisse,
Which you may metate upon until you are dead,

When Morality, tha immaculate lady, came in season,
And Nobadaddy mounted her in rut,
And she was conceived by hum of a White millennium
When all are cleansed of sin, their throats being cut.

(Tradução)

O massacre dos inocentes
(Genral Herodes assume comando)

Às 02:00 horas, o pensamento encarnado
De dignidade etc ganha seu óculos-de-sol e
Dá a ordem para avançar, já que alguma sexta-feira
Ou segunda-feira o milênio pode estar em mãos.

Nessa boca escura a manteiga não dissolveria.
Penso. São tão boas essas pessoas.
Seus halos envoltos como arcos entre o cascalho
E a ardente fraude avermelhada e a liteira de madeira cortada.

Misericórdia não seria desta coluna, “being on leave
Whiting some sepulcre”, realizando aquelas abluções
Por trás das linhas do meio. Mas lá! Ela voltara
Na hora, ao menos, para adiar, as últimas execuções.

Como amável guardiã higiênica, ela é, e com suas mãos
Refrescando-se de sabão, cravos vermelhos, doce irmã para o fraco
Clemente,
Que ficará preso nos subúrbios sobre um aríete.
Às 14:00 horas, de qualquer maneira, eles entraram na cidade.

E a Ordem envia seus assistentes
Para que nenhum dos inocentes desafetos possam ainda estar escondidos –
Nem o Velho Testamento disse tamanha graça
Carne, antes e depois, como fizeram aquelas armas.

Tantas almas foram libertadas naquele dia
Das peles aprisionadas e livres aos ares
É curioso que um urubu comeu as falas
E tanto voam que poderiam ser sopradas as preces.
Depois, isso foi refeito. Já que a concorrência foi esplêndida.
‘Verdadeiramente como nos velhos tempos’, a viseira e óculos disseram
Agora, crianças, são santificados esse serviço memorável,
Qual você deve meditar até estares morto,

Quando a Moralidade, aquela senhora imaculada, chega à estação,
E Nobadaddy se montou em rotina
E ela foi, para ele, concebida em um milênio white
Quando todos estão limpos dos pecados, suas gargantas estarão cortadas.

Lamentation in Rama

Out of a sin
Scarcely original
A common pregnancy with all
The graceless discomforts
Of na upright animal –
Cherries her only craving

And a hard lying-in –

Blood and waters broke
Of metaphysical war:
Nor was her labour done
Until that parturition when
Caesarian surgery
Delivered from the swollen State
Her son slain by the law.

It had been better for us
If she had held her peace.
Only a trivial fuss
Exarcebates authority's
Impartial equilibrium:
A stirring in the womb
Alerts the testy police.

Surely she must have known
The gracious powers above
Keep watch on the little streets?
Someone was bound to inform.
The law was in need of delinquentes,
The cross craves for meat.
The least suspicion of love –

Instant retaliation,
Trumpeters, taxes on salt,
Smoking settlementes,
Folk dragged from their beds!
And want of the innocents?
Who was she to bring down
Herod about their heads?
Whot will preserve the poir
From visitations of God,
From the law's solicitations
And the carnal lust of the drum?
Who will deliver them from
Evil consecutive upon
The contagion of the good?

(Tradução)

Lamentação em Rama

Por um pecado
Não original, provavelmente
Uma gestante comum com todos
Os desconfortos deselegantes
De um animal honrado –
Nutre-lhe somente desejos
E um parto difícil –

Quebraram, sangue e águas

Da guerra metafísica:
Nem trabalho era-lhe feito
Até essa parturição quando
Cirurgia cesárea
Libertada do inflado Estado
Seu filho morto pela lei.

Isso era melhor para nós
Se ela se mantivesse em paz.
Somente um estardalhaço trivial
Da autoridade, exacerbada,
O equilíbrio imparcial:
Um frêmito no útero
Alerta da inevitável polícia.
Certamente ela deveria saber
As graciosas potências sobre
Ficar a vigiar as ruelas?
Alguém foi destinado a informar.
A lei estava precisando dos delinquentes
A cruz suplica por carne.
O menor indício de amor –

Instante de retaliação,
Trombeteiros, encargos sobre o sol
Instalações de fumantes
Povo arrotado de suas camas!
Quem era ela para abater
Herodes sobre suas cabeças?
Quem preservará o desvalido
Das visitas de Deus,
Das solicitações da lei
E da luxúria carnal do tambor?
Quem o libertará do
Sucessivo demônio sobre
O contágio do bem?

Scenario for the Flight into Egypt

A misy still – the little town of Bethlehem.
Folk in the marketplace. A sexy woman,
Jar on her head. Dogs being dogs.
Then zoom in on Judaea. Motorway.
In leather gear, crash-helmeted,
Heaven's Angel wings it into town, doing a ton,
Slams on his anchors, hammers at Joseph's door...

Lucky to get a warming from the Lord!
He shakes his wife awake and tells her al lis uo.
Shw wraps her bastard in a rug, he gets his joiner's kit.
They flit it while the neighbours sleep.

Fade out. The nick of time. Dawn will pan
Enormous neuter platitydes of order

Crawling up every beach, full of marines.
Then track the fighter bombers, serene technocrats,
Which shit their smoky excremento across the slums.
Space for development there. Blow up the bombs.
Blow up a woman's grieving face?
Blow up a bloody dog?
Enter artillery, to add up astronomical sums
Of injury, mixing the plaster with the blood.
And then the climax bit –
The rival holy armies, each in some other army's pay:
The prophets calling on their deaf and goody gods –
Black streamers flapping in the sky, fire
Licking the minarets,
Snipers on the church roofs, grenades in the launderette.

We've got na epic there, vicarious as hell.
The viewers will identify. The res tis triste...
Let's see. Di da di da...
Bundles and broken carts. Roads machine-gunned.
Trucks overturned and burning.
Swarms of whit-faced kids. Detritos of several cities –
The usual parts. Expensive, all those extras
Migrating through eternity like clichés!
Whatever's after them is always coming on:
Plague, famine, pogroms, taxes, wars, crusades...
The stubborn stamina of God's forgotten poor
Walking and walking down the centuries,
Trudging from someplace into nowhere-land.
Maybe a commentator vamps hist bit
And makes the viewers yawn with pity?

What we shall need is human interest.
Let's bring black in those walk-on parts,
Lame Joseph with his staff, Mary in tears –
The bored centurions whistle at her back
With jokey brutich dacing, signifying rape.
Always the raging sun, Always the lack of water.
Perhaps a close-up now...?

I see them resting at a turning in the road,
Where Joseph scoops a hollow in the sand,
And Mary gently lowers her heavy load.

Cut. Egypt. Zoom in on a squat.
Old Joseph planning at the bench. Mary at the tub.
The child – a toddler now – taking in all.
Heaven's Angel hammers at the door
And brings new marching-olders from the lord.

All that way back only to fulfil
Some staring prophet's crackpot fantasies!
Poor fall-guy, scripted by some ancient hack,
Miscast as son of god by Judges 13.3 –
Old Joseph did his best to get him out of it –

Look, here's the text:

'And he arose and took the young child and his mother
And came into the land of Israel
But when he heard that Archelaus, son of Herod,
Did reign in Herod's place, and went on like his father,
He turned aside into the parts of Galilee,
And notwithstanding being warned of God
He brought the brat up as a carpenter...'

Boom, boom. Di da di da...
No mileage in the rest. The scrip gets messagey.
Heavy at times... Who would identify?
Cut to the final epic episode
Before the viewers switch the channel off...

'Enormous neuter platitudes of order
Crawl up the screens and occupy the News
Which musters at the place called Calvary.'

(Tradução)

Roteiro para voo Egito adentro

Uma quietude enevoada – a pequenina torre de Belém
O povo no mercado. Uma sensual mulher,
Jarra sobre sua cabeça. Cachorros sendo cachorros.
Então, zoom sobre a Judeia. Autoestrada.
Em roupas de couro, capacete protetor,
Anjos do Paraíso voam à cidade adentro, em alta velocidade,
Com seus ferros, batem fortemente, e na porta de José, martelam...

Sortudo para conseguir um aviso do Senhor!
Ele sacode sua esposa e lhe conta que tudo acabou.
Ela cobre seu bastardo em um tapete, ele apanha seus utensílios de
marceneiro
Eles partem rapidamente enquanto dormem os vizinhos.

Fade out. A hora H. O amanhecer moverá
Enormes chavões de ordem neutros
Subindo pelas costas praianas, repletas de marinheiros.
Em seguida seguem os caças-bombardeiros, tecnocráticos severos,
Qual merda seu excremento fuliginoso cruzando as favelas.
Lá, área para desenvolvimento. Explodem as bombas.
Explode uma mulher de face afligida?
Explode um cachorro ensanguentado?
Adentra a artilharia, para adicionar somas astronômicas
De injúria, misturando o emplastro com o sangue.
E então o clímax 'bit' –
Os sagrados exércitos rivais, para cada um outro pagamento de exército:
Os profetas invocando seus deuses surdos e patetas –
Flâmulas negras oscilando no céu, fogo
Triunfando sobre os minaretes,
Atiradores nos telhados das igrejas, granadas na lavanderia.

Lá, temos um épico, vicário como inferno

Os espectadores identificarão. O resto é banal...
Veremos... Di da di da...
Embrulhos e rompidas carretas. Estradas metralhadoras...
Caminhões abatidos e em chamas.
De faces empalidecidas, uma multidão de crianças. Detrito de várias cidades

—
As partes comuns. Dispendiosos, todos os extras
Migrando pela eternidade como clichês!
Depois deles, independente, sempre se está chegando:
Praga, fome, massacre, tributos, guerras, cruzadas...
A resistência teimosa dos fracos esquecidos por Deus
Andando e caminhando através dos séculos,
Marchando de lugar algum para a terra-de-lugar-nenhum.
Também um comentador explore esse pedaço
E façam os espectadores bocejarem com piedade?

O que necessitaremos é interesse humano.
Vamos de volta trazer ‘in those walk-on parts,’
José, manco, com seu pessoal, Maria em lágrimas –
Em suas costas, o assobio dos centuriões entediados
Dançando com piadas brutais, estupro significativo.
Sempre o sol furioso, constantemente a falta de água.
Talvez um close-up agora...?

Em repouso, eu os vejo uma curva da estrada,
Onde José escava um buraco na areia,
E Maria suavemente abaixa sua pesada carga.

Cut. Egito. Zoom em um agachamento.
Velho José ideando no assento. Maria no balde.
A criança – agora, quando acordado – cativante em tudo.
Martelos dos Anjos do Paraíso na porta
E trazem novas ordens em marcha do Senhor.

E tudo que de algum modo retorna apenas para cumprir
Até certo modo as fantasias malucas do profeta espantado!
Pobre bode-expiatório, roteirizado por alguns
Inadequadamente elencado, em Juízes 13:5, como filho de Deus –
Velho José fez o seu melhor para tirá-lo dessa –
Veja, aqui está o escrito:
‘E ergueu-se e tomou a criança e sua mãe
E veio à terra de Israel
Mas quando ouviu que Arquelaus, filho de Herodes,
Reino no lugar de Herodes, e deseja prosseguir como seu pai,
Ele desvia-se em direção ao território da Galileia,
E apesar de ser avisado por Deus
Ele proporcionou o moleque a tornar-se carpinteiro....’
Boom, boom. Di da di da...
Sem milhas no sossego.
Excessivo, às vezes...
Cut para o épico episódio final
Antes que os telespectadores mudem o canal...

‘Enormes chavões de ordem neutros

Escorrem as telas e ocupa as notícias
Quais as tropas no lugar chamado Calvário'

Prayer for the Year's Turning

*'I was looking on that Sign in the Heaven
Which is called by the name of the Ballance'
Sir Richard Steele*

I
The cruel solstice of our kind,
The axletree of al lis stuck –
There is no way of turning on
Now any way of turning back.

Signo f the Balance, House of Mars,
Lord of the ascendant over Hope:
The stars in heaven look down on us
And shudder at earth's horoscope,

Where in our violent zodiac
New constellations exercise –
Tridente is showing in the West,
Poseidon and Polaris rise

And Vulcan scud across the moon.
Hades is setting over France
And, see, beside the Neutron Way,
The Fitter, Flogger and the Lance!

Oh kings and wizards, shield your eyes!
Oh shepherd, shepherdess, beware
Of following the Peacekeeper!
Oh loyal flock of sheep, take care
Lest the stars throw down their speasrs
And water heaven with our tears!

II
Oh watchers in the night, you watch
Na emanation of yourselves,
And all that alien hardware is
Ourselves sheeling about ourselves.

Good people, do not watch the sky,
But keep your watchfulness below
And hasten with your gifts of love
To Newbury or Comiso,

And strike a match within the dark
To search about the planet's floor
For the nativity of hope
Like software stirring in the straw.

Oh fasten heaven back to earth
And stick in one the human race

And make the cargo of this globe
Less odious company in space!

Oh powers and influences, turn
Us into as ascendant House:
Oh fortune, budge your wheel once more!
Let this arrested solstice pass
Out of the boreal cold, and bring
The soft apocalypse of Spring...

(Tradução)

Oração para a virada do ano

I
O cruel solstício de nossa espécie
O rodeiro de todos está emperrado
Não há caminho para seguir
Nem jeito algum para retornar

Signo da Balança, Casa de Marte,
Senhor do ascendente sobre a Esperança:
As estrelas no céu-celestial olham sobre nós
E, no horóscopo da terra, estremecem

Aonde em nosso zodíaco violento
Exercício de novas constelações –
Exposto no Ocidente está o Tridente
Poseidon e Polaris ascendem

Através da lua, arrasta-se Vulcan.
Postado sobre a França, Hades
E, veja, ao lado o Neutron Way
O Ajustador, o Açoitador e a Lança!

Oh reis e magos, protejam seus olhos!
Oh pastor, pastora, acautelem-se
Do cortejo do Peacekeeper!
Oh fiel rebanho de ovelhas, tome cuidado
Para que as estrelas não derrubem suas lanças
E água primordial com nossas lágrimas!

II
Oh sentinelas noturnos, velam
Uma emanção de si próprios,
E toda essa maquinaria estrangeira está
Nos voltando sobre nós mesmos.

Povo bom, não velem o céu
Mas mantenham vigilância na terra
E acelerem com seus presentes de amor
A Newbury ou Comiso,

E dentro do escuro, acenda o fósforo

A procurar sobre o soalho do planeta
Pela natividade da esperança
'Like software stirring in the straw'.

Oh fixo o céu-celestial à terra
E introduz alguém da raça humana
Menos companhia odiosa ao espaço!

Oh poderosos e influentes, mova-nos
Adentro de uma Casa ascendente:
Oh fortuna, mexa sua roda mais uma vez!
Deixa passar este solstício interrompido
Do frio boreal, e traga
O suave apocalipse da Primavera...

A sequência de poemas *Infant and Emperor* sugere que seja observado o aspecto religioso a partir de Edward Thompson, através de Thompson. Como foi visto no capítulo primeiro e, de forma mais aprofundada estudada por Alejandro Estrella González (2011), a presença da religião na vida de Thompson veio de berço. O autor afirma que Thompson herdou da tradição metodista o apreço à disciplina nas atividades que exerceu por toda sua vida, de forma que a influência metodista contribuiu no desenvolvimento do trabalho intelectual e militante de Thompson.

A sequência de poemas *Infant and Emperor*, portanto, é observada a partir de Edward Thompson no sentido de averiguar quando e como a questão da religiosidade aparece no seu trabalho intelectual, de modo a ler o opúsculo natalino ressaltando uma reflexão acerca dos eventos políticos deste período. Quando Thompson toca no aspecto da religiosidade em *Infant and Emperor*, ele entende que a religião e a religiosidade são um tópico importante na mobilização das pessoas e, portanto, no modo como as pessoas entendem e interpretam o mundo.

Quando Isaiah Berlin vai estudar sobre as fontes para as ideias e movimentos socialistas, ele inicia sua reflexão afirmando categoricamente que os textos bíblicos e sua mensagem foram uma das primeiras fontes a procurar compreender porque as relações entre os filhos de Deus estavam (re)produzindo desigualdade, exclusão, miséria e exploração dos ricos sobre os mais desvalidos. A reflexão e pensamento sobre as relações entre os seres humanos e desses com a natureza tem como objetivo primeiro a felicidade de todos os seres humanos. A procura, portanto, pela raiz do mal que (re)produz os problemas sociais é uma preocupação. Os textos bíblicos, de algum modo, levantam o problema de saber como

organizar o rebanho de Deus sob “condições materiais para a felicidade humana”¹⁶², de forma que a prática cristã seja compatível com a mensagem de igualdade e justiça extraída dos textos bíblicos. Inquieta com o posicionamento do clero russo em 1905, Rosa Luxemburg traz a experiência dos primeiros cristãos a partir de trechos do livro bíblico *Atos dos Apóstolos*, afirmando que nesse período

era um comunismo baseado no consumo de produtos acabados e não no trabalho, e mostrou-se incapaz de reformar a sociedade e de pôr fim à desigualdade entre os homens e de derrubar a barreira que separa ricos e pobres. Por isso (...), as riquezas criadas pelo trabalho ficavam num restrito grupo de possuidores, por que os meios de produção (especialmente a terra) permaneciam propriedade individual, porque o trabalho (...) era fornecido pelos escravos¹⁶³.

As comunidades comunistas dos primeiros cristãos não proporcionavam uma mudança social, mas elas existiram nesses dois primeiros séculos da era cristã procurando estabelecer relações sociais mais próximas com as palavras dos primeiros Apóstolos.

São Basílio e São Jerônimo, por volta do século IV, por exemplo, percebiam mudanças quando questionavam a decadência e a falta de pessoas ou grupos de pessoas que não mais faziam o que a mensagem da Cristandade pregava nos séculos I e II. Cada vez que a Igreja Apostólica Romana ia se constituindo enquanto instituição incontornável na sociedade europeia nos séculos seguintes, “as vozes dos Padres da Igreja proclamando o Comunismo não encontraram eco”¹⁶⁴. Nesse grande arco temporal, portanto, a Cristandade institucionalizada não contribuiu muito para a mudança das estruturas sociais.

Como destaca Isaiah Berlin, a mensagem bíblica e a leitura dos textos bíblicos foram fontes das ideias e movimentos socialistas, de forma que a percepção e resolução dos problemas sociais, como a desigualdade entre os seres humanos e a exploração mútua entre os mesmos, não foi nem iniciada e nem foi uma questão constituinte e incontornável do clero cristão europeu desde sua ascensão a partir do século V, quando começa a partir desse momento a se institucionalizar, a deter restritivamente e exclusivamente o controle sobre os textos da Bíblia e quando passa cada vez mais a se imiscuir com a aristocracia e a não trabalhar diretamente sobre o significado que as palavras dos primeiros apóstolos pregavam contra a miséria e as desigualdades entre os homens. E essa postura, de modo geral, passou a incomodar.

¹⁶² BERLIN, Isaiah. *O sentido de realidade: estudo das ideias e de sua história*. Organizadr por Henry Hardy, tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 119

¹⁶³ LUXEMBUGO, Rosa. *O Socialismo e as Igrejas: o Comunismo dos Primeiros Cristãos*. Rio de Janeiro: Achiáme, 1980, p. 31.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 39.

Entre os séculos XVII e XVIII, observa-se a “ascensão das doutrinas filosóficas e sociais que buscam explicar a lei da natureza e o comportamento do homem através da operação de causas materiais e tangíveis, em vez de ocultas manifestas ou espirituais”¹⁶⁵. Nesse contexto, é possível observar os pensadores racionais questionando se “o direito à propriedade privada era um direito inalienável do indivíduo”. Não mais eram as leituras e as mensagens bíblicas que provocavam questionamentos sociais.

O pensamento ilustrado europeu desse período observou o clero cristão institucionalizado como fonte do atraso racional das pessoas, como responsável também pelos problemas sociais da desigualdade e exploração. Não por acaso que na Revolução Francesa, especificamente, e no pensamento racional do século XVIII, de modo geral, o clero era uma ameaça para o estabelecimento das transformações sociais que visavam liberdade, igualdade e fraternidade entre os seres humanos.

No século anterior, durante a Revolução Inglesa, foi grande a atividade de grupos/seitas religiosas que agiam contrárias à ordem estabelecida, a leitura de vários textos, inclusive os textos bíblicos, possível por conta do grande grau de liberdade de imprensa que foi vivenciado, sobretudo, entre 1640 e 1660, foi muito importante para esses movimentos radicais. Christopher Hill em seus trabalhos de história deu bastante destaque à leitura da Bíblia como central para compreender os movimentos dos homens e mulheres ingleses do século XVII para pensar e questionar a sociedade. Quando escreveu *O mundo de ponta-cabeça: radicais durante a revolução inglesa de 1640* trouxe aquelas pessoas simples (o moleiro, o artesão...) organizando-se através de seitas procurando falar e entender sobre vários assuntos. Um desses grupos, os *diggers*, por exemplo, promoveram ações para tomada de terras em 1649; contrários ao Clero, eles acreditavam na mensagem de Jesus Cristo¹⁶⁶, para Hill os *diggers* têm algo de relevante a dizer aos socialistas do século XX.

Tanto na Revolução Inglesa, quanto na Francesa, quanto na Russa havia manifestações contrárias ao clero. Em *O Socialismo e as Igrejas: o Comunismo dos Primeiros Cristãos* (1905), texto publicado pela Achiamé em 1980 no Brasil, a escritora russa Rosa Luxemburgo, por exemplo, começa falando sobre o lugar social da instituição religiosa, especificamente sobre a atuação dos padres e bispos que, através dos seus sermões, procuravam vigorosamente combater a tentativa (nesse momento, infeliz) dos trabalhadores russos de lutar pela destruição do czarismo. Ela não compreendia porque “em vez de confortarem as pessoas que estão cheias de preocupações, e cansadas pela vida difícil, e que vão à igreja com fé no

¹⁶⁵ BERLIN, *op. cit.*, p. 119.

¹⁶⁶ www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cavadores_diggers.htm

Cristianismo, os padres fulminam os trabalhadores que estão em greve e os opositores do Governo”¹⁶⁷.

Para Rosa, era absolutamente incompreensível que os homens responsáveis pelo rebanho de Deus, os padres sejam incapazes de, de algum modo, serem os porta-vozes dos pobres e oprimidos. É absolutamente incompreensível que eles estejam contrários aos trabalhadores que procuram lutar por uma vida melhor. Através dos movimentos de 1905, Rosa destacava que “os bispos e os padres não são os propagadores dos ensinamentos cristãos, mas os adoradores do Bezerro de Ouro e dos azorrague que chicoteia os pobres e indefesos”¹⁶⁸.

Basicamente, não havia grande diferença entre o Império Romano e o Império Russo quando era observada a condição dos desvalidos quando esses eram sujeitados a uma situação que tinha como objetivo manter a boa vida dos exploradores. Os dois momentos espaciais da História, Roma e Rússia, não diferiam nesse aspecto. Rosa cita uma única diferença: os romanos não eram capitalistas e os desvalidos de Roma, que viviam em condição escrava, sobreviviam através da caridade, pois não era possível historicamente serem considerados trabalhadores que poderiam trocar a força do seu trabalho por sustento. Na Rússia de 1905 não foi diferente.

De todo modo, para ela, cabia aos trabalhadores russos não alimentarem um sentimento anticlerical, “todo homem pode ter aquela fé e aquelas opiniões que lhe pareçam capazes de assegurar a felicidade. Ninguém tem o direito de perseguir ou atacar a opinião religiosa particular dos outros. Isto é o que os socialistas pensam”¹⁶⁹. O posicionamento de Rosa pela defesa do direito individual de culto não resulta num anticlericalismo que foi identificado pelos revolucionários franceses. Mas Rosa não deu solução para o que fazer com o clero dentro de um processo revolucionário que, nesse caso, logo ia despontar.

Em pouco tempo, o clero russo, até então incólume e protegido, sofreu um grande abalo não somente no plano teórico dos marxistas russos, mas o governo revolucionário de 1917 possuía uma clara postura não somente anticlerical, mas uma profunda concepção de sociedade na qual o papel do Estado, nesse momento, seria o incentivo ao ateísmo. Essa concepção da sociedade russa revolucionária ateia e anticlerical não deu muito certo; entretanto, é preciso compreender que ela estava embasada numa concepção marxista de

¹⁶⁷ LUXEMBUGO, Rosa. *O Socialismo e as Igrejas: o Comunismo dos Primeiros Cristãos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980, p. 19.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 22.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 20.

Lênin, que concebia a crítica à religião como caminho à crítica da sociedade, herdada da tradição comunista desde Marx.

Em seu artigo “A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx”, o filósofo marxista Eduardo Chagas afirma que Marx não havia desenvolvido uma crítica sistemática à religião, mas seu foco

é a crítica ao revestimento religioso, ou seja, a presença da religião, por exemplo, na sociedade civil (como na religião, em que há uma cisão entre a esfera terrena e a esfera celeste, a sociedade civil enquanto esfera do aquém, privada, profana, está em oposição à esfera do além, do “sagrado”, do Estado), no Estado (como um universal sagrado, eterno, uma totalidade, um guardião protetor), no capital (a fé no capital, visto como um grande deus, o deus-capital, o verdadeiro deus, o único deus real e vivo, o deus implacável, o deus sinistro, que faz e desfaz, que cria e destrói, que pode ser conhecido, visto, tocado, cheirado, provado, um deus todo-poderoso, ilimitado, eterno, internacional, universal, presente em todos os locais, manifestado sob diferentes formas), no “milagre” das tecnologias, na mercadoria (as transformações, as encarnações de uma mercadoria em outras), no reino do dinheiro, do ouro (o dinheiro como objeto adorado, venerado, como “a alma” do capitalismo, que move o universo e é mercadoria milagrosa que contém em si outras mercadorias), nos “princípios sagrados, eternos” do trabalho (o trabalho como atividade sagrada, da qual deus compensa), como objetos de adoração, que, embora profanos, laicos, se revestem de religiosidade, se apresentam de forma religiosa, ocultando seus conteúdos¹⁷⁰.

Ao perguntar sobre o significado da religião para Marx, Chagas lista algumas considerações para responder essa questão, ou seja, a religião como uma expressão às avessas das condições humanas aparece como “uma recusa ou como protesto indireto contra a dor, o sofrimento, o desamparo real”. Esse protesto somente surge, na maioria das vezes, como insuficiente, pois impotente, visto que em nenhum momento promove ou conduz o homem e a mulher para a transformação da sociedade. Desse modo, a explicação da realidade é baseada no consenso de que qualquer ação resulta inútil, restando somente o resguardo resignado e conformado sustentado na “esperança na salvação não neste mundo, mas no paraíso”.

Nesse sentido, dentro da tradição marxista, a forma de perceber o lugar da religião na vida das pessoas ou da Igreja como instituição social tem alterado substancialmente desde o século XIX até o momento em que Thompson distribui o opúsculo de *Infant and Emperor*. A preocupação e o objetivo que Thompson possuía na publicação desses onze poemas vão, aos poucos, sugerindo ao leitor pensar nas próprias possibilidades de compreensão das poesias.

O teólogo australiano Roland Boer escreveu seu entendimento sobre os poemas de *Infant and Emperor*, em seu artigo “Apocalyptic and Apocalypticism in the Poetry of E. P. Thompson”. Boer aproxima a compreensão que Thompson possuía acerca dos Metodistas no *The Making of English Working Class* (1963) e de William Blake em *Witness against the*

¹⁷⁰ CHAGAS, Eduardo Ferreira . A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *TRANS/FORMAÇÃO* (Unesp. Marília. Impresso) , v. 40, 2017, p. 135.

Beast (1993). A partir disso, Boer afirma que “enquanto os Metodistas exibem um inautêntico apocalipticismo, os Dissidentes radicais como Blake dão acesso a uma autêntica versão”¹⁷¹.

Em relação aos primeiros, Thompson pensava que toda sua exacerbação sentimental, seu imaginário milenar, maldição do pecado..., tornava-os aptos a possibilitar saídas para as esperanças frustradas dos desvalidos, enquanto através de Blake ele recupera a visão de mundo dissidente, de ruptura com o *status quo*. Essa contradição é percebida nos versos do poema “Oração para o Ano Novo”, Thompson escreve: “*Povo bom, não velem ao céu/Mas mantenham vigilância na terra/E apressem com seus presentes de amor/A Newbury ou Camiso*”. Declama ao povo que não olhem por onde as armas veem, do céu, mas mantenham o olhar vigilante nas coisas terrenas, históricas.

Roland Boer¹⁷² afirma que os poemas do Thompson dão às estórias cristãs, o Natal, “um lado político radical”, e ainda acrescenta que ele está interessado “no humano e em elementos terrestres das estórias”¹⁷³.

Thompson traz à fábula do Natal a “justaposição dos temas apocalípticos, os temas da opressão tirânica e da resistência, e sua conexão com os eventos políticos a ele contemporâneos”.¹⁷⁴ Ele supõe indignação aos mandos de Deus no poema “Lamentação em Rama” quando escreve: “*Por um pecado/Provavelmente não original/Uma gestante comum com todos/Os desconfortos deselegantes/De um animal honrado*”. Thompson vê resistência nos sujeitos dessa lenda natalina frente aos “mandos de deus”: “*A lei estava precisando dos delinquentes/A cruz suplica por carne/O menor indício de amor*”, no mesmo poema. Thompson vê barbárie onde a tradição cristã vê redenção aos devotos. Então, ele próprio nos propõe o que fazer, no poema “Anunciação”: “*Porque não jogar sobre os anjos um pouco de sal?/Isso foi outra face deste pobre entendido-/Herodes, os magistrados romanos/o cruxifício*”.

No poema chamado “Roteiro de voo Egito adentro” no qual Thompson descreve e imagina a fuga de José, Maria e Jesus ao Egito através da dubiedade com a palavra *roteiro*: ora, roteiro de cinema; ora, roteiro de percurso de voo. No poema, ele germina ambos os

¹⁷¹ “while the Methodists exhibit an inauthentic apocalypticism, the radical Dissenters like Blake tap into as authentic version” *Ibidem.*, p. 42 *et seq.*

¹⁷² *Ibidem.*, p. 40-41.

¹⁷³ “(...) in the human and earthly elements of the stories”. BOER, Roland. Apocalyptic and Apocalypticism in the Poetry of E. P. Thompson. *Spaces of Utopia: An Eletronic Journal*, nº 7, 2009, p. 40 *et seq.*. Disponível em ler.letras.up.pt. Acesso em agosto de 2016.

¹⁷⁴ “(...) juxtaposition of the apocalyptic themes, the themes of tyrannical oppression and resistance, and their connection with political events contemporary with him”. *Ibidem.*, p. 42.

sentidos. Nos versos há fortes elementos do cinema e esses, por sua vez, sugerem um roteiro: “Uma quietude enevoada – a pequena torre de Belém./O povo no mercado (...)/Anjos do Paraíso voam à cidade (...)/martelam a porta de José...” Quando a família foge: “Fade out”. A fuga começa. “Subindo pelas praias repletas de marinheiros/Em seguida seguem os caças-bombardeiros”. Thompson incute nos versos elementos bélicos de seu próprio tempo: “Atiradores nos telhados das igrejas, granadas na lavanderia.” Ele imagina a saga da família como um filme hollywoodiano de guerra? Possivelmente. Há evidências: “Os telespectadores identificarão” ou, já no final, “Antes que os telespectadores mudem de canal...” Há uma ironia por trás disso tudo.

O percurso que Boer propõe ao ler os poemas de *Infant and Emperor* a partir do entendimento de Thompson para os metodistas e para Blake, ou seja, é frutífero observar que a preocupação acerca do revestimento religioso nas coisas terrenas já está presente em alguns versos de Thompson em *The Place Called Choice*, de 1950, e em *A formação da classe operária*, de 1963, quando Thompson estuda a tradição metodista inglesa para construir sua narrativa história. Nesse sentido, uma constelação de fatores pode ser aproximada para compreender os poemas de Thompson sem, antes de tudo, atravessar a trajetória familiar e intelectual do escritor inglês.

O interesse de Thompson por Blake é tão antigo quanto o seu próprio interesse pela poesia e remete aos primeiros panfletos nos quais contribuiu na década de 1940. Muitos anos depois, com um poema de Blake à mão, ele participou de um debate público na televisão inglesa. O inglês que estivesse de frente à TV em 1972, ouviria Thompson iniciar a leitura de “London”. Nascido em 1757, o pensamento de Black e sua visão de mundo são inspirações para Thompson. No capítulo “Inspirações da Dissidência”, apresentando esse leque referencial, João Ernani afirma que Edward

percebia nele a força da tradição atinomial, em que a maior influência continuaria sendo a da *Bíblia*, mas lida de modo específico, frisando a contrariedade entre o Perdão de Cristo e as penas da Lei MORAL. Assim, Thompson afirmava *ἀντί νομοῦ* significava, antes de tudo, “contra a lei”; imputação recaída sobre muitos homens e mulheres no século XVII inglês. A sensibilidade antinomial marcava radical oposição às frentes hegemônicas; entendidas como aquelas de justificação de um sistema torpe e doente¹⁷⁵.

O uso das associações à religiosidade retorna na poesia de Thompson em *Infant and Emperor*. Quando Thompson casa nesses onze poemas elementos políticos e religiosos ele não está interessado em explicar a história da Anunciação. Na noite de Natal de 1982,

¹⁷⁵ FURTADO, *op. cit.*, p. 16.

certamente rodeado de toda a sociabilidade de festas e solidariedades que só perdura durante aquele período, o poeta estava insatisfeito e impressionado por essa sociabilidade momentânea, mas sempre presente, visto que a história da Anunciação do Menino Jesus é lembrada todo ano no calendário cristão ocidental. A abundância de filmes bíblicos nas telas das televisões e dos cinemas ocidentais é outra forma de representificar a história cristã. As televisões e, de forma fictícia, mas não falsa, os cinemas também tratavam as questões políticas em que Thompson se inseriu profundamente durante a década de 1980.

Ao aproximar na poesia os aspectos religiosos e políticos, Thompson propõe questionamentos históricos. Os primeiros anos da década de 1980 foram os anos de auge de sua inserção na causa pelo desarme nuclear. Dentre dezenas de escritos, é possível afirmar que na poesia ele também encontrou a condensação do pensamento intelectual com a sensibilidade poética, o interesse geral é expressar a revolta e o chamado à rebeldia. Em *Infant and Emperor* está interseccionado o intelectual-militante ao poético.

Quando Thompson é alerta para as pessoas pararem de olhar e velar para os céus e sim para as coisas terrenas, propõe uma dupla reflexão. Não necessariamente Thompson aqui está acusando diretamente as pessoas de conformidade porque elas são religiosas e observam o mundo com passividade. Precisamente, ele não está interessado em criticar a religião como uma instituição. Thompson defendia os direitos civis e, dentro desses, a liberdade de culto está prescrita. Mas, por outro lado, é possível dizer que em *Infant and Emperor* há interesse de Thompson em fazer um alerta sobre as questões terrenas (portanto, históricas) a partir da estrutura semântica da tradição cristã. Novamente, o apelo à revolta e rebeldia antiimperalista encarnadas nas grandes potências de uma guerra fria perigosamente requeitada é seu grande trunfo e legado deste período.

Em seus escritos deste início de década, Thompson considerava aquele momento como a segunda guerra fria. Desde 1979, Thompson foi completamente arrebatado para um objetivo: a luta pelo desarme nuclear e seus desdobramentos em defesa dos direitos civis. A produção não propriamente historiográfica desse período é abundante:

o panfleto *Protest and Survive* (1980), a sessão “Neutralidade ativa” do livro *Writing by Candlelight* (1980), os artigos “Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização” (editado em 1980 por *New Left Review*) e “Europa, o elo frágil da Guerra Fria” (de 1982, réplica a críticas às páginas sobre exterminismo), as brochuras *Zero Option* (1982), *Star Wars* (1985), *The Heavy Dancers* (1985), *Double exposure* (1985), *Prospectus for a habitable planet* (1987) e mesmo o romance *The Sykaos Papers* (1988)¹⁷⁶.

¹⁷⁶ FURTADO FILHO, *op. cit.*, p. 74.

Não propriamente historiográfica, mas o questionamento de João Ernani permanece válido quando, inicialmente, pergunta se Thompson, “nos intentos de transformar a História (o desejo de evitar o final suicida da humanidade), não contariam aparatos de intérprete da história?”¹⁷⁷ e, logo depois, afirma que “a argumentação podia ser frequentemente desenvolvida com o recurso a aspectos e elementos da formação e da prática de historiador”. Por todos os seus escritos acima listados ele vai destrinchando toda sua preocupação sobre os rumos da humanidade e do planeta. E a compreensão de *Infant and Emperor* seria incompleta sem o cruzamento com esses escritos, especificamente com sua noção de *exterminismo*.

A preocupação com a história nesse período é transformada em uma ocupação acerca dos rumos da história: é preciso salvar a humanidade – os blocos que esquentam a guerra fria (soviético e otânico) possuem arsenais capazes de destruir o mundo várias vezes. Thompson percebia que seu trabalho como militante nessa causa precisaria mobilizar as pessoas para agirem em prol da desconstrução dos muros da guerra fria. Os anos 1980 foram marcados pela incessante corrida em prol do desenvolvimento cada vez mais ativo e grande de tecnologia bélica e armas nucleares. Todos os escritos de Thompson acima citados dão a dimensão dessa nova corrida armamentista. O grande sucesso do panfleto *Protest and Survive* de Thompson arrebatou-o e ressignifica sua atuação dos anos 1950-60 quando esteve ativo no movimento pelo desarme nuclear e pela paz. Em seu artigo “Thompson and the Peace movement: from CND in the 1950s and 1950 to END in the 1980s”, Richard Taylor afirma¹⁷⁸:

O papel de Thompson no END e movimentos relacionados nos anos 1980 não foi meramente importante, como foi seu papel no CND nos anos 1950 e 1960: foi absolutamente central para dar início a todo o movimento. Seu panfleto *Protest and Survive*, uma resposta a uma carta de Michael Howard no *The Times*, Chichele Professor de História da Guerra na Universidade de Oxford, capturou a imaginação pública. Como resultado o END foi criado. De fato, por um tempo, Thompson tornou-se indiscutivelmente um dos mais conhecidos intelectuais públicos da Grã-bretanha.

A lógica da relação entre os blocos da guerra fria, que impregna e justifica a derradeira corrida armamentista nesse período, joga com os elementos simbólicos. E, em primeira e última instâncias, com aquilo que é mais valioso às pessoas: a vida. Sobre o aspecto simbólico, o próprio Thompson destacava em *Zero Option* (na versão espanhola, *Opción Zero*) sua relevância:

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 75.

¹⁷⁸ “Thompson’s role in END and related movements in the 1980s was not merely importante, as his role had been in CND in the 1950s and 1960s: it was absolutely central from the outset. His pamphlet *Protest and Survive*, a riposte to a letter in *The Times* from Michael Howard, Chichele Professor of the History of War at the University of Oxford, caught the public imagination. As a result END was born. Indeed, for a time, Thompson became arguable one of the best-known public intellectuals in Britain”. TAYLOR, *op.cit.*, p. 187.

(...) como historiador social tenho dito amiúde que o simbolismo é um componente de grande importância do processo histórico. As confrontações simbólicas precedem e acompanham as conflagrações violentas. São frequentemente uma forma de sublimar ou realocar os confrontos violentos, com efeitos reais e materiais. Uma contenda por razões de prestígio para “salvar a cara”, pode em seu resultado confirmar ou questionar a autoridade dos dirigentes. Os rituais do estado, a atuação pública, a manifestação pública são formas todas elas carregadas de força simbólica; podem consolidar a hegemonia garantida dos dirigentes ou podem desprestigiá-lo por estatísticas e pelo ridículo. O simbolismo não é unicamente uma coloração que se acrescenta aos fatos do poder: é por direito próprio um elemento do poder na sociedade¹⁷⁹.

No poema “Roteiro de voo Egito adentro” há uma clara aproximação simbólica com as operações norte-americanas no Egito em 1980, ano em que ele publicava “*Notas sobre el exterminismo, la última etapa de la civilización*” e que procura deixar claro o embasamento irracional “da implacável espiral ascendente da tecnologia armamentista”¹⁸⁰. A todo momento, enquanto escrevia ou ia às ruas, enquanto respondia às réplicas aos seus artigos, Thompson aproxima todo seu esforço à rebeldia, principalmente no processo de desarme nuclear que desembocava numa rebeldia antiimperialista. Como ele mesmo afirma sobre essa nova guerra fria (mais radical), “a causa original, e também a causa reprodutora, da guerra fria se encontra nos avanços do imperialismo mundial”¹⁸¹.

Num trecho do poema “*Roteiro de voo Egito adentro*”:

Depois deles, independente, sempre se está chegando:
Praga, fome, massacre, tributos, guerras, cruzadas...
A resistência teimosa dos fracos esquecidos por Deus
Andando e caminhando através dos séculos,
Marchando de lugar algum para a terra-de-lugar-nenhum.
Também um comentador explore esse pedaço
E façam os espectadores bocejarem com piedade?

Chama atenção a aproximação entre os meios de comunicação, a sua noção de *exterminismo*¹⁸², na qual Thompson demonstra através de sua capacidade de síntese nos versos acima. Possivelmente destacam-se, à primeira vista, duas imagens que coexistem.

¹⁷⁹ “but as a social historian I have often offered the view that symbolism is a profoundly important constituent of historical process. Symbolic confrontations precede and accompany confrontation by force. They are often a means of sublimation or displacing confrontations of force, with real and material consequences. A contest for ‘face’ may, in its outcome, confirm or call in question the authority of the rulers. The rituals of State, the public execution, the popular demonstration – all carry symbolic force; the force, they may consolidate the assured hegemony of the rulers or they may bring it into disrepute with numbers and ridicule. Symbolism is not a mere colour added to the facts of power: its is an element of societal power in its own right”. THOMPSON, E. P. *Zero Option*. London: The Merlin Press, 1982, p. 21 (tradução de João Ernani Furtado Filho).

¹⁸⁰ “de la implacable espiral ascendente de la tecnología armamentista”. THOMPSON, E.P. *Opción Zero*. Barcelona: Editorial Crítica, [1982] 1983, p. 73.

¹⁸¹ “la causa origina, y tambien la causa reproductora, de la guerra fría se encuentra e los avances del imperialismo mundial”. *Ibidem*, p. 75.

¹⁸² É importante destacar que a conceitualização de *exterminismo* feita por Thompson – que possui crítica a noção de imperialismo de Lênin – foi criticada naquele momento.

Uma, é quando ele aproxima o imperialismo romano (representado pela perseguição de Herodes ao Filho de Deus) ao imperialismo ocidental sobre o Oriente Médio, naquele momento da década de 1980. A outra imagem é o reconhecimento da resistência dos filhos de Deus, que perdura através dos tempos.

Somente em “*Notas sobre el exterminismo, la última etapa de la civilización*”, Thompson parece desdobrar aquilo que foi capaz de sintetizar em versos. Além de querer constatar as óbvias intervenções imperialistas através da História, assim como as intervenções de resistências, no artigo os dotes de historiador de Thompson são claramente percebidos, mesmo que seja contornável saber se essas aproximações são historicamente possíveis, ao mesmo tempo em que é possível afirmar que Thompson não se preocupou com essa pergunta nem quando escrevera o poema ou mesmo o artigo.

Somente meses depois, em setembro, quando publica “*Disuasión y adicción*” é que ele vai teorizar o *modus operandi* de ambos os blocos responsáveis pela escalada, suicida. Thompson entra e sai de toda a estrutura argumentativa que parece legitimar e justificar a nova corrida armamentista. Compreendia que a construção de uma linguagem agressiva era central na atuação dos blocos, compreendia também que a construção semiótica de si como ameaça maior, que essa capacidade bélica deveria ser exposta enquanto um potencial capaz de barrar uma possível reação direta inimiga: “As confrontações simbólicas precedem e acompanham as confrontações violentas”¹⁸³. A única reação aceita implicitamente era o desenvolvimento de uma tecnologia bélica mais avançada. E, assim, ambos os blocos vão se retroalimentando. Thompson trata as armas como algo extremamente inútil e elas “só existem na atualidade como símbolos da ameaça bárbara e da autodestruição humana”¹⁸⁴.

A economia de guerra envolve muita gente e muita renda e lucro, envolve governos e empresas. Desde as décadas mais passadas, a economia bélica e orçamento de guerra estão cada vez mais imbricados. Após ouvir o discurso de Ronald Reagan no dia 23 de março de 1983, Thompson teve um *insight* esclarecedor: “À primeira vista e, inclusive à segunda, parece a obra de um escritor satírico acerca da perversidade humana mais que a concepção de um homem de estado”¹⁸⁵. Sem compreender o porquê da *guerra das galáxias*, Thompson publica um livro (junto a seu filho Ben) procurando entendê-la. Sugere que a corrida

¹⁸³ “Las confrontaciones simbólicas preceden y acompañan las confrontaciones violentas”. *Ibidem*, p. 48.

¹⁸⁴ Original: “sólo existen em la actualidad como símbolos de la amenaza bárbara y de la autodestrucción humana”. *Ibidem*, p. 49.

¹⁸⁵ “A primera vista, e incluso a segunda, parecia la obra de un escritor satírico acerca de la perversidad humana más que la concepción de un hombre de estado”. THOMPSON, *La Guerra de las Galaxias*. Barcelon: Editora Crítica, 1986 [1985], p. 49.

armamentista foi produto da corrida espacial. O tom do seu ensaio lembra o tom usado em *Zero Option*. E, novamente, ele destaca com lucidez o conglomerado de interesses científicos, financeiros, políticos e ideológicos que mutuamente se colocam como o grande “grupo de pressão em prol da guerra das galáxias”¹⁸⁶. Quando Reagan vai à televisão discursar sobre a militorante cúpula que protegeria definitivamente os Estados Unidos de qualquer ataque externo e também lhe daria a possibilidade de contraataque, Thompson afirmava que o mundo saía de uma situação na qual os blocos se relacionavam sob uma lógica de *destruição mútua assegurada* (em inglês, MAD, ou seja, uma sigla que lembra a palavra LOUCO) para criar o MAS, *sobrevivência mútua assegurada*. Do MAD para o MAS, ele acusava a imoralidade geral do projeto.

O que chama atenção também é quando ele faz o paralelo entre retórica e simbolismo que a guerra fria, em geral, e a guerra das galáxias, em específico representava nas corridas eleitorais, tanto da Gran Bretanha, quanto dos Estados Unidos. Nesse tópico específico, ele traz para sua argumentação o papel dos meios de comunicação. Quando escreveu um panfleto no período eleitoral inglês de 1983, Thompson afirma que “as regras dos meios de comunicação confiscam as vozes políticas mais sérias deste país para convertê-las em afirmações rotineiras de partidos políticos”¹⁸⁷.

Assim, toda uma literatura foi escrita para pensar esse período da guerra fria. A preocupação pelo desarme nuclear de algum modo centralizou o debate social nos anos 1980 e praticamente todas as energias e as atividades de Thompson. Ele compreendia que para ressaltar elementos de resistência na história bíblica da natividade, haveria de destacar os elementos de resistência naquele momento, seu principal interesse e ocupação nesta década. Em “*Notas sobre el exterminismo, la última etapa de la civilización*”, tratando da relação entre exterminismo e imperialismo, ao explicar o funcionamento das engrenagens dos tecnocratas da indústria bélica macomunados com a classe política, todos vistos e representados nas televisões (as mesmas em que os telespectadores assistem aos bombardeiros no Oriente Médio de forma estupefata, mas completamente impotentes), Thompson não deixa de destacar os elementos de resistência:

É o campo de força que engendra exércitos, diplomacias e ideologias, que impõe relações de clientelismo às potências menos poderosas e que exporta armas e militarismo à periferia.

¹⁸⁶ “El grupo de presión em pro de la guerra de las galáxias”. *Ibidem*, p. 59 e *et seq.*

¹⁸⁷ “las reglas de los medios de comunicación confiscan las voces políticas más serias de este país para convertirlas em rutinas afirmaciones de partido políticos”. THOMPSON, La defensa de Gran Bretaña. In:_____. *Nuestras libertades y nuestras vidas* Barcelona: Editorial Crítica, 1987, p. 98.

Na periferia, todavia, existe mobilidade política, e o esquema anterior é bastante aceitável, mesmo que deformado (e deformado em versões militaristas) pelas torpes imposições dos pólos centrais do que a narrativa geralmente admite. Em casos excepcionais, quando o antagonismo entre os pólos é tão grande que a intervenção militar convencional resultaria na imediata probabilidade de uma confrontação entre os EUA e a URSS, o espaço de mobilidade política se amplia: Irã e Oriente Médio constituem exemplos óbvios. Mas, em toda fratura central, a mobilidade política há estado, durante trinta anos, congelada (...)¹⁸⁸.

A todo momento, como uma sombra do texto, Thompson está traçando esses elementos de resistência. Às vezes, quando ele trata de deixar claro ao leitor que é preciso desdobrar e destrinchar toda a maquinaria do Armagedom, inclui a sua atividade como mais um elemento de resistência. A escrita (e suas leituras), nesse sentido, são colocadas como elementos de resistência. Ao escrever, ele entrega ao leitor seu esforço de pensamento, o resultado de uma prática de entendimento sobre aquilo que Thompson consideraria a questão central da espécie (e não mais da classe), o combate ao exterminismo, resistência anti-imperialista: “Certo tipo de postura e certa retórica “revolucionária”, que atizam a combatividade da ideologia exterminista e que comportam divisões nas necessárias alianças da resistência humana, constituem luxos dos quais podemos prescindir¹⁸⁹”.

A escrita de *Infant and Emperor* está imbuída disso. Em vários momentos desses poemas, por fim, a metáfora na qual Thompson sempre se refere a essa época é a do “gelo”. A “opção zero” de Thompson centraliza o continente europeu como o lugar em que deve ser instaurado um tempo novo, um tempo neutro. A Europa, assim, é para Thompson de maior importância para o estabelecimento do que ele chama de “neutralidade ativa” que, em pouquíssimas palavras, diz respeito à sua convocação popular contrária ao armamento nuclear (e, portanto, em prol da liberdade de imprensa e das liberdades civis). Como inicialmente não é interesse dar tanto destaque à participação relevante de Thompson na luta pelo desarme nuclear e tudo aquilo que ele suscita à rebeldia, foi dado ênfase somente naquilo que faz entender os poemas *Infant and Emperor*. Nesses poemas, afinal, bem longe daqueles sujeitos aos quais ele acusava de serem portadores de utopias negativas, Thompson finaliza com

¹⁸⁸ “Es el campo de fuerza que engendra ejércitos, diplomacias e ideologias, que impone relaciones de clientelismo a las potencias menos poderosas y que exporta armas y militarismos a la periferia. En la periferia todavia existe movilidad política, y el esquema anterior es bastante aceptable, aunque más deformado (y deformado en versiones militaristas) por las torpes imposiciones de los polos centrales de lo que la narración generalmente admite. En casos excepcionales, cuando el antagonismo entre los polos es tan fuerte que la intervención militar convencional comportaria la inmediata probabilidad de una confrontación entre los EUA y la URSS: Irán e Oriete Medio costituyen ejemplos óbvios. Mas, a lo largo de la fractura central, la movilidad política ha estado, durante treinta años, congelada (...)”. *Idem*, 1983, p. 76.

¹⁸⁹ “Cierta tipo de postura y certa retórica “revolucionaria”, que atizan la combatividade de la ideologia exterminista y que comporta divisiones en las necesarias alianzas de la resistencia humana, constituyen lujos de los que podemos prescindir”. *Ibidem*, p. 115.

mensagem positiva e uma bonita palavra: “(...) *a procurar sobre o assoalho do planeta/pela natalidade da esperança*”.

4.3 Literatura para Thompson

Desde pequeno Thompson tinha relação com a literatura. Seu pai era poeta. Num depoimento, ele narra a sensação que possuía quando os amigos da família eram recebidos em sua casa, dentre os amigos, alguns poetas e escritores. Seu irmão foi um poeta, alguns de seus poemas estão em *There is a spirit in Europe*. Nas cartas entre os irmãos, há recomendações de escritores e poetas – William Morris, Louis Aragon, etc. De forma geral, a literatura esteve presente na vida familiar de Thompson e permaneceu.

Muitos estudiosos destacam a importância da literatura para Thompson se tornar historiador. Cita-se especificamente a década de 1950, possivelmente considerado o período em que ele aprendeu a pensar, anos de amadurecimento, como o momento em que o poeta se confunde com o historiador, a literatura se confunde com a história. Como o próprio afirma:

estava ensinando tanto literatura quanto história. Eu pensei, como eu poderia fazer, antes tudo, criar com uma classe de adultos, muitos deles no movimento operário – discutindo com eles a significância da literatura. E eu comecei a ler Morris...(...) No percurso de feitura disso, eu tornei-me bem mais consciente em me tornar um historiador.¹⁹⁰

No entanto, é interessante retornar aos anos anteriores, quando ele começa a ser professor na educação de adultos do projeto de extensão da Universidade de Leeds. Sobre isso, Spencer escreve que¹⁹¹:

Thompson escolheu a literatura inglesa para ser seu principal interesse. Isso não é surpreendente levando em consideração tanto seu escrito do tempo de guerra quanto o fato de que ele tinha acabado de passar dois anos (1945-47) na Universidade de Cambridge estudando literatura assim como história social. Seus três primeiros anos no departamento de Leeds ele foi exclusivamente professor de literatura (...)

Primeiro emprego de Thompson, ser professor em Leeds, norte do país (local escolhido pelo casal Thompson, segundo Dorothy), foi possível após sua volta dos trabalhos voluntários para construção da ferrovia Samac-Saravejo. Já de volta, Thompson escreve um artigo para

¹⁹⁰ “I was teaching as much literatura as history. I thought, how do I, first of all, raise with an adult class, many of them in the labour movement – discuss with them the significance of literature. And I started reading Morris... Morris took the decision that I would have to presente him. In the course of doing this I became much more serious about being a historian”. THOMPSON, 1983, p. 13 *apud* Goode, *op. cit.*, p. 183.

¹⁹¹ “Thompson declared English literature to be his chef interest. This is hardly surprising, given both his wartime writing and the fact that he had just had two years (1945-47) at the University of Cambridge studying literature as well as social hitory. His first three years in the Leeds department were spent teaching literature exclusively (...)”. SPENCER, *op. cit.*, p.98

Our Time chamado de *Comments on a People's Culture* bastante interessante não somente pelo seu conteúdo, mas por Thompson criticar a incapacidade dos críticos compreenderem a cultura do povo comum: “É uma pena que tão poucos desses críticos considerem a oportunidade de descobrir por eles mesmos o clima no qual a cultura do povo foi gestada”¹⁹². Thompson se refere aos críticos literários, especificamente a Mr. V. S. Pritchett quando esse defende satisfatoriamente não somente que toda arte é uma forma de propaganda, mas que apenas a propaganda daqueles que a emitem ou incentivam é arte. A discussão política sobre as mudanças sociais e qual lugar o sujeito histórico possui são parte dessas reflexões.

Thompson aqui tinha 24 anos e além de fazer referência à sua ida a Yugoslávia, considera a partir dessa experiência que: “Há mudanças revolucionárias. “Natureza humana” por si só é alterada pela agência humana, de forma que os homens aprendem controlar a natureza e dominar seu próprio destino”¹⁹³. A referência à construção da ferrovia é dialogada com um ponto de vista do crítico literário V. S. Pritchett. Mais à frente, Thompson critica a postura decadente de Arthur Koestler (um dos literatos que escreve o anticomunista *The God that Failed*) para destacar que a Inglaterra naquele momento sofre e testemunha uma depreciação nos quadros de sua intelectualidade entre alguns círculos culturais.

Seu artigo na *Our Time* evidencia, portanto, uma preocupação que Thompson vai desenvolvendo nos anos seguintes – sempre bom lembrar que no primeiro capítulo foi salientado que essa preocupação acerca da agência humana na história e, por sua vez, o interesse pela cultura do povo inglês (suas liberdades e tradição crítica-rebelde) aconteceu nesse período. O que chama atenção na formação de Thompson é a centralidade à literatura que ele empreende em seus trabalhos. Dois meses antes dessa publicação na *Our Time*, Thompson havia escrito uma resenha de cinco livros de jovens poetas na mesma revista: John Heath-Scubbs, Norman McCaig, Roland Mathias, Alex Confort, Ruthven Todd. No primeiro parágrafo há pontos da perspectiva de Thompson sobre a literatura:

Se eu dizer que esses poetas são disconcertantes, eu não quero dizer que nada agradável pode ser encontrado em suas páginas. Eu posso encontrar algo menos louvável no trabalho de John Heath-Scubbs. Seus versos não são adultos e seu principal interesse é para encobrir o fato. Nenhum desses poemas revela qualquer maturidade emocional ou contínuo empenho intelectual. As formas que ele escolhe – baladas, sestinas, odes góticas – carregam o crepúsculo nostálgico dos exercícios realizados na

¹⁹² “It is a pity that so few of these critics have taken the opportunity of finding out for themselves the climate in which a people's culture is born”. THOMPSON, E. P., *Comments on a People's Culture*, *Our time*, Outubro, 1947, 34.

¹⁹³ “There are revolutionary changes. “Nature humana” itself is being changed by human agency, as men learn to control nature and to master their own destinies”. THOMPSON, E. P., *Comments on a People's Culture*, *Our time*, Outubro, 1947, 35.

morte da linguagem. Seu imaginário é tão banal quanto seu sentimento (...)¹⁹⁴

Interesse sobre o estético, interesse pela forma. Thompson defende um argumento sobre a produção poética de seu tempo. Quando ele trata dos poemas de Heath-Scubbs, não o faz encerrado no poeta, mas porque a poesia dele (incompleta e com todos os “pecados” acima citados) parece repretar a poesia que era produzida e impressa naquele momento na Inglaterra. Thompson argumenta que nesse caráter incompleto da poética contemporânea o “leitor é deixado a completar o poema por sua própria experiência”¹⁹⁵, de forma que esse traço não é atributo positivo do poema, mas do leitor – o positivo na poesia, portanto, está fora dela.

A responsabilidade intelectual que Thompson trata como sua defesa de pano de fundo nessa crítica não é percebida por ele nos poemas. Há uma certeza de que o poema haveria de estimular o leitor à averiguação e interrogação, coisa que ele não encontra, e esse estímulo só pode acontecer através de uma “consciência artística”, como Thompson escreve. Não encerrado nesse ponto, o jovem Thompson acusa a crítica que aplaude poética com integridade debilitada e cita aqueles que considera, junto com o já citado Roland Mathis, os poetas que escrevem uma poesia fraca, feita aos farrapos – o adjetivo é *shoddy* – e cita T. S. Elliot e W. Auden.

É certo que as críticas de Thompson possam parecer ácidas. O contexto poético inglês do período não o atraía simplesmente porque o que era escrito não o deixava embebido poeticamente, mas não é somente isso, visto que há critério ideológico em Thompson para sua consideração sobre a poética inglesa contemporânea. Ao mesmo tempo, os poetas Alex Confort e Ruthven Todd eram considerados por ele como poetas sérios e o argumento para essa consideração é porque Confort e Todd têm ciência dos recentes eventos da guerra. Thompson sugere que Todd toma a guerra de forma confusa e vulgar – como alguns poetas daquele período consideram a guerra da Espanha. Ao mesmo tempo Confort é o único deles que expressa paixão e raiva.

Diante disso, é importante compreender que naquele mesmo ano de 1947, início da Guerra Fria, “o Kremlim ordenou seus partidos satélites a adotar uma visão para cultura e

¹⁹⁴ “If I say that these poets are disappointing, I do not mean that nothing pleasing can be found in their pages. I can find least to praise in the work of the John Heath-Scubbs. His verse is not adult, and his chief concern is to hide the fact. Not one of these verses revels either mature emotion or sustained intellectual effort. The form he chooses – ballades, sestinas, gothic odes – carry the twilight nostalgia of accomplished exercises in a dead language. His imager y is as trite as his sentimento (..).” THOMPSON. E. P. Poetry’s not so easy, *Our time*, Junho, 1947, p. 06.

¹⁹⁵ “The reader is left to complete the poem from his own experience”. THOMPSON. E. P. Poetry’s not so easy, *Our time*, Junho, 1947, p. 07.

ciência que partiu decididamente com a linha agradável que era seguida durante o tempo das Frentes Populares”¹⁹⁶. E isso faz compreender, de um lado, o tom e o teor das críticas que Thompson faz para o poetas e, ao mesmo tempo, é nesse momento que Thompson vai constituindo sua visão particular acerca da literatura e que, por sua vez, se configura definitivamente na década seguinte quando ele protagoniza a querela com os literatos Orwell e Auden, após a publicação do seu camalhão sobre William Morris.

A cultura burguesa percebida na poesia inglesa, como ele deixa claro em *Poetry's not so easy*, de um lado, e a cultura artístico-literária de Andrei Zhdanov (chamado de *zhdanovismo*) eram as duas grandes tendências que dividiam a cultura letrada inglesa. Como Andy Croft afirma, nos anos 1950 “literatura tornou-se a zona chave para o conflito ideológico entre (e dentro) dos dois blocos”¹⁹⁷. Para Thompson esse conflito foi sentido dentro do Partido Comunista Britânico, especificamente na *Our Time*. Sob a perspectiva zhdanoviana, Emile Burn, comissário responsável pela parte cultural do PCGB, criou uma certa confusão com os editores da *Our Time*, Randall Swingler e Edgell Rickword, ao usar os jovens do grupo dos escritores do PCGB (incluindo Thompson, como o próprio afirmaria décadas depois)¹⁹⁸.

Mas como sofre Hamilton, não é possível dizer que Thompson tendia à postura *zhdanoviana* totalmente, pois ele foi um dos únicos que deu apoio a um companheiro, Jack Lindsay, quando foi criticado por sua visão acerca da arte contrária à estabelecida pelo partido. A controvérsia poética desses anos agitou vários intelectuais, a discussão sobre a inteligibilidade da poesia, a mensagem, o tom e a forma, enfim, o que o poeta defendia em seus versos, qual imaginário ele acionava e provocava, tudo isso era rigorosamente percebido e criticado por quem estava interessando na construção de uma arte e literatura responsáveis e em anuência ideológica.

O PCGB, na figura de Burn, considerou os versos de Swingler obsoletos e ininteligíveis. Thompson teve três cartas ao *Daily Worker* recusadas¹⁹⁹. O que fica como questão para Hamilton era a contradição, somente aparente, de Thompson sustentar uma postura *zhdanoviana* nos artigos da *Our Time* e, ao mesmo tempo, exercer crítica à postura do

¹⁹⁶ “the Kremlim had ordered its salite parties to adopt na approach to culture and science which broke decisively with rhe relaxed line followed during the era of the Popular Front”. HAMILTON, *op. cit.*, p. 231.

¹⁹⁷ “literature had become a key site of ideological conflict btween (and within) the two blocs” CROFT, Andy. Walthmstow, Little Gidding and Middlesbrough: Edward Thompson as Literatura Tutor. In. RICHARD, Taylo (Ed). *Beyond the Wall. 50 years of adult and continuing education and the University of Leeds (1946-1996)*. Leeds: University of Ledds, 1996, p. 150.

¹⁹⁸ HAMILTON, *op. cit.*, p. 230 *et seq.*

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 233.

PCGB anti-Cristopher Caudwell e também defender Jack Lindsay na conferência do partido. A postura de Thompson, portanto, pode ser aparentemente contraditória; no entanto, como considera Hamilton, foi possível a construção de um “terceiro campo” de concepção sobre a poética:

Para Thompson, a insatisfação com o Zhdanovismo não é de igual aprovação das tendências culturais e literária dominante em Londres, muito menos Paris ou Nova York. Em seus estudos sobre as aulas de literatura que Thompson ensinava para a Associação de Educação de Trabalhadores, Andy Croft nota que a lista de leitura que o jovem comunista elaborou para os mineiros aposentados e donas de casa de West Rinding estava largamente desprovida de escritores modernistas. Thompson estava (...) determinado a evitar T. S. Eliot (...). Mas os cursos de Thompson eram desprovidos do tipo de literatura do “realismo socialista” que era promovido pelo Partido Comunista (...). O tutor concentrou-se sobre os poetas românticos, Shakespeare e romancistas vitorianos”.

A referência a Thompson como professor de literatura é valiosa para compreensão da postura dele em relação à literatura durante a passagem da década de 1940 para 1950. Quando observadas suas escolhas literárias, percebe-se qual sua visão sobre a literatura, o que ele levava em consideração, o que procurava quando distribuía *Tom Jones* do Henry Fielding para seus alunos. Como já destacado, Thompson deu aula de literatura (e história) por quase duas décadas.

Thompson deu aula em Batley, Bingley, Cleckheaton, Halifax, Harrogate, Leeds, Middlesbrough, Morley, Ossett e Shepley. Foi em Bingley que Thompson iniciou seu curso com um programa cujo tema central foi “um exame de vários aspectos da técnica do escritor e do uso da crítica literária”²⁰⁰. As perspectivas acerca da função social da literatura e o esforço e controle do escritor sobre seus escritos foram interesses e discussões nas aulas. Tudo isso com os escritos de Byron, Blake, Shelley, Wordsworth nas mãos.

Andy Croft dá a dimensão em vários aspectos de como as aulas de literatura de Thompson aconteceram e sobre a interação do tutor com os alunos. Cita a quantidade de leitura que os estudantes tinham que fazer; algumas vezes Thompson compreendia que havia leitura demais para os estudantes fazer ou, como aconteceu em Shepley entre 1948 e 1949, tinha dificuldade de manter a classe interessada e alerta.

Um outro ponto de destaque é como ele selecionava os autores. As escolhas viam atreladas às renúncias. Thompson preferia William Morris a T. S. Elliot: a representação da

²⁰⁰ “an examination of various aspects of the writer’s technique and of the use of literary criticism”. CROFT, Andy. Walthamstow, Little Gidding and Middlesbrough: Edward Thompson as Literatura Tutor. In. RICHARD, Taylo (Ed). *Beyond the Wall. 50 years of adult and continuing education and the University of Leeds (1946-1996)*. Leeds: University of Leeds, 1996, p. 145.

Inglaterra de Morris era aquela que Thompson preferia em relação à Inglaterra de Elliot. Thompson chegou a criticar a escolha de Richard Hoggart por Elliot para seu curso: “embora Sr. Elliot pode ser um grande poeta (e em minha opinião ele não é) ele está longe de ser um poeta contemporâneo”²⁰¹, como o próprio Thompson afirma. Num rápido cruzamento de argumento ideológico – quem era Elliot e qual Inglaterra ele poetizava – é compreensível que Thompson se afastasse do idealismo e elitismo de Elliot que, por sua vez, foi um dos poeta predominantes durante a primeira parte do século XX na Inglaterra. Seu crítico Russel Kirk procura desfazer-se das opiniões do tipo de crítico literário que Thompson pode muito bem ser encaixado. Na visão de Kirk:

A crítica hostil mais superficial de *The Waste Land*, fomentada principalmente por progressistas doutrinários, humanistas e impiedosos ideólogos foi a seguinte: “Elliot”, diziam, está contrastando, de modo esnobe, a suposta glória e dignidade do passado com o que toma por degradação do presente democrático e industrial. Isso é historicamente falso, e de ser repudiado por todos os pensadores maiores”²⁰²

É certo que Thompson nunca formalizou nem aprofundou o que pensava da poética do escrito de *The Waste Land*. No entanto, é possível supor que a forma como Elliot trata do passado, presente e futuro da Inglaterra na obra acima citada desagradaria ideologicamente os objetivos e afinidades de Thompson. Esse é possivelmente um traço de sua constituição crítica quando lia uma poeta ou romancista. Kirk diz que *The Waste Land* não é uma glorificação do passado, mas sim uma reflexão acerca da natureza humana, assim como um ponto de inflexão filosófica sobre a vida, o que vivemos, o temporal e atemporal²⁰³.

Nesse sentido, as opções de Thompson para suas aulas – mesmo que seus programas fossem dialogados com a classe – tinham lógica e critério. Junto com Elliot, ele chegou a solicitar do Departamento responsável em Leeds a retirada de Virginia Woolf, Y. B Yeats, R. Foster. Luke Spencer quando destaca a importância da literatura para Thompson, afirma que

Para toda a sensibilidade de Thompson ao contexto cultural e organização estética da literatura imaginativa, ele estava ocasionalmente disposto a fazer vistas grossas a cruciais distinções ideológicas em sua ânsia para insistir na função da agência enquanto tal.²⁰⁴

²⁰¹ “while Mr Elliot may be a great poet (in my opinion he is not) he is no longer a contemporary poet”. CROFT, *op.cit.* p. 148.

²⁰² KIRK, Russel. *A era de T.S Elliot: a imaginação moral do século XX*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 224.

²⁰³ *Ibidem*, p. 227 *et seq.*

²⁰⁴ “For all Thompson’s sensitivity to the cultural contexts and aesthetic organisation of imaginative literature, he was occasionally willing to overlook crucial ideological distinctions in his eagerness to insist on the role of agency as such”. Cf. SPENCER, Luke. *The uses of literature: Thompson as writer, reader and critic*. In. *E. P*

Interessante porque Virginia Woolf havia escrito poucos anos antes sobre os poetas ingleses da *torre inclinada*. No extenso artigo de reflexão sobre a literatura inglesa, a escritora de *Orlando* afirma que

É um fato, não uma teoria, que todos os nossos escritores, de Chaucer até os dias de hoje, com poucas exceções que é até possível contá-las, sentaram-se no mesmo tipo de cadeira – alta e em relevo. Todos eles provêm da classe abastada. (...) Todos foram criados acima do povo comum, numa torre de estuque²⁰⁵.

Excetuando Dickens e D. H. Laurence, os escritores ingleses permaneceram solidamente na torre de estuque até agosto de 1914. Antes disso, o lugar da guerra na literatura inglesa é quase escasso, segundo Woolf; ao mesmo tempo, os perfis dos escritores vão mudando a partir da década de 1920, quando o escritor passa a ter uma preocupação política mais explícita e, na maioria das vezes, engajada – o escritor, como intelectual, tendo importância acerca das concepções centrais para o político-social.

Os jovens que estavam na universidade em 1930 foram forçados a ter conhecimento do que acontecia na Rússia; na Alemanha; na Itália; na Espanha. Não podiam continuar discutindo emoções estéticas e relações pessoais. Não podiam confinar sua leitura aos poetas; tinham de ler os políticos. E leram Marx. Tornaram-se comunistas; tornaram-se antifascistas²⁰⁶.

Essa constatação é acompanhada pelo julgamento estético do que fora produzido por esses escritores da *torre inclinada*, pois a partir do momento em que as circunstâncias impossibilitaram o exercício de uma reflexão voltada à paisagem, ao belo, ao cotidiano, aos modos de ser, à memória de si mesmo, na medida em que isso foi sendo substituído pela consciência de si, consciência de classe, a preocupação acerca da estética não passa a ser a centralidade da produção: “quem pode estranhar, se eles foram incapazes de nos dar grandes poemas, grandes peças, grandes romances?”²⁰⁷

A delimitação a essa geração que produziu em 1920 e 1930 como uma geração que se coloca na *torre inclinada* e seguida por uma reflexão sobre a literatura inglesa após a guerra – Virgínia Woolf deu essa fala na Associação Educacional de Trabalhadores em 1940 –, a autora de *Mrs Dalloway* provoca e incentiva aos seus ouvintes a escrever, escrever sempre e sempre, livremente, comparar-se aos grandes escritores, saber fazer o uso da percepção e da experiência da escrita, transpor e transgredir a linguagem.

Thompson and English radicalism (ed). FIELDHOUSE, Roger and TAYLOR, Richard. Manchester: Manchester University Press, 2013, p.102.

²⁰⁵ WOOLF, Virginia. “Torre Inclinada” In:_____. O valor do riso e outros ensaios: Virginia Woolf. Tradução e organização: Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 438.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 442.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 454.

O interesse de colocar essa reflexão de Woolf aqui é porque, de algum modo, ela parcialmente se aproxima e se distancia de alguns pontos de vista de Thompson acerca da literatura inglesa. Thompson não faz essa delimitação temporal que Woolf fez. T. S. Elliot era negado por ele, mas os poemas de Auden sobre a guerra da Espanha eram elogiados – mesmo que Thompson faça críticas às omissões e supressões de versos do poema “1, setembro de 1939” de Auden nas republicações posteriores depois da guerra perdida da Espanha coincidentemente quando Auden desembarca nos Estados Unidos.

O interesse estético pelos clássicos ingleses que Thompson usava em suas aulas era concebido e lido sob outra perspectiva que não a de Woolf. Verdaderamente é incongruente aqui saber porque Thompson não trouxe *Orlando* para suas aulas ou *Flush* – que, diferentemente daquele, possui até uma reflexão implícita sobre classe social. Nesse sentido, a compreensão da literatura para Thompson nesse período torna-se interessante porque é evidente seu interesse para construção de um terceiro campo de concepção acerca da literatura (não burguesa e não zhadvoviana).

No seu estudo, Spencer tem como finalidade “examinar (...) o longo compromisso de Thompson com a literatura e com o ofício da escrita”²⁰⁸. O autor desenvolve a ideia de *literatura como agência*, discutindo sobretudo a literatura em *The Making...*, afirmando da insistência de Thompson na *literatura como agência*, de forma que “sua firme crença na intenção autoral e a autonomia moral dos escritos imaginativos coloca Thompson diretamente no campo oposto a Barthes e Derrida” assim como aquilo que chama de “o idioma empírico” e do valor da experiência pessoal nos escritos de história o põe contrário a Althusser e Anderson”²⁰⁹. A afirmação é extremamente complexa e mobiliza bastante conhecimento na apreensão de um diálogo entre Barthes-Derrida e Thompson, ao mesmo tempo que é lugar-comum na historiografia thompsoniana reconhecer a oposição dele com Anderson na década de 1960 e Althusser na década seguinte.

Se Spencer dar um lugar central à literatura na vida de Thompson para constituição de *The Making...*, o historiador Marcelo Badaró chegou a escrever um artigo pensando a constituição dos conceitos-chaves em *A formação da classe operária inglesa*, estudando os escritos e as intervenções militantes de Thompson antes de 1963. Para Badaró, a obra foi uma

²⁰⁸ “(...) is to examine (...) Thompson’s career-long commitment to literature and to the craft of writing”. Cf. SPENCER, Luke. The uses of literature: Thompson as writer, reader and critic. In. *E. P. Thompson and English radicalism* (ed). FIELDHOUSE, Roger and TAYLOR, Richard. Manchester: Manchester University Press, 2013, p.96.

²⁰⁹ “(...) his firm belief in authorial intention and the moral autonomy of imaginative writing puts Thompson squarely in the opposite camp to Barthes and Derrida”/‘the empirical idiom’ and of the value of personal experience in historical writing sets him against Althusser and Anderson”. Cf. *Ibidem*, p. 102.

produção possível por conta das intervenções de Thompson “no debate político na virada de década de 1950 para 1960”²¹⁰. Essas intervenções, afinal, trazem implicações sobre a condição da classe operária inglesa no pós-guerra e, simultaneamente, dos estudos (concepções) históricos sobre a classe operária inglesa. Esses estudos batiam de frente, contestando seja a história econômica, seja o marxismo dogmático.

Localizar Thompson antes de *A formação da classe operária inglesa* é feito frequentemente, não muito diferente de como fez Badaró: de historicizar os conceitos-chaves que convergiram na produção da obra e, simultaneamente, de destacar as atividades extramuros (pela Universidade de Leeds) de Thompson como professor de história e de literatura. O que fica patente é que Badaró não está errado em suas conclusões; no entanto, ao mesmo tempo em que é evidente que ele não destaca uma reflexão sobre o lugar da literatura em grande parte das atividades de Thompson na década anterior à publicação de *The Making...*, haja visto que a literatura foi uma instituição na vida de Thompson central para que ele elaborasse os conceitos-chaves que seriam tratados não somente em sua clássica obra, através de Spencer esse destaque é perceptível; de todo modo, como já foi bastante batido nessa pesquisa, basta observar a importância de William Morris para ele, assim como o lugar em que ele colocava escritores como Auden e, principalmente, George Orwell em seus argumentos na década de 1950 no contexto de construção do socialismo humanista.

No artigo “The New Left” (1958) em que Thompson escreve sobre uma geração inteira que fora ‘nutrida’ pelo *1984* ou *Animal Farm*, de George Orwell, autor de “Inside the whale” (1939) – em resposta a Orwell, Thompson escreve “Outside the Whale”, no qual afirma que o “*1984* foi produto não de uma mente, mas de uma cultura”²¹¹. Escreve sobre uma Grande Apatia e sobre a produção de *impotência* que alimentam a temporalidade da Guerra Fria; ele toma as obras de Orwell para constatar um “sentido de impotência, por parte do indivíduo, diante do aparato do Estado”²¹². Não só de Orwell, mas daquilo que Thompson se refere “no culto de Hemingway, na ávida aceitação de *1984*, nas histórias de Hlasko”²¹³. Thompson vai encerrando essa discussão com a escrita do poema “*Homage to Tibor Dery*”, em 1959, e expõe o exemplo de intelectual que admira, além de reforçar a necessidade de um

²¹⁰ MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012, p. 27.

²¹¹ “(...) *1984* was the product not of a mind, but of a culture”. Cf: THOMPSON, Edward Palmer *Outside the Whale*. 1960. Disponível em: www.marxists.org/archive/thompson-ep/1978/outside-whale.htm. Acesso em setembro de 2016.

²¹² “(...) sense of impotence, on the part of the individual, in face of the apparatus of the State”. *Ibidem*.

²¹³ “(...) in the cult of Hemingway, the eager acceptance of *1984*, in the stories of Hlasko” *Id*. Disponível em: www.marxists.org/archive/thompson-ep/1959/newleft.htm. Acesso em setembro de 2016.

socialismo humanista e humanismo socialista, como foi desenvolvido mais acima no capítulo dois.

Assim, permanentemente interessado na literatura para construção de seu pensamento, nos fins da década de 1960, Thompson torna público seus pensamentos sobre as consequências do pós-Revolução Francesa na Inglaterra, focando seu estudo na literatura inglesa dos poetas Wordsworth, Coleridge e outros. Esses pensamentos foram tornados públicos através de inúmeras conferências que deu na década de 1960 que se tornou a obra *Os Românticos*. Compilados após seu falecimento pela historiadora e sua esposa Dorothy Thompson, os artigos foram publicados na obra intitulada *Os Românticos* na qual, através da literatura, ele refletia a história. O fascínio por estudar como os poetas ingleses viam os elementos da cultura popular a partir da recepção das ideias revolucionárias da França dá a dimensão da importância que ele pensava no que diz respeito à atividade do intelectual e sua consequente responsabilidade acerca das reflexões e ações sobre os problemas sociais.

É a literatura que é trazida para o centro do debate social, seja como via e esforço para teorização, mas também da literatura enquanto uma atividade real e sensível, presente na sociedade. As experiências dos poetas ingleses, portanto, são pontos de reflexões para entender as questões sociais. Dorothy, ao prefaciar o livro em 1997, escreve que “Edward percebia uma grande variedade de formas de expressão literária, não como ilustrativa dos movimentos que estava estudando, mas como parte essencial destes”²¹⁴. Em “Educação e Experiência”, direcionando-se ao poeta Auden, que já não expressava tanta confiança (no futuro) como fizera anteriormente em 1939, Thompson afirma²¹⁵: “os poetas têm sido capazes de passar de declarações solenes irrefletidas a um repúdio ainda mais irrefletido da política e do mundo”. Fazendo o contraste com Auden, dentre os poetas contemporâneos, Thompson evoca o “compromisso metódico às esperanças e objetivos radicais” do poeta norte-americano Thomas McGrath²¹⁶.

Thompson escreve uma “Homage to Thomas McGrath” (publicado em seu *The Heavy Dancers*, 1985). O longo artigo é permeado por consideráveis citações de poemas de McGrath – o que é positivo. A característica central do texto é desenvolver e afirmar a capacidade de potência da poesia. Analisando o poema *Against the False Magician*, Thompson trata da forma e do estilo poéticos de McGrath até uma análise mais centrada no seu interesse:

²¹⁴ THOMPSON, E. P. *Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Trad. Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 07.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 98.

²¹⁶ SPENCER, *op.cit.* p. 105.

no verso final McGrath afirma a propriedade mágica verdadeira da poesia (...), movendo através de uma imagem patética de lugar-comum a uma constante e apaixonada síntese na qual a realidade da força espiritual humana é afirmada²¹⁷

A forma que Thompson escreve sobre o poeta norte-americano parece sintetizar o que a literatura foi para ele durante sua vida. A literatura tinha uma função além do embelezamento do mundo para o leitor – às vezes não se trata de coisas belas – mas não é errado afirmar que se tornava uma literatura atraente para ele quando tinha um teor de afirmação valorativa, no sentido de fazer ou contribuir para o ser humano se abrir para si mesmo e para o mundo nos aspectos da percepção e ação sociais. A imagem do escritor só faz sentido (dentro do que Thompson defendia como valores sociais) se em sua poética houve mobilização de potencialidades, a poesia precisa dizer, claro, mas ela precisa mais que dizer, ela precisa potencializar.

Por isso, Spencer é tão feliz quando afirma que Thompson concebeu a *literatura como agência* e, sob essa concepção, durante os anos 1960, já longe das salas de aulas para adulto, Thompson trabalha e estuda vários poetas ingleses. Deste modo, podem ser considerados um desenvolvimento da querela da década anterior, explicitada, sobretudo em “Outside the Whale”. Em *As Peculiaridades dos Ingleses*, Thompson insere a tradição literária inglesa para construir seu argumento: “uma invocação do drama elisabethano ou Andrey Marvell, e noutra lugar uma longa citação para ilustrar a comédia de maneiras criadas pela conjuntura de fontes de energia e estatus na Inglaterra do século dezoito”²¹⁸.

Quando era professor de literatura, Thompson não só trabalhava com textos literários especificamente. Há o livro de Christopher Caudwell, *Illusion and Reality*. Junto com o *The Novel and the People*, de Ralph Fox, esses eram os dois livros que Thompson usava para tratar sobre a “batalha de ideias” através da literatura no período do pós-guerra, segundo Andy Croft. Inclusive, Thompson não costumava usar muitos escritos contemporâneos em suas aulas, no máximo Sholokov, Gorki, Malraux, O’Casey, Silone, Steinbeck, Dos Passos. Décadas depois ele escreveu um texto especificamente sobre Christopher Caudwell, no qual é presente a discussão acerca da literatura, da arte, da cultura. E é através desse texto que fica

²¹⁷ “In the final verse McGrath affirms the true magical properties of poetry (...), moving through a commonplace pathetic image to the sustained and impassioned synthesis in which the reality of human spiritual forces is affirmed (...)” E.P. THOMPSON. Homage to McGrath. In _____ *The heavy dancers*. London: Merli Press, 1985

²¹⁸ “there a invocatio of Elisabeth drama ot Adrew Marvel, and wlsewhere a enghty quote from Smollett’s *Humphey Clinker* to ilustate the comedy of manners creaty by the conjuncture of differet sources of wealthy and status in eighteenth-century Britain”. SPENCER, *op.cit.* p. 106.

mais compreensível o ponto de vista de Thompson sobre a literatura, a partir de sua explícita consideração e respeito às proposições e ideias de Caudwell.

Para Thompson, o autor de *Illusion and Reality* renunciou o marxismo que seria desenvolvido e estabelecido na década de 1960. Ademais de entrar demais nas prolongadas discussões sobre o debate cultural a obra de Caudwell, é importante salientar que Thompson viu em Caudwell a função da literatura, assim como a forma como ele desenvolvia seus argumentos sobre a cultura e relacionava com o estético:

O pensamento de Caudwell (...) era sobre muitas coisas. Ele era ‘brilhante’ e ‘versátil’. Eloquentemente se movia entre os problemas de física, filosofia, crítica literária, antropologia, neurologia, psico-análise e mais. Ele disse, talvez, nada definitivamente sobre alguma dessas coisas. Mas nós temos – como o Professor J. B. S. Haldane notou (...) – “uma jazida de ideias”²¹⁹.

O que chama atenção, portanto, era a particular forma de Caudwell pensar a relação entre a *arte* e o marxismo como uma possibilidade de concepção do mundo. A ideia da poesia como produção irracional, como concepção reacionária deveria ser afastada do pensamento marxista. De todo modo, a inauguração de uma forma de estudar a estética e a cultura, sob um veio marxista, chama atenção dos estudiosos, de modo que a admiração de Thompson sobre ele permaneceu vívida durante toda sua vida, como afirma em seu artigo escrito em 1977.

A preocupação de defender a agência humana na história diante da constelação althusseriana, é tratada através de argumentos da história e da concepção de literatura a partir de uma ênfase na importância histórica da imaginação literária. Em *A miséria da teoria*, Thompson traz a literatura para seu argumento. Inclusive em alguns de seus artigos, “Socialismo e Humanismo”, assim como em “Open Letter to Leszek Kolakowski”, entre outros, ele faz o mesmo. Em *A miséria da teoria*, numa reflexão teórica sobre a ideologia e experiência, ele traz um considerável trecho do poema de William Goldwin para reforçar seu argumento de que o marxismo ortodoxo expulsou do sentimento dos homens e das mulheres as esperanças. Essa postura característica de Thompson de inserir (não como um bibelô para florear ou ilustrar) a literatura no texto, diz sobre sua concepção sobre a mesma. Quando o argumento racional parece chegar ao máximo, ele recorre à poesia, à literatura, como uma solução para assentar sua ideia defendida. Ou quando, ainda em *A miséria da teoria*, em uma

²¹⁹ “Caudwell’s thought (...) was about a great many things. He was ‘brilliant’ and ‘versatile’. He moved eloquently among problems of physics, philosophy, literary criticism, anthropology, neurology, psycho-analysis, and so on. He said, perhaps, nothing definitive about any of these. But we have – as Professor J. B. S. Haldane noted (...) – ‘a quarry of ideas’. THOMPSON, E. P. Christopher Caudwell. In: _____. *Making history: writings on history and culture*. New York: New Press, 1994, p. 79.

discussão sobre a moral e os valores (algo que ele fez em 1950), recorre novamente aos poetas e à poesia para construir seu pensamento.

Em “Commitment in Poetry” também fica evidente o grande valor que ele atribuía à poesia. Nesse artigo Thompson relaciona a poesia e os poetas como instituições necessárias à política: “Poetas não podem estar compromissados a nenhuma política atual porque essas estão desprovidas de qualquer valor desprovido ou palpável suficiente para suportar o peso do compromisso poético”²²⁰. Seu argumento para explicar a crise da poesia na Inglaterra retorna aos anos 1950 quando tratou de pensar através da literatura (no artigo “Outside the Whale”) o desencantamento com o comunismo assim como a inércia apática promovida pela Guerra Fria.

A constante afirmação aos valores estritamente econômicos relegou a construção de uma sociedade no qual a poesia e o poeta possuem lugar de destaque na promoção de valores morais outros. A defesa pela poesia, portanto, perpassa o artigo inteiro. É certo que os eventos e as questões de Thompson nos anos seguintes não produziram artigos ou textos nos quais ele estabelece e reafirma suas convicções sobre o lugar e a significância da arte, mas sobretudo da literatura, na sociedade. Em seu poema *My Study*, quando fala sobre ser poeta. Ele sente o mundo através de si mesmo e transfere o mundo e a sua visão de mundo através da poesia, mesmo que ele reconheça que essa já não é considerada uma arma; sua poesia “não derruba nenhum interdito blindado”. Já considera o ofício de poeta “emotivo e marginal”.

Ele escrevia, por outro lado, um romance chamado *The Sykaos Papers* que, através da imaginação crítica literária, aborda como pano de fundo suas inquietações sobre o mundo, sobre o ser humano, sobre o futuro, sobre as políticas de aniquilamento global via aflição nuclear. No artigo de João Ernani Furtado F., “Fragmentos da literatura de Edward P. Thompson: a prosa de *The Sykaos Papers* e os versos de *My Study*” cujo interesse geral é “a análise a partir dos escritos de Thompson da prática literária mesma, e das fronteiras e intersecções entre essa prática e a ‘lógica história’”²²¹, o autor destrincha o livro de ficção científica de Thompson *The Sykaos Papers* com seus cenários e personagens a partir das expedições do poeta Oi Paz ao Sistema de Strim. É Thompson, escritor de ficção científica, sob as circunstâncias de sua forte militância pelo desarmamento nuclear durante os anos de 1980. A trajetória do poeta Oi Paz em missão ao Planeta Sykaos... é desenvolvida a partir da

²²⁰“Poets can’t be committed to any actual politics because these are devoid of any value stubborn or palpable enough to bear the weight of poetic commitment”. THOMPSON, E. .P. Commitment in Poetry. In: _____. *Making history: writings on history and culture*. New York: New Press, 1994, p. 333.

²²¹ FURTADO FILHO, J. E. Fragmentos da literatura de Edward P. Thompson: a prosa de *The Sykaos Papers* e os versos de ‘*My Study*’. *História da Historiografia*, v. 18, p. 110-126, 201, p.110.

experiência de Thompson e sua noção de história. “O p(r)o(f)eta de Oitar havia vaticinado que os mortais se exterminariam em uma guerra nuclear. Oi, Sage e Adão testemunharam o Armageddon através do sistema de satélites, que havia transmitido algumas resoluções com atraso crucial”²²².

J. Ernani também desenvolve qual a ideia de Thompson para “caracterização da arte...”; na ficção, Thompson dizia que “tivessem os Sykanos escolhido certos poetas como Tupper para seus legisladores, quão diferente sua breve existência poderia ter sido”²²³. A poesia, os poetas, aproximados às ciências humanas e sociais, à política, advogaria uma sensibilidade tal, ou, como Thompson intuía, um “comprometimento em poesia” de tal modo que, segundo o autor, Thompson “radica a defesa da poesia como pavimentadora da cultura intelectual, nas circunstâncias em que muitos termos haviam perdido a estabilidade de seus significados e nas quais o senso de realidade política estaria ameaçado pela retórica e por terríveis abstrações”²²⁴. Dentro de uma discussão acerca da prática historiográfica, Furtado Filho²²⁵ afirma que, para Thompson, “a função da poesia não seria a de embelezar o lugar, mas a de perguntar para onde a sociedade estaria indo”.

²²² *Ibidem*, p. 112.

²²³ *Ibidem*, p. 118.

²²⁴ *Ibidem*, p. 119.

²²⁵ FURTADO FILHO, 2016, p.123.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao girar seu objetivo na poesia de Thompson através do estudo de seus escritos coletados por Fred Inglis em *Collected Poems*, este trabalho conclui que algumas construções teóricas que são lugares-comuns na historiografia de Thompson foram iniciadas em seus poemas, num movimento completamente orgânico. Não foi interesse revelar alguma dimensão obscurecida na vida e no trabalho de Thompson através de seus poemas. Conclui-se satisfatoriamente essa pesquisa ao perceber que ele foi convicto em suas ideias (o que é diferente de dizer que ele nunca mudou de ideia) e de valores por toda sua vida. Pode-se até afirmar que o grande apreço que tinha pela literatura foi força mobilizadora para essa convicção permanecer imutável. Thompson sempre gostou de literatura. Thompson constantemente defendeu a literatura – o que, de modo geral, era uma defesa da arte. Para ele, ela não era necessária para o trabalho do historiador, mas incontornável para formação humana na construção de um imaginário ativo.

John Goode ao discutir o sentido e a significância (relevo, importância, destaque) da literatura em algumas obras de pesquisa histórica de Thompson e que, segundo ele, “pode somente ser elaborado numa dupla agência não-funcional do escritor”²²⁶, é bastante interessante porque ele argumenta que há “diferença entre o sentido de Thompson para a literatura e o sentido da literatura para Thompson”²²⁷. Talvez o que seja incompatível é a concepção de incompatibilidade que Goode atribui quando afirma que ‘o sentido da literatura para Thompson’ é incompatível com ‘o significado de Thompson para literatura’. Quando escreve, Goode não possui conhecimento de todos os poemas de Thompson, a maioria dos poemas do *Collected Poems* não tinha sido publicada; por outro lado, em 1990, Goode facilmente encontraria o livro de ficção-científica *The Sykaos Papers* (1988). Porém, não é possível considerar o argumento final da incompatibilidade porque a trajetória de Thompson não dá a possibilidade de inserí-lo nessa relação. Que Thompson entendia a literatura e que ela foi importante para sua trajetória é incontornável. Não se trata de incompatibilidade de Thompson para literatura ou não, mas suspeita-se que os estudos literários poderiam ganhar uma reflexão rica se comesçassem a observar a forma como Thompson tratou a literatura durante sua vida.

²²⁶ “(...) can only be elaborated in the non-functional double agency of the writer”. Cf: GOODE, John. E. P. Thompson and ‘the Significance of Literature’. In. KAYE, Harvey J. and MCCLELLAND (Ed), *E. P. Thompson Critical Perspectives*. Keith. Cambridge: Polity Press, 1990, p.187.

²²⁷ “(...) difference between the significance of Thompson to literature and the significance of literature to Thompson”. Cf. *Ibidem*, p. 189.

Chama atenção que Thompson não deu tanta atenção aos seus poemas durante sua vida, mesmo que sua ocupação no fim da vida foi poética – William Blake e Tagore. Não é possível afirmar o porquê ele não trabalhou seus poemas como um todo – ele publicaria *Powers and Names*, e *Infant and Emperor* foi distribuído entre poucos.

No primeiro capítulo tratou-se de pensar o processo de amadurecimento intelectual de Thompson. Quando ele escreve seus poemas durante a guerra, com forte apelo à ação e a mobilização contínua à luta, é perceptível a preocupação acerca da agência humana na história. (Pre)ocupação essa que foi construída e possibilitada pelo seu contexto familiar e intelectual. Já *The Place Called Choice* pode ser considerado um poema de transição no seu amadurecimento intelectual, visto que nele se encontra uma constelação de questões centrais que Thompson desenvolveria na década de 1950. William Morris deu um grande estalo e direcionou a maioria dessas suas querelas. No poema *Homage to Tibor Dery*, ele reúne sinteticamente sua percepção do lugar e do compromisso dos intelectuais diante do mundo. Por outro lado, em *Homage to Salvador Allender* e *My Study*, Thompson congrega suas reflexões sobre seu lugar no mundo, seu trabalho e sua poesia. Em *My Study*, tem uma visão da poesia diferente da que teria em “Commitment in Poetry” – a constatação da inutilidade da poesia para lógica da sociedade contemporânea capitalista é substituída por uma análise de como a poesia e os poetas são importantes na sociedade e como essa só perde ao relegá-los a escanteio. Traços de sua formação estão impregnados em sua poesia. Como não organizou livros de poesia e não os publicou continuamente, possivelmente Thompson escrevesse poesia para falar e expressar aquilo que não conseguiria colocar num texto analítico e em prosa. Essa condição criou um aparente entrave na pesquisa que é a organização do trabalho. Se os poemas falam de tanta coisa, sugerem tantas questões, durante toda sua vida, organizá-los revelou-se não mais um entrave, mas um incentivo. É justamente por esse carácter desordenado que se fez necessário e deu a abertura para a escrita de uma dissertação mais livre no sentido de deixar os poemas levarem e guiarem a escrita de suas análises, mesmo que no final as conclusões sobre uma poesia ou um conjunto de poemas se mostrassem organicamente atrelada ao pensamento de Thompson naquele momento. *Infant and Emperor*, além de possibilitar pensar a religião, é uma profunda crítica ao pensamento bélico e gélido da Guerra Fria e seus armamentos nucleares. Nesse sentido, a pesquisa se acrescenta por trazer Thompson poeta para historiografia, como ele escrevia poesia, o que ele escrevia e como ele pensava a poesia. Ademais de publicizar seus poemas traduzidos em conjunto para o Brasil,

ela, por fim, traz a figura extremamente necessária de Edward Palmer Thompson para o mundo e sua terrível realidade.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. **O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2011.

AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo: a experiência chilena**. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

BERLIN, Isaiah. **O sentido de realidade: estudo das ideias e de sua história**. Organizador por Henry Hardy, tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOER, Roland. Apocalyptic and Apocalypticism in the Poetry of E. P. Thompson. **Spaces of Utopia: An Electronic Journal**, nº 7, 2009, p. 34-53. Disponível em ler.letras.up.pt. Acesso em agosto de 2016.

CERUTI, Mauro. “O materialismo dialético e a ciência dos anos 30”. In. SOCHOR, Lubomír *et al.* HOBSBAWM, Eric (Org.). **O Marxismo na época da Terceira Internacional: problemas de cultura e da ideologia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CHAGAS, Eduardo Ferreira . A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. **TRANS/FORM/AÇÃO** (Unesp. Marília. Impresso) , v. 40, 2017.

DASSÚ, Marta. “Frente única e frente popular: O VII Congresso da Internacional Comunista”. In: JOHNSTONE, Monty *et al.* HOBSBAWM, Eric (Org.). **O Marxismo na época da Terceira Internacional: da internacional comunista de 1919 às frentes populares**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo, Perspectiva, 1970.

FERREIRA, Eduardo. A tradução e o tempo. **Rascunho**. Curitiba, junho de 2017a.

_____. Passeio em Budapeste, **Rascunho**. Curitiba, agosto de 2017b.

FURTADO FILHO, J. E. Fragmentos da literatura de Edward P. Thompson: a prosa de The Sykaos Papers e os versos de ‘My Study’.. **História da Historiografia**, v. 18, p. 110-126, 2015.

_____. **No Calor da Guerra Fria: E. P. Thompson e a luta antinuclear**, Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017

FROMM, Eric. **O medo à liberdade**. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

GOODE, John. E. P. Thompson and ‘the Significance of Literature’. In. **E. P. Thompson Critical Perspectives**. (ed) KAYE, Harvey J. and MCCLELLAND, Keith. Cambridge: Polity Press, 1990, p.183-203.

GONZALÉN, Alejandro E. **Clio ante el espejo: un socioanálisis de E. P. Thompson**. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2011.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Depois de 1945: latência como origem do presente**. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo, Editora da Unesp, 2014.

_____. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo, Editora da Unesp, 2015.

HILL, Christopher. Christopher Hill por Christopher Hill. **Varia Historia** (UFMG). Vol. 11, n. 14, september 1995.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

_____. **Tempos Interessantes: Uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. “Os intelectuais e o antifascismo”. SOCHOR, Lubomír *et al.* **O Marxismo na época da Terceira Internacional: problemas de cultura e da ideologia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOUAISS, Antônia e AVERY, Catherine B. (Eds.) **The New Barsa Dictionary of the English and Portuguese Languages**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1970 [1964].

KIRK, Russel. **A era de T.S Elliot: a imaginação moral do século XX**. São Paulo: É Realizações, 2011.

KEYNES, Geoffey; (ed). **Blake Complete Writings with variant readings**. Oxford University Press, 1976.

LUXEMBUGO, Rosa. **O Socialismo e as Igrejas: o Comunismo dos Primeiros Cristãos**. Rio de Janeiro: Achiáme, 1980.

MATTOS, Marcelo Badaró . **E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. 1. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012. v. 1.

_____. **E. P. Thompson no Brasil**. Outubro (São Paulo) , v. 14, p. 81-110, 2006.

MERRILL, Michel. Uma entrevista com E. P. Thompson (1976). Trad. MORAIS, Sergio Paulo e ROCHA, Rafael Correia. **História e Perspectivas**, Uberlândia (1): 417-445, jan./jun. 2014.

MORRIS, William (Ed). **The American Heritage Dictionary of the English Language**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1981 [1969].

NUTTALL, Jeff. **Las culturas de posguerra**. Barcelona, Ediciones Martinez Roca S.A., 1974.

PALMER, Bryan D. **E. P. Thompson: Objeções e Oposições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

RAINE, Kathleen. **William Blake: (156 plates 28 in colour)**. London, Thames and Hudson, 1974/1970.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Trad.e prefácio Patrícia Lavelle. BH: Editora UFMG, 2011.

SANZ, Julián; BABIANO, José; ERICE, Francisco (Ed.). **E. P.Thompson: Marxismo e História Social**. Madri:Siglo XXI de España Editores, S.A., 2016.

SPRIANO, Paolo. “O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1938-1947”. In: BADALONI *et. al.*, **História do Marxismo: o marxismo na época da Terceira Internacional**: de Gramsci à crise do stalinismo.Tradução Carlos N. Coutinho e Luiz Sergio Henriques Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. 10.

SCHAFF, Adam. **Marxismo e o indivíduo**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1967.

HAMILTON, Scott. **The crisis of theory**. Manchester University Press, 2011.

SPENCER, Luke. The uses of literature: Thompson as writer, reader and critic. In. **E. P Thompson and English radicalism** (ed). FIELDHOUSE, Roger and TAYLOR, Richard. Manchester: Manchester University Press, 2013, p. 96-117.

TAYLOR, Richard. Thompon and the Peace movement: from CND in the19650s and 1960 to END in the 1980s. In. **E. P Thompson and English radicalism** (Ed.). FIELDHOUSE, Roger and TAYLOR, Richard. Manchester: Manchester University Press, p. 181-201.

THOMPSON, Dorothy. **Outsiders. Class, Gendera and Nation**. London: Verso, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

_____. **A produção social da escrita**. Trad. André Glaser. São Paulo, Editora da Unesp, 2014.

_____. **Recursos da esperança**. Trad. Nair Fonseca, João Alexandre Peschansk. São Paulo, Editora da Unesp, 2015.

_____. **Cultura e materialismo**. Trad. Andre Glaser. São Paulo, Editora da Unesp, 2011.
The Penguin Book of Contemporary British Poetry. Edited by Blake Morrison and Andre Montion.1982

FONTES

POEMAS

INGLINS, Fred (Ed). *E. P. Thompson: collected poems*. Newcastle: Bloondaxe Books, 1999, p. 20.

TEXTOS DE E. P. THOMPSON

THOMPSON. E. P. Poetry's not so easy, **Our time**, Junho, 1947.

_____. Comments on a People's Culture, **Our time**, Outubro, 1947.

_____. Omladinska Pruga" In. **The Railway** (ed. E. P. Thompson), 1948.

_____. A new poet, **Our time**, Junho, 1949.

_____. On the liberation of Seoul, **Arena**, 2 (7), 1951.

_____. **William Morris and The Moral Issues Today**. Marxism Internacional Arquivo. Artigo disponível em: Agência and Choice. Marxism International Arquivo. 1951. Disponível em www.marxists.org/archive/thompson-ep/1958/agency1.htm#n1. Publicado em: *Arena* 2 (8), 1951.

_____. **William Morris: de romântico a revolucionário**. Valencia : Institució Valenciana d'Estudis i Investigació, [1956] 1988.

_____. God & King & Law. **The New Reasoner**, No.3, Winter 1957-58, pp.69-86. Disponível em marxists.org/archive/thompson-ep/1957/peterloo.htm. Acesso em setembro 2016.

_____. **Agency and Choice**. Marxism International Arquivo. 1958. Disponível em www.marxists.org/archive/thompson-ep/1958/agency1.htm#n1. Publicado em *The new reasoner*, n 5, 1958.

_____. NATO, Neutralism and Survival. *Universities & Left Review*, No.4, Summer 1958, pp.49-51.. Disponível em marxists.org/archive/thompson-ep/1958/nato.htm. Acesso em setembro 2016.

_____. A Pessay in Ephology. **The New Reasoner**, No.10, Autumn 1959, pp.1-8. Disponível em marxists.org/archive/thompson-ep/1959/psessay.htm. Acesso em setembro 2016.

_____. **Outside the Whale**. 1960. Disponível em: www.marxists.org/archive/thompson-ep/1978/outside-whale.htm. Publicado na coletânea *Out of apathy*, 1960.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Opción Cero.** Barcelona: Editorial Crítica, [1982] 1983.

:_____ **The heavy dancers.** London: Merli Preess, 1985.

_____. **A formação da classe operária inglesa.** *Rio de Janeiro:* Paz e Terra, 1987 (3 Vol.).

_____. **Nuestras libertades y nuestras vidas** Barcelona: Editorial Crítica, 1987.

_____. **La guerra de las galáxias.** Barcelona: Editorial Crítica. 1986.

_____. **Witness against the beast: William Blake and the moral law.** New York: The New Press, 1993.

_____. **Making history: writings on history and culture.** New York: New Press, 1994.

_____. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **E P Thompson and the making of new left: essays & polemics.** Edited by Cal Winslow. New York: Monthly Review Press, 2014.

_____. **As peculiaridades dos Ingleses e outros textos.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. **Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária.** Trad. Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1997] 2002.

_____. **Thompson: panfletário antifascista.** Tradução de João Ernani Furtado Filho. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2019.

OUTRAS FONTES:

THOMPSON, Edward. Palmer; TEODOSIA Jessup. **There is a spirit in Europe... A memoir of Frank Thompson.** Victor Gollancz, London: 1947.

THOMPSON, Edward. (Carta) 21 de janeiro de 1948. Ross-Shire. Para Fred. Sobre a construção da estrada Samac-Saravejo e outros assuntos afetivos entre amigos. Acesso em julho de 2019. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/thompson-ep/letter.pdf>.

ANEXO

For a Friend of Childhood, Killed in the Air (1941)

You fell in a wild ladder of panic from the sky, and were dead.
And now you descend carelessly a ladder of years in my head,
and weary with the gravity of Time you fall beyond our reach;
your young yesterday falls away, drowned like a sailor in the blue
coral waters of the past, and we may only watch like a few
survivors in the wreck of the sea. There is nothing that speech
can do that will move you.

Like any eye of live you focused all near suns onto the stage
of your own consciousness; the lens fell with your flesh, the cage
of lights was void, only a prologue played. And we will never learn
what leap and shout of sun, what shadows then were lost; this secret
fell with you. All I remember is your irrelevant and sacred
youth, the carol of your life, chorus of limbs. But now out lawns,
our lilac-land, mock at me, say they were only an ending.

O, you might have made a neat and brilliant tapestry of your luck
life, but that your luck was built upon the curse of lackeys
and the vast commotions of wealth. With your neat hands you might
have built pavilions in a brilliant land of sun, had it been magic
waved you your fortune, not a whip of gold. But there was only logic
when your sun blinked once, invisible and excessively bright,
and went out.

For your childhood had plotted your death. You were born in a coal
of values not of your making; and above your web of sun the foul
and rotted pattern that had nourished a few thousand families
hooded your futile history. And while you ran along the rails
planted in gilt-edged lines before you, the future was on your trail
like a long lighted fuse under your singing life, and finally

it flushed the plot in flames, finished the pity of it all.
You are the first to leave the garden where we grew, and pass the
sentry
into the huge hangars of death. You will never leave that country.
We may only run a pencil of sorrow through your damaged story.
Your guilt was the inheritance of luck. But time is short today
for poetry or parting. Your luck must be for all, or roundelays
like yours repeat, ending the tune in skulls. And I am only sorry
you will not see new teeth sprout in these gaping jaws.

Para um Amigo de Infância, Morto no Ar (1941)

Do céu, você caiu em pânico por uma escada descontrolada, e morreu.
E agora você descuidadamente descende pela escada dos anos em minha cabeça,
e exausto com a gravidade do Tempo você despenca além de nosso alcance;
seu juvenil ontem desapareceu, afogado como um marinheiro no azul
coral das águas do passado, e nós apenas podemos observar como alguns
sobreviventes no naufrágio do mar. Não há nada que o pronunciamento
possa fazer para lhe mover.

Como qualquer olhar de vida você focalizou todos os sóis próximos à estação
de sua própria consciência; caíram as lentes com seu corpo, a gaiola
de luzes estava vazia, apenas um preâmbulo jogado. E nunca aprenderíamos
o que salta e o grito do sol, e que as sombras então estavam perdidas; esse segredo
desabou junto a ti. Tudo o que me lembro é tua irrelevante e sagrada
mocidade, o cântico de Natal de tua vida, coro dos membros. Mas, agora, nossas relvas,
nossa terra das violetas arremedando-me, dizem que foram apenas um término.

O, você pode ter feito uma límpida e brilhante trama de sua afortunada
vida, mas que sua sorte foi construída sobre a maldição dos lacaios
e os amplos abalos da riqueza. Com suas engenhosas mãos você pode
ter construído pavilhões numa brilhante terra solar, tivesse sido mágica
agitaria sua fortuna, não um açoite dourado. No mais, só houve lógica

quando teu sol por uma vez reluziu, invisível e excessivamente brilhante,
e foi-se.

Tua morte fora delineada por tua infância. Nascera numa placenta
de valores não fabricados por você; e sobre sua membrana solar o pestilento
e estragado feitio que sustentou algumas centenas de famílias
cobriu sua fútil história. E enquanto corre ao largo dos trilhos
implantados em linhas douradas antes de você, o futuro estava em seu rastro,
como um longo rastilho iluminado sob sua vida cantarolada, e finalmente
arderá em chamas a conspiração, encerrada a lástima disto tudo.

Você foi o primeiro que partiu do jardim de onde crescemos, e passou a
sentinela
até os avultados galpões da morte. Nunca tu deixaria este país.
Apenas poderíamos fazer fluir um lápis de tristeza por tua deteriorada história.
Tua culpa foi a herança da sorte. Mas hoje o tempo é curto
para poesia ou morte. Tua sorte deve ser para todos, ou danças de rodas
como suas repetições, nos crânios a melodia finda. E eu estou arrependido somente
nessas mandíbulas escancaradas tu nunca verás novos dentes a brotar.

New Fashions (1945)

Rejoice! For, while designing men
Followed their fashions, fought and found
Them under grass or underground,
Still lived La Mode Parisienne.

And with the flag of freedom furled,
O, still the long-established firms
Designed the panties, zips and perms
To re-invade the women's world.

Modom must suit this style of hair –

‘La Libération du Caen’;
This hat, à petites gouttes de sang,
The ‘Mort à Pucneau’ brassière.

Modom would be très chic, très sage
To grace this robe – ‘Gloire de Maquis’.
For lipstick – ‘Ennemis Vincus’.
For scent – ‘Soupçon de Sabotage’

Modom should view our lines in veils
Inspired in mourning for Laval;
Our corset – ‘Candeur de De Gaulle’;
Out bath-salts – ‘Odours of Marseilles’;

And these creations, tant risquées,
Recall Grenoble and Houte Savoie.
This rouge is named ‘Thorez et Toi’.
For nails, the tint ‘Carnage au Pays’.

Modom’s advised to throw off black
And dance with jackboot modes in shoes
And jitter to the Pétain blues
The Flanders poppies are come back

So wear a grave-cloth as a cape
And dance with pennies in your eyes.
O, what a wealth a war supplies, -
New tastes in riding-whips and rape,

And Modom must lay bare her charms
Since Freedom is not shy or vague.
The Winged Victory’s the vogue, -
Modom *must* chop off her arms!

Novas modas (1945)

Alegre-se! Pois, enquanto homens designados
Seguem suas modas, lutando e encontrando-as
Sobre relva ou subterrâneo
Ainda vive La Mode Parisienne.

Com a bandeira da liberdade dobrada
O, as firmas tradicionais ainda
Concebem as ceroulas, zips e permanece
A re-invadir o mundo das mulheres

Modom precisa combinar esse estilo de cabelo –
‘La Libération du Caen’;
Esse chapéu, à petites gouttes de sang.
O ‘Mort à Pucneau’ brassière.

Modom será très chic, très sage
Pela graciosidade desse manto – ‘Gloire de Maquis’
Pelo batom – ‘Ennemis Vincus’.
Pelo perfume – ‘Soupçon de Sabotage’

Modom deveria ver as linhas de nossas veias
Inspiradas pelo lamento de Laval;
Nosso espartilho – ‘Candeur de De Gaulle’;
Nosso banho-de-sais – ‘Odour of Marseilles’;

E essas criações, tant risquées,
Recordam Grenoble e Houte Savoie.
Esse ‘rouge’ é chamado de ‘Thorez et Toi’.
Para unhas, a tinta ‘Carnage au Pays’

Modom está ciente para libertar-se

E dançar com botas, sapatos da moda
E vibrar com o blues Pétain
As papoulas Flanders estão de volta

Use um longo pano como uma capa
E dance com tostões em seus olhos.
O, qual riqueza uma guerra fornece
Novos preferências nos chicotes de cavalaria e estupro,
E Modom precisa revelar seus charmes
Pois Liberdade não é tímida ou indefinida.
A Winged Victory está na moda, -
Modom tem de cortar seus membros!

Three Love Poems (1946)

I.
There are more men among our night,
Admirers, trespassing, who share
Your favours, loosening your dress.
Your my astoniched fingers press
Your begging breasts or tell your hair
I am outnumbered. The White

Thronged cemiteries of Europe stare,
Their thikset eyes on us. So
Will they lie anonyous while we
Shape our identity together. So
They must ever rest. So let them be

Kepeeping straight discipline until
Time overturns. We have no choice
But to be fortunate tonight.

Andy et they interperse the moment still,

Jostling your body, speechless in my voice.
I am afraid to suffer this delight
Which once na army waiting first light
Saw, evanescente in the morning's veil, -
Freshwater English chalice, chosen grail.

II.

Your nakedness, my just reward
For hoarding what my comrades lack,
Blood in my body. Coward
One time perhaps, or merely fuck

Ducking my head. Behind your eyes,
Its girders jettioning flame,
Incediary London lies.
Murder, scrawling across the same gun
Some German heart in Italy

My heart wich should have pitied her.
Nor cal I estimate my gain,
Surrender to your totally,
Its is sufficient to be here

Alive, delighting I am animal
And you are animal, with ale-brown hair,
Plunder on your White shoulders, prodigal,
Slendidly loosed, all plenty settled there.
Learning theses spendthrift lessons, claim release
Long overdue. This school should teach us peace....

III.

Or amistice, some time to heal,

Each reaching in our human space
The five dimensions of our love.
We'll cootespin a richer whole
Threading my anger with your grace
We have no other way to live

While history treads down the stairs,
Jutting long shadows on our plain.
They are insensate as the stars.
Their dreaming ins in what we do
Our action is the only gain.
My love, as I lie down with you
Wheatlands converse in the Ukraine
And some Sicilian vineyard stirs

Andy ou, my love, are girlfriend comrade lass
Within na army's arms, obeying this
Intemperate imperative to kiss,
Reaping that plenty in. Though we are thus
Sad harvesters, our harvest's vast. Not less
But fiercer loving must reveal their loss.

Três poemas amoroso (1946)

I.
Há mais homens entre nossa noite,
Admirados, invadindo, que partilham
Seus obséquios, desfivelando seu vestido.
Com meus dedos atônitos pressionam
Seus seios aclamados ou perceber seu cabelo
E estou excedido. Os enevoados

Cemitérios da Europa, apinhados, fitam,
Seus olhares cerrados sobre nós. Então
Repousaram anônimos enquanto nós,
Juntos, figuramos nossa identidade. Assim
Eternamente devem repousar. Então que sejam

Mantidos em coerente disciplina até
O tempo subverter. Não temos escolha
Mas estaremos satisfeitos hoje à noite.

E já entremeiam suave momento,
Empurrando seu corpo, silenciado em minha voz.
Estou temeroso em sentir esse deleite
Qual uma vez um exército aguardando o primeiro lume da aurora
Nas serras (Visto), evanescente no véu da manhã, -
Cálice inglês de água doce, desejado graal.

II.

Sua nudez, minha justa recompensa
Pela “hoarding” que meus camaradas carecem,
Sangue em meu corpo. Covarde
Uma vez talvez, ou apenas acaso

Mergulhando minha cabeça. Por trás de seus olhos,
Suas vigas põem à parte as chamas,
A Londres incendiária repousa.
Assassínio, rabiscando sobre meu nome
Endossado, dispara com a mesma arma
Algum coração alemão na Itália.

Meu coração que deveria ter misericórdia dela.
Nem posso estimar meu proveito,

Renúncia totalmente para você.

É o suficiente para se estar aqui

Vivo, encantando eu sou um animal
E você é animal, com cabelos dourado- cerveja
Roubo sobre seus ombros magros, pródigo,
Esplendidamente aliviado, tudo aí muito ajustado.
Aprendendo estas lições pendularias, apelo liberto
Há muito. Essa escola deveria nos ensinar paz...

III.

Ou armistício, algum momento para cicatrizar,
Cada atingindo em nosso espaço humano
As cinco dimensões de nosso amor.
“We’ll couterspin” um enriquecimento total
Enroscando minha fúria com sua graça.
Não temos outro modo de viver

Enquanto a história pisa os degraus,
Sobressaindo vastas sombras em nosso plano.
Eles são insensatos como as estrelas.
Seus sonhos estão no que fazemos.
Nossa ação é somente lucro deles.
Meu amor, enquanto deito junto a ti
Os trigais versam pela Ucrânia
E algum vinhedo siciliano agita-se

E você, meu amor, é jovem companheira, namorada
Dentre as armas do exército, cumprindo este
Imperativo desregrado para beijar,
Colhendo aquela abundância toda. Ainda que sejamos assim
Tristes ceifeiros, nossa vasta colheita. Não menos

Mas amor ferozmente deve revelar nossa perda.

Chemical Works

I. The Machines

Ammonia, essence of lavender, chalk

Talk,

machines, talk, talk,

you are the ones who do the talking.

Bawling at first, metal in mutiny,

wrestling musclemen, seeking punishers,

growling cudgeling struggling marauders

murderers

henchmen

hooligans

howling

menacing and pumpling locking interlocking

hubbub of driving belts grouse of gearing

pelting

cheering

knocking at nerves

beyond endurance...

Pauses.

Settles respectably into the subconscious

conditioning the will to the method of warning

dowsing the instincts, hypnotising hearing,

relaxing the animal heart,

returning

with suave impeccable meticulous precision

civilised adjusted lubricated rhythm

clubmen businessmen men in possession

rocking their jaws with repetitive assurance

in skull-like fixity of conversation

tapping with slack and rattling fingers
nodding to each other, courteously bending
the scooped-out vacancy of automatic heads.

Bowing and condescending,

Mocking

The awkward colloquialisms of walking boots
The inadequate dialect of human breathing
The slangy toil of unregulated hearts

the inefficient soil on the slats of chalk.

II. The Girls

O for na end to the monotone of school,
Running round for Mum and the neighbour's condescension.
There's more in life than in a simple equation.
There's Jean in Woolworth's, Silly at the mil,
Trams and cosmetics, the conquest of skill
In setting your hair or minding a machine.
There's lights at night, the electric fear of Hell,
A plastic raincoat and a fifth dimension.
There's Money enough to buy whatever the cinemas sell
And the singular convention of being sixteen.

For a tall man at the gates, O, with cream in his hair
And a tight two-seater. For a rich baritone
And 'Pardon me, lady...' or 'Madam, if you please...'
For a voice to whisper 'Honey, now you're here
I'll never let you go. You'll never go back there.'
O for a break of some sort, some sort of release,
And a curse O curse a curse upon the world
That has made a canker of desire of the sun,
That there's so little point in being twenty-one,

That I should
Be so early aware of growing old.

Forget about the orange-blossom, never mind the priest
But give me a chance. They've done for my skin
But my figure's still OK. O give me at least
An ordinary fellow with average pay,
A chance of having children before it gets too late,
A basement room and a washing-day.
There's not much left to lose at twenty-eight.
O change me for a moment! Let me in
Past the commissioner by the Golden Gate
At least to the giddy vaults of technicolour sin.

O for a minor accident and a broad-shouldered pension!
But the company would win. I'm thirty-seven.
There isn't a schedule to assess my compensation.
Twelve years at piecework tore my youth to tatters.
My womanhood had leaked away in titters.
But what's the point in adding up these sums?

O grant me only this, O grant me, heaven,
Not any impossible love, no, no unlikely bliss
But something somehow to get me out of this
Before the final suitor with his dark proposal comes.

III. Formula and Product

Time's early mixing room
where world and girl begun:
her flesh potential in the sulphurous fire
and spirit was implicit in the loam.
Abrasion (was it?), brawn of sun

rubbed on the lukewarm mud, inflamed the dark
into a pinhead spark –
matter in conflagration, appetite, desire,

impetus and skill,
technique and mastery,
burning the icy continents inside
the chalky tumult of the carried skull.
O issue of all history
Out of that arbitrary act of sun!
What have we done
to give this unspent match, this bruchwood for a bride,

firm-footed seventeen,
all matter most aware,
into these forks and parallels of steel?
Caging her sweet age here with a machine,
her proud tread, head-of-tinder hair:
coating the hunger of her open lung:
letting go youth among
eight-hour attrition of re-iterating wheels.

And what is physical
ammonia does burn out:
chalk slows her veins and sulphur pits her skin.
What happens only once (and after all
Earth, air, has rocked to bring about)
O flesh of maid and sensuous consciousness
each day made less,
ashes for profit, agony in tins.

Trabalhos Químicos (1947)

I. As máquinas

Amônia, essência de lavanda, calcário.

Fale,

máquinas, fale, fale

vocês são as únicas que fazem o diálogo.

Berrando primeiramente, metal no motim,
musculosos lutando, procurando condenadores,
saqueadores rosnando espancando lutando
ferindo e maltratando as causas opostas
assassinos

capangas

vândalos

uivando

ameaçando e esmurrando “locking” interligadas
barulheira das correias de transmissões “grouse of gearing”
atacando (bombardeando/ chovendo torrencialmente)

animando (brindando)

batendo nos nervos

além da persistência

Pausas.

Decentemente pousando na fimbrias do subconsciente
condicionando o devir ao método do alerta
dosando os instintos, hipnotizando o que se houve,
relaxando o coração animal,

retornando

com precisão impecável, meticulosa, suave
ritmo civilizado, coordenado, ritmo lubrificado
membros de clube, homens de negócios, homens de posses
agitando seus maxilares com repetitiva certeza
no crânio-vivo de invariabilidade de conversação
explorando com dedos soltos e fortes
acenando para uns e para outros, curvando-se cautelosamente

o vácuo removido das cabeças automatizadas.

Reverente e condescendente,

sarcástico

os coloquialismos estranhos das botas de caminhada
a dialética inadequada da respiração humana
a labuta de gírias (slangy toil) dos corações desregulados

o solo ineficiente nas lâminas de calcário

II.As garotas

Oh, por um fim da monotonia das escolas,
Rondando para Mum e a condescendência do vizinho.
Há mais numa vida que numa simples equação.
Há Jean em Woolworth, Sally na usina,
Bondes e cosméticos, a conquista da aptidão
Em arrumar seu cabelo ou cuidar de uma máquina.
Há luzes na noite, o elétrico temor do Inferno,
A capa-de-chuva plástica e uma quinta dimensão.
Há dinheiro suficiente para comprar qualquer coisa que à venda nos cinemas
E uma simples convenção dos dezesseis.

Pelo homem alto nos portões, O, com gel em seu cabelo
E um rígido biassento. Por um rico barítono
E 'Pardom me, lady...' ou 'Madam, if you please...'
Por um voz sussurrada 'Querida, agora estás aqui
Eu jamais deixaria você ir. Você nunca retornará lá.'
O por algum tipo de ruptura, algum tipo de libertação,
E uma maldição Oh maldição uma maldição sobre o mundo
Que fez uma úlcera de desejo do sol,
Que faz tão pouco sentido nos vinte-um,
Que eu deveria ser precocemente ciente do envelhecimento.

Esquecido nas flores de laranjeira, o sacerdote não importa
Contudo dê-me uma chance. Fizeram por conta de minha tez
Mas minha feição está bem. O dê-me sequer
Uma companheira comum com pagamento médio,
Uma chance de termos crianças antes que tarde demais,
Um porão e um “washing-day”.
Não há muito o que perder aos vinte-oito.
O mude-me por algum momento! Deixe-me
Passar pelo porteiro pelo Golden Gate
Pelo menos pelas abobadas vertiginosas de pecado technicolor.

O por um menor acidente e uma pensão costas-largas!
Mas a empresa ganhará. Tenho trinta-seis.
Não há cronograma tabela que taxará minha compensação.
Vinte anos na empreitada dilacera minha juventude em farrapos.
Minha feminilidade tem escapado em risos mansos.
Qual momento para adicionar esses montantes?

O conceda-me só isto, O conceda-me, céu,
O nem algum amor impossível, não, nenhuma felicidade duvidosa
Mas algo que de alguma maneira me livre desta
Antes que a suíte final com sua proposta sombria chegue.

III. Formula e Product

“Time’s early mixing room”
onde mundo e menina começam:
seu potencial corpo no sulfúrico fogo
e espirito estavam na argila implícitos.
Abrasão (será?), músculos do sol
roçam no tépido limo, inflamada a escuridão
num fagulha –
matéria em conflagração, apetite, desejo,

ímpeto e talento,
técnica e maestria,
queimando por dentro os continentes gélidos
a comoção esbranquiçada do crânio feito.
O tema de toda história
daquele arbitrário agir solar!
O que temos feito
Para oferecer esse jogo exaurido, esse mato para uma noiva,

firmes dezessete,
toda questão mais ciente,
nesses garfos e paralelas de aço?
Enjaulando seu doce tempo aqui com uma máquina,
seu orgulho esmigalhado, “head-of-tinder hair”:
cobrindo a fome de seu aberto pulmão:

E o que é físico
amônia reduz-se a cinzas:
calcário enfraquece seu pulsar e enxofre escava sua pele.
O que acontece somente uma vez (e depois de tudo
terra, ar, balançam para provocar)
O “flesh of maid” e consciência sensível
a cada dia faz menos,
cinzas ao lucro, agonia enlatada.

Valentine (1957)

Ten years your separate face
Has made its casual dente
Beside my own. And still I watch
In the-year-old astonishment

Surely I should select
Pity out of the eyes:

The mouth's wide generosity:
Scorn of intellect?

Out of the expediente sky
The neutral sandy air
Blows on our lungs. But still in you
Pity must breath and cry.

The North drives out the South
And caution's cold sets in:
But neither frost nor compromise
Have cooled your generous mouth.

From sand and ice were born
Lies, inhumanities:
But all are powerless against
Your intellectual scorn.

So I must love the face
Where pity can unite
With generosity and scorn
Into a single grace –

But with a love that yet
Does no tundo identity:
May you remain still strange to me,
Still free, still separate.

Cartão de Namorados (1957)

Dez anos seu distinto rosto
Fez seu entalhe casual
Ao lado do meu. E eu ainda vejo
Em espanto decenário.

Certamente deveria escolher
Misericórdia dos olhos:
A ampla generosidade da boca:
Desdém do intelecto?

Pelo céu expedido
O desinteressado ar arenoso
Pancadas em nossos pulmões. Mas ainda em você
Misericórdia deve respirar e chorar.

O Norte arrasta o Sul
'And caution's cold sets in.'
Mas nem geada nem compromisso
Tem arrefecido sua boca generosa.

Da areia e gelo nascemos
Mentiras, inumanidades:
Mas todos são impotentes contra
Seu desdém intelectual.

Então devo amar o rosto
Onde misericórdia pode unir
Com generosidade e escarnio
Numa única graça –

Mas com um amor que ainda
Não desfaz identidade:
Você ainda pode permanecer estranho para mim,
Ainda livre, ainda apartado.

My Study (1973) – Tradução João Ernani Furtado Filho

King of my freedom here, with every prop

A poet needs – the small hours of the night,
A harvest moon above an english corpse...

Backward unrationalised trade, its furthest yet
Technology this typewriter which goes
With flailing arms through the ripe alphabet.

Not even bread the pen is mightier than.
Each in its statutory place the giants yawn:
I blow my mind against their sails and fan

The mills that grind my own necessity.
Oh, royal me! Unpoliced imperial man
And monarch of my incapacity

To aid my helpless comrades as they fall –
Lumumba, Nagy, Allende: alphabet
Apt to our age! In answer to your call

I rush out in this rattling harvester
And trash you into type. But what I write
Brings down no armoured bans, no Ministers

Of the Interior interrogate.
No-one bothers to break in and seize
My verses for subversion of the state:

Even the little dogmas do not bark.
I leave my desk and peer into the world.
Outside the owls are hunting. Dark

Has harvested the moon. Imperial eyes
Quarter the ground for fellow creaturehood:

Small as the hour some hunted terror cries

I go back to my desk. If it could fight
Or dream or mate, what other creature would
Sit making marks on paper through the night?

Meu Estudo (1973) - Tradução João Ernani Furtado Filho

Aqui estou, Soberano de minha liberdade, com cada suporte que
Um poeta precisa, as horas mortas da noite,
A “lua vermelha” por sobre um bosque inglês...

Ofício emotivo e marginal, ainda o mais ancestral
Manejo essa máquina de escrever que vai
Com seus braços agitados através do velho alfabeto.

Nem mesmo afiar a pena é mais poderoso.
Cada qual em sua posição regulamentar os gigantes bocejam:
Eu estouro meus miolos contra suas hélices e cataventos

Moinhos que trituram minha própria necessidade.
Oh, honrem-me! Homem imperial sem patrulha
E monarca de minha incapacidade

Para cuidar de meus desamparados camaradas enquanto eles caíam –
Lumumba, Nagy, Allende: abecedário
Adaptado ao nosso tempo! Em resposta ao nosso chamado

Disparo nessa ceifadeira estridente
E tiro vocês de letra. Mas o que eu escrevo
Não derruba nenhum interdito blindado, nem Ministros

Do Interior questionam.

Ninguém dá-se ao trabalho de talhar e confiscar
Meus versos para a subversão do estado:

Nem mesmo os pequenos dogmas latem.
Levanto-me da mesa e espio o mundo.
Lá fora as corujas estão caçando. A escuridão

Pôs a lua exangue. Olhos imperiais
Guardam o terreno para as criaturas amistosas:
Mortos como as horas soam os prantos de terror das presas.

Retorno à minha escrivadinha. Se esses podem lutar
Ou sonhar ou se acasalar, que outra criatura poderia
Por-se fazendo marcas em um papel noite adentro?

Powers And Names (1986)

(with apologies to Szama Chien)

You have the power to name:
Naming gives power over all.
But who will name the power to name?
Asked too racle

(Tradução)

Você tem o poder de nomear
Nomeação dá poder sobre tudo.
Mas quem nomeará o poder para nomear?
Pergunte ao oráculo.

Speech

Like a silkworm on a mulberry leaf
The unmannerly Earth

Gnawed at the edge of the sky and bit out mountains.

Gorged with matter it dropped by the edge of the ocean,
Cocooned in unconsciousness and grass,
An existence unknown to itself,
Waiting to be spun by nimble tongues into languages.

Let us conciliate the powers by giving them names.
Let us swallow the worm.
Let us tame the world by taking it into ourselves.

(Tradução)

Fala

Como um bicho-de-seda sobre uma folha de amoreira
A terra áspera
Rói as bordas do céu e abocanha montanhas

Empanturrado com a matéria, caíra à borda do oceano,
Encasulado na inconsciência e relva,
Uma existência desconhecida para si mesmo,
Esperando ser tecido pelas ágeis línguas dos idiomas.

Deixe-nos conciliar o poder dando-lhes nomes.
Deixe-nos engolir o verme.
Deixe-nos domar o mundo agarrando-o a nós próprios.

Art

The dragons and the lions are furious,
They would like to eat us.

If we model they rage in clay
Will we drive terror away

(Tradução)

Arte

Os dragões e os leões estão furiosos.
Eles gostariam de nos comer?
Se moderlamos sua fúria no barro
Nos livraremos do terror?

Naming the Gods

Tens suns flared in the sy
They scorched the crops and hatched out of the clay
Fire-breathing demons. The great archer Yi
Chose from his pouch
Nine arrows flighted with shaman's charm
And slew one sun with each, ande ver after we
Named Yi as deity.

But Heaven's pillars cracked
And water gushhed out of the broken arh,
Washing the corpes to the sea. So Nüwa raised
A paste of melted rocks
To patch the gashes in the sky, and from thee giant turtle
She hewed its legs to prop Heaven back in place..
The goddess Nüwa be praised!

Then water must bee educated
And led in leavels to the fields. Yu the Great

Accomplished this in thirteen years of toil.
A winger dragon aided him
And once he changed himself into a bear
To scratch a passage through a obstinate hill.
We named Yu god of the soil

And Chi his son hereditary
Owner of all under Heaven, he and his Family
In perpetuity. From ancestral power
Sprouted the state:
Armies invented slavery: astronomy
Led the star captive through the calendar:
Taxes invented the poor.

(Tradução)

Nomeação dos Deuses

Dez sóis queimaram no céu
Eles queimaram as colheitas e nasceram do barro
Demônios que cospem fogo. O grande arqueiro Yi
Tirou de seu bolso
Nove flechas embebidas do feitiço do xamã e
Com uma delas matou o sol e a partir daí
Nomeamos Ti como uma divindade, para sempre.

Mas os pilares do Paraíso racharam e
As águas jorraram do arco destruído,
Arrastando os cadáveres ao mar. Então, Nüwa ergue
Uma mistura de rochas derretidas para
Remendar os cortes no céu, e de uma tartaruga gigante
Ela cortou suas pernas para apoiar o Paraíso novamente
A deusa Nüwa, louvada!

Então a água deve ser formada e
Levada aos patamares até os campos. Yu, o Grande,
Conquistou isso em treze anos de labuta.
Um dragão alado ajudou-lhe e
Outrora ele transformou-se em um urso para
Riscar uma passagem através de uma obstinada colida.
Nomeamos Yu deus do solo

E Chi, seu filho hereditário
Proprietário de todo o Paraíso, ele e sua família
Eternamente. Daquele poder ancestral,
Germinou o estado:
Exercícios criaram a escravidão: astronomia
Conduz as estrelas cativas através do calendário:
Tributos inventam a pobreza.

The Scholars

In scarcely a millennium
Spring diminished into autumn.
Was the world worse
In the time of incessant wars
Between the city states
Or were there benefits
For the autonomy of thought
In the competition of courts?

Congestion on the roads
As the scholars and their schools
Imagined luminous codes –
Ideologues and pedants,

An orator with a umbrella,
A sophist astride a mule,
A hermit in sandals of straw –
Pestered for audience,
Opressed the courts of kings
And persecuted princes,
Urging them to restore
Obedience to Heaven's law.

When Confucius was lecturing
Lond Ling, the Duke of Vei,
Enforcing Heaven's rules
On the virtues of benevolence,
The Duke allowed his eyes
To leave his tutor and follow
Some wild geese in the sky.
At this indiscipline
Confucius took offence
And gathering up his school
Went off in a huff to Chen

Says the Grand Historian:
It was a great mistae
To tutor powe, for when
The law at last was learned
From legalista or mystic
By the Emperor of Chin
He orrdered the imperial rule
Of benevolence to begin:
He buried the scholars alive
And the *Book of Songs* was burned.

O that Confucius

Had learned to keep his cool,
And had lingered to watch the geese
With the duke and his fool!

(Tradução)

Os Intelectuais

Diante de um milênio exíguo
A primeira reduziu-se em outono.
O mundo era pior no
Tempo das incessantes guerras
Entre as cidades, estados
Ou havia benefícios
Para a autonomia de pensamento
Na rivalidade dos tribunais?

Congestão nas estradas
Enquanto os intelectuais e suas escolas
Imaginam códigos luminosos –
Ideólogos e pedantes,
Um orador com um guarda-chuva,
Um sofista monta uma mula
Um eremita em sandálias de palha
Importunados pelo público,
Pressionam os tribunais dos reis e
Perseguem príncipes,
Urgindo-os para restaurar a
Obediência à lei do Paraíso;

Quando Confúncio dava seus sermões
Lord Ling, o Duque de Vei,
Aplica as leis do Paraíso nas

Virtudes da benevolência,
O Duque concedeu seus olhos para
Livrar-se de seu tutor e seguir alguns
Gansos silvestres no céu.
Diante dessa indisciplina
Confúcio ficou ofendido e
Recolhe sua escola e saiu
Ofendendo Chen.

Disse o Grande Historiador:
O ensino do poder
Foi um grande erro, pois quando
A lei foi ensinada, por fim, pelos
Legalistas ou místicos
Ao Imperador de Chin
Ele ordenou que a lei imperial
Da benevolência tivesse início:
Ele enterrou os intelectuais vivo
E o livro *Livro dos Cânticos* foi queimado.

Aquilo que Confúcio
Aprendeu para manter sua calma,
E continuou a observar o ganso
Com o duque e seu palerma!

The First Emperor

In the 26th year of his reign the King of Chin
Assembled his counsellors.

In the deserto f his nature little winds of boredom
Stirred eddies of dust. His throat was dry

And malice constricted his voice like that of a kackal.
Dust stirred in his slitted eyes. He said:
'I have conquered six states. I have capture dor killed their kings.
Whoever opposed me has been enslaved.
All between the four seas has fallen under my rule.
I have defined the laws, making known what is forbidden,
And discovering (to the surprise of some) 600 degrees of sin
Hitherto nameless and now made manifest to all.
I have closed up the gaps in the Great Wall and garrisoned it
From end to end.
What is there left for me to be omnopotent in?'

The cousellors bowed and puffed their sleeves:
The first minister, the marshall, the grand censor,
The executioner and the eunuchs of the royal commission.
They said: 'O thou ineffable Vocative!
Great Straightner, Almighty Regulator of All!
How couldst thou be more engregious than thou already art?
Thou hast brought letter level, made measures match,
And thou hast brought cash and moral sinto uniformity.
Men and women must now walk on diferente sides of the stret,
Thanks to thy wisdom. Thou showest no favour no way.
Adulteres (if they are poor) may be boiled in cauldrons.
Officials abusing thy ordinances are always castrates.
Indeed, thy benevolence
Blesses the beasts in the fields, wo press to the court,
Bleating to be thy meat. The water buffalo
Bellows thy name; the bees bring thee wax; the fish
Wish only to be thy dish; the rice crowds into the carts
And offers itself as tax...' Et cetera.

The ing of Chin was gratified.
The ordered that their speeches be engraved upon stone

At the gateways to his 36 provinces.

Then he ascended a throne of alabaster
And, hiding his regal presence within veils,
Announced that Empire had commenced:

‘Hereby I augurate a new age.
Lo, let us begin by renaming all names.
Since I have swallowed six kings I now assume plurality.
It is ordered that henceforth we shall be us,
Becoming Our First Exalted Sovereign Emperor.
Whatever we want will be known as Heaven’s decree.
Our laws will be named edicts;
We hereby rename the poor our loyal black-headed people.
When we are satisfied all their wants are met,
When we eat the nation has been fed.
When we shit All have shat,
Oh, and since our brilliance will strike mortals blind,
Henceforth our imperial self will give audience only through screens
And we shall never be seen’

The counsellors bowed and trembled for their balls.
They ordered to be engraved in stone on Mount Tai:
‘The Sovereign Emperor made decrees and edicts which all his
Subjects heeded;
Great and manifest, his virtue is handed down to ages yet to
Come, to be followed without change.
The sage Emperor who has pacified all under Heaven is tireless in his rule;
He rises early and makes marginalia on his officials’ reports;
He sets a standard of proper bearing and signs for all things;
The black-headed people are reformed; he surpasses the ancients
And has never known error.
Oh gosh! he is so bright that he graciously saves our eyes by

hiding behind screens.

His omnipotence knows no end, and his orders will be obeyed
though eternity.'

The Emperor was pleased.

He sacrificed six white horses to the power of water,
Drowning them slowly. A picul of rice and a pig
We ordered to be sent to every village in the land.
It was found (alas!) that demand exceeded supply,
But the intention (at least) was distributed to the poor,
Who raised their worn and empty hands
And bleed the Emperor.

Then he decreed that he had become immortal.
And was transmogrified. But was visited by doubt.
He sent boatloads of children out to find the fairy isles
Far in the misty eastern oceans where the immortals live.
They did not return. Perhaps they were stopped by whale?
He sent out alchemists to visit the barbarians,
In search of magic fungi and cunning elixirs.
But they were thwarted by demons...
Behind his screens the Emperor raged and aged.
He issued an edict condemning time:
'Whereas learning has confused our loyal BHP,
We abolish all histories which do not mention our name.

Let only despotic sciences be preserved:
Geometry, census, the computation of tax,
Econometrics, caryatics, castrametation, casuistics,
Cacodoxy, calculus, calibration, nefarious necromatics,
Decapitation, doctrinarianism and the division of parts.
Let the arts be banned,
And the *Book of Songs* be burned and the *Book of Music*.

Whoever recalls the past shall be cut in half
And whoever fails to report these crimes shall be burned with brands.’
The counsellors clapped their hands.

The Emperor retired into 200 palaces
Whose walls hung with the fungi of sycophancy.
The marsh creatures of lust clung around him.
He fed on shark’s fins and the peds of camels,
Tangerines, lychees and fantasies.
The white faces of treachery
Whispered around him and ministered to his lechery.

A eunuch hissed a signal of suspected treason,
The Emperor called in the scholars for a course of self-criticism.
They hastened to the court to incriminate each other.
Chucling like a jackal he caused in the sands to be opened
A vault lit with dark lanterns
And stocked with the confiscated texts of Confucius.
460 sages were sent underground
To sound off in ghostly seminar through the ages.

Each day the Emperor rose and weighed his official reports.
He shifted half a picul of scrolls from his left to his right:
Ah, momentous inauguration of the dynasty of bumf!
According to auguries or according to the weather
He marked in the margins those he decreed to be dead.
On his capital errands
The palace eunuchs spurred with their imperial wands
In an incessant circulation of dread.

When he had first ascended to the throne of Chin
He had ordered war to begin on a bloody great tomb.
Now 700,000 castrati, convicts and slaves

Were impressed to Mount Li
To magnify his gigantic mausoleum
Which (however) the Emperor did not intend to go dead in,
Preferring to be an Eternal, whom water cannot wet,
Who rides on the clouds, impervious to fire,
And coeval with evil...

Changed name again. Became pure spirit.
We became It.
And, to fox the evil eye, It became invisible
It flitted in secret
In screened arcades between Its 270 palaces.
Places of ecstasy, what with golden orioles
Shouting in the flowering cherries, and thee laes stocked
With exotic goldfish. Everywhere bells and drums
Exhorted the Eternal to come,
As did the countless beauties attendant on its every will
With which the pavilions and secret chambers were stacked.
Sheathed in green gauze
They back-combed their hair into pyramids like orchids
And languished for Its coc
(It having decreed that each must beat It a son
Or else...)
But were visited only by flaccid concupiscence
Since It could no longer fuck.

The Eternal flitted from palace to palace and moped.
It raged and aged.
It pawed and groped.
It decreed death
On any who disclosed where It was or where It might even be.
It issued an edict that It had ceased to exist
Except as depotic Essence.

You must imagine it now as pure vacancy

Here is Its Name:

300 astrologers

Were abjured to conjure beneficente omens from the stars.

It ordered the spiritual purification of poetry:

The elimination of dentals, the utter ending of guturals.

Musicians were ordered to oil their strings.

Ululation of sibilants and labials

As vowels howled in the shrouded corridors

And the pavilions wailed of immortality...

And in the 37th year of ascending to the throne of Chin

Eleven years on from assuming the name of We

And two years from the annunciation of spirituality

A stranger thrust into the censor's hand a disco f jade

On which was written The Primal Dragon Will Die!

And vanished in smoke...

In terror It fled.

It consulted oracles. It gave it out

That It had gone to inspect the empire's extremities.

For fear of lurking assassins

It sent forward convicts to fell the forests ahead.

Archers with crossbows marched in the vanguarda

With orders to shoot all whales.

It remained invisible within a covered litter

Carried by slaves. It decreed the pains of hell

Upon any who mentioned death.

And at Pingtai

In the 7th month of the 38th year
It died.
But, being invisible, who could tell?

The first minister, Li Szu, thought the moment inauspicious.
He wasn't sure the old despot would stay dead.
Besides, he had designs on immortality himself,
By raising his creature, Hu-hai, to succeed as emperor
In place of the Crown Prince who had stayed in the capital.

Li Szu, Hu-hai, and the chosen eunuchs kept mum.

And so It continued on Its imperial progress
On the chariot roads in a swaying litter.
The BHP themselves before It.
The eunuchs humbly entered the screens bearing dishes
(Which they scoffed with relish within), ushering out
Flourishing fresh imperial decrees (drawn up by Li Szu).
Ah, then It was truly Idea
Disincarnate, aseptic apotheosis of Power,
Which issued an edict condemning Its own son and heir
(Who stood in the way of Hu-hai) and the Lord High Marshall
(Whom Li Szu disliked). Who both duly died
Of the death-sting of the invisible Eternal
Who at length began to stink to high heaven.
The stench caused gossip. To cover the matter
A cartload of salted fish was hitched to Its litter.

And in this manner the bizarre procession
Re-entered Hsienyang, capital of the empire,
Where the Prince and Marshall's heads grinned on the gates.
First came the outriders scouring for rice
Convicts with axes

Alchemists wishing for fungi
Augurers fishing for auguries
Archers warily watching for whales
The black imperial banners
Trumpeters, drummers
Then:
10.000 horsemen, 1000 charioteers
A myriad foot-soldiers sweating in full armour
Hu-hai, Li Szu, and the ministers of rank
The cocubines swaying in palaquins
Eunuchs in rich isignia
Then:
The huge unfurled imperial dragon
The dead Eternal stinking in Its litter
And a cartload of salted fish.

A few explanations followed
Followed by exemplary executions.

After which It was borne
To the yawning mausoleum beneath Mount Li.
Laid in a coffin of copper
In a vault over which the constellations turned
And the floor was the world over which It had ruled
With the rivers and oceans sketched in Mercury.
All the imperial palaces were modelled in jade:
Miraculous artífice guarded by gins and traps!
Oh, and those of the Eternal's ladies who had fallen down in
Their function
Of bearing It heirs (viz. male) (i.e. nearly all)
Were given the honourof going in gorgeous weeds
Into the vault to tend Its ghostly needs
And rub unguent on the offal.

In a afterthought
It was ordered to close the inner and outer gates
Upon the artificers and labourers
Who were also immured in that foetid space
So that they wouldn't betray the secrets of the place.

The Grand Historian erred
In neglecting to record where the fish were interred.

(Tradução)

O Primeiro Imperador

No 26º ano do seu reinado, o Rei de Chin
Reuniu seus conselheiros

No deserto de sua natureza, pequenas ventos de monotonia
Agitam redemoinhos de areia. Sua garganta estava seca
E a malícia aperta sua voz como a de um chacal.
A poeira agita em seus olhos fendidos. Ele disse:
'Eu conquistei seis estados. Capturei ou matei seus reis.
Quem se opôs a mim foi escravizado.
Tudo entre os quatro mares caíra sob minhas leis.
Defini as leis e deixei às claras aquilo que é proibido
E descobriu-se (para surpresa de alguns) 600 níveis de pecado
Até então sem nome e que se manifestam, agora, a todos.
Tapei as lacunas na Gigante Muralha e a fortifiquei
De ponta a ponta.
Para ser onipotente, o que me falta?

Os conselheiros curvaram e sopraram seus cartuchos:
O primeiro ministro, o marechal, o grande censor,

O executor e os eunucos da comissão real.
Eles disseram “Oh, tu, infalível Vocativo”
Grande Alisador, Todo-Poderoso Regulador de Todos!
Como pudestes tu ser mais notório do que já és?
Tu tens trazido letras rígidas, medidas realizadas
Tu tens trazido dinheiro e morais uniformes.
Pelas ruas, homens e mulheres andam em lados diferentes,
Agradecem tua sabedoria. Tu não mostras favor ou caminho algum.
Adúlteros (se não são pobres) podem ser cozinhados em caldeirões.
Oficiais corruptos são sempre castrados.
É verdade, tua benevolência
Abençoa as bestas nos campos, quem faz pressão ao tribunal,
Lamuriando para ser tua carne. O búfalo d’água
Urria pelo teu nome, as abelhas trazem a cera; o peixe
Deseja somente ser teu prato; as multidões de arroz nos carrinhos
Se oferecem como taxa...’ Etcetera.

O Rei de Chin estava gratificado
Ordenou que seus discursos fossem talhados nas rochas
Nos portões de suas 36 províncias.

Então ele ascendeu um trono de alabastro e,
Ocultando sua majestosa presença dentro das veias,
Anunciou que o Império começou:

‘Deste modo, eu inauguro um novo tempo
Lo, deixe-nos começar por renovar todos os nomes.
Desde que eu engoli seis reinos eu assumo pluralidade, agora.
Está ordenado que de agora em diante nós devemos ser-nos
Tornar Nosso Primeiro Imperador Exaltado Soberano.
O que fizermos será conhecido como decreto do Paraíso.
Nossas leis serão nomeadas éditos.
Neste ato, renomearemos o nosso pobre e leal povo negro

Quando nós estivermos satisfeitos todas as suas vontades são atendidas,
Quando comemos, a nação foi alimentada.
Quando cagamos, todos cagam,
Oh, como nosso brilhantismo vai abalar os cegos mortais,
De agora em diante, nosso próprio império dará audiência através das telas
E nunca seremos vistos.’

Os conselheiros curvaram e tremiam por suas bolas
Eles ordenaram serem entalhados em pedra sobre o Mount Tai:
‘O Imperador Soberano fez decretos e éditos, todos seus
Sujeitos atentaram;
Grande e manifesta, sua virtude é transmitida para outros tempos,
No porvir, para ser seguidos sem mudança.
O sábio Imperador que pacificou tudo sobre o Paraíso está incansável em sua lei;
Ele levanta-se cedo e faz anotações nas margens dos relatórios de seus oficiais;
Ele define um padrão de rumos e sinais apropriados para todas as coisas;
O povo negro é reformado; ele supera os ancestrais e nunca conheceu o erro.
Oh deus! Ele é tão iluminado que graciosamente salva nosso olhares por
Detrás das telas.
Sua onipotência não conhece fim e suas ordens serão conhecidas
Por toda eternidade.’

O Imperador estava satisfeito.
Ao poder da água, ele sacrificou seis cavalos brancos,
Afogando-os lentamente. Um *picul*²²⁸ de arroz e um porco
Foram ordenados para serem enviados para toda vila no território.
Descobriu-se (infelizmente) que a demanda excedeu a oferta
Mais a intenção (afinal) era distribuir aos pobres,
Aqueles que levantaram suas mãos gastas e vazias
E abençoavam o Imperador.

Então ele decretou que havia se tornado imortal.

²²⁸ Medida comum na região asiática.

E foi transformado. Mas fora visitado pela dúvida.
Ele enviou embarcações de crianças para encontrar as ilhas encantadas
Nos distantes oceanos nebulosos ocidentais onde os imortais vivem.
Elas não retornaram. Talvez elas tenha sido paradas por baleias?
Ele enviou alquimistas para visitar os bárbaros,
Em busca de fungos mágicos e elixir astuto
Mas eles foram contrariados por demônios...
Por trás das telas o Imperador se enfureceu e envelheceu
Ele emitiu um édito condenando o tempo:
‘Enquanto o ensino confundiu nossa leal BHP,
Aboliremos todas as histórias que não citarem nosso nome’.

Deixem as ciências despóticas serem preservadas:
Geometria, censo, a computação de taxa,
Econométricos, cariáticos, castramentação, causuísticas,
Cacodoxia, cálculos, calibração, necromáticos nefandos,
Decapitação, doutrinação e a divisão das partes.
Deixem as artes serem banidas,
E o *Book of Songs* ser queimados e o *Book of Music*.
Aquele que recorda o passado deve ser partido ao meio
E aquele que falha em relatar esses crimes deve ser queimado com marcas’
Os conselheiros aplaudiram.

O Imperador retirou-se em 200 palácios
Em cujas paredes, os fungos da bajulação ficavam suspensos.
As criaturas do pântano agarram-lhe,
Ele se alimentou de barbatanas de tubarão e almofadas de camelos,
Tangerinas, licores e fantasias.
À sua volta, as faces brancas da traição
Sussurraram-lhe e o entregaram à sua luxúria.
O eunuco assoviou um signal de suspeita traição,
O Imperador convocou os estudiosos para uma disciplina de autocrítica.
Eles correram ao tribunal para incriminar um ao outro

Como um chacal, ele riu e elevou-se nas areias para abrir um
Cofre iluminado com lanternas sombrias e
Armazenou os textos confiscados de Confúncio.
460 sábios foram enviados ao subsolo para,
Através dos tempos, eles nada dizerem em um seminário fantasmagórico.

Diariamente o Imperador levantava-se e despachava os relatórios de seus oficiais.
Da esquerda para direita, ele ia passando os pergaminhos:
Ah, a inauguração monumental da dinastia de bumf!
De acordo com os augúrios ou de acordo com o tempo
Ele marcou, às margens dos pergaminhos, aqueles que deveriam ser mortos.
Em suas tarefas vitais
Os eunucos do palácio incitavam com suas varinhas imperiais
Numa incessante circulação da sensação de medo.

Logo quando ascendeu ao trono de Chin
Ele ordenou que o trabalho iniciasse no túmulo ensanguentado.
Agora, 7.000 castrati, convictos e escravos ficaram
Marcados ao Mount Li para
Magnificar seu mausoléu gigante
Onde (portanto) o Imperador não planejou ali morrer,
Preferindo ser Eterno, cuja água não pode molhar,
Aquele que surge das nuvens, impermeável ao fogo e
Coetâneo com o mal..

Novamente, mudou o nome. Tornou-se espírito puro.
Nós tornamo-O.
E, para a raposa de olhos maus, tornou-Se invisível.
Evocava-se em segredo
Nas galerias exibidas entre Seus 270 palácios.
Lugares de êxtase que, com orioles dourados,
Brandam às cerejas floridas, e os lagos têm bastantes
Peixes dourados exóticos. Por todo o lugar, sinos e tambores

Exortavam o Eterno que estava por vir,
Como fizeram toda e qualquer vontade sua, as inúmeras belas criadas
Com as quais os pavilhões e câmaras secretas foram empilhados.
Em roupas esverdeadas
E ele fez seus penteados em pirâmides que lembram orquídeas
E, através de Seu pênis, definhavam.
(Tendo decretado que cada um tenha um filho ou não...)
Mas foram visitados somente por flácida concupiscência
Já que não podias mais transar.

O Eterno voou de palácio para palácio e chateou-se.
Ele se enfureceu e envelheceu.
Ele apalpou e tateou.
Ele chorou e gemeou.
Ele decretou a morte
Sobre qualquer um que revelasse onde Ele estava ou onde Ele poderia estar.
Foi emitido um édito no qual Ele deixou de existir
Exceto enquanto Essência despótica.

Você deve imaginá-lo agora como pura vacância.

Aqui é o Seu nome:

300 astólogos
Foram abjurados a conjurar bons presságios estelares.
Ele ordenou a purificação espiritual da poesia:
A eliminação das dentárias, o final completo dos sons guturais.
Os músicos foram ordenados a ungir suas cordas.
Ululação de sibilantes e labiais
Como vogais uivando nos corredores envoltos
E os pavilhões gemendo de imortalidade...

E no 37º ano de ascendência ao trono de Chin
11 anos após assumir o nome de We
Um estranho lançou na mão do censor um disco de jade
No qual fora escrito O Dragão Primitivo Morrerá!
E desapareceu na fumaça...
Aterrorizado, Ele fugiu.

Consultou oráculos. Saíra para
Inspeccionar as extremidades do império.
Por medo de assassinos escondidos por aí
Ele enviou condenados para derrubar árvores,
Arqueiros com bestas marchavam na vanguarda
Com ordens para disparar em todas as baleias,
Permaneceu invisível no interior de uma ninhada
Coberta por escravos. Decretou as dores do inferno
Sobre qualquer um que mencionou a morte.
E em Pingtai
No 7º mês do ano 38º
Morreu.
Mas, invisível, quem poderia dizer?

O primeiro-ministro, Li Szu, pensou no momento inauspicioso.
Ele não tinha certeza se o velho déspota ficaria morto,
Ademais, ele próprio tinha projetado a imortalidade,
Elevando sua criatura, Hu-hai, para ter sucesso como historiador
No lugar do Príncipe Herdeiro, que havia ficado na capital.

Li Szu, Hu-hai, e os eunucos escolhidos mantiveram-se obscurecidos.

E, assim, continuou em seu programa imperial
Em uma liteira trêmula, vagou através das estradas imperiais.
O BHP humilhou-se diante Dele.

Os eunucos humildemente entraram nas telas carregando louças
(Que eles zombaram com prazer) levando
Decretos imperiais novíssimos (elaborados por Li Szu);
Ah, então Essa foi realmente a Ideia
Desencarnada, asséptica apoteose do Poder,
E que emitiu um édito condenando Seu próprio filho e herdeiro
(Que ficara no caminho de Hu-hai) e o Lorde Alto Oficial
(A que Li Szu desprezava). Ambos morreram da
Picada da morte do Eterno Invisível
Que, por fim, começou a feder do alto firmamento.
O mau cheiro virou fofoca. Para cobrir a matéria
Uma carroça cheia de feixe salgado foi amarrada à sua liteira.

E, assim, a bizarra possessão
Readentra Hsienyang, capital do império,
Onde as cabeças do Príncipe e Genial sorriem sobre os portões.
De início, os estrangeiros vieram procurando por arroz
Condenados com machados
Alquimistas atrás de fungos
Adivinhadores pescando por augúrios
Arqueiros prudentemente observando as baleias
As bandeiras negras imperiais
Trompetistas, tocadores de tambores
Então:
10.000 cavaleiros, 1.000 cocheiros
Uma miríade de soldados de infantaria completamente armados
Hu-hai, Li Szu, e ministros das fileiras de posição
As concumbinas rebolando nos palanques
Eunucos com ricas insígnias
Então:
O enorme dragão imperial arvorado
Morto e fétido, o Eterno é carregado em Sua liteira e
Uma carroça cheia de peixes salgados.

Algumas explicações seguidas
Seguidas por execuções exemplares.

Depois de tudo o que foi suportado ao
Enorme mausoléu sobre o Mount Li.
Deitado em um caixão cobreado
E um jazigo no qual as constelações curvaram
E o chão era o mundo sobre o qual Ele governava
Com rios e oceanos desenhados em mercúrio.
Todos os palácios imperiais foram modelados em jade:
Artíficie miraculoso guardado por gin e armadilhas
Oh, aquelas senhoras do Eterno que já servem mais para
Suas funções
De ter Seus herdeiros (viz. masculino) (i.e. quase todos)
Foram dadas as honras de entrar com as ervas daninhas do
Jazigo para atender Suas necessidades fantasmagóricas e
Esfregar unguento nos refugos.

Em uma reflexão posterior
Ordenou-se o fechamento dos portões internos e externos
Para os artesãos e trabalhadores que
Foram também emparedados naquele lugar fétido
De modo que ele não traíra o segredo do lugar.

O Grande Historiador errou em
Negligenciar os registros onde os peixes foram enterrados.

Rebellion

Suction of terror's swirling hysteria

Drew inwards all that could move on wheels or legs
In na acceleration of dread:
The livestock (including maidens).
Conscripts to close the tomb. Drove of geese.
Carts of millet. Pigs. What difference did
It make to be marked as dead

Or only as listed to die? 900 villagers
Were trudging West when the roads were barred by floods.
They were under orders to harrison the Wall,
Led by a farmer's son,
Chen Sheng who said: 'Since it has bee decreed
That if we are late for duty the offence is capital,
What is the point of it all?'

Strange lights showed in the temples.
The foxes howled in prophecy:
'Heaven's mandate is withdrwan from Chin Shih Huanh.'
A fishermen
Found in the belly of a carp a silken cloth
Marked in vermelhion lettering:
'Chen Shen will be the kink.'

He killed the guards
And named himself as Magnifer of Chu.
The eastern provinces rose up against the West.
Villagers with their hoes
Cut down the governos the collectors of tax,
And pillaged the palaces. In a ferocious harvest
They levelled and laid waste
All visible evidence og th Omnipotence
Who still lingered on as awe, na assertion of function
Unfulfilled, a need for Defence against the Huns.

It hissed in Its tomb
And advertised Its post as a vacancy
And from Its insatiate appetites began
The dynasty named as Han.

(Tradução)

Rebelião

A absorção da rodopiante histeria do terror
Atrai para si tudo o que se pode mover sobre rodas ou pernas
Numa aceleração do pavor:
O rebanho (incluindo as moças).
Recrutadas para fechar a tumba. Manada de ganso.
Carrinhos de milho. Porcos. Que diferença isso fez
Para ser marcado como morto

Ou apenas listado para morrer? 900 vilões foram
Caminhando para o oeste quando as estradas foram interditadas pelas inundações.
Liderados pelo filho do agricultor,
Chen Shen que disse: ‘Desde que foi decretado
Que se nós estamos atrasados para o serviço, a ofensa é capital
Qual a questão disso tudo?’

Luzes estranhas aparecem no tempo.
As raposas uivam em profecia:
‘Mandatos do Paraíso são retidos de Chin Shih Huand.’
Um pescador
Encontrou na barriga de uma carpa uma roupa sedosa
Marcada com inscrição vermelha:
‘Chen Sheng será o rei’.

Ele matou os guardas

E nomeou a si mesmo como Magnífico de Chu.
As províncias orientais se viram contra o ocidente.
Vilões com suas enxadas
Cortaram os governadores, os coletores de taxa,
E pilharam os palácios. Em uma colheita sangrenta
Eles igualaram e estabiliza o que sobrou de
Toda evidência visível do Onipotente.
Que ainda se manteve respeitável, uma afirmação da função
Descumprida, uma necessidade para Defesa contra o Hunos.
De seu túmulo, ele emite um estanho som e
Anuncia seu posto como uma vaga e
De Seu apetite insaciado começa
A dinastia nomeada como Han.

The Villagers

It had been the Emperor's whim
To have his armies buried with hum,
But when the exchequer was destitute
He graciously stopped the soldiers's pay
And permitted them to substitute
Their persons precisely modelled in clay.

For an eternity the cows
Grazed round the tomb. No one could tell
Where under Earth the warriors lay
Until in the time of imortal Mao
Labour brigaders sinking a well
Came on the mighty garrison
Still standing guard.
As for the bonés
Of the Emperor, the generations

Living beneath the ancestral mound
Have let two millenia pass:
It was best to leave It underground
And mow the last inch of grass.

(Tradução)

Os vilões

Tinha sido capricho do Imperador
Ter seus exércitos enterrados junto a ele,
Mas quando o erário público foi destituído
Ele graciosamente parou o pagamento dos soldados
E permitiu-lhes substituir
Suas pessoas precisamente modeladas em argila.

Por uma eternidade as vacas
Pastaram em volta do túmulo. Ninguém poderia dizer
Onde os guerreiros foram colocados no interior da terra
Até na época do imortal Mao
Brigadas de trabalho desceram por uma fonte e
Veio uma guarnição poderosa para
Manter, ainda, guarda.
Quanto aos ossos
Do Imperado, as gerações
Viveram sobre o monte do ancestral
Passando-se dois milênios:
Era melhor deixá-los lá embaixo
E aparar um pouco a grama.

The Warriors of Hsienyang

Clay-imaged warriors drilling in the sand
Stand ready to be inspected by war.
The kneeling archer has a lethal eye:
The deft fingers of the charioteer
Contain his mischievous horses as they shy.
The sergeant bullshits to belie his fear.
The browned-off soldiers waiting for commands
Are ready to fight but disinclined to die.

Rank upon rank their graven images
Stare through us into distant places.
We are their visions, like mirages
Which shimmer in the mirror of their faces.
Their scouts inspect us vacantly and say
That we are vapours plagiarizing clay.

(Tradução)

Os Guerreiros de Hsienyang

Imagens de barro perfuram a areia
De prontidão para serem examinadas pela guerra.
O arqueiro ajoelhado possui olhar mortal:
Os dedos ágeis do cocheiro
Dominavam seus cavalos astutos enquanto eles vacilam.
As conversas do sargento para ocultar seus medos.
Os soldados áureos aguardando o comando
Prontos para lutar, mas relutantes em morrer.

Fileira por fileira seus semblantes graves
Olham através de nós, olhares distantes.
Somos suas visões, como miragens que
Brilham no espelho de suas faces.

Seus escoteiros nos inspecionam vagamente e dizem
Que somos vapores, plágios da argila

History Lessons

Neanderthal and Peink man
Barely survived the glacial age,
Neglecting to make a collective plan.

Accurate measurement of the brain
Reveals a capacity for speech.
The may be counted as a gain

And proves what Comrade Stalin said:
Tools manufactured humanikind:
Necessity enlarged the head
And matter reflected itself as mind.

Art plays a contraditor role.
Scapulimancy was a trick
Used as a means of social control.

Magic's arcane languages
Cowed the masses within the caves
And established the shaman's privilegie.
Astrologers served the ruling class
And sought in the stars a class reflection:
Society caught a religious infection
And primitive communism passed.

History marching through its phases
Found in the Emperor of Chin

A monarch to modernise its basis.
The superstructure United the nation
Determining a progressive mode
Of hydraulic civilisation.

However many the Emperor slew
The scientific historian
(While taking note of contradiction)
Affirms that productive forces grew.

(Tradução)

Lições da História

O homem Neanderthal e Peking
Sobreviveram mal à era glacial,
Negligenciando fazer um plano coletivo.

Medida exata do crânio
Revela uma capacidade à fala.
Isso pode ser considerado um erro

E prova o que o Companheiro Stálin disse:
Ferramentas fabricam humanidade:
Necessidade ampliou a cabeça
E a matéria se refletiu como a mente.

Arte joga um contraditório jogo
Escapulimancia foi um truque
Usado como um meio de controle social.

Linguagem arcana da magia
Assustavam as massas no interior das cavernas

E assegurou o privilégio dos xamãs.

Astrólogos serviram às classes dominantes
E buscuram nas estrelas uma reflexão de classe:
Sociedade capturou uma infecção religiosa
E o comunismo primitivo foi embora.

História marchando através de suas fases
Encontra no Imperador Chin
Um monarca para modernizar suas bases.

Superestrutura uniu a nação
Determinando um modo progressivo
Da civilização hidráulica.

Contudo, o Imperador virou
O historiador científico
(Enquanto toma nota da contradição)
Afirma que as forças produtivas cresceram.

The Rectification of Names

Heavens's mandate swarmed the land like locusts:
Taxation's inquisition racked the rocks and holes
Extracting the confession of their surplus.
The peasants hacked at famine with their hoes
And stirred the dirt to flower:
A hundred million hoes held up the vault of power.

Or was it propped up by the arch of awe
Whose proper name is self-expropriation?
If so, materialism turns a comersalut:
We are the subjects o four own negation

And exploitatio's basis floats
On the cold surfasse of oour condiscaed thought.

Modes of production like eletric grids
Transmit us as their errands to their ends:
From matter's terminals to spirit's terminus
The circuits run as strict s continence,
Their only business to enforce
Relations of production into intercourse.

Necessity determinates our paths
Into preordinates in history's cassette:
We utter into print-out, ruled by roles,
And ranked like terracota warriors. Yet
How could necessity dictate
That imane mausoleum, that predatory state,

Unless the programmer was high on mescaline?
Some magic ego in the mask of destiny
Dreams on the highest stair of ritual,
Hallucinating those despotic dynaties
Which know no longer what they are,
Forgetful of their origins in that exotic air.

Who tutored time in powe's paradigms?
Did the Eternnal on the stair of Chin
Hallucinate out century's malignancies
And programme on our skies a swarm of acronyms?
It seems the aim of modern man
Is to fulfil the Emperor's two-millennial plan.

O stary Superalpha, terminal Amen!
Thou great Fist Caus, egregious Omga!

Our eunuchs na our censors clap their hands:
From day to day the unwearied media
Their great Original proclaim
And Halleluyah their hosannahs to Thy Name.

O great totalitarian archetype
In whose anscetral influence we fall,
Who levelled all to uniformity and left
Humanity bisected by a Wall:
Know that all progress tends
To modernise Thy Names and end Thy Awful Ends.

The whale-oil gutters in the lamps below.
The vault is sealed. The women fear to stir
Their shadows which are threatening themselves.
Each sings and suffers with her sisters,
Ending as she began
In awe and incense and the categories of man.

Abstraction dreams of destiny again.
The mind is sealed with absolute nouns
Which steal our names and alienate our powers:
The Emperor hisses in his funeral mound.
It's time the oppressed arose
And cut down categories with their hoes.

From the green earth's imagined holocausto
Arise ye starveling images and blow
Our seville minds out of their alforithms
And blow the fuse of history's teleo:
Arise and reposses
The surplus value of your swindled consciousness!

Plato thought nature plagiarises spirit:
Being determines consciousness determined Marx:
But in the contradictions of the Way
The human dialectic osculates and arcs
And quarrels to insert.

Some transient motive in the motiveless inert.
By getting right the proper names of things
Confucius said that order would commence,
And Taoism taught all would be kind
If they forgot about 'benevolence':
Cut down the props, the skies above
Will still hold up upon the menial rites of love

Whose needs are the material habitus
From which the goddesses and dragons came,
Whose archers will shoot down the nuclear fire,
Whose nameless pillars are imagination's flames,
Whose arcane oracles proclaim
The rectification of the human name

(Tradução)

A Retificação dos Nomes

Mandato do Paraíso abundava a terra como gafanhotos:
A inquisição da taxaço devastou as rochas e buracos
Extraindo o reconhecimento de seus excedentes.
Os camponeses apoiam suas faces famintas na enxada
E, às flores, agiam suas sujeiras:
Uma centena de milhões de enxadas sustentam o cofre do poder.

Ou era apoiado pelo arco do temor

Cujo nome é auto-expropriação?
Se for desse modo, o materialismo gira em cambalhota:
Nós somos o sujeito de nossa própria negação
E as bases de exploração flutuam sobre
A superfície gélida de nosso pensamento confiscado.

Modos de produção como grades elétricas
Transmitem-nos, conforme seus erros, aos seus fins:
Dos terminais da matéria ao terminus do espírito
Os circuitos fluem tão rigorosos quanto continência,
Seu único negócio para impor
Relações de produção nas tratativas comerciais.

Necessidade determina nosso caminho que
Vem prefixado no cassete da história:
Proferimos a base de impressão, governados por funções,
E classificados como guerreiros de terracota. Contudo
Como poderia a necessidade ditar aquele
Mausoléu imune, aquele estado predatório,

Ao menos que o programador esteja dopado de mescalina?
Algum ego maníaco na máscara do destino
Sonha com a estrela mais alta do ritual,
Deixando alucinadas aquelas despóticas dinastias que
Não mais conhecem o que eles um dia foram,
Esquecidos de sua origem naquele exótico ar.

Quem ensinou o tempo no paradigma do poder?
O Eterno, nas escadas de Chin,
Torna alucinada nossa maldade do século e
Organiza em nosso céu uma multidão de acrônimos?
Parece que o intuito do homem moderno é
Cumprir o plano do bimilenar Imperador.

O estrelado Superalpha, terminal Amen!
Tua grande Causa Primeira, notório Ômega!
Nossos eunucos e nossos censores aplaudem:
De dia a dia a mídia incansável
Sua grande proclamação Original e
Aleluias, orações a Teu Nome.

O grande arquétipo autoritário
Cuja influência ancestral caímos e
Que levou todos à uniformidade e deixou
A humanidade dividida por um Muro
Sabe-se que todo progresso tende a
Modernizar teu significado e acaba com Teus Terríveis Fins.

As caleiras oleadas nas lâmpadas.
O cofre está selado. As mulheres temem agitar
Suas sombras que as estão atormentando.
Cada um canta e sofre junto a suas irmãs,
Acabando como ela terminou
Em temor e incenso às categorias do homem.

Novamente, sonhos abstratos do destino.
A mente está selada com substantivo absoluto
Que rouba nossos nomes e aliena nossos poderes:
O Imperador assobia em seu monte funerário
É hora do oprimido se levantar e
Cortar as categorias com suas enxadadas.

Do holocausto imaginado da terra verde
Levantam-se imagens raquíticas e sopram
Nossas mentes servis fora de seus algoritmos
E assopra espoleta teleológica da história:

Surgiu e retornou

A mais-valia de sua mente fraudada!

Platão pensa a natureza plagiando o espírito:

Determinou Marx que o ser é que determina a consciência:

Mas na contradição do Caminho

Os arcos e ósculos da dialética humana

E brigas para introduzir algum

Motivo transitório na inerte falta de encorajamento.

Acertando os nomes próprios das coisas

Confúcio disse que a ordem começaria,

E o Taoísmo ensinou que tudo seria gentil

Se eles esquecessem sobre “benevolência”:

Adereços cortados, os céus superiores

Ainda resistirão aos rituais servis do amor

Cuja necessidade são os hábitos materiais

De onde vieram as divindades e os dragões

Cujos arqueiros obterão o fogo nuclear,

Cujos pilares inomináveis são as chamas da imaginação,

Cujos oráculos arcanos proclamam

A retificação do nome humano.

A Charm Against Evil

Throw the forbidden places open.

Let the dragons and the lions play.

Let us swallow the swarm of power

And the name pass away.

Um Feitiço contra o Mal

Lance os lugares proibidos, abertos.
Deixem os dragões e os leões divertirem.
Deixe-nos engolir os vermes do poder
E o nome morre.